
A TORRE do TERROR
RECORD
JENNIFER McMAHON
AUTORA DE PRISIONEIROS DO INVERNO, BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

Também de Jennifer McMahon

Prisioneiros do inverno

JENNIFER McMAHON

A TORRE do TERROR

Tradução de

Ana Carolina Mesquita



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Mcmahon, Jennifer, 1968-

M429t A torre do terror [recurso eletrônico] / Jennifer Mcmahon; tradução Ana Carolina Mesquita. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2017.

recurso digital

Tradução de: The night sister

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11180-7 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Mesquita, Ana Carolina. II. Título.

17-43211

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

TÍTULO ORIGINAL:
THE NIGHT SISTER

Copyright © 2015 by Jennifer McMahon

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11180-7

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

EDITORA AFILIADA

Tempos atrás, tentei convencer meu irmão caçula de que, em algumas noites, enquanto ele dormia, eu me transformava em um monstro.

Este livro é para você, Tom.

Sumário

2013

Amy

Jason

Piper

1955

Rose

Rose

Rose

2013

Piper

Piper

1989

Piper

Jason

Piper

Jason

2013

Jason

1955

Rose

Rose

Rose

2013

Piper

1989

Piper

Jason

Piper

1961

Rose

Rose

Rose

2013

Jason

1989

Piper

Jason

Piper

1961

Rose

Rose

Rose

Rose

2013

Piper

1989

Piper

2013

Piper

1989

Piper

2013

Piper

1989

Piper

2013

Piper

1989

Piper

2013

Piper

Piper

Jason

Rose

1961

Rose

2013

Piper

Margot

Piper

Jason

Piper

Jason

Piper

Jason

Agradecimentos

2013

Amy

O coração de Amy bate alucinadamente, sua pele está grudenta de suor.

Concentre-se, diz ela para si mesma.

Não pense na coisa que está na torre.

Amy sabe que, se pensar demais, não conseguirá fazer o que precisa ser feito.

Olha para a foto, a velha cópia em preto e branco que guardou consigo por todos esses anos, escondida na gaveta de sua mesinha de cabeceira. De tão manuseada, acabou ficando amassada e desbotada, com um dos cantos desgastado.

Nela, sua mãe Rose e sua tia Sylvie ainda são meninas com belos vestidos de verão, posando diante de uma placa onde se lê *O Mundialmente Famoso Circo das Galinhas de Londres.* Cada uma das garotas está segurando uma galinha de aparência preocupada, mas as semelhanças terminam aí. A mãe de Amy exibe um ar zombeteiro por trás dos olhos desconfiados, e seu cabelo escuro está despenteado. Sylvie, por sua vez, parece radiante; era aquela que cresceria e iria para Hollywood. Seus olhos brilham, e suas mechas loiras parecem tão perfeitas quanto as de uma estrela de cinema.

Alguém rabiscara uma data atrás da foto: junho de 1955. Ah, se Amy pudesse viajar no tempo, conversar com aquelas duas garotas, alertá-las do que estava por vir! Avisaria que um dia tudo levaria até aquele momento — Amy sozinha e sem escolha, prestes a cometer um ato terrível.

Ela morde o lábio e se pergunta o que as pessoas dirão a seu respeito depois que ela se for.

Que era uma desajustada, uma mulher com um parafuso a menos. (Mas isso não pode ser dito de todas as mulheres, na verdade? Que são pequenas bombas à espera? Principalmente mulheres como ela, que sobrevivem à base de comida enlatada guardada mensalmente na despensa e que vestem seus filhos com roupas esfarrapadas de segunda mão que nunca servem direito.)

O que foi que deu errado?, sussurrarão as pessoas umas para as outras, apalpando alcachofras e abacates na seção de hortifrúti do supermercado.

Que tipo de monstro era ela?, talvez perguntem depois de algumas taças de vinho, sentadas em salas de estar bem-arrumadas para reuniões de clubes do livro.

Mas essa gente não sabe nada sobre monstros de verdade; jamais teriam de tomar as mesmas decisões de Amy.

As luzes fluorescentes da cozinha chiam e tremulam. Amy respira fundo e olha pela janela. Depois da trilha de cascalho para carros, para além dos dois edifícios do hotel em ruínas com seus telhados afundados e tortos, a torre se inclina de forma precária. Feita de cimento e pedra, foi construída por seu avô anos atrás como um presente para a avó Charlotte: seria sua Torre de Londres.

Amy se lembra, como costuma fazer, daquele verão distante aos 12 anos. De Piper e Margot e do dia em que elas encontraram a mala; de como, depois disso, nada mais foi como antes.

Onde estaria Piper agora? Em algum lugar da Califórnia, rodeada de palmeiras e gente glamorosa, vivendo uma vida que Amy nem sequer conseguia imaginar. De repente Amy sente vontade de conversar com ela, de confidenciar seus segredos e pedir seu perdão, dizendo: "Não entende que é isso o que eu preciso fazer?"

Pensa que talvez Piper e Margot pudessem entender se ela lhes contasse a história toda, a começar por aquela mala.

Porém, o que ela deseja acima de tudo é que existisse um modo de avisá-las.

Olha para a foto antiga em sua mão, apanha um marcador preto na gaveta da cozinha e escreve apressadamente uma mensagem, sobre as galinhas e os vestidinhos estampados. Então enfia a foto no bolso de trás e vai até a janela.

O relógio do fogão marca meia-noite e quinze.

Na torre, uma sombra surge à porta aberta.

Amy está atrasada.

Atravessa o corredor e tranca o ferrolho da porta da entrada (uma besteira, na verdade — uma porta trancada não adiantará de nada), depois para diante do armário e apanha o velha Winchester do avô. Com o rifle em punho, sobe as escadas — as mesmas que subiu a vida inteira. Tem a impressão de que ouve Piper e Margot quando crianças vindo atrás dela, sussurrando, avisando, dizendo

(tal como disseram há muito tempo) para ela esquecer aquilo, que não existe o quarto 29.

Amy dá cada passo devagar, obrigando-se a não correr, a permanecer calma e não despertar sua família. O que Mark pensaria se acordasse e visse sua mulher se arrastando de fininho pela escada com um rifle? O pobre e doce Mark, que não faz a menor ideia do que está acontecendo… Será que deveria ter contado a ele os segredos do hotel? Não. É melhor assim, protegê-lo de tudo o máximo possível.

A madeira arranhada sob seus pés range, e ela se lembra da canção que a avó lhe ensinou:

Quando à sua porta bater a Morte,

Você pensará já ter visto seu rosto, sem sorte.

Quando ela pé ante pé subir sua escada,

De pesadelos você reconhecerá a emboscada.

Mas se lhe mostrar um espelho o que vai ver

É que você é ela, e ela é você.

Jason

A ligação veio às 00h34: uma mulher relatando ter ouvido tiros e gritos vindos do velho Hotel da Torre.

Jason estava vestindo o casaco, mas estacou com aquela informação, o pavor infiltrando-se no peito e apertando o coração como uma mão gélida.

Amy.

Mesmo já tendo batido o ponto e escutado que Rainier e McLellan já estavam a caminho do lugar, Jason decidiu passar por lá a caminho de casa. Dar uma olhadinha não poderia fazer mal nenhum, disse a si mesmo. Ele sabia que o melhor seria deixar aquele assunto de lado e simplesmente entrar em sua caminhonete, voltar para casa e deitar-se na cama ao lado de Margot. Abraçá-la, colocar a mão na barriga dela, sentir o bebê chutando e se revirando enquanto ela dormia.

Porém, uma coisa era o *melhor* a fazer e outra coisa era o que ele *precisava* fazer. Assim que receberam a ligação, ele teve certeza de que deveria ir até o hotel. Precisava conferir se Amy estava bem.

Em dez minutos já estava lá, os faróis iluminando a placa desbotada e apodrecida: *Hotel da Torre, 28 Quartos, Piscina, Não Há Vagas.* Enquanto a caminhonete subia a trilha de cascalho e passava pela torre inclinada e pelos quartos decrépitos do hotel — onde, quando era criança, ele costumava se esconder —, Jason se sentiu estranhamente tonto; então percebeu que não estava respirando direito.

Idiota.

A casa de Amy ficava no alto da trilha para carros, a uns vinte metros das construções baixas que formavam os quartos do hotel. A viatura de Rainier e McLellan estava estacionada na frente da casa, cuja porta da frente estava aberta. Todas as luzes estavam acesas, fazendo com que parecesse iluminada demais e, ao mesmo tempo, de certa maneira, errada — dava a sensação de ser algo que era melhor não encarar diretamente, algo perigoso, como um eclipse.

Ele estivera ali havia uma semana. Amy lhe telefonara na delegacia, inesperadamente, dizendo que precisava muito conversar com alguém, será que ele poderia vir? Ele foi pego de surpresa; com exceção do rápido e impessoal *olá*

que trocavam quando se esbarravam na cidade, os dois nunca mais haviam conversado, conversado *de verdade*, desde a época do colégio.

— Posso dar um pulo aí no meu horário de almoço — respondeu ele, sem hesitar.

Parte de Jason sabia que aquilo era errado, sabia o quanto ele estava ansioso para vê-la e como havia se iluminado como uma árvore de Natal só porque a pessoa que ela escolhera procurar fora ele. Pensou em como Margot ficaria desapontada quando ele lhe contasse e, portanto, decidiu que não lhe diria nada. O que os olhos não veem o coração não sente. Além do mais, não era tão terrível assim, era? Ele só estava indo ver uma velha amiga, ajudá-la… Que mal havia nisso? Ainda assim, a culpa rodeava sua cabeça como um mosquito irritante e insistente. *Você ama sua esposa e tem um filho a caminho*, dizia ela. *O que deu na sua cabeça?*

Agora, parado diante da porta aberta, ele ouviu o que parecia ser um gemido baixo. Sua pele se arrepiou. Sacou a arma e caminhou até o corredor de entrada; uma porta de armário estava escancarada, revelando uma fileira de capas de chuva brilhantes e moletons amarfanhados pendurados acima de um amontoado de calçados. Jason avistou tênis cor-de-rosa pequeninos e brilhantes; um par de galochas grandes e gastas que pertenciam ao marido de Amy, Mark; os chinelos de borracha que ela estivera calçando na semana anterior, quando fora recebê-lo à porta.

— Jay-Jay — dissera ela ao abraçá-lo, meio desajeitada, deixando um pouco de café cair da caneca. — Estou tão feliz que você veio.

Agora ele olhava ao redor, na casa. A sala de estar ficava à direita, a cozinha, à esquerda, e havia uma escada bem na frente dele. Tudo cheirava a mofo, a algo vagamente abandonado. O papel de parede pendia das paredes como tiras de pele esfoladas. O carpete, em tom levemente amarronzado (teria sido branco um dia?), estava tomado de manchas e partes queimadas, desgastado a ponto de ser possível avistar o assoalho em alguns lugares.

Só que ele não tinha notado nada disso na semana anterior.

O rádio do carro de Jason soltou um ruído estridente. Doug Rainier estava no andar de cima. Jason ouviu a voz trêmula dele na casa e, um átimo de segundo depois, ouviu-a também pelo rádio como um eco mecânico.

— Três vítimas — disse ele. — Todas mortas. — E depois, baixinho: — Ah, meu Deus. Ah, merda.

A adrenalina inundou o corpo de Jason antes mesmo que ele pudesse entender completamente as palavras de Rainier. Subiu os degraus de dois em dois, a arma na mão direita.

Amy.

Onde estaria Amy?

A cena no alto da escada quase o fez cair de joelhos. Ele foi obrigado a se apoiar na parede para não cair.

Nunca tinha visto nada igual.

Nunca vira tanto sangue.

Um tiro não seria capaz de causar tamanho estrago.

Havia rastros vermelhos ensanguentados por todo o corredor. Doug Rainier estava ajoelhado ao lado de uma das vítimas, com uma violenta ânsia de vômito. Jason seguiu tropegamente até eles. A vítima estava de bruços, seus longos cabelos loiros espalhados em torno da cabeça. Havia um rifle ao seu lado, e ela jazia no que parecia ser um pequeno lago de sangue. O cheiro, pungente e metálico, atingiu-o com toda a força, enchendo sua boca e seu nariz.

— Ah, meu Deus — ofegou Jason, depois deixou-se escorregar pela parede até o chão.

O rosto dela estava voltado para baixo, mas ele sabia que era ela e sabia que estava morta. O braço direito estava escondido embaixo do peito, mas o esquerdo estava estendido. Havia um papelzinho perto do cotovelo. Ele se inclinou para chegar um pouco mais perto: não, não era um papel, era uma fotografia velha. Uma imagem em preto e branco de duas menininhas, atravessada por uma frase escrita com marcador preto: “29 Quartos.” Ele piscou; parte de si sabia que aquilo devia significar alguma coisa, que devia ser uma pista, mas, em vez disso, a atenção dele se voltou para a mão de Amy, branca, parecendo cera. Seu anel de noivado e a aliança de casamento cintilaram para Jason, exatamente como haviam feito na semana anterior, quando ela esticou o braço por cima da mesa da cozinha para segurar sua mão.

— Não tenho mais ninguém a quem contar isso, Jay-Jay — dissera ela por entre as lágrimas. — Juro, acho que estou ficando maluca.

— Hawke? — chamou uma voz. Jason olhou para cima e viu Bruce McLellan de pé na frente da porta do quarto, do outro lado do corredor. — Que diabo você está fazendo aqui?

Jason não conseguia responder, não conseguia respirar, não conseguia tirar os olhos de Amy.

— Você se lembra, Jay-Jay, de que, quando a gente era pequeno, você escrevia bilhetinhos para mim num código secreto? — perguntara ela, e ele assentira.

Claro que se lembrava. Ele se lembrava de tudo.

— Às vezes eu fingia não entender o que estava escrito — continuou Amy. — Mas eu sempre entendia. Eu sempre sabia exatamente o que você me escrevia.

— Hawke, preciso de você aqui dentro; agora! — vociferou McLellan, e então Jason finalmente virou as costas para Amy e se pôs a caminhar pelo corredor como uma versão fantasmagórica de si mesmo, alguém que ao mesmo tempo estava ali e não estava.

Quando entrou no cômodo, ele percebeu que aquele era o antigo quarto de Amy. Ele se lembrou de como, na infância, ficava escondido nas sombras da entrada da garagem, olhando para a janela do quarto dela, torcendo para conseguir vê-la de relance.

Agora Jason fez uma rápida análise do interior do lugar: um tapete felpudo cor-de-rosa no meio do assoalho de tábuas largas pintadas de branco; uma cômoda em cujo tampo se via uma pequena coleção de animaizinhos de vidro e plástico; uma cama desfeita, com um edredom de bolinhas cor-de-rosa e lilás retorcido, os travesseiros e os bichos de pelúcia caídos no chão.

McLellan estava parado no centro do quarto, segurando sua arma com as duas mãos. Fez sinal para o chão. Uma trilha de pequeninas pegadas pegajosas levava até uma janela aberta.

— Lá fora — sussurrou ele, com o rosto vermelho e suado. Sua voz parecia infantil, amedrontada. — No telhado.

Ele colou as costas na parede e foi caminhando lentamente pelo quarto, empunhando a arma à sua frente, as mãos trêmulas.

Apoiou as costas na parede à esquerda da janela aberta e começou a escutar com atenção. Ouviu um gemido baixo. Um choramingo. Lá no telhado.

Sirenes uivaram ao longe. Em breve os reforços estariam ali. Ele poderia esperar. Mas e se houvesse alguém lá fora, ferido?

— Departamento de Polícia de Londres! — berrou Jason. — Sabemos que você está aí. Entre com as mãos para cima, onde eu possa vê-las.

Ouviu o barulho de algo se arrastando e rastejando, mas ninguém surgiu.

— Vou sair — murmurou ele, num fiapo de voz. McLellan assentiu e ficou parado onde estava, com a arma apontada para a janela aberta.

Com a própria arma em punho, Jason abaixou-se para passar pela abertura e subiu até o telhado. Imediatamente se agachou e virou-se para a direita, depois para a esquerda, correndo o olhar pelo telhado.

Um par de olhos brilhou na escuridão. Um lampejo de cabelos loiros.

Ele sentiu a arma escorregar de sua mão, ouviu-a atingir o telhado e cair no chão com um ruído metálico. Amy? Impossível; mas ali estava ela, igualzinha a quando ele a conhecera, com aquelas pernas magricelas e o cabelo rebelde.

De repente ele voltou a ter 12 anos: um garoto esquisito e desengonçado olhando para uma garota que guardava todos os segredos com os quais ele já havia sonhado na vida.

— Hawke? — chamou McLellan de dentro da casa. — O que está acontecendo aí?

Jason piscou e tornou a olhar para a garota, enquanto seus olhos acostumavam-se ao escuro. Era igual a Amy, mas não era Amy. Era a filha. Estava agachada ao lado da chaminé torta com gesso despedaçado, apoiando uma das mãos ali para se equilibrar. Seu cabelo loiro estava desgrenhado; seus lábios tremiam, os olhos estavam enlouquecidos de pânico. Vestia um pijama de cor clara que cintilava ao luar.

— Lembra de mim? Sou o Jason — disse ele, estendendo a mão. — E vou tirar você daqui.

Piper

Intrigada, Piper olhava para o enorme sumidouro que havia aparecido em seu minúsculo quintal.

Ela dera muito duro naquele lugar, arrancando a grama morta e fazendo um enorme trabalho de paisagismo com plantas que toleravam bem o clima seco: suculentas, sálvia-azul, festuca-dos-prados, grama do tipo *Muhlenbergia*, malva-do-deserto. Uma trilha de pedregulhos levava a um pequeno pátio à sombra de um abacateiro, onde ela às vezes se sentava com um bom livro e uma taça de sauvignon blanc.

Agora o lugar estava desmoronando. Os vizinhos tinham ido até lá, abismados e assustados. (Será que o sumidouro poderia aumentar mais? Aquilo ia engolir o bairro todo?) Sua irmã, Margot, também viera, com a barriga tão imensa pela gravidez que agora andava como um pinguim bêbado.

Jason não fora; um fato que irritou Piper, mas não a surpreendeu.

— Cuidado — disse ela à irmã, pois o abacateiro agora estava sendo engolido, mas no mesmo instante soube que não devia ter dito nada. As palavras e os pensamentos têm poder e, se você permite que seus piores medos tomem forma, corre o risco de transformá-los em realidade.

Como se aquela frase fosse uma deixa, Margot cambaleou perto demais da abertura. Piper estendeu a mão para segurá-la, mas já era tarde. O buraco, que não parava de aumentar, ameaçando engolir tudo, engolfou sua irmã, que despencou em profundezas tão imensas que eles nem a ouviram gritar.

Ao longe, ouviram sirenes. Mas o som era meio engraçado, mais parecia música.

Piper abriu os olhos, viu-se deitada na própria cama.

Virou de lado, olhou para o relógio: 4h32. Do outro lado do quarto, seu celular estava tocando "Like a Prayer", da Madonna — o toque de Margot.

— Ah, meu Deus! — exclamou Piper num grito sufocado, saltando da cama: o bebê. Eram 7h30 em Vermont, e Margot só telefonaria se algo muito, mas muito ruim estivesse acontecendo.

Piper apanhou o telefone que deixara sobre a cômoda.

— Margot? — disse, meio que esperando ouvir a voz de Jason do outro lado da linha com uma notícia terrível. A pior notícia, aliás: *perdemos os dois.* Estremeceu ao se lembrar da irmã caindo no buraco, sentiu-se tentando agarrá-la, as mãos não conseguindo segurar nada além do vazio.

— Piper — disse Margot, e Piper percebeu um peso deixando seu peito. Porém logo o sentiu retornar ao ouvir a voz embargada da irmã, que continuou: — Desculpe acordar você. Aconteceu uma coisa.

— Com o bebê?

Margot estava com oito meses e meio de gravidez. Era sua terceira gestação. A primeira terminara com um aborto espontâneo na 16ª semana; na segunda, ela dera à luz um bebê natimorto de trinta semanas — um menino a quem eles deram o nome de Alex. Margot e Jason estavam tentando mais uma vez, mas Margot avisara que, se não desse certo, para ela seria o fim das tentativas. Chega. Ela simplesmente não conseguiria mais suportar.

— Não, não. O bebê está bem.

— Jason?

— Não, não é o Jason. É a Amy. Ela… Ah, meu Deus, Piper, é horrível. — Margot começou a chorar.

— Minha nossa, o que aconteceu? — perguntou Piper.

Ela acendeu a luz e piscou com a luminosidade repentina. O quarto ao seu redor tornou à vida — a cama queen size com edredom branco, a velha cadeira de balanço no canto, a cômoda de madeira de bordo com o espelho pendurado acima dela. Piper viu seu próprio reflexo: seu rosto estava pálido e assustado, e a camisola branca a fazia parecer uma aparição, etérea, como se parte estivesse ali e parte não.

Sua irmã fungou, soluçou e por fim conseguiu falar em frases parciais, a voz trêmula:

— Ontem à noite… Estão dizendo que Amy matou Mark e o filhinho deles, Levi, e depois se matou no hotel. Lou… É o nome da filha dela? Lou está viva. A polícia a encontrou agachada no telhado. Ela fugiu pela janela e se escondeu ali… Não consigo imaginar como… O que ela… — Margot deixou a frase inacabada.

Piper não disse nada. Não conseguia se mexer. Respirar.

Depois de um instante, Margot prosseguiu:

— Ela não matou com um tiro simplesmente, Piper. Eles foram… retalhados.

Margot começou a chorar e soluçar novamente. Piper se obrigou a respirar fundo. Por trás do choque e da dor profunda da perda, outra sensação se formou e começou a subir até a superfície: medo.

Piper olhou para a foto emoldurada que deixava sobre a cômoda: Amy, sardenta e sorrindo entre Piper e Margot, os braços envolvendo os ombros das duas. As três meninas pareciam impossivelmente felizes, sorrindo no fundo da piscina vazia, com patins brancos de cadarços brilhantes. A foto estivera em seu quarto no dormitório da faculdade e em todos os apartamentos e casas onde ela havia morado desde então.

— Quando foi a última vez que você conversou com ela? — perguntou Margot, a linha cheia de ruídos, a voz repleta de estática, como se estivesse sendo transmitida de uma estação de rádio muito distante.

— Já faz um tempinho — respondeu Piper, sentindo-se tonta, nauseada. E culpada. Margot a incitara, ao longo dos anos, a procurar Amy, a fazer um esforço. Mas, depois daquele verão, Amy havia deixado claro que não queria continuar sendo amiga dela. As duas não haviam perdido contato completamente — trocavam cartões de Natal com mensagens impessoais, e Amy lhe enviava fotos escolares dos filhos posando diante de fundos coloridos. As duas eram amigas no Facebook, e, de vez em quando, prometiam um dia se ver. No entanto, a cada dois anos, quando Piper ia a Londres para visitar Margot, o tempo sempre parecia passar voando: Amy tinha compromissos de trabalho, ou as crianças ficavam doentes, ou Piper estava apenas de passagem para ajudar a pintar o quarto do bebê. Seja lá por que desculpa, o fato é que ela e Amy nunca chegaram a se reencontrar. *Da próxima vez*, prometiam uma para a outra. *Da próxima vez.*

Talvez Margot tivesse razão: talvez ela devesse ter se esforçado mais, telefonado para Amy ocasionalmente para saber como ela estava, perguntar como iam as crianças, o trabalho de Mark, ter uma conversa típica de mulher. Em sua cabeça, ela conversava com Amy havia anos; na sua imaginação, Amy era a primeira a saber das novidades: cada novo namoro e rompimento de Piper; a ascensão constante da produtora de vídeo que ela e a amiga Helen haviam aberto seis anos antes; seu susto no ano passado com o nódulo que aparecera em seu seio e que, no fim das contas, revelou-se benigno. Mas a realidade é que Piper nunca

chegara de fato a pegar o telefone e ligar. Era mais fácil, mais confortador, continuar conversando com Amy em sua cabeça — com a Amy da infância, não a versão adulta com dois filhos cujos nomes ela nunca conseguia lembrar direito e um marido que Piper só conhecia pelas fotos do Facebook.

Ela fitou com mais intensidade a foto sobre a cômoda, tentou recordar aquele dia específico, mas a única lembrança que lhe veio foi o som das rodas dos patins no fundo da piscina, o cheiro do desodorante Love's Baby Soft de Amy e o modo como o braço da amiga em torno de seu corpo a fazia se sentir invencível. Quem havia tirado aquela foto? A avó de Amy, muito provavelmente. A imagem estava inclinada num ângulo estranho, como se a Terra tivesse estado fora do eixo naquele dia.

— Tem mais uma coisa — ofegou Margot ao telefone, com a voz baixa e trêmula. — Uma coisa que Jason disse. — Jason fazia parte da meia dúzia de policiais do pequenino Departamento de Polícia de Londres. Numa cidade onde os maiores crimes eram caça noturna a cervos e um ou outro arrombamento, Piper só podia imaginar como eles deviam estar lidando com aquele horrendo assassinato seguido de suicídio.

— O que é? — perguntou Piper.

— Ele disse que encontraram uma foto antiga na… cena do crime.

— Uma foto? — Por um instante maluco, Piper imaginou que Margot estivesse falando da sua foto, daquela que estava sobre a cômoda.

— É. Parece que é a mesma que encontramos naquele verão. Lembra?

— Sim — respondeu Piper, ofegante.

Ela se lembrava até demais. A mãe de Amy e sua tia Sylvie quando crianças, usando vestidos antigos e abraçando galinhas gordas contra o peito. A foto tinha sido tirada anos antes do desaparecimento de Sylvie. Depois… viera uma foto diferente, de garotas diferentes, de uma infância inocente diferente.

— Bem, alguém *escreveu* alguma coisa na foto. Nada disso foi divulgado para a mídia — prosseguiu Margot. — Ainda. Ninguém na polícia consegue imaginar o que pode significar. A teoria é que Amy era maluca e ponto final. Jason me perguntou se eu tinha alguma ideia do significado daquilo, e eu disse que não. Mas acho que ele sabe que eu menti.

Piper sentiu o aperto em sua garganta se intensificar. Ela engoliu com dificuldade e se obrigou a perguntar:

— O que estava escrito?

Longa pausa. E então, finalmente, sua irmã respondeu:

— Estava escrito "29 Quartos".

— Ah, meu Deus — disse Piper.

Respirou fundo, sentiu o cômodo se inclinar ao seu redor. De repente tornara a ter 12 anos e estava andando de patins no fundo daquela piscina velha, com cimento quebrado e pintura descascada. Lá em cima, enquanto Margot dava voltas de ré ao redor da borda, Amy sussurrou um segredo no ouvido de Piper — o hálito quente, as palavras desesperadas.

— Vou pegar o primeiro avião até aí — prometeu Piper. — Não faça nada. Não diga absolutamente nada a ninguém. Nem mesmo para o Jason. Não até eu chegar. Promete?

— Prometo — respondeu Margot, com a voz distante, uma pipa oscilando ao final de uma longa linha que Piper mal era capaz de segurar.

1955





Sr. Alfred Hitchcock
Paramount Pictures
Hollywood, Califórnia

3 de junho de 1955

Prezado Sr. Hitchcock,

Meu nome é Sylvia Slater e tenho 11 anos. Moro em Londres, Vermont, onde minha família é dona do Hotel da Torre, na Estrada 6. Sou a melhor aluna da classe, e minha professora, a Sra. Olson, disse que já estou lendo e escrevendo como uma colegial. Meu pai está me ensinando contabilidade, e às vezes ele até me deixa anotar os registros diários no nosso livro-razão.

Quero ser atriz quando crescer. Ou quem sabe diretora de cinema, como o senhor. Existem diretoras de cinema? Minha irmã Rose diz que acha que não, mas ela só tem 8 anos.

Não tenho vergonha de dizer ao senhor que Rose é meio estranha. Ela fica me observando o tempo inteiro, e isso está começando a me incomodar. Mamãe disse que Rose tem ciúmes, só isso. Meu pai diz que ela tem uma imaginação fértil demais. Eu, sinceramente, não consigo imaginar o que se passa na cabeça dela. Ela anda pelo hotel com vestidos rasgados, o cabelo despenteado, e o melhor amigo dela é uma vaca velha e triste que nós temos, chamada Lucy. Mesmo assim, ela tem coragem de me dizer que sou boba por desejar ser atriz um dia.

Eu comecei a fazer um caderno de recortes de cinema com todas as fotos que encontro de atrizes e atores famosos. Às vezes mostro ao Tio Fenton o que colei no meu caderno. O senhor é o diretor preferido dele. Ele já assistiu a todos os seus filmes. Foi ideia dele eu escrever para o senhor, porque tenho uma sugestão de filme. Mas já vou logo avisando que é muito assustadora.

Minha avó, a mãe da minha mãe, veio nos visitar no ano passado lá da Inglaterra. Ela contou histórias horripilantes para mim e Rose. Rose adorou, mas eu detestei. Elas me deram pesadelos.

Vovó me contou uma história que eu nunca vou esquecer, porque ela jurou que é verdade. É a coisa mais assustadora que já ouvi.

Sr. Hitchcock, antes que eu continue, preciso fazer uma pergunta:

O senhor acredita em monstros?

Atenciosamente,

Srta. Sylvia A. Slater
Hotel da Torre
Estrada 6, nº 328
Londres, Vermont

Rose

Rose observou sua irmã, Sylvie, afastar a cortina que elas haviam pendurado na corda do varal, na lateral da casa, e então pisar no palco.

— Senhoras e senhores — anunciou Sylvie com voz trovejante. — Sejam bem-vindos ao incrível Mundialmente Famoso Circo das Galinhas de Londres!

Ela deixou a agulha encostar na vitrola, e "Sh-Boom, Sh-Boom" dos Crew Cuts começou a tocar. Sylvie balançou o corpo de um lado para o outro, e a cada passo gracioso que dava seus cachos loiros oscilavam. Eles tinham sido afastados de seu rosto com fivelas brancas simples. A menina enrolara o cabelo com bobes antes do espetáculo porque achava que os cachos a faziam parecer Doris Day.

Rose enxugou o suor da testa e puxou ainda mais a cortina para revelar a plateia: mamãe e papai, Tio Fenton, o peixeiro Bill Novak, um jovem casal tímido que tinha ido passar a lua de mel na Nova Escócia e uma família de New Jersey de quatro pessoas — os pais, um menino e uma menina — que estava de passagem, a caminho de um acampamento de uma semana no Maine. Não era a maior plateia que elas já haviam tido, porém tampouco a menor. Certamente não era nada mau para uma quinta-feira: amanhã e sábado, quando o hotel estivesse lotado, elas teriam suas maiores audiências. O número de espectadores, porém, não importava: ela e Sylvie apresentariam o circo mesmo que para um único convidado. Papai disse que elas deviam fazer cada apresentação valer a pena, ainda que só houvesse um único homem assistindo.

— Nunca se sabe quem esse homem pode ser — disse para as duas. — Talvez seja um caça-talentos. Ou um repórter. Talvez ele tenha cem amigos onde mora, a quem falará sobre o circo e o hotel.

Papai estava sentado na primeira fileira da frente, inclinado para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos, observando tudo atentamente com seu olho bom enquanto o outro piscava, capaz de distinguir apenas as sombras das meninas. Estava usando sua camisa social branca com as mangas dobradas e guardava um maço de Lucky Strike no bolso, junto com uma caneta, um lápis e um bloquinho de anotações. Seu cabelo curto tinha sido penteado para trás com gel Brylcreem.

Papai era o homem mais bonito que Rose conhecia. Sylvia dizia que ele parecia o Cary Grant, sobre quem ela adorava ler nos jornais e revistas que os hóspedes deixavam para trás. Ela convencera o pai a assinar a *Life* e todas as

semanas lia atentamente cada exemplar da revista, de cabo a rabo, assim que ele chegava na caixa de correspondência. Na capa daquela semana estava Henry Fonda em seu novo filme, *Mister Roberts.*

Rose sabia que, se aquele filme viesse para Londres — e se merecesse a aprovação de papai e mamãe —, Sylvie convenceria o Tio Fenton a levá-la na matinê de sábado. Fenton também adorava cinema e ia sempre que possível. Ele e Sylvie tinham longas e animadas conversas sobre os diretores e as estrelas de cinema. Às vezes ele chegava a descrever cena por cena os filmes que Sylvie não recebera permissão para assistir. Foi ideia dele que ela começasse um caderno de recortes, e a menina passava horas folheando revistas e jornais, recortando fotos de seus astros preferidos e colando-as naquelas páginas. Ela também fazia anotações: listas dos filmes que tinha assistido, dos filmes que queria ver e até de ideias para os filmes que ela mesma faria.

De vez em quando deixavam Rose ir às matinês de sábado com Sylvie e Fenton, mas, na maioria das vezes, argumentavam que ela era pequena demais e então a irmã caçula ficava em casa para ajudar mamãe com a limpeza e os consertos. Honestamente, Rose não ligava muito. Às vezes a mãe lhe contava a história de como havia conhecido o pai, e era tudo meio parecido com um filme.

Rose gostava de imaginar os dois, seus pais, na telona. Papai deitado na cama de um hospital inglês, amarfanhado e ferido, mas ainda bonito depois de ter seu avião abatido, e mamãe parecendo um anjo em seu uniforme branco engomado de enfermeira, trocando as bandagens do olho machucado dele.

— Eu já tinha desistido de mim mesmo — dizia ele para as meninas quando elas lhe pediam que contasse sua versão da história. — A última coisa que eu queria fazer era voltar para casa e ser um fazendeiro caolho. Eu tinha a sensação de que minha vida havia praticamente acabado, mas então sua mãe apareceu. Charlotte, sua mamãe, era a moça mais linda que eu já tinha visto.

Rose sempre sorria nessa parte, imaginando a mãe jovem e bonita, esvoaçando em cena e virando tudo de ponta-cabeça — mamãe, que papai chamava de "beleza rara". Quando ele dizia isso, Rose o imaginava numa selva, aproximando-se de uma orquídea raríssima no alto de uma cachoeira, arrancando-a pela raiz, colocando-a num vaso e levando-a para casa, torcendo para conseguir fazer com que ela desabrochasse.

— Perguntei à sua mãe de onde ela era. "Daqui mesmo de Londres", ela respondeu. Então eu ri e disse: "Ora essa, quem diria? Eu também sou de Londres."

— Ah, eu acho isso tão romântico — dizia Sylvie. — O rapaz de Londres encontrando-se com a moça de Londres. Como se fosse predestinado.

"*Life could be a dream, if I could take you up in paradise up above*", cantarolaram os Crew Cuts agora, enquanto o disco girava na vitrolinha portátil que Sylvie trouxera do quarto das duas.

— Eu lhes apresento, Srta. Matilda, a estrela do show! — anunciou Sylvie e, com um punhado de uvas-passas, foi conduzindo até o palco a galinha avermelhada e gorducha. Matilda seguiu Sylvie até a estrutura de madeira que as garotas haviam montado, com duas estacas colocadas a um metro de distância, cada qual com uma plataforma e uma escada. Aquele seria o ato da corda bamba, mas no lugar de corda elas usavam uma tábua estreita, pois não tinham conseguido ensinar nenhuma galinha a caminhar sobre uma corda.

Com o incentivo de Sylvie, Matilda subiu a escada pela esquerda, atravessou a tábua estreita, chegou até a outra plataforma e desceu a segunda escada. Quando a galinha alcançou o chão, tocou com o bico o sininho que fora pendurado ali.

A plateia aplaudiu, sorridente. Sylvie fez Matilda agradecer com uma reverência, o que arrancou ainda mais aplausos. A garota olhou para cima e sorriu, com algumas mechas escapando da presilha direita e caindo sobre seus olhos. O menino da plateia estava sentado na beirada da cadeira com um olhar sonhador, como as pessoas costumavam ficar quando assistiam a Sylvie. Ela exercia nas pessoas o mesmo efeito que exercia nas galinhas: todos ficavam vidrados, ansiosos para fazer qualquer coisa que ela lhes pedisse.

Sylvie podia ser capaz de encantar galinhas e o resto do mundo, mas Rose Slater era imune aos encantos da irmã. Isso não significava, porém, que Sylvie não tentasse.

O Tio Fenton lhe dera um livro de Natal, *Dominando a arte e a ciência da hipnose*, e a garota o lera de cabo a rabo, sublinhando passagens e fazendo anotações nas margens. Fenton achou que ela poderia usar algumas das técnicas do livro com as aves, mas Sylvie fora além e insistira em praticar com Rose.

— Olhe para o meu dedo: você está ficando com sono, com sono, com muito sono. Vou contar até dez de trás para a frente. Quando eu chegar no um, você

estará dormindo, mas vai ouvir tudo o que eu disser.

Aquilo nunca funcionava, mas Rose fingia que sim. Acompanhava o dedo de Sylvie, abaixava as pálpebras, falava e se movia como se estivesse num estado de transe. Dizia coisas engraçadas, cacarejava como uma galinha, fazia tudo o que Sylvie lhe mandava. Era muito divertido enganar a irmã, deixá-la acreditar que estava no controle. Rose adorava saber que tinha o poder de arruinar a brincadeira, de abrir os olhos e confessar que estivera fingindo o tempo todo. Então Sylvie, a filha inteligente, a linda e graciosa, teria agitado o dedo no ar em vão.

Rose era o contrário da irmã: esquisita, com pernas e braços grossos e cabelos escuros que se emaranhavam com facilidade. Era o tipo de criança em que as pessoas não reparavam — uma sombra baixinha e desajeitada atrás de Sylvie que, de tempos em tempos, quando tinha certeza de que ninguém estava vendo, mostrava a língua.

Enquanto Sylvie e Matilda encenavam um ato exagerado para a plateia, Rose foi preparar o número seguinte: Petúnia era uma galinha da raça Barred Rock que Rose tinha ensinado a se equilibrar num patim de metal enquanto este era puxado pelo palco com uma cordinha. A melhor parte era a fantasia do bicho, um vestidinho de gorgorão e um chapéu em forma de caixa que Rose prendia com grampos nas penas da galinha.

— Vamos lá, garota — sussurrou Rose para a ave, dando-lhe um afago de boa sorte. Apanhou um punhado de passas da caixinha e pôs mãos à obra, conduzindo Petúnia pelo palco e fazendo as rodas de metal do patim rangerem.

Tio Fenton soltou um assovio de incentivo. Ele não era tio delas de verdade, mas, sim, um primo distante de papai, bem mais jovem: acabara de completar 19 anos. Estava com sua roupa de sempre — uma camiseta branca manchada, com um maço de cigarros enrolado na manga, calças azuis e botas pretas pesadas. No bolso de trás sempre levava uma brochura fina qualquer que tivesse comprado na loja de descontos: ficção científica ou policial, às vezes um faroeste. Fenton era o ajudante do pai das meninas, o faz-tudo do hotel, e morava num trailer atrás da casa que papai o ajudara a comprar. Quando não estava lendo, consertando alguma coisa ou cortando a grama, Fenton estava construindo uma moto com peças usadas que ele colecionava. Às vezes as meninas iam dar-lhe uma mão, e ele prometeu que assim que a moto estivesse pronta ele as levaria para dar uma

voltinha — talvez até acrescentasse um carro lateral, para levar as duas ao mesmo tempo.

Agora elas tiraram Sunshine, uma galinha grande, preta e brilhante, da gaiola escondida atrás da cortina, e as três aves começaram a dançar, andando para a frente e para trás e girando em círculos cuidadosamente coreografados, trombando umas com as outras, desajeitadas, enquanto as garotas as conduziam com uvas-passas; as três aves estavam usando chapéus e echarpes de seda.

— E agora, o *grand finale*! — anunciou Sylvie. — Com o poder da hipnose, vou colocar as três galinhas para dormir. Preciso de silêncio absoluto da plateia. Observem e se maravilhem!

Rose segurava Matilda e Petúnia para que ficassem próximas uma da outra. Sylvie abaixou Sunshine com a mão esquerda; com a direita, usando um pauzinho branco (que chamava de "varinha mágica galinácea"), fez círculos no ar na frente delas, depois desenhou repetidamente uma linha reta na frente de cada galinha. As aves ficaram olhando para o pauzinho, os olhos focados na linha que ele traçava na terra, e aos poucos foram relaxando, ficando completamente imóveis. Sylvie apanhou uma de cada vez e as virou de costas, e as três ficaram deitadas de olhos fechados, os pezinhos para o alto. A plateia soltou murmúrios de espanto. Sylvie sorriu com orgulho, estalou os dedos e então disse em voz alta:

— Acordem! — As três galinhas se levantaram de um pulo, se aprumaram e saíram em disparada. — Ta-ram! — fez Sylvie, inclinando-se em uma profunda reverência, ainda segurando a varinha galinácea.

Mamãe olhou para baixo e remexeu algo na barra do vestido, puxando um fio solto. Papai, porém, aplaudiu com força e deu um sorriso entusiasmado para as meninas. Tio Fenton soltou uma gargalhada, batendo as mãos espalmadas nos joelhos. Os jovens recém-casados aplaudiram com educação e depois voltaram para seu quarto. A dona de casa de New Jersey esticou o braço e segurou a mão do marido, que olhou para ela e lhe deu um sorriso do tipo *dá-pra-acreditar-nisso?* Suas alianças de ouro cintilaram ao sol. A menininha virou-se para o irmão e disse:

— Temos que arrumar umas galinhas quando a gente voltar pra casa.

Os pais riram.

— Ótimo espetáculo, garotas! — disse papai.

Ele sacou um caderninho do bolso e anotou alguma coisa. Estava sempre tendo ideias mirabolantes — ideias que lhe renderiam dinheiro, que fariam o hotel prosperar e tornar-se mais eficiente; ideias capazes de mudar o mundo.

— Vou adiantar o jantar — avisou mamãe, olhando desconfiada para a ave nos braços de Sylvie.

Mamãe não era lá grande fã de galinhas. Achava que eram sujas e pouco inteligentes e, de vez em quando, dizia alto e bom som que receava que as meninas apanhassem alguma doença delas, como salmonela. Por dentro, Rose imaginava como poderia apanhar de uma galinha uma doença que a transformaria em salmão, e o que aconteceria exatamente: será que cresceriam guelras nela? Escamas? Será que não conseguiria mais respirar em terra firme?

— É minha noite no jornal — lembrou mamãe a todos.

Às quintas, depois do jantar, as meninas tinham de limpar a cozinha e ir se deitar sozinhas porque papai precisava ficar na recepção, enquanto mamãe ia para a reunião do jornal. Ela e alguns outros membros do Clube de Senhoras de Londres publicavam um jornal semanal, *A Gazeta de Londres*, com notícias, receitas e anúncios. Mamãe era a editora, e todas as quintas à noite o grupo planejava a edição da semana seguinte.

Sylvie foi até o curral da vaca Lucy e deixou as crianças hóspedes afagarem Petúnia enquanto papai conversava com o pai delas, os dois homens bem próximos, fumando. O assunto era as rodovias que estavam sendo construídas por toda parte, como em breve haveria uma bem na saída de Londres, indo de White River Junction até a fronteira com o Canadá. Papai balançou a cabeça e disse em voz baixa:

— Não vai ser nada bom para esta cidade. Ninguém mais vai pegar a Estrada 6.

O garoto que estava acariciando Petúnia aproximou-se, de modo que as pontas de seus tênis Keds quase tocaram as sandálias de Sylvie. A mão dele roçou a dela, e a menina sorriu.

— Como você faz isso? — perguntou ele. — Hipnotiza as galinhas?

— Ah, com muito treinamento — disse Sylvie.

— Você consegue hipnotizar pessoas também?

— Óbvio — respondeu ela. — Hipnotizo minha irmã o tempo todo.

— Você consegue me hipnotizar? — Os olhos dele brilharam, seu corpo inteiro tremendo de empolgação com aquela possibilidade.

— Não sei… — respondeu Sylvie. — Talvez.

A irmãzinha do menino esticou o braço por entre a cerca de cedro para acariciar Lucy. Presa na tela havia uma tabuleta pintada por papai:

LUCY, A VACA DO ESTADO, NASCEU NO OUTONO DE 1943. REPARE QUE NA LATERAL ESQUERDA HÁ UMA MANCHA COM O FORMATO DO GRANDE ESTADO DE VERMONT.

Lucy deu uma lambida na mão da garotinha com sua língua enorme. A menina riu.

— Ela nasceu no mesmo dia que minha irmã, 16 de setembro de 1943 — disse Rose. — Sylvie e essa vaca são tipo gêmeas. — Rose se inclinou para acariciar a mancha da sorte de Lucy, sua mão cobrindo todo o estado de Vermont. — Papai disse que teve uma visão quando Lucy nasceu. Viu o hotel, a torre, o curral. Soube que as pessoas viriam para cá. E ele acertou: olha vocês aqui!

— Foi seu pai que construiu aquela torre enorme? — perguntou a garota, dando as costas para a vaca para olhar a trilha dos carros. A torre tinha nove metros de altura e três e meio de largura, toda feita de cimento e pedra.

— Ele construiu essa torre no ano em que eu nasci — explicou Rose. — Fez tudo sozinho: misturou o concreto, carregamento após carregamento, num carrinho de mão, então trouxe pedras do pé do morro pra cá.

— Foi um presente pra nossa mãe — explicou Sylvie. — Ela é inglesa, e ele queria dar a ela uma Torre de Londres pra ela não sentir saudades de casa.

O menino sorriu ao ouvir isso.

— Este lugar é incrível. Não acredito que vocês moram aqui! Vocês têm a torre, a piscina, o hotel inteirinho…

— E Lucy — acrescentou Rose.

— Ela é tão macia — disse a menininha, acariciando o pelo da vaca.

— Se eu morasse aqui, não ia querer ir embora nunca mais — comentou o menino.

— Eu sei — concordou Rose. — Temos muita sorte mesmo.

— Ah, eu vou embora daqui um dia — atalhou Sylvie, inclinando-se para colocar Petúnia no chão. A galinha começou a bicar o chão de terra empoeirada.

— Vou para Hollywood quando eu crescer.

— Hollywood? — zombou Rose. — Você vai pra *Hollywood?*

— Fazer o quê? — perguntou o menino.

— Ser atriz de cinema — respondeu Sylvie.

O garoto sorriu.

— Aposto como você vai ser uma grande estrela — disse ele.

Uma borboleta-monarca voava acima deles. Ninguém pareceu perceber o inseto, exceto Rose, que se afastou da vaca no curral e seguiu na direção dele. A borboleta pairou sobre Sylvie, depois pousou suavemente no seu ombro.

O garoto sorriu. Sylvie então percebeu o inseto e riu.

— Ah, não é linda? — comentou.

— É sim — respondeu o menino, sem olhar para a borboleta.

Rose esticou o dedo, tentando atrair a monarca até si. *Me escolha*, pensou com todas as forças.

Como a borboleta não veio, Rose tentou agarrá-la, com impaciência, mas acabou destroçando uma de suas asas finas como papel.

— Rose! — repreendeu Sylvie, irritada. — Olha só o que você fez! Como pôde ser tão descuidada?

A irmã saiu correndo com a borboleta machucada entre as mãos, chamando a mamãe, mas Rose sabia que nem todos os poderes curativos da mãe poderiam reparar aquela asa destruída.

O garoto de New Jersey virou as costas, inconformado por ter perdido sua chance com Sylvie, provavelmente para sempre. Pegou a irmãzinha pela mão e arrastou-a em direção ao Quarto 12, ignorando os protestos da menina, que queria continuar fazendo carinho na vaca. Rose se viu a sós com Lucy. Afagou o animal, fazendo círculos com os dedos no pelo familiar e poeirento.

— Ela está errada — disse para Lucy, olhando por cima do ombro para ver sua irmã entrar como um furacão pela porta da frente da casa. Rose não era descuidada. Pelo contrário, ela se importava demais. Importava-se tanto que às vezes tinha certeza de que seu coração explodiria de tanta pressão.

Rose

Na noite seguinte, o hotel estava quase lotado. Só havia um único quarto vago: o Quarto 28, lá no final do novo conjunto.

Rose estava sentada com mamãe na recepção. Papai tinha ido resolver um assunto depois do jantar e ainda não havia voltado. Quando Rose perguntou onde o pai tinha ido, a mãe apertou os lábios e respondeu:

— Ele saiu e pronto, Rose. Vai voltar quando tiver que voltar.

Rose não se importava. Ela adorava aqueles momentos em que ficava sozinha com a mãe. Às vezes mamãe lia o jornal para ela ou lhe contava histórias de quando ela era criança lá na Inglaterra. Rose tentava imaginar a mãe quando garotinha; imaginava uma menina arrumada e séria, que administrava o hospital de brinquedos do bairro e nunca desobedecia a nenhuma regra.

Rose estava cansada. Suas pálpebras teimavam em se fechar quando ela olhava para as luzes intensas da recepção. As mariposas e os insetos de junho se batiam contra a porta de tela fechada. *A placa diz* Há Vagas, pareciam dizer. *Será que a gente não pode entrar?*

Passava muito do horário de ir dormir, mas mamãe disse que Rose podia ficar acordada até um pouco mais tarde, para o caso de algum hóspede novo aparecer. Rose queria descer a estrada e mudar a placa para *Não Há Vagas.*

Ela adorava estar presente quando as pessoas vinham fazer o check-in, cansadas da estrada, os olhos vermelhos. Ela então deslizava o cartãozinho de papel pardo pelo balcão para elas, observava-as anotando seus nomes, endereços, número de hóspedes, tipo e modelo do carro, placa. Rose adorava ver de onde elas vinham: Staten Island, Nova York; Portage, Pensilvânia; certa vez eles até hospedaram um casal idoso de Christmas, Flórida. Imagine, uma cidade chamada Christmas!

Às vezes as pessoas mencionavam para onde estavam indo: New Hampshire, Maine ou até o Canadá. Havia, inclusive, gente que seguia para ver o mar, coisa que Rose só vira uma vez, quando os pais levaram as duas para Hampton Beach alguns anos antes. Eles tinham ido no inverno, porque, quando se é dono de hotel, não dá para viajar na alta temporada. Sylvie correra sem parar pela praia, apanhando conchas, pedrinhas e pedacinhos de madeira, soltando murmúrios

maravilhados, dizendo o quanto era lindo, como era bom lamber os lábios e sentir o gosto do sal do oceano. Rose ficou tremendo de frio, parada, pensando apenas que o mar parecia escuro e gelado e infinito. Tentou imaginar a praia cheia de gente tomando sol deitada em toalhas, o cheiro dos cachorros-quentes e das maçãs do amor pairando no ar, mas não adiantou. Era como estar no palco vazio muito tempo depois de a peça da escola terminar e de todos os figurinos e cenários já terem sido guardados.

Rose também adorava os nomes dos carros em que as pessoas chegavam ao hotel — Dodge Coronet, Hudson Hornet, Studebaker Starliner —, os corpos de aço pesados, as grelhas de cromo cintilantes, os pneus girando sobre o cascalho da trilha. Pneus que haviam viajado centenas de quilômetros, ido a lugares que Rose mal conseguia imaginar.

Os carros, dizia papai, ficavam maiores e mais velozes a cada ano que passava. Rose imaginava que um dia os automóveis seriam como foguetes, como num daqueles livros de ficção científica do Tio Fenton. Daria para disparar num deles de Londres, Vermont, até Christmas, Flórida, em menos de uma hora. Quem sabe até atravessar o oceano e ir para Londres, Inglaterra, o país da sua mãe.

Pela estrada vinha agora um carro. Rose viu as luzes traseiras sumindo ao longe. Viraram a esquina e desapareceram, indo em direção ao centro de Londres. Logo passariam pelo posto da Texaco, pela Woolworth's, pela Biblioteca Pública de Londres, pela igreja Congregacional — tudo isso estava fechado àquela hora da noite.

Havia muita conversa sobre a chegada das rodovias. Sua professora, a Srta. Marshall, disse que o presidente Eisenhower prometeu estradas maiores e melhores que ligariam o país inteiro. Rose gostava da ideia (embora não tivesse coragem de confessar ao pai, que sempre ficava vermelho de raiva quando ouvia a palavra "rodovia") de atravessar o país de um lado ao outro numa única pista. Uma estrada feita para todos aqueles carros lindos passarem roncando, os motores ronronando, os pneus girando tão depressa que não passavam de uma mancha. Não eram foguetes ainda, mas eram quase.

De vez em quando ela sonhava com motores. De carros e foguetes. Das grandes máquinas que construiriam as rodovias: tratores, rolos compressores e escavadeiras. Sonhava que estavam vindo para lá, rasgando a terra, dinamitando rochas, construindo uma capa macia e negra onde os veículos poderiam acelerar.

Sonhava que chegavam cada vez mais perto. Cada vez mais. Roncando, engasgando.

— Cadê sua irmã? — perguntou mamãe, e Rose olhou para ela e esfregou os olhos.

— Lá no nosso quarto. Ela tá com dor de cabeça.

— Coitadinha — disse mamãe, e Rose assentiu, compadecida.

— Talvez esta borboleta não seja apenas uma borboleta — dissera Sylvie para Rose logo após o jantar, quando as duas estavam sozinhas no quarto, olhando para a borboleta com a asa quebrada sobre a mesinha de cabeceira de Sylvie.

— Como assim?

— Não se lembra das histórias da vovó? — perguntara Sylvie, os olhos arregalados.

Rose fez que sim. Ela se lembrava. Lembrava-se de que Sylvie tinha ficado assustadíssima, de modo que a avó parara de contá-las para ela e passou a compartilhá-las apenas com Rose.

Vovó viera fazer uma visita no ano anterior. Os preparativos para recebê-la duraram semanas: limpar a casa de alto a baixo, montar uma cama na salinha de costura de mamãe, fazer perguntas ansiosas sobre como ela era, essa avó que elas nunca tinham visto e que estava vindo de longe, lá da Inglaterra.

— Esta é sua avó — declarara mamãe enquanto a velha senhora saía do banco traseiro do carro de papai, carregando ao ombro uma grande bolsa de couro e usando luvas brancas e frouxas com manchas amareladas nas pontas dos dedos.

Ela observou as garotas. Analisou as duas dos pés à cabeça, virando-as, tocando seus rostos e cabelos. Então, depois de aparentemente considerá-las aceitáveis, deu um beijo nas duas bochechas de cada uma.

— Podem me chamar de vovó — disse ela, com um sotaque diferente do de mamãe. Quando Rose perguntou à mãe o motivo, ela explicou que sua mãe era alemã e que se casara com um londrino.

— E por que a gente não conheceu ela antes? — quisera saber Rose.

— Porque ela é uma mulher ocupada. E atravessar o Atlântico não é coisa simples. Principalmente porque vovó odeia andar de avião. Ela veio de navio.

Vovó chupava balas de marroio-branco, uma erva europeia, usava suéteres que ela mesma tricotava e ensinou as meninas a fazer bolo de maçã.

Certa manhã, Rose acordou com o cabelo emaranhado. Vovó fez *tsc-tsc* e se pôs a escová-lo.

— Talvez você tenha recebido a visita de uma mara — disse ela.

— Uma mara? O que é isso? — perguntou Rose.

Vovó balançou a cabeça.

— Sua mãe não contou a vocês nada sobre as maras?

Rose e Sylvie fizeram que não.

— As maras são criaturas que assumem forma humana durante o dia, mas à noite elas se transformam em criaturas diferentes. Num instante são gente, mas no outro podem ser um gato, um pássaro ou uma borboleta.

Sylvie, que escutava deitada em sua própria cama, disse:

— Isso é tudo invenção. É só mais um dos seus contos de fada.

— Você acha? — indagou vovó, sem parar de desembaraçar os nós do cabelo de Rose.

— Elas são boazinhas? — quis saber Rose.

— Às vezes. Mas às vezes se transformam em monstros terríveis com dentes e garras. Aproximam-se de você à noite, trazem pesadelos, embaraçam seu cabelo, roubam o ar que você respira. Se não tomar cuidado, elas podem engolir você inteirinha.

Mais tarde, Rose lamentou que vovó tivesse falado sobre as maras. Não porque estivesse assustada, mas por causa de Sylvie. Sua irmã ficara com tanto medo que começou a ter pesadelos.

Uma manhã, quando mamãe estava consolando Sylvie depois de outro sonho ruim, a irmã admitiu a ela que, desde que ouvira as histórias da vovó, não parava de pensar que qualquer pessoa que encontrava, cada bicho que via, podia ser no fundo uma mara.

— Mesmo sabendo que é impossível ser verdade — disse Sylvie, fungando. — Não pode ser verdade, né, mamãe?

Mamãe ficou furiosa com a avó delas.

— Não vou permitir que a senhora envenene a mente das minhas filhas! — vociferara.

Ela disse que tinha sido um erro convidá-la. Rose tentou escutar a discussão escondida no alto da escada depois que ela e Sylvie foram mandadas para a cama mais cedo, mas não conseguiu captar muita coisa. No dia seguinte, a avó foi embora para a Inglaterra.

Rose ficou brava com a mãe por causa da expulsão da avó, mas sobretudo culpava Sylvie: se a irmã não tivesse sido uma medrosa, mamãe jamais teria descoberto nada.

Vovó enviava a Rose cartas animadas da Inglaterra, cartas que mamãe sempre abria e lia antes de entregar à filha. A avó disse à menina que iria tricotar um suéter para ela de Natal e perguntou de qual cor ela gostaria. Rose escreveu em resposta: "Vermelho, por favor", e disse-lhe que sentia muitas saudades.

Rose, porém, não chegou a ganhar o suéter. Pouco antes do Natal, mamãe recebeu um telefonema de um primo seu da Inglaterra. Vovó tinha morrido em um acidente.

Rose ficou arrasada. A avó era a única pessoa adulta que parecia preferi-la a Sylvie, que achava que ela é que era especial. Simplesmente não era justo.

A menina pensava com frequência na avó — nas histórias que ela lhe contara quando as duas estavam sozinhas, nos passeios que fizeram na floresta que ficava atrás do hotel.

— Tudo aqui está vivo, Rose — dissera ela, segurando a mão da menina. — Você consegue sentir?

Rose ainda pensava nisso: em como tudo parecia ter vida própria, não apenas as árvores e os cogumelos da floresta, mas também as rodovias e os prédios e os carros. Um deles vinha se aproximando pela entrada da garagem agora, os faróis piscando na escuridão. No início Rose achou que era papai no Chevy Bel Air, mas o formato do veículo e o som do motor eram diferentes.

— Parece que teremos a casa cheia, no fim das contas — comentou mamãe, enquanto o automóvel parava na frente da recepção. Um homem saiu e se espreguiçou. (Quase sempre eles se espreguiçavam.) Uma mulher com uma echarpe de cor clara sobre o cabelo aguardava do lado de dentro.

O carro era um Nash Rambler. Rose soube mesmo àquela distância. Um Rambler. Quer dizer, algo selvagem. Selvagem como na música de Perry Como, "Rambling Rose": "*She's a beauty growing wild*." Mamãe e papai tinham aquele disco e às vezes papai cantava aquela canção para ela, a sua pequena rosa selvagem.

O homem entrou na recepção arrastando um pouco os pés e piscando diante do choque das luzes intensas. Sua camisa branca estava amassada; os olhos, vermelhos de tanto dirigir.

— Boa noite. Minha esposa e eu queremos um quarto para esta noite — disse.

— O senhor está com sorte — respondeu mamãe. — Ainda temos um último quarto disponível. Quatro dólares a diária.

— Perfeito — disse o homem. Rose deslizou a ficha de check-in para ele e saiu de trás da mesa.

— Vou mudar a placa, mamãe — avisou.

— Boa menina — disse a mãe. — Depois vá para a cama.

— Sim, senhora — disse Rose, fazendo uma pequena reverência para o homem e a mãe ao sair, porque ela sabia que precisava ser boazinha e bastante educada na frente dos hóspedes. Não importava o que acontecesse, eles precisavam fingir ser a família perfeita. Rose precisava ser a garota perfeita.

— Liguem o charme, meninas — dizia sempre papai. — Façam com que eles queiram voltar para nos ver.

— Que menininha fofa — comentou o homem, enquanto se inclinava para a mesa para preencher a ficha.

— Sim — concordou mamãe. — Ela é uma boa menina.

Boa menina. Boa menina. Boa menina.

Rose foi saltitando pela entrada da garagem (ela tinha razão; o homem de fato dirigia um Rambler) até o letreiro. Lá ela deu um passo para a frente, em direção à luz, e trocou o aviso luminoso, para que o *Não* aparecesse. Ficou parada um minuto, banhada na luz, como se estivesse num palco tendo como cenário de fundo o Hotel da Torre. Fez uma dancinha, alguns passos de balé que vovó lhe ensinara — desliza, passo, desliza, pirueta, reverência. Ela lembrou-se de Sylvie

dizendo que um dia iria para Hollywood ser uma estrela. *Eu não*, pensou Rose, enquanto dançava. *Eu vou ficar aqui para sempre.*

Sr. Alfred Hitchcock
Paramount Pictures
Hollywood, Califórnia

11 de agosto de 1955

Prezado Sr. Hitchcock,

Às vezes uma borboleta não é apenas uma borboleta.
Foi o que a vovó me ensinou.
Sabe qual a pior coisa que aprendi com ela?
Que você pode ser um monstro sem saber.
Eles parecem a gente.
Pensam que são a gente.
Mas, na verdade, guardam um monstro escondido dentro de si.
Se essa não for uma boa ideia para um filme, não sei qual seria.

Atenciosamente,

Srta. Sylvia A. Slater

Hotel da Torre

Estrada 6, nº 328

Londres, Vermont

Rose

Rose estava tendo o mesmo sonho novamente. Um monstro escuro e sem forma a dominava e prendia, esmagando-lhe de todos os lados até ela ficar cada vez menor — do tamanho de uma boneca, depois tão pequenina quanto uma lágrima. Ela se esforçava ao máximo para lutar contra ele, mas no fim perdia as forças.

Acorde, disse a si mesma. *Está na hora de acordar.*

Ela abriu os olhos. A borboleta de asa quebrada estava presa num velho frasco sobre a mesinha de cabeceira de Sylvie, debatendo-se silenciosamente contra o vidro, uma sombra diante da janela encoberta pela cortina. Com o coração batendo forte, os pulmões incapazes de respirar, Rose observou os esforços do inseto à luz fraca da aurora.

Ela sabia que estava acordada, embora seu corpo se encontrasse completamente paralisado. O ar estava pesado, com um cheiro forte de animal selvagem.

Rose escutou com atenção. Tinha certeza de ter ouvido algo respirando por perto — um grunhido rouco e gutural —, porém não havia nada ali.

Ou será que havia? Pelo canto do olho, ela avistou um borrão de movimento, algo se mexendo na escuridão. E então lhe veio a mesma sensação de antes, aquela profunda impressão de que tinha alguma coisa ali no quarto, algo maligno que desejava causar-lhe mal.

Olhou ao redor, mas se deparou apenas com a paisagem familiar do quartinho que dividia com Sylvie. Entretanto, também havia ali algo terrivelmente estranho, confuso, banhado numa luz esverdeada, como se a própria lua tivesse, não se sabe como, adquirido uma cor errada.

Será que eu morri?, perguntou-se Rose.

Concentrou-se ao máximo e tentou se sentar na cama — ou simplesmente mexer o dedinho —, mas a única coisa que conseguia mover eram os olhos.

Olhou para a cama da irmã, localizada mais além da borboleta no frasco. Desejou, com todas as forças, que ela acordasse, abrisse os olhos e a salvasse, mas percebeu então que a cama de Sylvie estava vazia. As cobertas tinham sido atiradas de lado, e o travesseiro ainda continha a marca de onde a cabeça da irmã havia estado.

Uma ideia horrível tomou conta de Rose: uma mara estivera ali. E tinha dominado Sylvie primeiro.

Então sentiu de novo: aquela respiração sibilante com um fedor de podridão, de carne em decomposição, e o cheiro de pelo molhado, tão forte que ela conseguia senti-lo no fundo da garganta. Rose ouviu um som baixo parecido com um grunhido; sentiu o som vibrar através do corpo inteiro. Não conseguia enxergar nada — o que quer que fosse estava escondido nas sombras, talvez até mesmo embaixo da cama. Ela teve certeza de que aquilo tinha fileiras de dentes afiados e que, se por acaso olhasse para aqueles dentes, veria trapos da camisola branca da irmã.

Por favor, pensou Rose. *Por favor, vá embora. Não me faça mal. Por favor.* Então ela pensou no trecho da breve reza que mamãe fazia as duas meninas recitarem todas as noites antes de dormir: "Anjos, que de noite me acolhem, me despertem com a luz do dia."

E com isso ela conseguiu se mexer de novo, de repente. Ofegou, e o ar inundou seus pulmões. O fedor de animal desapareceu. Rose saltou da cama sem ousar olhar embaixo dela, foi até o corredor e de lá para o quarto dos pais. Abriu a porta de madeira trabalhada.

— Que diabo…? — perguntou mamãe, piscando diante da luz do luar que entrou pela fresta da porta.

— Tinha alguma coisa lá no meu quarto — disse Rose, ofegante. As janelas estavam fechadas, assim como as cortinas. O ar no quarto dos pais era poeirento e estagnado, com cheiro dos cigarros do pai e do perfume Jean Naté da mãe. A camisa de trabalho de papai estava pendurada nas costas de uma cadeira, as mangas pendendo flácidas nas laterais; no escuro, aquilo fazia a cadeira parecer estranhamente humana, como se ela de súbito fosse começar a caminhar pelas tábuas do assoalho com suas quatro pernas.

— Outro morcego? — perguntou mamãe, sentando-se na cama, a camisola de cor clara brilhando. Ao lado dela, papai se remexeu, também se sentou e gemeu. Um morcego havia aparecido no quarto delas na primavera passada e ele tivera de enxotá-lo com uma vassoura. Papai esticou o braço e apanhou o relógio de pulso: eram quase 5h00.

— Não, não é um morcego. Eu… eu não sei o que era — confessou Rose.

Um monstro. Um monstro que me perseguiu para fora dos meus sonhos. Uma das maras da vovó.

— Eu ouvi o treco, senti o cheiro dele, mas não consegui ver nada. Eu não conseguia me levantar nem me mexer. Eu acho que… — Será que ela ousaria dizer em voz alta? — Eu acho que talvez ele tenha levado a Sylvie.

O pai soltou um muxoxo de desdém.

— Shhh — acalmou mamãe. — Está tudo bem agora.

— Volte para a cama — disse papai, com a voz rouca e sonolenta. — Está muito cedo para essas suas histórias, Rose.

Papai sempre dizia que Rose tinha uma imaginação e tanto, o que era o jeito dele de dizer que ela gostava de exagerar as coisas, de inventar histórias só para ver se alguém acreditava.

— Não posso — disse Rose. — Não ouviram? Tinha uma coisa lá, alguma coisa no quarto comigo. E a Sylvie sumiu!

— Não tinha nada no seu quarto — afirmou papai, virando as costas na cama. — Você teve um pesadelo, só isso.

Rose balançou a cabeça. Ela não era uma medrosa como Sylvie e seus pesadelos.

— Mas não foi pesadelo nenhum — insistiu. — Não estou inventando isso. Foi de verdade.

— Tenho certeza de que sua irmã está na cama dela — disse mamãe, com a voz baixa e calma.

— Mas ela *não está*! Eu acho que uma mara pegou ela.

Mamãe se virou para acender o abajur, com um gesto irritado.

— Uma *mara?* Quantas vezes eu preciso dizer? As histórias da avó de vocês são só isto: histórias. — Ela saltou da cama, vestiu o robe e marchou pelo corredor. Voltou em menos de um minuto e declarou: — Sylvie está na cama dela, onde deveria estar. — Tirou o robe e voltou a se deitar. — E onde todos nós deveríamos estar, na verdade. Agora vá.

— Mas ela não estava um minuto atrás. Eu juro — insistiu Rose.

— Ah, pelo amor de Deus! — exclamou papai com um grunhido, sentando-se. — Vou fazer um café.

Ele saiu pisando duro do quarto com seu pijama listrado, o cabelo despenteado. *Tome cuidado*, Rose teve vontade de dizer para ele. *A coisa ainda está por aí.*

Rose engatinhou pela cama até ficar ao lado da mãe. O lugar do pai ainda estava quente. Ela se aninhou e apoiou a cabeça no ombro da mamãe.

— Ah, minha pobrezinha — suspirou mamãe. — Você realmente ficou assustada. Como eu queria que não tivessem enchido a cabeça de vocês com toda essa baboseira.

Rose ouviu o barulho de água corrente na cozinha e o som do velho rádio de madeira Philco sendo ligado pelo pai, que cantarolou junto com a música. A porta da nova geladeira se abriu e depois se fechou.

Enquanto mamãe afagava seu cabelo, Rose se lembrou de uma conversa que tivera com vovó:

— Mamãe sabe das maras? Ela acredita?

A avó sorriu.

— Sim, acredita. Mas jamais admitiria isso. Para algumas pessoas, Rose, é mais fácil fingir que as coisas que mais nos assustam simplesmente não existem.

— Morreu — anunciou Sylvie, colocando o frasco de vidro com a borboleta sobre a mesinha de centro, bem na frente de Rose.

Rose estava sentada no sofá, abraçada com força a uma almofada. O corpo da monarca jazia sobre uma cama de folhas, perfeitamente imóvel. Rose o observou através do vidro, que ampliava as asas do inseto, com um tom laranja brilhante com laivos de preto. As asas a lembravam dos vitrais da igreja. Rose imaginou uma igreja de borboletas que cultuava a metamorfose. Lagarta, casulo, pupa, borboleta.

— Você matou a pobrezinha. Espero que esteja feliz agora — disse Sylvie, com as mãos nos quadris, olhando carrancuda para Rose.

Rose mordeu o lábio e abraçou a almofada com mais força ainda. Lembrou-se de como desejou que a borboleta viesse até ela, que a escolhesse. Se vovó estivesse ali, ela entenderia.

— Foi sem querer.

Sylvie olhou para ela por um instante.

— Talvez sim, talvez não. Talvez tenha sido por querer e você não sabe.

— Isso não faz o menor sentido. — Rose apanhou o frasco e olhou para dentro, desejando que a criatura quebrada se mexesse, batesse as asas.

— Matar uma borboleta também não.

Sylvie sentou-se na poltrona de espaldar alto do pai, sem tirar os olhos de Rose.

— Onde você estava, hein? — perguntou Rose acusadoramente, observando a irmã pelo vidro do frasco.

— Onde eu estava quando? — devolveu Sylvie, irritada. Seu rosto estava distorcido pelo vidro, misturado com os tons vivos de laranja da borboleta. Pela primeira vez, ela não era uma garota linda, mas algo estranho e horrendo: um monstro com o rosto cor de laranja.

— Hoje de manhã cedo, logo antes das cinco — disse Rose, pousando o frasco novamente sobre a mesa de centro. Sylvie agora parecia normal de novo, o cabelo bem penteado, sem nenhum nó. — Eu acordei e você não estava na cama.

— Claro que eu estava na cama, Rose. — Por meio segundo, Sylvie pareceu preocupada, quase em pânico, mas então sua expressão se transformou na sua melhor versão de "coitadinha da irmã maluca". — Onde mais eu poderia estar?

— Mas sua cama estava vazia. Seu travesseiro…

Sylvie levantou um dedo e o agitou para um lado e para o outro, como aprendera com o livro de hipnose. Quando falou, foi com sua voz lenta e oscilante de hipnotizadora.

— Siga meu dedo com os olhos. Isso, muito bem. Agora sinta suas pálpebras ficando cada vez mais pesadas, cada vez mais pesadas; é difícil continuar de olhos abertos.

Rose entrou no jogo e seguiu o dedo da irmã com os olhos.

— Agora feche os olhos, Rose. Isso mesmo. Relaxe cada vez mais. Cada vez mais. A única coisa que você está ouvindo é o som da minha voz. Você vai prestar atenção no que eu vou dizer. Vai entender que cada palavra que eu digo é a mais absoluta verdade. Faça um sinal se me entendeu.

Rose gesticulou, confirmando.

— Minha cama não estava vazia — disse Sylvie. — Eu estava lá o tempo todo.

Rose inclinou os ombros para a frente e tentou parecer relaxada, como se estivesse à mercê da irmã.

— Agora me diga o que você viu esta manhã — ordenou Sylvie, com a voz baixa e macia.

— Sua cama não estava vazia — repetiu Rose, a voz monótona e robótica. — Você estava lá o tempo todo.

— Muito bem — disse Sylvie. — É assim que você vai se lembrar dessa história a partir de agora. Entendeu?

— Entendi — disse Rose.

— Boa menina. Vou contar até três e você vai abrir os olhos. Um, dois, três.

Rose abriu os olhos. Sylvie estava sentada na cadeira à sua frente, com a mão fechada em punho, sorrindo. A borboleta jazia no frasco sobre a mesa de centro entre as duas, sua cor alaranjada parecendo incrivelmente viva para algo morto.

— Você acha que a mamãe vai colocar mirtilos nas panquecas hoje? — perguntou Sylvie, animada, olhando na direção da cozinha, como se nada de estranho tivesse acontecido.

O coração de Rose começou a bater enlouquecidamente. Ela agora tinha mais certeza do que nunca de que sua irmã tinha saído da cama na noite passada; por algum motivo, Sylvie não desejava que Rose soubesse. Era a primeira vez que se lembrava de Sylvie lhe ocultar algum segredo, e ela não gostou nada disso. Nem um pouquinho.

2013

Piper

Piper empurrou o carrinho pelo terminal, passando por fileiras de cadeiras de plástico, uma creperia e um quiosque que vendia travesseiros de pescoço e máscaras para dormir com preços inflacionados. Quando saiu pelas portas duplas para o corredor principal, procurou por Margot no meio do pequeno grupo ali reunido. Piper imaginava que fosse impossível não perceber a irmã nas últimas semanas da gravidez. Lembrou-se da imagem dela no sonho da noite anterior, desequilibrando-se na borda do buraco.

Piper piscou para afastar aquela visão. Viu um casal se abraçar, uma mãe receber um filho que devia estar na faculdade, um homem de terno segurando uma placa onde estava escrito *Grupo dos Walker*, um policial correndo os olhos pelas pessoas. Nada de Margot. Piper já tinha enfiado a mão na bolsa para apanhar o celular quando sentiu um toque em seu braço.

— Piper?

Virou-se. O policial havia se aproximado dela.

— Jason! — exclamou, percebendo que o policial era nada mais, nada menos que seu cunhado. Ela não o reconhecera não apenas pelo anonimato do uniforme: ele estava mais magro e muito mais velho do que a última vez em que se encontraram, dois Natais antes.

Às vezes era quase impossível vê-lo como o mesmo garoto que costumava seguir as meninas naquele verão de outros tempos, um rapazinho magricela, todo braços e pernas, com cabelo cheio e os bolsos lotados de insetos. O garoto que escrevia poemas para Amy num código secreto. De vez em quando ela ainda percebia em Jason um lampejo do sorriso da juventude, um encolher de ombros que o fazia parecer ter 12 anos novamente.

— Que bom ver você — disse ela, e ele lhe deu um abraço rígido. Jason cheirava a uma loção pós-barba de odor picante e fumaça de cigarro. — Mas cadê a Margot?

— Não pôde vir — respondeu ele, e olhou para o lado, com a mandíbula tensa. Havia olheiras escuras sob seus olhos vermelhos. Parecia que não dormia havia uma semana. — Venha — disse ele —, vamos para casa. Podemos conversar no caminho.

Jason apanhou a malinha de Piper, que teve de se esforçar para acompanhar o passo dele enquanto caminhavam pelo aeroporto, em direção à garagem do estacionamento.

Os dois entraram num velho Ford Ranger e seguiram viagem com as janelas abertas, pois o carro não tinha ar-condicionado. O sol batia de frente no para-brisa, e o veículo estava abafado e quente, mas Jason nem parecia perceber; ele nem sequer suava. Apesar do calor e da aparente falta de amortecedores no sistema de suspensão da picape, Piper ficou grata por ele ter vindo apanhá-la com o próprio carro e não com uma viatura da polícia. Será que a polícia de Londres tinha viaturas? Ela não conseguia se lembrar.

Piper não ia para lá com frequência. Margot é que em geral ia visitá-la em Los Angeles, exultante em poder se ausentar durante uma ou duas semanas de sua cidadezinha e fazer todos os programas de turista: ir ao Teatro Chinês, ao Píer de Santa Monica… Ela adorava observar a arquitetura da cidade — Piper sempre se impressionava com o amor da irmã por tudo o que era art déco, que não podia diferir mais dos velhos moinhos, casas de fazenda e barracões de granito de Vermont que Margot se dedicara a salvar e preservar.

Jason quase nunca acompanhava a esposa até a Califórnia. Era difícil tirar uma folga na polícia, dizia ele. Piper sentia-se sempre aliviada quando Jason não vinha com Margot. Não que não gostasse dele, mas é que ela nunca ficava inteiramente à vontade na presença do cunhado. Sempre tinha a impressão de que precisava se comportar de modo irretocável, como se necessitasse demonstrar seu papel de irmã mais velha. Deus sabe que Jason crescera convivendo com uma Piper diferente, a irmã mais velha que fazia loucuras e que metia frequentemente Margot em confusões — como daquela vez em que a levara para sua primeira chopada ou quando oferecera maconha à irmã caçula.

O pior de tudo é que, enquanto cursavam o ensino médio, Piper achava que a pior decisão que Margot havia tomado era namorar Jason. Certa vez chegou a dizer para ela:

— Sabe, para ele, você sempre vai estar em segundo lugar. Vai ser sempre o prêmio de consolação. Ele ama Amy desde que se entende por gente, e você nunca vai conseguir mudar isso.

Hoje ela se arrependia de ter dito algo tão cruel (ainda que absolutamente verdadeiro) para a própria irmã. Piper não fazia a menor ideia se Jason sabia do

conselho que ela dera a Margot, mas *ela* sabia, o que já era ruim o bastante.

Jason manobrou o carro para sair do estacionamento do aeroporto e pagou o atendente. Suas mãos seguravam com força o volante, a aliança dourada cintilando à luz do sol que entrava pelo para-brisa. Ele continuou em silêncio.

Piper começou a ficar preocupada.

— Jason — disse ela, por fim. — Está tudo bem com a Margot?

Ele não tirou os olhos da estrada.

— Ela desmaiou hoje de manhã. Eu a levei ao médico e eles disseram que a pressão dela estava muito alta, que isso podia ser perigoso para ela e o bebê. Ela está com um negócio chamado pré-eclâmpsia. O médico ordenou repouso absoluto até o parto. E, dependendo do estado dela, ele pode até induzir o nascimento do bebê antes da hora. — Ele deu a notícia com aquele tom policial, sem o menor sinal de emoção: *São apenas os fatos, minha senhora.*

— Mas ela está bem? — perguntou Piper, com uma voz aguda e em pânico.

— Desde que ela repouse e obedeça as ordens do médico, sim. A data prevista para o parto é daqui a duas semanas, portanto, espero que isso não demore muito.

Margot era uma dessas pessoas que odeiam ficar paradas e sempre tinha pelo menos cinco projetos em andamento. Ficar presa numa cama devia ser o equivalente a uma sentença de prisão para ela.

— Ela deve estar arrasada — comentou Piper.

Jason fez que sim, sem tirar os olhos da estrada. Eles chegaram a um cruzamento com um posto de gasolina e um restaurante Friendly's. Jason dobrou a direita, e eles passaram por lojas e restaurantes de grandes redes. Ele manteve a picape na pista da esquerda e seguiu até a entrada da rodovia. A paisagem havia mudado desde a infância de Piper: naquela época, a região não tinha nada além de plantações e casas.

— Piper — disse ele, com o mesmo tom solene de policial. — Eu sei que essa… situação com a Amy deve ter sido um golpe e tanto para você. Toda a cidade está chocada, e Margot ficou bastante abalada. Eu me lembro do quanto vocês três eram próximas quando crianças.

Claro. Claro que você se lembra, pensou Piper, sem querer. *Porque você estava sempre ali, observando a gente das sombras, espionando, tentando chamar a atenção da*

Amy. Mas nunca conseguia, né? Ela afastou aqueles pensamentos cruéis da cabeça e percebeu que ele havia feito uma pausa e aguardava uma resposta. Ela assentiu, sem saber o que deveria dizer.

— Não quero você incomodando Margot com nenhuma conversa sobre Amy. Não quero que ela leia sobre o assunto nos jornais nem que assista ao noticiário.

— Certo — concordou Piper. — Mas, antes de a gente chegar, tem mais alguma coisa que você queira me dizer? Sobre o que aconteceu?

— A investigação está em andamento; então, não.

— Existe alguma chance de não ter sido a Amy? Por menor que seja?

Jason suspirou.

— Eu também não quero acreditar, mas todas as evidências apontam para ela.

— É que é tão difícil imaginar… sabe? Que Amy possa ter sido capaz de fazer uma coisa desse tipo.

Ele balançou a cabeça, os olhos vidrados concentrados na estrada à sua frente.

— Acho que nunca sabemos do que uma pessoa é capaz.

— E a menininha… — disse Piper. — A filha dela? Está bem?

— Está bem dentro do possível, considerando-se que nós a encontramos escondida no telhado enquanto toda a família estava morta dentro da casa.

— Meu Deus, que horror — disse Piper.

— Ela parecia uma estátua de pijama, com sangue nos pés. Deus do céu, ela se parecia tanto com a Amy quando era pequena. — A emoção finalmente invadiu as palavras dele; sua voz subiu de tom, falhou. — Mas, enfim, quando eu a encontrei no telhado, ela nem conseguia se mexer. Tive de carregá-la para dentro. No começo ela nem conseguia falar, não parava de tremer. Os médicos disseram que ela estava em estado de choque…

— Coitadinha — disse Piper, tentando se lembrar do nome da menina. Nunca a havia visto, mas recebia notícias por Margot e via as fotos que Amy postava no Facebook. Piper sentiu vergonha de perguntar a Jason o nome dela, não querendo admitir o quanto tinha se afastado da ex-melhor amiga.

Eles seguiram o restante do caminho basicamente em silêncio; as poucas tentativas de conversa morriam rapidamente. No fim, ela e Jason acabaram

desistindo e simplesmente ficaram observando a paisagem. Quando avistou a saída para Londres, Piper se lembrou de que certa vez Amy lhe dissera que foi a rodovia que arruinou o hotel:

— Antes da rodovia, as pessoas pegavam a Estrada 6. Havia muito movimento naquela época. Minha avó Charlotte disse que recebiam hóspedes todas as noites e que quase todo fim de semana o hotel estava cheio. Minha mãe e sua irmã, Sylvie, sempre contavam com uma grande plateia para o circo maluco das galinhas delas. As pessoas vinham ver a vaca Lucy. Mas, depois que abriram a rodovia, ninguém mais parava por ali, simplesmente seguiam em frente. Não havia mais nenhum motivo para parar em Londres.

Piper entendia. Quando elas se mudaram para Londres, depois do divórcio dos pais, Piper teve a impressão de ter sido despejada no meio do nada: numa cidade-fantasma, cheia de lojas e restaurantes fechados, cobertos com tapumes de madeira, com tetos em ruínas e janelas quebradas. Mesmo agora, enquanto atravessavam a cidade, ela se perguntou por que alguém iria até ali, e como sua irmã resolvera ficar. Margot trabalhava para uma organização sem fins lucrativos de restauração de edifícios históricos; sua função era liberar fundos para que os prédios pudessem ser mantidos. Ela estava sempre comentando que Londres vinha passando por um processo de renascimento, que novas famílias começavam a adquirir alguns dos belos casarões antigos e renová-los; que um investidor havia comprado alguns dos edifícios do centro e agora havia planos para a abertura de uma escola de ioga, um café e um bar especializado em cerveja. Mas Piper não via nenhum sinal de que essas coisas estavam de fato acontecendo e achava que o otimismo da irmã às vezes beirava a ilusão.

As lojas da Main Street ainda estavam em sua maioria fechadas. Somente o antiquário, o cabeleireiro e uma loja de conveniência permaneciam abertos. O velho prédio da Woolworth's continuava de pé; por entre rachaduras dos tapumes das janelas era possível ver o balcão da lanchonete. Havia dois postos de gasolina (um deles anunciava o famoso frango frito da Mrs. Cluck), uma pequenina biblioteca num prédio de pedra, a igreja Congregacional e uma sede dos Veteranos de Guerra. No limite do centro da cidade localizava-se o edifício de granito do departamento de polícia e dos bombeiros. Jason lançou um olhar naquela direção e acenou para um homem fardado.

Eles seguiram sacolejando pela rua, que precisava urgentemente de reparos, pois estava toda esburacada e deformada pelas nevascas. Estavam logo atrás de

um ônibus escolar, e Piper viu uma garota olhando para eles pela janela traseira. A amiga dela lhe sussurrou algo ao pé do ouvido e a garota se virou, rindo. Piper se lembrou de sentar ao lado de Amy no fundo do ônibus, de descer no hotel, de atravessar correndo a trilha de cascalho e ir até a cozinha da casa, onde a avó da amiga, Charlotte, estaria aguardando por elas, com um cigarro entre os lábios; a TV estaria ligada no volume máximo na novela *Guiding Light* para não perder nada da trama enquanto seguia de quarto em quarto. Ela sempre tinha um prato de biscoitos à espera, aos quais chamava de *biscuits* com seu sotaque inglês.

— Meus avós eram todos de Londres — disse Amy para Piper certa vez, sorrindo. — De Londres na Inglaterra e de Londres em Vermont.

Dessa vez, porém, o ônibus escolar não desacelerou. Passou a toda velocidade pela placa do hotel, que agora estava inclinada para trás, como se tivesse sido atingida por um caminhão em algum momento. Piper reconheceu os dizeres familiares quando a picape de Jason passou em frente — *Hotel da Torre, 28 Quartos, Piscina, Não Há Vagas* —, mas as letras tinham se desbotado do tom de vermelho para um rosa tão claro que quase não eram legíveis. Atrás da placa, do outro lado da entrada da garagem, estava a torre em ruínas. As crianças no ônibus amarelo viraram a cabeça para olhar a trilha, ainda cheia de viaturas de polícia e furgões. Piper segurou a respiração.

— Meu Deus — sibilou ela, soltando o ar e olhando para a torre atrás dos furgões da imprensa. A construção, que já estava caindo aos pedaços quando ela era criança, agora estava muito pior, inclinada de modo tão precário para a direita que parecia desejar tocar a casa. A maior parte das ameias de pedra do topo tinha desmoronado. Havia dois tapumes e uma placa de *Entrada Proibida* pregada na porta. A palavra *Perigo* fora escrita com tinta spray na parede acima do arco.

A pele de Piper ficou gelada. Jason agora estava passando bem devagar em frente ao hotel.

— Desculpe — disse ele. — Acho que teria sido melhor se a gente tivesse pegado a rua dos fundos.

— Não, tudo bem — disse Piper.

Mas não estava tudo bem. Não estava nada bem.

— Margot talvez tenha mencionado para você que… — Jason segurava o volante ainda com mais força agora. — Amy deixou um bilhete. Bem, bilhete não,

só algo rabiscado numa foto antiga: "29 Quartos." Isso faz algum sentido para você?

Pela primeira vez desde que a apanhara no aeroporto, ele olhou diretamente para Piper, os olhos castanhos analisando-a com atenção, atentos a sua reação. E ela se viu com 12 anos de novo, sendo pressionada pelo garoto irritante que seguia Amy por todos os lados como um cachorrinho — um garoto considerado ridículo não apenas pela própria Amy, mas por todo mundo.

Piper parou um instante, fingindo vasculhar as lembranças, depois balançou devagar a cabeça.

— Não — respondeu, mantendo contato visual, o rosto como uma máscara. Desejou com todas as forças que elas jamais tivessem encontrado aquela foto; que ela jamais tivesse ouvido falar do 29º quarto, que jamais o tivesse visto com seus próprios olhos. — Isso não faz nenhum sentido.

Jason ficou em silêncio por um instante. Ela não fazia ideia se ele acreditara ou não.

— A foto — continuou ele por fim. — Achamos que é a mãe de Amy, Rose, e a irmã dela, Sylvie, quando crianças, com cerca de 8 e 12 anos de idade. Sylvie desapareceu logo depois de se formar no ensino médio. Amy costumava falar dela para você?

Piper encolheu os ombros.

— Só falou uma ou duas vezes. Disse que Sylvie fugiu de casa. Que talvez tenha ido para Hollywood, quem sabe.

E, por uma fração de segundo, ela teve certeza de sentir a respiração quente de Amy contra seu rosto, de ouvir sua voz cantarolando brincalhona num sussurro ao pé do ouvido:

— Mentirosa.

Piper

O quarto de Margot e Jason fora pintado de branco-marfim com arremates em verde-claro. Tal como o restante da casa, tinha sido decorado com fotos antigas emolduradas de uma Londres que havia desaparecido há tempos — uma foto do centro mostrava o velho mercado A&P; uma outra, a antiga fazenda de laticínios situada ao longo da Main Street.

Margot estava acomodada com travesseiros macios na cama como uma rainha inválida, rodeada de tudo o que pudesse desejar ou precisar: uma pilha de brochuras e revistas de bebê, garrafinhas de água, o controle remoto da televisão, o celular, uma pilha de barrinhas de proteína e maçãs. Havia também uma coleção de velhos jornais amarelados guardados em envelopes de plástico. Ela estava lendo um deles, cujas letras garrafais da primeira página diziam *A Gazeta de Londres.*

Atirou o jornal de lado e exclamou com voz aguda:

— Piper! Você chegou! — Como se não estivesse esperando ver a irmã.

Piper se acomodou na cama e as duas se abraçaram. A visitante sentiu o olhar de Jason às suas costas.

— E esses jornais velhos? — perguntou ela. — Não me diga que é trabalho!

Margot deu um sorriso maroto.

— Não exatamente. É um pequeno projeto que estou fazendo por fora para a sociedade histórica, reunindo uma coleção dos velhos exemplares do *A Gazeta de Londres* para uma exposição. O material é incrível, se quer saber. Lendo nas entrelinhas, você descobre uma história incrível da cidade.

O rosto de Margot se iluminava sempre que ela discorria sobre a história de Londres. Piper relaxou; só então, quando viu a irmã com os próprios olhos, é que percebeu o quanto estivera preocupada com ela no trajeto do aeroporto até lá. Margot estava acamada, com uma barriga gigantesca e bem mais inchada que o normal, mas continuava a mesma de sempre, toda empolgada com uma pilha de jornais velhos empoeirados.

Piper apanhou um deles e correu os olhos pela primeira página, datada de 12 de março de 1952. A matéria principal era sobre um show de talentos que

aconteceria na escola. Havia também a receita da famosa caçarola de três feijões da Sra. Minetti.

Piper olhou de relance para a foto da fazenda pendurada na parede do quarto, à esquerda da cama. Havia algo de familiar na imagem.

Ela a analisou por algum tempo e então percebeu que devia ser a velha fazenda dos Slater, que existia antes de o avô de Amy demolir o celeiro e construir o hotel. Reconheceu a casa e o morro atrás dela. Era estranho ver aquilo como uma paisagem aberta, pontilhada de vacas malhadas, sem o menor sinal da torre em ruínas ou das fileiras de quartos de hotel.

Parecia uma foto estranha e até perturbadora para Margot pendurar no quarto, ainda mais naquele momento. Piper olhou para o outro lado, não desejando chamar atenção para a foto nem para o fato de haver percebido o que ela retratava.

— Quer alguma coisa, meu amor? — perguntou Jason, esticando o braço para baixo para segurar a mão da esposa.

Margot fez que não.

— Não, Piper está aqui agora. Você pode voltar para a delegacia. Tenho certeza de que estão precisando de você.

Ele ficou parado à frente da porta, hesitante, arrastando os pés como um menininho.

— Está bem — disse, afinal. — Mas me ligue se precisar de alguma coisa. Qualquer coisa. E Piper — disse ele, olhando-a fixamente —, lembre-se de que Margot e o bebê precisam de repouso. E paz.

— Pode deixar. — Piper assentiu. — Vou cuidar bem dela, Jason. Prometo. — Ela lhe deu um sorriso simpático e convincente, mas o olhar gélido do cunhado lhe disse que ele não acreditava nisso.

Jason se aproximou e beijou suavemente a face de Margot.

— Se você tiver dor de cabeça ou náusea, se tiver visão dupla ou sentir qualquer coisa, ligue para o médico.

— Claro — respondeu ela. — Agora vá, toda essa sua preocupação está fazendo minha pressão aumentar!

Ele assentiu timidamente e saiu. As duas o ouviram na cozinha, enchendo de café uma caneca para viagem. Piper reparou em outra coleção de fotos sobre a cômoda. Havia uma do casamento de Margot e Jason, os dois parecendo muito jovens e felizes; uma de Margot e Piper quando pequenas, sentadas sob uma árvore de Natal; e uma da sua mãe, no dia em que ela se formou na faculdade de Direito. A mãe fora trabalhar como promotora pública e depois abrira o próprio escritório de advocacia. Morrera aos 46 anos de aneurisma cerebral. O aneurisma, provavelmente, devia ter estado ali havia anos, segundo os médicos — o que o levara a romper-se num dia de primavera enquanto ela atravessava o estacionamento do Garden World, deixando cair uma bandeja de papelão cheia de mudas de violetas e petúnias pelo asfalto. Fora um azar ou certamente uma hipertensão não tratada.

Piper olhou para o outro lado, o estômago revirando-se de modo familiar sempre que ela se recordava de como a vida podia ser injusta. Não era certo que sua mãe — que nunca havia fumado, que quase nunca bebia, que trabalhava duro, mas não exagerava, que sempre escolhia a versão light de tudo, que tomava vitaminas, que ia às aulas de jazz religiosamente apesar das zombarias de Piper e Margot — não tivesse comparecido ao casamento de Margot, não pudesse estar presente para ver o nascimento do neto.

Não havia nenhuma foto do pai delas. Ele tinha se casado novamente logo após o divórcio, se mudado para Dallas e recomeçado a vida ao lado da nova esposa, com direito a quatro novos filhos — incluindo dois gêmeos idênticos. Quando Piper e Margot eram crianças, havia visitas obrigatórias duas vezes ao ano, mas, à medida que o tempo foi passando, um acordo tácito pareceu estabelecer que aquela segunda família era a verdadeira família dele agora; Piper, Margot e sua mãe tinham sido apenas uma espécie de teste. Agora a coisa se resumia a telefonemas embaraçosos no Natal. Piper não tinha sequer certeza se Margot havia contado ao pai que ele seria avô.

Jason gritou mais uma vez "Até logo", depois saiu pela porta da frente e deu partida na picape estacionada na entrada da garagem.

Assim que ele se foi, Margot segurou a mão de Piper.

— Sabe, foi Amy que me deu esta caixa de jornais — confessou ela, com a voz baixa em tom conspirador. — Ela passou no meu escritório semana passada. Foi uma surpresa, na verdade; a gente não se falava havia séculos, e ela simplesmente

apareceu lá. Parece que ela descobriu estes jornais no sótão da casa. Acho que a avó dela foi a editora da *Gazeta*… Você se lembra de Charlotte?

Piper pensou na pobre e velha vó Charlotte, arrastando os pés pela casa em seu vestido largo, fazendo o melhor possível para manter as coisas andando, para cuidar de Amy — depois que suas duas filhas partiram. Uma sombra fantasmagórica da mulher que havia passado a juventude administrando o hotel que seu marido construíra.

— Sério? — disse Piper, apanhando novamente o jornal; sabia que não devia encorajar aquilo, mas não conseguiu abafar a curiosidade. Entretanto, precisava se esforçar: por Margot e pelo bebê. — Ei, dá uma olhada nisto: o ingrediente secreto da caçarola de três feijões da Sra. Minetti era salsicha em cubinhos. Que nojo!

Margot não se abalou.

— Amy *também* queria conversar sobre a possibilidade de obter um empréstimo para salvar o hotel. Estava tendo aulas de administração na faculdade comunitária e pensava em reabrir o hotel com um tema retrô. Tinha, inclusive, desenvolvido um ótimo plano de negócios.

— Uau — comentou Piper, voltando a pousar o jornal antigo na cama. — Que ambiciosa.

— Pois é — concordou Margot. — E isso foi *semana passada*, Piper. Me diga, parece coisa de uma mulher que está planejando um massacre? Matar a família toda e depois se suicidar?

Piper balançou a cabeça, incerta, e Margot prosseguiu:

— Quer dizer, eu sei que ela tinha alguns problemas para cuidar, como a mãe, por exemplo.

— Rose? O que aconteceu com ela?

— Pelo pouco que Amy me contou, parece que ela desenvolveu um caso de demência. É horrível. Lembra como Rose nunca estava por perto quando éramos crianças? Só que alguns anos atrás ela apareceu no hotel e se mudou para lá. Não estava bebendo, parecia completamente normal. Segundo Amy, ela e Lou se deram muito bem. Eu via as duas juntas no centro o tempo inteiro… No mercado, tomando sorvete… Amy e o marido trabalhavam bastante, por isso Rose cuidava de Lou e Levi depois da escola todos os dias. Era como se Rose tivesse tido uma segunda chance; não foi uma mãe para Amy, mas agora seria a avó do ano.

Piper assentiu, lembrando-se de repente de uma leva recente de fotos que Amy postara no Facebook — uma mulher idosa sentada com a família, abrindo presentes de Natal; a mesma mulher brincando de boneca com uma menininha loira que devia ser Lou. Piper não reconhecera Rose: nunca a havia visto, só conhecia a mãe de Amy como aquela menina pequena na foto, ao lado da irmã, Sylvie, segurando uma galinha. Mas agora ela percebia tudo.

Margot continuou:

— Aí Amy disse que, de repente, a mãe ficou num estado de confusão mental, sem saber o que era realidade ou não. Eles não podiam se arriscar; não com as crianças e tudo o mais. Por isso, a internaram num asilo há mais ou menos um mês.

— Que coisa terrível — disse Piper. — Ela sabe? Do que aconteceu com Amy e a família?

Margot expirou com força.

— Jason disse que dois policiais foram conversar com ela hoje cedo, para contar o que havia acontecido no hotel. Parece que ela não disse nem uma palavra. Agiu como se eles fossem invisíveis.

— Nossa, que triste.

— Talvez. Mas pode ser que para ela seja mais fácil. Ela não precisa lidar com o que está acontecendo.

Piper olhou para a foto da antiga fazenda dos Slater e notou que havia um vulto de pé ao lado do celeiro, nos fundos da foto, no canto esquerdo. Não dava para ver se era um homem ou uma mulher, pois não passava de uma mancha sombreada em forma de pessoa.

Margot olhou para Piper, os olhos subitamente marejados.

— Se a gente tivesse se esforçado mais. Devíamos ter ficado ao lado dela. E não nos afastado assim. Acho que talvez, quando ela foi me procurar no meu escritório, ela estivesse querendo me pedir ajuda. Pedir ajuda para nós duas.

— O quê?

— Ela perguntou sobre você. Queria saber o que você andava fazendo. Parecia… sei lá… meio nostálgica. Como se sentisse saudade da gente.

Piper balançou a cabeça; não podia mais agir como se nada daquilo a afetasse.

— *Saudade?* Amy não quis mais saber da gente depois daquele verão, Margot. Deixou isso bem claro. Foi ela quem cortou relações com a gente e passou a agir como se nem nos conhecesse mais.

Piper se lembrava de passar por Amy nos corredores da escola, de como Amy evitava olhá-la nos olhos, de como fazia questão de se virar para qualquer lado, menos para ela. De como Amy passava direto por ela na condução escolar todas as manhãs e tardes, chamando suas novas amigas no fundo do ônibus e ignorando o fato de Piper ter guardado lugar para ela.

— Mas ela precisou da nossa ajuda — disse Margot, enxugando os olhos com as costas da mão —, e a gente não estava lá. Talvez isso… esse *pesadelo* não tivesse acontecido se a gente tivesse se esforçado mais.

— Isso é loucura. Como você pode pensar uma coisa dessas?

Margot começou a chorar mais intensamente.

— Eu nunca entendi como você pôde virar as costas para ela com tanta facilidade — disse.

Era demais. Piper teve vontade de gritar: *Não fui eu que virei as costas!*, mas apenas mordeu o lábio. Lembrou-se de que Jason pedira para não agitar Margot, não deixar que ela ficasse nervosa. Até agora Piper estava se saindo muito bem.

— Olhe só para você — soluçou Margot. — Você nem parece abalada com o que aconteceu. Como se não estivesse nem aí.

Era verdade que depois de Amy cortar relações e começar a ignorar os telefonemas das duas irmãs, Piper ficara magoada e furiosa demais para insistir. Parecia… ridículo continuar telefonando e deixando recado, implorando para Amy falar com ela, continuar guardando lugar no ônibus. Se Amy não precisava de Piper, Piper, com toda a certeza, não precisava de Amy. Amy talvez tivesse batido a porta na cara da amiga, mas Piper acrescentara depois uns cadeados para garantir que continuasse bem trancada.

Piper respirou fundo e pôs a mão sobre o braço da irmã.

— Claro que eu me importo, Margot. — *Até demais*, pensou. Esse sempre foi o problema, não é? Ela sorriu para a irmã e acrescentou com ternura: — É que uma de nós precisa se controlar. E, no momento, essa tem que ser eu.

Margot riu, com fraqueza.

— Eu vim até aqui assim que fiquei sabendo do que tinha acontecido com Amy, não vim? Mas, sinceramente, agora a minha maior preocupação é você e o bebê.

— Eu agradeço — disse Margot. — De verdade. Mas não consigo parar de pensar nisso, e Deus sabe que não posso conversar com Jason sobre esse assunto. E aquela *mensagem…* Escrita na foto antiga de Rose e Sylvie, a mesma que encontramos na mala naquele verão, pelo amor de Deus! — continuou Margot.

— Eu sei — concordou Piper.

— Não consigo parar de pensar que alguém ou alguma coisa está por aí. Que nós duas estamos correndo sério perigo. — Margot esfregou a barriga. — E o bebê também.

Piper balançou a cabeça, inclinando-se para afagar o cabelo da irmã.

— Estamos bem. Estamos juntas. Estamos a salvo. E não existe ninguém por aí querendo nos fazer mal. O que aconteceu com Amy… é terrível, horrível, mas não tem nada a ver com você e eu.

— Mas Amy deixou aquela mensagem para *nós*, Piper. Porque sabia que a gente iria entender. O que quer que tenha acontecido no hotel naquela noite tem a ver com o que a gente descobriu!

Piper sentiu os cabelos da nuca ficarem de pé.

— Margot — disse ela. — Sério, tenho certeza de que a polícia tem razão: Amy estava deprimida ou com problemas mentais, e então simplesmente a coisa estourou dentro dela. Isso acontece.

A irmã balançou a cabeça e empertigou-se na cama, de modo a ficar mais alta, recostada contra os travesseiros.

— Meu Deus do céu, Piper! Você não acredita nisso, né? Você não acredita de verdade que Amy seria capaz de alguma coisa desse tipo, acredita? Com o próprio marido e o filho?

— Fora os cartões genéricos de Natal e o Facebook, não vejo nem falo com a Amy há anos. Não sei mais quem ela é.

Ela sentiu um nó crescer dentro de sua garganta.

Margot puxou as cobertas.

— Você está enganada. — Sua voz estava calma agora, baixa e séria. — Você a conhecia melhor do que qualquer pessoa.

Aquela declaração ficou pairando no ar entre as duas; pela primeira vez, Piper se perguntou o quanto sua irmã caçula de fato sabia sobre tudo o que havia acontecido entre ela e Amy naquele verão.

— Mas naquela época a gente era criança, as pessoas mudam. Eu mudei. — Ela engoliu em seco. Será que tinha mesmo mudado tanto assim? Será que alguém muda? — Imagino que o mesmo aconteceu com Amy.

— Mudar o suficiente para se transformar numa *serial killer?* Numa maluca capaz de *retalhar* a própria família? E depois estourar os miolos?

— Não sei. Eu…

— Sabe, sim! — Margot inclinou o corpo para a frente, o rosto inchado cada vez mais vermelho.

— Relaxa, Margot — disse Piper, apertando o braço da irmã. Precisava bancar a irmã mais velha, o tipo certo de irmã mais velha, aquele que ela via nos filmes e lia nos livros. A irmã mais velha desprendida que sabia exatamente o que dizer. Ela devia isso a Margot, ao bebê: fazer o melhor possível por eles.

Margot tornou a se recostar nos travesseiros obedientemente, mas seu rosto ainda exibia teimosia.

— Sabe, sim. Por isso a gente precisa descobrir o que realmente aconteceu no hotel e o que isso significa.

— A gente? Você não vai descobrir nada — retrucou Piper. — Vai fazer o que o médico e Jason mandaram e ficar na cama assistindo a programas de culinária e lendo artigos sobre amamentação e as diferenças entre fraldas de pano e descartáveis.

— Tudo bem. Isso quer dizer que você vai ter que fazer isso sozinha — disse Margot, com os olhos brilhantes.

— E o que exatamente eu teria que fazer?

Margot mordeu o lábio.

— Talvez conversar com a filha de Amy.

— É? Por que você acha que a menina vai querer falar comigo?

— Jason disse que ela parecia bastante espantada, como se ainda estivesse em estado de choque. Fica repetindo sua história como um robô. Mas talvez, se você der a entender que sabe que a mãe dela não fez nada daquilo… Sei lá, talvez ela se abra com você e conte o que de fato viu e ouviu naquela noite.

— Sei não…

Margot segurou a mão de Piper com força.

— Por favor. Faça isso por mim. E por Amy.

Piper expirou ruidosamente. Ela se lembrava de quando esteve na torre com Amy, da mão da amiga segurando a sua com força, puxando-a para as sombras.

— Certo. Vou tentar — concordou Piper, com relutância. — Mas se Jason descobrir o que eu estou fazendo, que eu e você estamos conversando sobre Amy e a família dela, vai me colocar no próximo avião de volta para casa. Você devia ter escutado só o sermão que ele me deu no caminho até aqui.

— Eu sei. A gente vai ter que tomar cuidado. Manter tudo isso em segredo. Mas somos boas nisso, não é?

Margot deu um sorriso terno e amargo para a irmã.

E com isso Piper se deu conta de que já tinha fracassado. Que não estava sendo a irmã mais velha responsável. Lá estavam as duas, de volta a seus velhos papéis, compartilhando segredos, procurando encrenca: garotas tolas que mais uma vez perseguiam algo impossível. Enquanto Amy as incitava, provocava, dizendo: *Quero ver só.*

1989



Piper

— Eu beijei o Jason Hawke — sussurrou Amy para Piper. — De língua.

— Eca! — exclamou Margot, num gritinho agudo.

Ela saltou e saiu patinando até o fundo da piscina vazia, as rodinhas dos patins sacolejando no concreto azul descascado e cheio de buracos. Margot, que só tinha 10 anos, sempre perdia a paciência com a brincadeira de verdade ou consequência quando as coisas ficavam boas, sobre beijos e paixonites. Seu cabelo estava preso em marias-chiquinhas que saíam de baixo de um capacete, e Amy tinha pintado as pálpebras dela com sombra de olhos azul-néon. Elas teriam de lavar aquilo antes de voltar para casa, senão sua mãe teria um ataque. Margot estava usando as cotoveleiras e as joelheiras que a mãe comprara para ela. Na verdade, a mãe comprara para as duas, mas Piper nunca usava as dela — porque Amy não usava. Amy nem tinha essas coisas.

O pequeno rádio portátil de Amy estava apoiado na beira do lado raso da piscina, sintonizado na WQVT, "Só hits, o tempo inteiro". Começou a tocar "Sweet Child O'Mine", do Guns N'Roses, uma das músicas preferidas de Amy. Ela adorava qualquer canção em que o cantor derramasse sua alma, até mesmo algumas gravações antigas de Perry Como e Frank Sinatra dos álbuns de sua avó. Superbrega, mas de alguma maneira, quando Amy cantava junto com aquelas músicas, elas pareciam descoladas.

— E como foi? — perguntou Piper, inclinando-se mais para perto. Vestida com uma camiseta dos *Ghostbusters* justinha e shorts jeans desfiados, Amy cheirava a Love's Baby Soft e a brilho labial de morango.

Ela sorriu maliciosamente e enfiou uma mecha da franja cor-de-rosa (tingida com gelatina) atrás da orelha com três brincos. Também estava com a mesma sombra azul-néon e mais uma camada grossa de sombra prateada que ia até a sobrancelha. Parecia ter saído de um vídeo da MTV, a irmã mais nova da Cyndi Lauper. Mas como Amy odiava a Cyndi Lauper, Piper achou melhor não comentar sobre a semelhança entre elas.

— Vem, vou te contar — disse Amy, desamarrando os cadarços de arco-íris dos patins brancos.

Piper fez o mesmo, e as duas garotas calçaram os chinelos e subiram a escada para sair da piscina. O verão já estava chegando ao fim, as aulas começariam dali a duas semanas, e as pernas de ambas estavam bronzeadas de sol. As de Amy eram compridas e esguias, como as de uma dançarina. Pareciam as pernas de uma das Rockettes que Piper vira quando a mãe a levara ao Radio City Music Hall.

— Para onde vocês vão? — perguntou Margot, franzindo a testa, chateada. Ela odiava ser deixada de fora, mas isso acontecia com frequência, porque na verdade ela ainda era pequena, embora fingisse não ser. Suas marias-chiquinhas pareciam antenas se projetando por baixo do capacete, o que fazia com que ela mais parecesse um besouro irritado.

— A gente volta já, já — disse Amy. — Não saia daí.

Piper e Amy saíram correndo pelo pátio de concreto que rodeava a piscina, atravessando a grama que tinha crescido por entre as rachaduras e passando pela fileira de cadeiras quebradas que levava à recepção do hotel, com seu teto inclinado. Uma placa vermelha onde se lia *Fechado* estava pendurada na janela, e todas as persianas de plástico empoeiradas tinham sido fechadas. Logo após a recepção, à direita, ficavam os Quartos 1 a 14; os de número 15 a 28 ficavam numa segunda construção, nos fundos.

Agora todos os quartos tinham sido selados como pequenas tumbas, embora as chaves com as plaquinhas de plástico azul ainda continuassem penduradas no bastidor de metal atrás da mesa da recepção. De vez em quando as meninas entravam escondido em alguns dos cômodos, que tinham permanecido inalterados desde o fechamento do hotel em 1971. As camas continuavam cobertas com as colchas em tons de marrom e mostarda e estampa *paisley*, e o carpete turquesa desbotado estava repleto de queimaduras de cigarro e anos de manchas não identificáveis. Nas paredes estavam penduradas gravuras com calêndulas amarelas e laranja em molduras pesadas. As velhas televisões em cores tinham sido vendidas, mas as mesas onde estiveram apoiadas permaneceram, junto com as cômodas e as mesinhas de cabeceira — algumas das quais ainda continham exemplares mofados da Bíblia de Gideão. O acabamento desses móveis estava deteriorado e cheio de arranhões, com manchas circulares de água — imagens fantasmagóricas dos copos molhados esquecidos por antigos hóspedes. Alguns dos banheiros ainda exibiam sabonetes envoltos em papel, mas a maior parte deles tinha sido roída pelos camundongos. Havia cinzeiros em todos os quartos, e às vezes, quando Piper entrava ali, podia jurar que estava

respirando o ar de 1971, com cheiro de pó, cigarros e rastros antigos de perfume. O cheiro de fantasmas, se é que fantasmas tinham cheiro.

O telhado de alguns dos quartos tinha começado a apresentar goteiras; os tetos estavam mofados e com manchas de água, além do gesso despedaçado em alguns pontos. Alguns dos quartos ainda tinham caixinhas de fósforos e bloquinhos de anotação impressos com o logotipo do Hotel da Torre — um desenho simples de uma torre semelhante a uma torre de castelo nos fundos de um terreno ao lado de uma estrada.

A avó de Amy havia lhes mostrado fotos da construção da torre. Seus dedos encarquilhados, com manchas amarelas de nicotina, apontavam para as fotos em preto e branco de pontas enroladas, coladas em um velho álbum.

— Ele sempre dizia que construiu a torre para mim — dizia vó Charlotte. — Mas a gente sabia qual era a verdade: ele construiu a torre porque queria. Porque achou que isso atrairia gente de toda parte, que nos tornaria ricos e famosos.

As fotos não eram muito empolgantes: o avô de Amy queria que a torre fosse uma surpresa, portanto, tinha construído tapumes altos em volta dela, para que ninguém visse o que ele estava fazendo. Por fim, numa última foto, veio a grande revelação: Clarence Slater de pé, uma figura impressionante de terno e chapéu, o cabelo escuro penteado com gel para trás, um olho piscando de leve. Segurava a mão da esposa; vó Charlotte era jovem e bela então, não a mulher desgrenhada que Piper conhecia hoje. Eles posavam ao lado da placa de madeira que o avô havia pendurado na frente da torre, num ângulo tal que atraísse o olhar dos motoristas que passavam pela Estrada 6: *Venha Ver a Famosa Torre de Londres.*

Piper e Amy saltaram sobre o que restava daquela velha placa, que fora derrubada anos antes e estava caída, apodrecendo entre os pedaços de grama, verbasco e chicória, pontilhada de guimbas de cigarro e embalagens de fast-food atiradas pelas janelas dos carros que passavam. Então elas pararam na frente da torre.

Amy e suas amigas estavam proibidas de entrar ali. Sua avó dizia que era perigoso, por causa das paredes em ruínas e do piso prestes a desmoronar.

— É uma armadilha mortal — repetia vó Charlotte com a voz enferrujada, o hálito azedo. — Fiquem longe daquele lugar — avisava, balançando o dedo de um jeito estranho para enfatizar o quanto estava falando sério. — Algum dia desses alguém vai atravessar aquele piso e cair direto até o inferno.

Vó Charlotte criara Amy depois que a mãe dela, Rose, sumira de cena (ou seja, desde sempre, até onde Piper sabia: ela nunca pusera os olhos em Rose, nem uma única vez em todo aquele ano em que conhecera a amiga). Amy disse que a mãe tinha problemas mentais. E que bebia. Vó Charlotte explicou certa vez:

— Minha pobre Rose nunca mais foi a mesma depois que perdemos Sylvie. Ela se culpava. Nunca superou isso. Algumas pessoas se tornam mais fortes com a perda, outras se quebram de vez.

Sylvie era a tia de Amy, a irmã mais velha de sua mãe, e tinha fugido de casa aos 18 anos. Foi para a Califórnia ser estrela de cinema — é o que Amy dizia. Arrumou uma mala e deixou um bilhete na sua máquina de escrever despedindo-se da família, dizendo que em breve entraria em contato. Mas eles nunca mais ouviram notícias dela. O nome do meio de Amy era Sylvia, em homenagem à sua tia desaparecida.

Piper sentia um pouco de pena da vó Charlotte, uma velha que fora obrigada a cuidar de uma menina terrível como Amy. Seu marido, Clarence, só resistiu pouco tempo depois de o hotel fechar as portas, muito antes de Amy nascer. Vó Charlotte dizia que ele morrera de coração partido, o que Piper interpretava como uma morte por ataque cardíaco.

A avó de Amy era magra, com pele amarelada, flácida e cabelos brancos. Em seu queixo havia dois pelos compridos, que Piper morria de vontade de arrancar. A casa estava sempre uma bagunça (apesar de Vó Charlotte estar sempre faxinando e arrumando), e às vezes elas pegavam a velha fitando a trilha de carros com um olhar vago e perdido.

— O que ela está fazendo? — perguntava Piper.

— Sei lá — dizia Amy. — Procurando minha mãe ou Sylvie, talvez. Ou hóspedes do hotel. Acho que ela meio que espera ouvir o velho sininho da recepção tocar, embora ele esteja quebrado há um zilhão de anos.

De vez em quando a avó de Amy se confundia e a chamava de “Sylvie”. Piper mesma presenciara aquilo vez ou outra.

— Vem cá, Sylvie, deixa eu trançar seu cabelo.

— É Amy, vó — respondia ela, parecendo incomodada e impaciente. — Sylvie foi embora.

— É mesmo — dizia vó Charlotte, correndo os dedos encarquilhados pelo cabelo loiro-dourado de Amy. — Ela foi minha boa menina. Assim como você.

Agora Amy puxou Piper pela porta em arco, para o interior das sombras frias da torre. Piper conteve a respiração, esperando que as paredes desmoronassem em cima dela. Lá dentro era escuro e cheirava a cimento úmido, folhas podres e algo acre e deteriorado. As tábuas de madeira que cobriam o chão estavam esponjosas sob seus pés. Não havia janelas no térreo, e a única luz por ali vinha da porta estreita.

O equivalente a anos de folhas secas esmagavam-se sob os pés das duas meninas. Piper viu também uma embalagem de chocolate e uma lata amassada de Budweiser. Ao longe, ouviu o som do rádio de Amy tocando lá na piscina; a música chegava até elas como uma névoa, impossível de ser identificada.

— Quer mesmo saber como foi? — perguntou Amy, com o rosto praticamente coberto pelas sombras frias da torre. — Beijar o Jason?

— Quero — respondeu Piper, enquanto Amy segurava sua palma da mão suada e dava um aperto.

Piper nunca tinha beijado, mas pensava nisso o tempo todo. Ela olhava para os lábios de todos os meninos que conhecia, analisando seu formato e a forma como eles se mexiam quando falavam. Tentava imaginar aqueles lábios tocando os dela, imaginando se teria alguma importância o fato de terem ou não uma leve penugem macia como um pêssego acima deles. Será que aquilo faria cócegas? E como você devia posicionar a cabeça, para que os narizes não trombassem?

Jason Hawke estava na mesma série que elas, um garoto magricela que era praticamente vizinho de Piper e Margot num dos condomínios situados atrás do morro onde Amy morava. Seu cabelo era meio comprido (mas não o bastante a ponto de ser descolado) e ele estava sempre andando por aí com uma lupa, tentando mostrar como casca de árvore era um negócio bacana ou como era olhar para um besouro através da lente de aumento. Margot dizia que sentia pena dele, porque ele parecia solitário. Piper achava que ele era simplesmente um esquisitão. Alguns meses antes, ele entregara a Amy um bilhete escrito num código secreto. Ela nem sequer tentara decifrá-lo, o que para Jason pareceu uma frustração terrível.

— Vou te mostrar — disse Amy, e antes que Piper pudesse dizer ou fazer qualquer coisa ou pensar no que iria acontecer, os lábios de Amy já estavam sobre

os dela, escorregadios de brilho labial. Sua língua pequena enfiou-se suavemente por entre os lábios de Piper, tentando abri-los. Piper abriu a boca e sentiu o gosto de brilho labial de morango e o calor úmido do hálito de Amy. A menina soltou uma espécie de gemido baixinho, do tipo vou-me-render-a-isso-e-ao-que-quer-que-aconteça, e entregou-se ao beijo. A torre ao redor pareceu se mover e girar um pouco. Piper teve certeza de que iria cair sobre elas naquele exato momento.

Então ela pressentiu um movimento, um movimento real — não da torre, mas de uma sombra passando por elas. Olhou para cima. Alguém estava ali, na porta da torre, olhando. Ela congelou e se afastou de Amy.

O vulto sombreado recuou até a luz, e Piper viu seu rosto.

— Jason? — Piper ouviu Margot chamar; ela devia estar subindo a trilha que levava até a torre. — Você viu Amy e Piper por aí?

Jason saiu em disparada sem responder e sumiu.

— Ei! Espera aí — gritou Margot. Elas ouviram passos correndo atrás dele, depois tanto os passos dele quanto os dela silenciaram.

Piper e Amy ficaram imóveis, escutando com atenção. Piper se encostou na parede, sentindo o frio das pedras atravessar sua camiseta.

— Pra onde você está indo? — perguntou Margot.

— Pra casa — respondeu Jason.

— Então, você viu ou não viu Amy e Piper? — perguntou Margot.

Piper se agachou nas sombras e olhou para Amy, mas não pôde ler sua expressão. Ela não parecia assustada ou preocupada, isso com certeza. Se Piper tivesse de chutar, diria que Amy parecia ligeiramente entretida.

— Não — disse Jason.

— Quer me ajudar a procurar as duas? — perguntou Margot. — Você disse que ia me mostrar aquele seu telescópio novo que você ganhou. Lembra?

— Hoje não — disse Jason. — Outro dia.

— É que eu estava pensando em pedir um de aniversário e queria ver como é o seu. Para ver se peço um igualzinho.

— É um Tasco. Minha mãe comprou lá na loja de jogos. — Passos esmagaram o cascalho da trilha mais uma vez, como se estivessem subindo o morro. Jason,

voltando para casa.

— Tá bem, a gente se vê por aí! — gritou Margot. Jason não respondeu.

— Acho que sua irmãzinha tem uma queda pelo Jay-Jay — sussurrou Amy.

— Tem nada — disse Piper.

Margot agora estava perto; elas ouviram passos se aproximando da porta da torre.

— Piper? Amy? — gritou, a voz ecoando.

— Shhh — sussurrou Amy, com o dedo nos lábios. — Vem. — Ainda segurando a mão de Piper, ela a conduziu até a escada. Piper seguiu a amiga até o segundo andar, tentando subir a escada cheia de farpas de madeira tão silenciosa e graciosamente quanto Amy. Elas se agacharam embaixo de uma das três janelas compridas e estreitas. Ali em cima era ainda mais escuro. Amy apertou a mão de Piper, que tentou acalmar a respiração. Perguntou-se por que estavam se escondendo; parecia meio malvado fazer isso, mas, ao mesmo tempo, eletrizante.

Piper esticou a mão direita e tocou suavemente o rosto de Amy. Amy se virou e olhou para ela, com um sorriso conspirador, mas então o sorriso desapareceu. Ela parecia tão séria que o estômago de Piper doeu.

— Você beija melhor que o Jason Hawke — sussurrou ela, inclinando-se para perto de Piper.

— Ele viu a gente — respondeu Piper, com um aperto no estômago.

— E daí? — Amy encolheu os ombros.

— E daí que… ele pode contar a alguém, sei lá.

— Que nada — disse Amy.

— Como você sabe? — indagou Piper. Imaginou a cena: ela voltando para a escola dali a duas semanas e todo mundo fofocando, sussurrando, empolgados com a notícia de que Piper e Amy eram… o quê? Sapatas? Aberrações? Meu Deus.

— Eu sei, só isso — disse Amy. — Ele não contou nada pra Margot agora, contou? Jay-Jay não é motivo pra se preocupar. Relaxa, tá tudo bem.

Mas não parecia tudo bem.

— Piper? — Margot estava dentro da torre agora. — Vocês duas estão aqui?

Lá embaixo, ouviram Margot tentando subir hesitantemente a escada.

— Vem — sussurrou Amy, puxando Piper mais uma vez, e as duas rumaram até a outra escada de madeira, que levava ao deque no alto da torre, rodeado de ameias como as de um castelo. O que iriam fazer quando chegassem lá? Não dava para se esconder ali. Talvez saíssem voando.

Amy deu uma risada baixinha, escondendo a boca com uma das mãos para abafar o som. Era uma brincadeira para ela, aquilo tudo — o beijo, ser surpreendida por Jason, esconder-se de Margot.

— Gente, dá um tempo — gritou Margot. — Eu sei que vocês estão aí em cima. Eu ouvi!

Amy puxou Piper com mais força em direção à escada. Enquanto Piper seguia num galope desajeitado, seu pé direito atravessou o piso como se ele fosse feito de bolachas de água e sal. Piper tombou para a frente e sua mão se soltou da de Amy.

Ela berrou, em parte por causa da dor excruciante na canela, em parte por causa da sensação da queda, do medo de cair direto pelo chão (até o inferno, como avisara vó Charlotte). Mas não. Algo a conteve. Ela olhou para baixo e descobriu que havia duas camadas de tábuas: as do piso onde ela tinha acabado de cair estavam pregadas em cima das vigas, e as tábuas do teto abaixo estavam pregadas na parte de baixo dessas. E essas tábuas, as do teto, suportaram seu peso.

— Ei! — exclamou Amy, virando-se para puxar a outra para cima. — Tá tudo bem?

— Acho que sim — respondeu Piper, levantando a perna com cuidado e arrastando-se para longe do trecho podre do chão. Sua canela estava sangrando, e uma lasca de madeira de cinco centímetros de comprimento irrompia da pele como um espinho irregular e sangrento. Ao ver aquilo, sua cabeça começou a rodar. Ela imaginou que a lasca tinha perfurado sua pele até o osso.

— Ai, *caramba* — exclamou Amy, olhando para a perna de Piper. Enfiou uma mecha de cabelo cor-de-rosa atrás da orelha e se inclinou para examinar melhor.

— É melhor a gente chamar sua avó — disse Piper, tomando todo o cuidado do mundo para não olhar para a própria perna. Vó Charlotte tinha sido enfermeira durante a guerra: Piper já vira fotos dela com um uniforme branco engomado diante de camas de hospital. Embora já fizessem mais de quarenta anos desde que cuidara de soldados feridos, Piper tinha certeza de que ela saberia

o que fazer. Para alguém que viu gente sem perna por causa de explosões de minas, uma lasca de madeira certamente era fácil de encarar, ainda que gigantesca.

— De jeito nenhum — retrucou Amy. — A gente *não pode* contar para a minha avó que esteve aqui, senão ela nunca mais vai confiar em mim. Podemos cuidar disso. Confie em mim.

— Mas eu…

— Shhh — disse Amy. — Feche os olhos.

Piper fechou-os um pouco, mas não completamente.

Amy segurou a lasca com destreza entre as unhas e deu-lhe um único e rápido puxão. Piper sentiu vontade de berrar mil palavrões, mas a dor era tanta que ela só conseguiu soltar um grito gutural.

— Pronto — disse Amy. Piper abriu os olhos e viu Amy segurando a lasca ensanguentada de madeira, com ar triunfal. Aquele pedaço de madeira parecia brilhar e cintilar à luz fraca.

O estômago de Piper se revirou.

— O que aconteceu? — perguntou Margot. Sua cabeça tinha surgido no alto da escada, e agora ela estava olhando ao redor.

— Não venha aqui — ordenou Amy. — Não é seguro. O chão está todo podre.

— Você está bem? — perguntou Margot, cheia de preocupação.

— Sim — disse Piper, usando a beira da camiseta para estancar o sangue escuro que escorria de sua canela. — Estou ótima — disse, entre dentes. — Mas você vai ter que jurar que não vai contar nada pra mamãe. Capaz de ela matar a gente. E nunca mais vamos poder voltar aqui de novo.

Margot assentiu. Sua sombra de olho cintilou à luz que entrava pela janela estreita.

— Eu sei. Você acha que sou boba, mas eu não sou.

— Você teve sorte de não ter caído direto — disse Amy, parando para inspecionar o buraco. — Teria sido uma queda feia.

Até o inferno, pensou Piper, assentindo em concordância.

— Vem, gente — disse Margot, numa voz tão pequenina e trêmula quanto a de um mosquito. — Vocês não deviam estar aí em cima.

Pela primeira vez na vida Piper concordou com a irmã caçula e se levantou com pernas bambas. Sua canela direita latejava e estava coberta de sangue, pegajosa.

— Espere um pouco — disse Amy.— Tem alguma coisa aqui. — Ela se inclinou para baixo, para olhar melhor, e depois enfiou a mão no buraco do chão, deitando de bruços para alcançar mais fundo.

— Cuidado — avisou Piper, com medo de que o chão não aguentasse o peso da amiga e que ela caísse de cabeça, como Alice no buraco do coelho.

Amy retirou uma pequena mala verde-oliva dura.

— O que é isso? — perguntou Margot, inclinando-se para olhar melhor.

Amy não disse nada. Virou a mala de lado e abriu os fechos na lateral da alça com um ruído audível. Então parou, segurou a respiração e gentilmente abriu a mala.

Ali dentro havia roupas cuidadosamente dobradas. Amy retirou um vestido de gorgorão, meias-calças. Depois um pequeno moedeiro com um bolo de cédulas enroladas: cédulas de dez, de vinte, de cinco. No fundo do moedeiro havia um par de brincos de ouro com pedras verdes e um colar de pérolas.

— Uau — disse Margot. — Aposto que são esmeraldas e pérolas de verdade!

Amy observou aquilo por um instante, depois recolocou tudo dentro do moedeiro e continuou desfazendo a mala.

Por baixo das roupas havia um velho álbum de recortes, com as letras “SAS” escritas em caligrafia bonita e tinta preta. Amy o retirou com cuidado e começou a folhear as páginas secas. Estavam repletas de fotos de velhas estrelas do cinema recortadas de jornais e revistas. Piper teve a impressão de reconhecer algumas delas, mas não eram de ninguém famoso atualmente. Algumas tinham nomes escritos com esmero embaixo: Gary Cooper, Rock Hudson, Audrey Hepburn, Doris Day.

Amy remexeu no fundo da mala novamente e dessa vez retirou uma foto num porta-retratos: duas garotas; uma era extremamente linda, mais velha, com rosto fino e olhos intensos; a outra parecia mais uma sombra da primeira, com cachos escuros e desgrenhados e olheiras sob os olhos pesados. As duas estavam com

vestidos engomados e sorriam para a câmera com expressões igualmente rígidas, como se o fotógrafo lhes tivesse murmurado uma advertência: "Sorriam agora, droga." Cada uma segurava uma galinha aninhada em seus braços e as duas estavam diante de uma placa onde se lia, em letras pintadas: *O Mundialmente Famoso Circo de Galinhas de Londres.*

— É minha mãe e minha tia Sylvie — disse Amy. Ela pensou um instante. — Esta deve ser a mala de Sylvie, que ela levou quando fugiu.

— Mas por que a mala dela continua aqui? — perguntou Margot, enquanto elas olhavam para a pilha de roupas amarfanhadas dentro da mala. O cheiro era de mofo, de coisas esquecidas havia muito tempo.

Amy apanhou um vestido e o segurou de modo que ele oscilasse gentilmente, como uma bandeira, como uma mariposa voando. Se Piper fechasse os olhos de leve, quase conseguiria ver a garota loira da foto vestida com ele; ela estava sorrindo, mas, por trás do sorriso, seus olhos cintilavam com um aviso.

Devolvam, parecia dizer. *Se sabem o que é melhor para vocês, saiam daqui e esqueçam que encontraram isso.*

Jason

Jason ainda estava tentando entender o que havia visto na torre. Continuava repassando tudo em sua cabeça, um looping incompleto de uma fita que sempre terminava com Piper olhando para ele justamente quando Margot chamava seu nome. Então ele pensou em Amy. Será que ela estaria brava? Será que estava procurando por ele agora, querendo torcer seu pescoço, fazê-lo jurar que esqueceria o que tinha acabado de ver?

Depois de escapar de Margot, ele retornara para casa e jogara Nintendo por um tempo, mas sem conseguir se concentrar. Por isso, voltara escondido pela floresta até o hotel, bem a tempo de ver as meninas saindo da torre, discutindo. Parou onde estava, agachado atrás de uma árvore de bordo grossa.

Piper estava mancando, a perna sangrando.

— Precisamos contar para sua avó o que descobrimos — disse ela.

— Talvez até chamar a polícia. — Margot fez coro.

— Não! — ordenou Amy. — Não até que a gente descubra o que isso significa.

Jason apertou o corpo na árvore atrás da qual estava escondido.

Chamar a polícia? O que elas teriam descoberto?

Quando as meninas entraram na casa, Jason rodeou a mata, foi até o hotel e entrou no Quarto 4.

Aquele era seu quarto preferido para se esconder, porque a tranca estava quebrada e ele não precisava passar na recepção para apanhar a chave. Já tinha inclusive escondido algumas coisas embaixo da cama: binóculos, uma garrafa de Coca cheia de água, lanterna (caso um dia ele viesse ali à noite, coisa que ainda não tinha conseguido fazer) e um saquinho de sementes de girassol. Sua mãe não acreditava em alimentar ninguém com porcarias e, portanto, só lhe dava comida de passarinho: nozes, sementes, frutas secas.

Além desses itens, ele também guardava ali seus tesouros. Coisas de Amy que ele encontrara em volta da piscina: meio frasco de Coppertone, uma única argola de prata, um par de óculos escuros Wayfarer com armação de plástico vermelho. Ele acrescentara outras relíquias encontradas pelo hotel: uma caixinha de fósforos do Hotel da Torre, uma página do papel timbrado do local e um aro de chaves de

metal com uma única chave mestra que ele achara escondido, nos fundos de uma das gavetas da mesa da recepção.

De vez em quando ele fingia que morava no hotel. E que tinha acabado de chegar depois de um longo dia. Chutava longe seus tênis Nike e se deitava sobre a cama mofada com a colcha meio carcomida por traças, olhava ao redor e pensava que sorte a dele. Seu quarto. Seu banheiro, embora ali não tivesse água corrente e a banheira estivesse cheia de azulejos quebrados. Mas basicamente pensava em Amy. Em como um dia ela seria sua namorada, ele tinha certeza. Sua mãe sempre falava que, se você quisesse muito alguma coisa, era só visualizá-la; se você imaginasse que já tinha essa coisa, em breve ela seria sua. Sua mãe acreditava em coisas como mentalização e energia positiva. Nos espelhos da casa sempre havia bilhetinhos pregados onde se liam coisas como: "Estou vivendo meu sonho" ou "Coisas maravilhosas estão no meu caminho". Jason não tinha certeza da efetividade daquilo. Embora a mãe dissesse: "Sou rica como jamais sonhei" vinte vezes por dia, continuava naquele emprego de salário mínimo no asilo, limpando baba e mijo dos velhos.

Apesar disso, ele visualizava que Amy era sua namorada. Jason se concentrava com tanta força que sua cabeça chegava a doer. Talvez, quem sabe, o poder do pensamento positivo estivesse dando certo; afinal, ontem mesmo Amy Slater o beijara. E não tinha sido um selinho de nada, não — tinha sido um beijo de verdade. As línguas dos dois tinham se tocado (o que foi meio nojento, mas ao mesmo tempo excitante), e no fim ela mordera de leve o lábio inferior dele. Tá, talvez não tão de leve assim. Quando ele se viu no espelho naquela manhã, o lugar ainda parecia meio arroxeado e inchado, mas ele não estava nem aí. Continuou passando a língua sobre o inchaço, lembrando a sensação dos dentes dela.

Tudo tinha sido tão surpreendente que ele se perguntava se havia realmente acontecido. Se ele de fato havia encontrado Amy andando de patins sozinha no fundo da piscina ontem, se ela realmente o convidara a descer até ali.

— Vem cá — disse ela, num tom que mais parecia uma ordem do que um convite. — Você tem um cigarro?

Jason fez que não.

— Ah. Óbvio que não — disse Amy, desapontada, mas não surpresa: afastou-se patinando, de costas para ele.

— Mas posso conseguir — gritou Jason.

Ela parou no mesmo instante e deu um giro perfeito para ficar de frente para ele, sorrindo.

— É mesmo?

— Claro. Sem problemas.

Ela riu, patinou para a frente como um foguete e depois parou de repente, de lado, o rosto a centímetros do nariz dele.

— Quando? — perguntou.

— Hã… amanhã? Posso trazer os cigarros pra você amanhã. Quer dizer, se for tudo bem.

— Perfeito — respondeu ela, sorrindo. Olhou com intensidade para ele, inclinando primeiro a cabeça para a esquerda e depois para a direita, analisando-o de diferentes ângulos. — Ei, alguém já te disse que você é meio vesgo?

— Hã… não — gaguejou ele. Sentiu o rosto ficar vermelho.

— Ninguém tem o rosto perfeito — disse ela. — Nem as supermodelos. Sabia que nenhum rosto é simétrico? A metade esquerda do nosso nariz é completamente diferente da direita. Tipo aqui — disse ela, pressionando o dedo no lado esquerdo da boca dele. — Esse lado pode ser um pouquinho maior do que o outro ou se curvar um pouco mais. Acho que todo mundo é meio que uma abóbora de Halloween zoada.

Então ela se inclinou e o beijou, apesar de ele ser vesgo e de seu rosto ser assimétrico.

Se não fosse pelo lábio inchado, ele poderia dizer a si mesmo que inventara tudo aquilo. Pois a coisa acontecera tão rápido e terminara tão rápido também! Ela então se afastou patinando, dizendo:

— Tchauzinho, Jay-Jay. Não se esqueça dos cigarros da próxima vez.

E ele não havia esquecido. Tinha voltado para casa e roubado um maço do pacote de Marlboro do irmão. Assim que sua mãe fora trabalhar naquela manhã, ele vestira uma das camisetas do Ramones do irmão.

"Não sabia que você curtia os Ramones", poderia dizer Amy.

E ele então diria algo como: “Tem muita coisa sobre mim que você não sabe.” Ou talvez: “Sou um cara cheio de surpresas.”

Não; aquilo era ridículo demais, até mesmo para ele.

Ele tinha ido ao hotel e só encontrara Margot na piscina; então fora até a torre procurar Amy e lhe entregar os cigarros. Foi quando vira as duas. E esmagara sem querer os cigarros ao apertá-los com força demais, chocado.

Agora, deitado na cama na escuridão mofada, ele retirou o maço esmagado de cigarro do bolso e ficou imaginando o que as meninas estariam aprontando, o que teriam encontrado naquela velha torre caindo aos pedaços. Retirou um cigarro. Ainda estava fumável.

Talvez ele pudesse deixá-los para Amy em algum lugar. Seria um modo de dizer que não estava ressentido. De falar que não estava chocado com o que vira na torre.

Mas onde poderia fazer isso?

Em algum lugar que ele tivesse certeza de que ela iria.

A piscina? Não, às vezes a avó dela ia até lá para se sentar em uma das velhas cadeiras. Ela veria os cigarros e Amy poderia entrar numa fria.

A torre.

Ele os deixaria na torre!

Será que ela saberia que eram dele? Provavelmente. Talvez fosse bom deixar um recado também.

Ele deu um pulo, foi até a mesa. Encontrou um toco de lápis e um velho papel timbrado do Hotel da Torre.

Pensou sem parar no que ia escrever. Será que deveria comentar o que vira na torre? Lembrá-la do beijo que eles trocaram no dia anterior na piscina? Dizer que pensava nela o tempo todo? Que, o que quer que ela tivesse encontrado, ela poderia contar a ele — poderia confiar nele?

Seria melhor escrever em código?

Não. No fim, ele decidiu que ser simples era a melhor estratégia.

Ela gostaria mais disso do que alguma coisa idiota ou brega.

Finalmente ele escreveu o seguinte:

Cigarros, como prometido.
Espero te ver em breve.
— J

Espiou pela janela e viu que a barra estava limpa. Abriu a porta devagar, ouviu com atenção, olhou para os dois lados. As meninas ainda não tinham saído da casa.

Disparou pela trilha de carros e foi direto até a torre. Enquanto corria, pensou ter visto um movimento nas sombras ao redor da porta.

Será que as garotas tinham ido até lá sem que ele tivesse visto? Será que tinham voltado? Se sim, tarde demais: a essa altura já o teriam visto. Ele fingiria que estava tudo bem e diria a Amy que havia lhe trazido uma coisa. Continuou, foi até a porta da torre e espiou lá dentro.

— Olá? — gritou.

Nada. Ninguém.

No entanto, ele não conseguia afastar a sensação de que alguém havia estado ali. Quase podia sentir o cheiro.

— Tem alguém aí? — gritou de novo, olhando para o teto. Pensou em subir a escada para dar uma olhada nos dois andares acima, mas, de alguma maneira, não conseguiu reunir coragem.

Deixou os cigarros e o bilhete no meio do chão do térreo e saiu correndo da torre, pela trilha dos carros, em direção ao Quarto 4.

Piper

— Vó — disse Amy com sua voz mais doce —, conta pra gente sobre a tia Sylvie.

Elas estavam sentadas à mesa da cozinha dos Slater, compartilhando uma lata de Pringles e tomando uma Pepsi velha. Haviam escondido a mala de volta no piso da torre. Piper e Margot achavam que elas deviam levá-la direto à vó Charlotte, mas Amy discordou.

— Ainda não — disse. — Só quando tivermos mais informações. Não sabemos ainda o que isso significa, e não quero chatear a vovó sem motivo. Ela às vezes fica bem assustada quando o assunto é Sylvie.

Então as garotas deixaram a mala na torre e voltaram para a casa, onde foram direto até o banheiro para cuidar da perna de Piper. Amy derramou água oxigenada na ferida, que chiou e borbulhou dramaticamente, mas não ardeu, como ele prometera. Depois cobriu o ferimento com gaze e esparadrapo. As três contaram à avó da menina que Piper havia caído quando elas estavam andando de patins.

— Vocês precisam tomar mais cuidado — repreendeu vagamente vó Charlotte.

Piper estava tentando não pensar no quanto sua perna latejava. Não conseguia parar de rememorar Amy tirando a lasca de madeira da sua perna, um punhal afiado que ela tinha certeza de que havia chegado até o osso.

As batatas estavam com gosto de papelão salgado. Ela tomou um gole do refrigerante e se lembrou com uma sensação quente dos lábios de Amy nos seus.

A cozinha pareceu ficar abafada. Ela enxugou o suor com a mão.

Margot olhou para ela, preocupada, murmurando:

— Tá tudo bem?

Piper fez uma cara de zombaria para a irmãzinha. Claro que estava tudo bem.

— Conta pra gente por que Sylvie fugiu de casa — pediu Amy.

A avó estava de pé diante da pia, de costas para as meninas, cuja pele suada se grudava ao revestimento vinílico das cadeiras.

Vovó Charlotte estava usando um vestido leve que se enfunava ao redor de seu corpo magro como uma tenda com florezinhas azuis. Seu cabelo grisalho, manchado de amarelo, pendia em mechas escorridas. Um cigarro ardia num cinzeiro enquanto ela lavava os pratos. Piper observou o cigarro se consumindo sozinho, como um fusível. Logo o filtro começaria a arder e encher a cozinha com um fedor de reação química.

— Minha Sylvie era uma boa menina — disse vó Charlotte.

— Mas ela fugiu de casa — disse Amy. — Por quê?

O rosto de vó Charlotte se retorceu em silêncio, mas em seguida ela balançou a cabeça.

— Acho que nunca iremos saber — disse, puxando as luvas amarelas e revelando mãos encarquilhadas.

Piper pensou na foto que elas haviam encontrado na mala: duas garotas. Uma comum e gorducha com cabelos escuros e desalinhados; a outra, loira e linda. As duas, cada qual à sua maneira, tinham partido agora. Amy não se parecia nem um pouco com a mãe. Piper subitamente se deu conta de que ela parecia mais com a tia Sylvie, loira e radiante.

Piper olhou para Margot, que estava escutando tudo com educação, como a boa menina que sempre foi, sentada empertigada na cadeira. Piper sentiu uma onda breve de raiva: se sua irmã menor não tivesse aparecido por lá, se não tivesse ido até a torre procurá-las, ela nunca teria corrido e atravessado o chão. Elas nunca teriam encontrado aquela mala. Piper queria que a mala tivesse permanecido escondida. Tinha um pressentimento horrível sobre a coisa toda. A sensação tinha começado bem pequena, como uma dor de dente, mas agora atravessava seu corpo, pulsava junto com a dor real na canela. Quando Piper olhou para o curativo, viu que a mancha cor-de-rosa estava aumentando, parecia uma borboleta.

— Sylvie deixou um bilhete, não foi? — quis saber Amy.

A avó suspirou.

— Você conhece a história. E sabe que não gosto de falar sobre isso. Nem sua mãe. Se… *quando* ela voltar, não fale desse assunto com ela. Ela fica muito chateada.

— Eu sei — disse Amy. Por um segundo, Piper achou que Amy fosse chorar.

Pensou no quão pouco a amiga falava da própria mãe.

— Ela é uma beberrona — dissera a Piper certa vez, quando Margot não estava por perto. — Vovó diz que não é culpa dela. Que algo se quebrou dentro de mamãe e que o único jeito que ela conhece de se sentir melhor é bebendo. Só que eu acho que ela é louca e pronto, bêbada ou não. Uma vez, quando era bem pequenininha, eu acordei e vi minha mãe parada do lado da minha cama. Estava segurando uma corrente velha e parecia uma louca. Comecei a gritar e chorar, porque tinha certeza de que ela ia me matar. Vovó apareceu e perguntou o que ela estava fazendo. Mamãe só ficava dizendo que "precisava saber". Não tenho a menor ideia do que ela estava falando. Aí ela simplesmente se virou e foi embora. Sumiu, e a gente ficou sem ver mamãe por quase um ano daquela vez.

Piper pensou em como devia ser horrível e triste ter uma mãe viva que, fosse lá por que motivo, não podia ser sua mãe. Tinha curiosidade de saber onde Rose estava, se pensava na filha todos os dias ou se esquecia sua existência.

— Por favor, vó — pediu Amy, enquanto recuava a cadeira da mesa. — Me conte só mais uma vez. A senhora encontrou o bilhete que Sylvie deixou, não é?

Sua avó soltou o ar ruidosamente e depois assentiu, fechando os olhos, como se fosse mais fácil contar a história no escuro.

— Eu acordei naquela manhã com sua mãe chorando, aos berros, como se fosse o fim do mundo. Fui ao quarto delas e vi que a cama de Sylvie estava vazia. Sua mãe estava tão abalada que mal conseguia falar. O armário estava aberto, e a maioria das roupas de Sylvie havia sumido. Então eu encontrei o bilhete. Estava na máquina de escrever. Em cima da mesa dela.

— O que estava escrito? Você se lembra?

— Que ela não podia mais ficar aqui. Que ela nos amava e esperava que entendêssemos. Prometia entrar em contato assim que se ajeitasse.

— Mas ela nunca fez isso, né? — indagou Amy.

— Não. — A avó estremeceu levemente. — Nunca escreveu nem uma palavra sequer.

— Tem certeza? Tem certeza de que minha mãe nunca recebeu notícias dela?

— Sim.

— Você acha que é pra lá que minha mãe vai? — perguntou Amy, com a voz baixa, puxando a pele ao redor da unha do polegar. — Quando ela não está aqui? Acha que talvez ela esteja procurando Sylvie?

— Ah, meu amor — disse vó Charlotte, vindo para trás de Amy e abraçando os ombros da menina. A menina, porém, apenas enrijeceu o corpo, sentando-se ainda mais empertigada.

— Você ainda tem o bilhete? — perguntou. — O bilhete de Sylvie?

A avó de Amy estreitou os olhos, desconfiada.

— Que importância isso tem?

— O que vocês fizeram com as coisas dela? As coisas que ela deixou pra trás?

Sua avó voltou a se virar para a pia e puxou a tampa do ralo.

— Não sei. Não sobrou muita coisa. Uma parte deve estar no sótão, eu acho. Seu avô e eu limpamos o quarto delas, colocamos tudo o que era de Sylvie num baú. Achamos que isso iria ajudar a coitada da Rose. Ela ficou tão arrasada pela partida da irmã que achamos melhor ela não ficar perto daquelas coisas, que a faziam se lembrar de Sylvie.

O último som da água sendo sugada pelo ralo reverberou, um som alto e terrível.

O sótão cheirava a poeira e ratos. Piper teve certeza de que conseguia ouvir o som fraco de coisas se arrastando pelas sombras, sentia olhinhos redondos sobre si. Torceu para que fossem apenas ratos e não algo maior, mais perigoso.

Seria mesmo apenas de coisas se arrastando, aquele som?

Ou será que ela estava ouvindo uma respiração tênue vinda do canto mais escuro, onde a luz não alcançava?

— Não gostei deste lugar — reclamou Margot.

— Então volta pra casa. Ninguém está te impedindo — retrucou Piper. Ela também estava morrendo de vontade de dar o fora dali, mas não admitiria isso para Amy de jeito nenhum.

Margot olhou a irmã de um jeito que dizia: “De jeito nenhum, não sem você”. A mãe das duas estava no trabalho e depois iria direto para a aula — ela estava estudando Direito, meio período. Repetia sem parar que estava fazendo aquilo

por elas. Assim poderia arrumar um emprego melhor, ganhar mais dinheiro, fazer a diferença no mundo — não era isso o que as filhas queriam dela?

Na verdade, não, Piper sempre teve vontade de dizer. O que ela queria era ter uma mãe mais parecida com uma mãe, alguém que estivesse em casa quando elas chegavam da escola, que preparasse um jantar de verdade, em vez de esquentar uma lasanha congelada ou um hambúrguer no micro-ondas. Uma mãe que não obrigasse Piper a ficar com a Margot boazinha e perfeitinha o dia inteiro, acontecesse o que acontecesse. Isso chateava um pouco Piper; era como se ela fosse uma babá sem salário.

— Ah, sua irmã não é assim tão ruim — dizia Amy. — Na verdade, ela é bem legal.

Amy, às vezes, dizia que tinha vontade de ter uma irmã menor, ou qualquer irmão ou irmã, aliás. Ela dizia que era uma bosta ser filha única; um erro.

— Minha mãe me contou uma vez que eu fui isso, um erro — confessou ela para Piper. — Que ela nunca quis ter filhos. Que ficou grávida sem querer. Nunca quis nem me contar o nome do cara.

Piper achou aquilo uma coisa cruel de se dizer a um filho, ainda que fosse verdade.

— Tem muito lixo aqui em cima — disse Amy agora, soprando o pó de outra caixa de papelão. Ela já tinha aberto meia dúzia de caixas e não encontrara nada de útil — só roupas de bebê, revistas *Life* antigas, panos de prato manchados e louças lascadas.

Havia um sofá velho coberto por um lençol, uma máquina de costura com mesa, quebrada, um armário de madeira que estava vazio, a não ser por algumas bolinhas de naftalina, e um grande baú de madeira pesada com uma malinha no topo. Amy apanhou a pequena mala quadrada e abriu os fechos.

— Que demais! É uma máquina de escrever — exclamou ela, puxando a capa e revelando uma máquina de escrever prateada com teclas verdes. *Royal*, dizia em letras prateadas na frente. E atrás: *Quiet De Luxe.* — Caramba, aposto que era a máquina de escrever da Sylvie! Aquela em que ela escreveu o bilhete de despedida! — Amy pressionou algumas teclas, e os braços com as letras moveram-se para cima e ficaram presos, emaranhados. Ela colocou a máquina no chão e abriu o baú. — Bingo — disse.

Dentro, encontraram roupas: um casaco de lã de inverno, sapatos Oxford bicolores, vestidos e cardigãs, algumas combinações, três camisolas brancas. Havia um troféu de boliche, um certificado por vencer o concurso de soletração da London High: *Conferido a Sylvia Slater no dia 13 de março de 1959,* estava escrito em caligrafia rebuscada.

— Essas coisas devem ser da Sylvie, com certeza — disse Piper.

— O que ela deixou pra trás — arrematou Amy, olhando para baixo enquanto retirava tudo do baú.

Piper se perguntou o que ela escolheria levar consigo caso resolvesse fugir.

Amy: você levaria a Amy.

Idiota, pensou.

Amy desfez o baú. Um punhado de livros estava enfiado num dos cantos dos fundos: *Contos de fadas dos Irmãos Grimm*; um livro chamado *Beleza, glamour e personalidade*, que parecia ser um guia de maquiagem e cabelo; alguns moldes de vestido; e então, lá no fundo, uma brochura gasta e manchada: *Dominando a arte e a ciência do hipnotismo.* Amy retirou o livro do baú e o abriu.

— Dá uma olhada na dedicatória.

Para Sylvie, a maior hipnotizadora de galinhas do mundo. Com amor, do Tio Fenton. Natal de 1954

— Quem é Fenton? — perguntou Piper.

— Acho que era o tio da minha tia, sei lá. Ele morou naquele trailer dos fundos por algum tempo.

Piper nunca tinha dado muita atenção àquele trailer, que ficava no meio de um campo de grama crescida logo atrás da casa de Amy, misturado a todo o resto de lixo: uma picape enferrujada sem pneus, uma moto construída pela metade, um tanque a óleo enferrujado, um trator sem assento e algumas televisões sem os tubos, todas reviradas.

— Fenton é um nome esquisito — comentou Margot.

— Acho que era um sobrenome ou algo assim — disse Amy. — Não sei muito sobre ele. Tem umas duas fotos dele com minha mãe, Sylvie e meus avós. Ele trabalhava no hotel, era tipo o faz-tudo do lugar. Meu pai era o homem das ideias, mas Fenton é que colocava as coisas em prática. Vovó me contou uma vez que,

depois que Fenton foi embora, tudo começou a cair aos pedaços. Aposto que, se eu perguntar, ela me conta mais sobre ele.

— Você já entrou no trailer? — quis saber Piper.

Amy fez que não.

— Tem um cadeado enferrujado enorme na porta. E o teto desmoronou. Aquele trailer está abandonado há milhões de anos, mas acho que vale a pena dar uma olhada e ver se conseguimos encontrar um jeito de entrar. — Ela folheou o livro de hipnotismo. — Ei, vejam só isso! Sylvie sublinhou alguns trechos, fez anotações nas margens.

Ela ergueu o livro, e Piper viu que, no pé da página 75, Sylvie havia escrito com uma bela letra cursiva: *"23/9/55: Tentei uma sugestão pós-hipnótica com Rose. Deu certo! Vou continuar meus experimentos."*

— O que é sugestão pós-hipnótica? — perguntou Margot.

— É quando alguém diz para você fazer uma coisa quando está hipnotizado e depois de algum tempo você faz essa coisa, como se não estivesse mais sob efeito da hipnose — explicou Piper. — Acho que a pessoa não faz a menor ideia disso.

— Nossa, parece algo meio malvado — disse Margot.

Amy fechou o baú, mas continuou segurando o livro.

— Pode ser — concedeu ela —, mas também é bem legal ter esse tipo de controle sobre alguém. Quer dizer, quem sabe o que você pode obrigar uma pessoa a fazer, hein?

— Me lembre de nunca deixar você me hipnotizar — brincou Piper.

Amy sorriu.

— Ah, dá um tempo, aposto que você está morrendo de vontade de me deixar tentar — disse ela, olhando bem fundo nos olhos de Piper. — Quem sabe o que eu posso obrigar você a fazer ou dizer? Você estaria sob meu completo controle.

— De jeito nenhum — disse Piper, olhando para o lado, o rosto ardendo ao pensar como seria aquilo, entregar-se tão inteiramente a outra pessoa, fosse por vontade própria ou não.

Jason

Fazia horas que Jason estava sentado à janela do Quarto 4, observando a casa e a torre. Tinha visto Piper e Margot saírem, rodearem a piscina e pegarem a trilha da floresta a fim de voltar para casa. Amy, entretanto, não tinha saído. Ele esperou por um longo tempo, mas agora estava muito tarde; precisava ir embora. Seu relógio de pulso dizia que eram 6h05. Sua mãe o mataria se ele não estivesse em casa na hora do jantar, e além disso ele precisava mijar. Por mais tentador que fosse, não dava para usar o banheiro do Quarto 4 — não havia descarga.

Ele abriu a porta, olhou para a direita e para a esquerda e ficou à escuta. Só ouviu o vento nas árvores. Um caminhão passando pela estrada.

Planejara sair correndo por trás do edifício e rodeá-lo até alcançar a trilha da floresta. Se desse certo, dali a cinco minutos ele estaria em casa. Entretanto, assim que seus pés pisaram a trilha de carros, não pegaram esse caminho.

Ele saiu correndo pelo cascalho e seguiu até a torre, só para dar uma espiada.

— Não acredito! — exclamou alto ao espiar o assoalho de tábuas largas. — Não acredito mesmo!

O maço de cigarros e o bilhete haviam desaparecido.

O que era impossível.

Ele estivera observando a torre.

Ninguém tinha entrado ou saído.

— O que você está fazendo aqui?

Ele girou o corpo e viu Amy caminhando pela trilha de carros na sua direção.

— Nada. Eu… Eu deixei uns cigarros pra você. Você apanhou?

— Cigarros? Não, não vi cigarro nenhum.

— Eu deixei lá na torre.

Ela se aproximou, enfiou a cabeça para dentro da porta da torre.

— Bom, então cadê eles?

— Sumiram. E não faz nem duas horas que eu deixei eles lá. Se não foi você, então quem foi?

— Sei lá. Alguém deve ter aparecido e catado os cigarros.

— Mas ninguém entrou nem saiu dessa torre! Eu estava olhando!

— *Olhando?* — Ela olhou da porta da torre para o rosto dele, que de repente começou a arder intensamente. — Fique longe da torre, Jay-Jay — disse ela, irritada.

Jason fez que sim. Recuou um passo, para longe de Amy e em direção à sua casa. — Mas eu só queria te entregar os…

— Não quero te ver nem chegar perto desse lugar. É proibido. Piper quase morreu atravessando o chão aqui hoje. Não é seguro. Entendeu?

— Tudo bem — disse ele, e Amy sorriu e bagunçou o cabelo dele.

Pela primeira vez, ele tinha feito a coisa certa.

2013

Jason

Jason bebia seu café puro enquanto Piper ia de um lado a outro na cozinha: bateu os ovos com o leite, mergulhou fatias de pão duro na mistura e depois colocou-as com cuidado na frigideira, onde chiaram sobre a manteiga. Na bancada, havia uma enorme tigela de vidro trabalhado com salada de frutas que ele e Margot tinham ganhado de presente de casamento e só usavam em ocasiões especiais.

Margot permanecia deitada na cama, descansando, exatamente como recomendado.

Ele ainda era uma piada para Piper. Percebia isso pelo modo como ela o observava, esperando que ele desse alguma mancada, que desapontasse Margot. Havia um ligeiro ar divertido — zombeteiro, até — na maneira como ela olhava e falava com ele, como se ainda fosse aquele menininho estranho.

Piper tinha mentido quando lhe disse que não sabia o que significava "29 Quartos". Aquilo tinha algum significado para ela, sim, e para Margot também. Dava para ver ali uma faísca de reconhecimento, talvez até uma pontada de medo. Ele entendia o fato de Piper esconder a verdade, mas Margot nunca havia mentido para ele antes. Talvez ela acabasse cedendo e confessasse, mas ele não a pressionaria. Não queria se arriscar a desapontá-la, a fazer com que sua pressão se elevasse.

Jason mordeu a parte interna da bochecha e sentiu vontade de fumar um cigarro, mas nunca o fazia na frente de Margot (embora de vez em quando ela sentisse o cheiro nele) e jamais sonharia em acender um ali na cozinha. Esperaria até estar sozinho na picape.

Culpava Amy por fumar. Afinal, seu primeiro cigarro não tinha sido do maço que ele roubara para dar a ela? E, tempos mais tarde, quando eles já estavam no ensino médio, os dois sempre fumavam juntos, chegando até a dividir o mesmo cigarro. Tinha algo de tão íntimo naquilo, quase mais íntimo do que quando dormiam juntos.

Eles nunca chegaram a oficializar nada. Não faziam o que os outros casais faziam — ir ao cinema, andar de mãos dadas nos corredores da escola, sair para lanchar na sexta à noite e dividir um cachorro-quente com chili e uma banana split.

— Eu não acredito em monogamia — disse-lhe Amy certa vez, depois de transarem. Era quando estavam deitados juntos no escuro, fumando, que ela lhe contava seus sonhos e segredos. Todas as barreiras caíam e ela falava sobre toda e qualquer coisa. — E você, acredita?

— Sei lá. — Ele encolheu os ombros, mas, por dentro, desejava que ela fosse sua namorada e usasse um anel de compromisso e que os dois fizessem todas as coisas bregas que os outros casais faziam.

Foi Amy quem o incentivou a convidar Margot para a festa de formatura do ginásio, depois de recusar o convite dele com um não sem rodeios: de jeito nenhum ela pisaria numa festa de formatura na vida.

— Você devia convidar a Margot. Ela é loucamente apaixonada por você desde, sei lá, a terceira série.

Ele fez que não.

— E se a gente se encontrasse e fizesse nossa própria festa de formatura?

— Jay-Jay — disse ela, em tom de repreensão. — Estou falando: convide a Margot. Mais cedo ou mais tarde você precisa arrumar uma namorada de verdade. Precisa fazer essas coisas, ir à festa de formatura, levar uma garota pra sair como se deve, sabe? É o que as pessoas normais fazem.

— Talvez eu não tenha vontade de ser normal — retrucou ele.

Ela zombou:

— Ah, tem sim.

Agora lá estava ele, levando uma vida normal. E sabe de uma coisa? Amy tinha razão: estar com Margot, ter uma casa, um emprego estável, um bebê a caminho, tudo isso lhe parecia certo e o deixava feliz. Como se ele tivesse, finalmente, seu próprio cantinho no mundo.

Às vezes, a intensidade de seu amor por Margot o pegava desprevenido, deixava-o sem ar. Ultimamente ele andava tendo vários desses momentos, quando simplesmente olhava para ela, imaginava o bebê, *seu filho*, crescendo dentro do corpo dela e pensava como em breve eles iriam conhecer aquele ser pequeno e se tornariam uma família. E a tarefa dele era protegê-los, dar-lhes segurança.

Quando Jason decidiu entrar para a polícia de Londres, logo depois do casamento, Margot odiou a ideia.

— Meu Deus do céu, Jason! E se você levar um tiro? Não quero ser viúva com 20 e poucos anos.

— Aqui em Londres? — Ele riu. — Nada de ruim acontece por aqui. Acho que nunca aconteceu nem um assassinato sequer.

Jason pensou sobre isso agora, enquanto bebia seu café. A cena do crime estava vívida em sua mente. Amy estirada no chão, toda retalhada, com um rifle ao seu lado. Eles haviam descoberto uma faca de cozinha na mão de Mark. A teoria é que os dois tinham brigado, e ele a esfaqueou para tentar se defender antes de ela lhe meter um tiro na testa. Depois, segundo imaginavam, ela teria atirado em si mesma também.

Só que tinha algo que não estava batendo.

Noite passada, Tony Bell, o chefe de polícia, contou a ele que os ferimentos de Amy não tinham sido provocados por aquela faca.

— Quer dizer que havia outra arma? — perguntou Jason.

Tony fez que não.

— O legista disse que nunca viu nada igual. Parecem marcas de garras. E os corpos das outras duas vítimas, o marido e o menino, também tinham as mesmas marcas, além dos ferimentos de bala.

O barulho de um prato o assustou. Piper se virou, mostrando-lhe uma pilha de rabanadas e de salada de frutas — as framboesas sangravam sobre o melão-cantalupo, as uvas verdes o fitavam.

— Ah, não; obrigado — disse ele, bebendo o restinho do café e se levantando. — Parece delicioso, mas preciso correr.

Ele foi até o quarto.

— Preciso chegar mais cedo no trabalho hoje — avisou.

— Ah, de novo? — perguntou Margot, dando-lhe um sorriso compreensivo lá da cama, enquanto ele se inclinava para se despedir dela com um beijo. — Você está com uma cara de exausto; anda trabalhando demais.

De repente ele sentiu uma imensa vontade de contar tudo para ela: que ele não ia entrar mais cedo no trabalho; que iria à Casa de Reabilitação e Saúde Fox para

visitar a mãe de Amy, porque uma semana antes ela havia lhe telefonado e pedido que ele fosse até o hotel. Que Amy lhe revelara uma maluquice que a mãe havia lhe dito, algo em que ele não conseguia parar de pensar desde a noite passada, quando Tony lhe contara que tudo indicava que Amy não fora esfaqueada, mas retalhada com garras.

Mas lá vinha Piper com uma bandeja trazendo o café da manhã e ali estava sua doce e frágil esposa, que ficaria arrasada se soubesse que ele tinha ido ver Amy sem lhe contar nada.

Por quê?, perguntaria ela. *Por que você iria vê-la sem me contar nada?*

Era uma pergunta que ele havia feito a si mesmo várias e várias vezes. Uma pergunta que ele tinha medo de se permitir responder. Os segredos que guardava o faziam sentir-se podre, venenoso; eram algo sombrio que crescia dentro de si, um câncer profundo.

— Ei, você e Amy não saíam juntos na época da escola? — perguntara McLellan na manhã em que a equipe do médico-legista transportava o cadáver para fora do hotel num saco.

Todo o corpo de Jason se enrijeceu.

— Não — respondeu ele. — Não exatamente.

— Tem certeza? Eu me lembro de vocês dois juntos. Você até levou a Amy pra ponte Belmont uma vez, posso jurar.

Jason sentiu o rosto arder. Lembrava-se de estacionar o carro (o velho Impala de sua mãe) na ponte Belmont, para onde todos os jovens iam de carro para se chapar, tomar cerveja e zoar. Lembrava-se do rádio tocando baixinho — provavelmente uma fita cassete que Amy trouxera, com Smashing Pumpkins, Throwing Muses, Nirvana, todas essas bandas que Jason fingia curtir mas não curtia. Isso não tinha a menor importância, porém, porque a mão de Amy estava na coxa dele, seus dedos subindo e descendo, provocativos como as pernas de uma aranha, dando a entender que talvez não chegassem ao lugar que ele queria que chegassem.

Jason engoliu em seco ao olhar o saco preto de cadáveres sendo colocado no furgão.

— A gente saiu uma ou duas vezes. Fomos ao cinema, coisas assim. Mas foi tudo sem importância, nem me lembro direito.

McLellan acendeu um cigarro, o rosto iluminado pelas luzes azuis piscantes das viaturas de polícia estacionadas na trilha de carros. Não disse mais nada; resolveu apenas deixar a coisa de lado. Até onde Jason sabia, ele não mencionara aquele fato a ninguém mais que estava trabalhando no caso. Jason decidiu que era melhor guardar segredo sobre a visitinha que fizera a Amy no hotel na semana anterior, também. Se contasse, haveria perguntas e, apesar de estar absolutamente claro que ele não tinha feito nada de errado, a coisa não pareceria certa: o policial Jason Hawke, casado e com a mulher grávida, saindo escondido para visitar uma ex-namorada. Londres era uma cidade pequena, e a memória das pessoas era ampla. Embora Amy tivesse se assentado, várias pessoas se lembravam de sua adolescência de *bad girl*. A notícia se espalharia, e Margot acabaria descobrindo. Ele não queria que nada daquilo acontecesse.

Agora, enquanto dirigia até o asilo, repassou a conversa daquela visita a Amy pela centésima vez, tentando se lembrar de cada detalhe.

Ela o conduzira até a cozinha, servira um café.

— Você está com uma aparência boa — comentou ela, e o rosto dele ficou vermelho. — Em forma. Saudável. Como está Margot?

— Ótima — respondeu ele.

— E quando nasce o bebê?

— Daqui a umas três semanas.

Amy revirou a caneca de café, o dedo enganchado na asa. Ela com certeza não o chamara até ali só para falar sobre Margot e o bebê, certo? Talvez fosse bom ele imitá-la e perguntar sobre Mark e as crianças, mas não conseguiu.

— Bem. Você disse que queria conversar sobre um assunto… — incitou ele.

— Pois é. Desculpe, não sei bem como começar. Só não tinha mais ninguém a quem recorrer. Sinto que preciso de… sei lá, da perspectiva de alguém são, racional. Alguém que seja objetivo, independente da situação.

Jason riu.

— E você resolveu procurar a mim?

Amy sorriu.

— Você sempre foi o ser humano mais racional que conheci na vida. Você analisa tudo, pesa as evidências com cuidado. Não deixa as emoções

atrapalharem sua linha de raciocínio.

Ele balançou a cabeça. Ah, como ela estava errada. O próprio fato de ele estar sentado àquela mesa de cozinha era uma prova disso. Jason sabia que era melhor ir embora, dar uma desculpa qualquer e sair, mas não conseguia fazer isso. O fato é que uma pequena parte dele estivera esperando a vida inteira por aquele momento: que Amy lhe telefonasse, dissesse que precisava dele. Ridículo.

— Você ficou sabendo que internei minha mãe em Foxcroft? — perguntou ela.

— Não, sinto muito. O que aconteceu?

Ele nunca havia conhecido Rose Slater pessoalmente, mas a vira muitas vezes no centro da cidade desde que ela voltara, e Margot lhe contara algumas coisas. Quando eles eram crianças, Rose não aparecia com frequência; Amy nunca falava sobre ela, mas corriam boatos que ela tinha problemas com álcool, que talvez até já tivesse sido internada num hospital psiquiátrico. Aí, depois de passar anos sabe Deus onde, Rose reapareceu logo depois do nascimento da filha de Amy e fora morar com a família dela. Ajudara Amy e Mark a criarem Lou e depois o bebê Levi. Margot dissera que Amy estava felicíssima por ter a mãe em sua vida e que ela estava se saindo uma excelente avó. Houve boatos no início, gente se perguntando onde Rose estivera durante todos aquele tempo, como ela podia ter ido embora e abandonado a filha com a velha Charlotte naquele hotel esquisito. Segundo Margot, porém, toda a fofoca logo se tornou positiva: *Rose não está ótima? Ela deve ter estado em alguma clínica chique de reabilitação no oeste. Talvez tenha virado religiosa. Ouviram dizer que ela vai organizar uma venda de bolos para o ensino fundamental? Além disso, agora ela é a líder de tropa das bandeirantes! Isso só comprova como qualquer um pode mudar.*

— Ela sofreu uma queda ou algo assim? — perguntou Jason. — Minha avó quebrou o quadril e teve de passar um tempo num asilo, mas, depois que melhorou, voltou para a própria casa e aí…

— Minha mãe não quebrou o quadril — disse Amy, abruptamente. Levantou-se, foi até a bancada e apanhou um maço de cigarros. Depois de sacudir o maço para retirar um, estendeu o maço para Jason.

— Claro — disse ele, embora mal houvesse fumado desde a época do colégio; só um ou outro maço quando se sentia estressado ou estava sobrecarregado demais com o trabalho.

Ela se recostou na cadeira, estendeu-lhe um cigarro, acendeu-o para ele e colocou o cinzeiro na mesa entre os dois.

— Então, o que aconteceu? — quis saber Jason.

— Ela de repente ficou maluca — respondeu Amy. — Os médicos acreditam que seja alguma espécie de demência.

Jason tragou a fumaça até os pulmões e soltou-a bem devagar.

— Achei que as coisas estivessem indo bem. Ouvi falar que sua mãe estava ótima.

— E estava mesmo! Ela estava sendo sensacional. Era como se… como se finalmente eu tivesse uma mãe, entende? Como todo mundo. Só que então, dois meses atrás, ela começou a falar umas coisas bem estranhas. Coisas totalmente malucas.

— Tipo o quê? — indagou Jason.

— Ah, que existem *monstros.* — Amy riu, mas não parecia estar achando nada engraçado. — Monstros de verdade, com garras, dentes e toda essa baboseira, e que talvez houvesse um lá no hotel. Disse que, se a gente não fizesse alguma coisa, em breve algo terrível poderia acontecer.

— Uau — disse Jason. — Ela andava bebendo?

— Acho que não. Nunca vi minha mãe beber, pelo menos; nem nunca senti cheiro de álcool nela. Bem, ela estava me deixando apavorada, assustando as crianças. Às vezes elas acordavam no meio da noite, e ela estava ali no quarto, ao lado da cama, observando enquanto elas dormiam. Mark perguntou o que, em nome de Deus, ela estava fazendo, e ela respondeu que estava protegendo os netos. Montando guarda. Protegendo todos nós dos *monstros.* — Amy fez um gesto teatral de aspas com aquela última palavra.

— Nossa. Parece terrível. Sinto muito — disse Jason.

Amy assentiu.

— Nós a levamos a um médico. Eles a internaram no hospital e fizeram toda sorte de exames, mas não encontraram nada físico… Não havia nada que eles pudessem fazer e blá-blá-blá. Então ela recebeu alta. Mark não queria que ela voltasse para a nossa casa; achava que não era seguro minha mãe ficar perto dos nossos filhos, por isso nós a internamos no asilo. Lá ela está sendo bem cuidada.

— Provavelmente foi melhor assim — comentou Jason.

Amy retirou outro cigarro do maço e o acendeu com a ponta do primeiro, que ainda estava aceso. Suas mãos estavam trêmulas.

— O negócio é que… — disse ela. — O que eu não disse a ninguém, nem mesmo a Mark… — Ela suspirou, enchendo-se de coragem, obviamente preparando-se para o que estava prestes a dizer. — Eu estou começando a acreditar que talvez minha mãe não seja louca, que talvez… talvez… ela tenha razão.

Jason apagou o cigarro.

— Razão sobre o que, exatamente? — Ele manteve a voz baixa e monocórdica, como fora treinado para fazer ao conversar com pessoas mentalmente perturbadas. Seria possível que ela estivesse realmente falando sério? Ela não podia estar prestes a lhe dizer que existiam monstros!

Amy esticou o braço sobre a mesa e segurou a mão dele.

— Não posso dizer isso a mais ninguém, Jay-Jay — disse ela, baixinho. Seus olhos estavam marejados de lágrimas. — Talvez eu também esteja louca, mas eu não acho que…

— Mamãe? — cantarolou uma vozinha atrás deles.

Amy retirou a mão abruptamente da dele e enxugou os olhos.

— Lou? O que você está fazendo em casa?

Jason se virou e viu uma menininha na porta da cozinha, com uma mochila cor-de-rosa pesada. Supôs que tivesse uns 8 ou 9 anos. Era uma réplica perfeita da mãe, só que mais chamativa, com roupas e tênis cheios de brilhos, em tons de rosa e roxo.

— A turma foi liberada mais cedo porque tinha reunião de professores. Eu trouxe um recado na agenda semana passada falando disso, *não lembra?* — Ela parecia vagamente irritada, como se Amy esquecesse aquele tipo de coisa o tempo inteiro.

— Acho que não — disse ela, com um suspiro. — Desculpe, meu amor.

Lou olhou para Jason.

— Quem é esse?

Amy se levantou.

— É meu amigo, Jason. Mas pode chama-lo de Jay-Jay. Jay-Jay, esta é minha filha, Lou.

— Não sabia que você tinha um amigo policial — comentou Lou.

— E eu não sabia que sua mãe tinha uma pequenina tão linda — disse Jason, sorrindo para Lou.

Lou olhou para Jason.

— Não sou pequenina. Tenho 10 anos. São dois dígitos.

Jason concordou.

— Tem razão. Você já é grande.

— Você é amigo do meu pai, também? — quis saber ela.

— Claro — respondeu Jason, olhando para o relógio de pulso. — Preciso voltar para a delegacia. Foi um prazer conhecer você, Lou. Obrigado pelo café, Amy. Não precisa me acompanhar até a porta.

— Obrigada pela visita — gritou Amy. — A gente se fala em breve. Mande um beijo pra Margot.

— Eu sei quem você é — disse Rose, olhando-o com olhos escuros. — E sei por que veio.

Seu cabelo grisalho estava preso numa trança bem apertada. Sua pele era branca como porcelana e surpreendentemente sem rugas — só um discreto pé de galinha. Ela estava sentada na cama; do outro lado do quarto havia uma televisão ligada num canal de compras. O cômodo cheirava a talco e água sanitária, mas embaixo desse odor havia outro — de musgo, fétido.

Jason mal podia esperar para dar o fora da Casa de Repouso e Reabilitação Foxcroft. Estava começando a achar que tinha sido um erro ir até lá. A enfermeira da recepção lhe disse que Rose tinha dias bons e ruins, que andava confusa e agitada. Eles a haviam pegado vagando nos corredores à noite, sem saber onde estava, por isso colocaram um alarme na cama dela para sua própria segurança. Também aumentaram as doses de medicação, na tentativa de deixá-la mais calma e tranquila.

— Ah, é? E por que eu vim, então? — perguntou ele, mais parecendo um garotinho ofendido. Estava perdendo seu tempo. Aquela mulher era demente; até

a enfermeira confirmara isso. Os anos de bebedeira contínua e de seja lá o que mais que ela tomara haviam danificado seu cérebro, interrompido as sinapses.

Mas ele devia a Amy que o assunto fosse verificado, não é?

Continuou repassando na cabeça o que Amy lhe dissera naquela tarde: "Estou começando a achar que minha mãe não é louca. Que talvez… talvez… ela tenha razão."

Rose, que estava sentada em sua cama metálica de hospital, respirou fundo e expirou lentamente.

— Você veio porque quer saber o que eu sei.

— Ótimo — disse Jason, abrindo as mãos, com as palmas para cima. — Então me conte. O que a senhora sabe?

Ela o olhou da cabeça aos pés.

— Eu gostaria muito de lhe dizer, Jason. De verdade. Mas não tenho certeza se você está preparado para ouvir.

Jason deu um passo em direção à porta. O olhar enlouquecido e maligno daquela mulher lhe disseram tudo o que ele precisava saber. Ela estava tantã. Talvez Amy também estivesse. Talvez fosse uma espécie de pensamento ilusório genético. Loucura correndo nos genes da família.

— Foi ótimo revê-la, Sra. Slater. — Ele inclinou o quepe do jeito que os idosos pareciam gostar de ver e começou a sair do quarto.

— Senhorita — corrigiu ela.

— O quê?

— Eu nunca me casei. O pai de Amy não significou nada. Era um zé-ninguém. Não valia a pena passar nem sequer um dia inteiro com ele, que dirá a vida inteira. "Slater" é meu nome de solteira.

— Sim, senhora. Peço desculpas.

— Sabe alguma coisa da minha neta, Jason? Onde eles a colocaram?

— Ela está bem — respondeu Jason. — Segura.

— Segura! — repetiu Rose, incrédula.

— Só passei para ver como a senhora estava — disse Jason. — Preciso voltar ao trabalho. Cuide-se bem.

Virou as costas para ela e começou a sair.

— *Jason* — chamou Rose, quando ele chegou até a porta e estava prestes a fazer sua escapada pelo corredor, passando pela recepção da enfermaria, pelas portas da frente e alcançando o ar fresco. Pensou vagamente que poderia fingir que não tinha ouvido: como seria fácil apenas continuar andando, rápido, determinado; teria de se concentrar em não deixar a coisa parecer uma corrida no estilo estou-dando-o-fora-daqui.

— Sim? — perguntou ele, virando-se. Sua mãe o ensinara a respeitar os mais velhos, a ser educado, sempre. Quanto mais alguém estivesse debilitado fisicamente, mais compaixão merecia. Além disso, aquela não era simplesmente mais uma velha senil: era a mãe de Amy. Merecia mais do que aquilo, sendo maluca ou não.

— Não vai me perguntar se sei o que "29 Quartos" significa?

A foto com a mensagem não tinha sido divulgada para a imprensa. Ninguém deveria saber nada a respeito, exceto a equipe de policiais trabalhando no caso.

Ele olhou intensamente dentro dos olhos dela, que pareciam poças de tinta negra.

— A senhora sabe?

Ela sorriu.

— Você acredita em monstros, Jason?

— Não, senhora — respondeu ele.

— Minha filha também não acreditava — disse Rose, levantando uma sobrancelha. — E olhe o que aconteceu com ela.

1955



Sr. Alfred Hitchcock
Paramount Studios
Hollywood, Califórnia

9 de setembro de 1955

Prezado Sr. Hitchcock,

Sou eu de novo: Sylvia Slater, de Londres, Vermont. Espero que o senhor esteja recebendo minhas cartas.

Creio que não lhe contei ainda, mas sei hipnotizar as pessoas. Comecei hipnotizando galinhas (são muito fáceis) e agora pratico com minha irmã, Rose. Ela é mais difícil, mas acho que estou evoluindo.

Meu tio Fenton me deu de presente um livro no Natal passado, Dominando a arte e a ciência do hipnotismo, *que estudei de cabo a rabo.*

Para ser um boa hipnotizadora, é preciso projetar autoconfiança; ter uma vontade forte e acreditar que você irá conseguir. A dúvida só trará fracasso. Acho que isso vale não apenas para a hipnose, mas para qualquer outra coisa que se tente fazer, até mesmo atuar ou produzir filmes. O senhor não concorda?

Meu livro diz que, depois de dominar a arte da hipnose, você será capaz de fazer um homem de bom coração praticar uma maldade ou até mesmo uma pessoa cruel realizar uma gentileza.

Andei testando isso com Rose. Tentei fazer com que ela seja um pouco mais agradável comigo, um pouco mais tratável no geral. Mas o problema é que ela tem uma vontade mais forte do que imaginei. Vou continuar tentando.

Atenciosamente,

Srta. Sylvia A. Slater
Hotel da Torre
Estrada 6, nº 328
Londres, Vermont

Rose

Rose estava empolgada por sair à noite, depois da hora de dormir, numa sexta-feira. Ela e Sylvie passeavam pela Main Street, em Barre, com tio Fenton, que estava no seu melhor estilo James Bond, chamando a atenção de todas as garotas adolescentes que passavam por eles. Ele havia comprado milk-shakes de chocolate maltado para as duas em copinhos de papel encerado.

Estava chovendo. Rose e Sylvie dividiam um guarda-chuva, enquanto Fenton deixava a chuva cair sobre o corpo, pequenas gotinhas que se reuniam em seu cabelo recém-penteado com gel e em sua jaqueta de couro. A Main Street estava lotada de gente, de todos os tipos; eles tinham sido obrigados a estacionar a velha picape Chevrolet do outro lado da cidade e vir a pé.

— O que está acontecendo? — perguntou Rose. — Um festival ou algo assim?

— É surpresa — lembrou Fenton. — Algo importante, que sua irmã vai adorar.

E eu?, perguntou-se Rose. *Vou gostar também?* Seus dentes tinham começado a doer pelo milk-shake frio e doce. Tinha a sensação de que os dedos dos pés estavam esmagados pelos sapatos de domingo. Por mais empolgante que fosse a situação, ela estava começando a ficar cansada e com frio.

Sylvie, por outro lado, dançava por entre as pessoas aglomeradas, o rosto corado de empolgação.

— Ei! — chamou Fenton. — Fique com sua irmã caçula; não quero nenhuma das duas se perdendo por aí. Seus pais nunca mais me deixariam levar vocês pra passear.

Relutante, Sylvie voltou e segurou a mão de Rose, apertando-a um pouco demais antes de puxar a irmã atrás de si como se ela fosse um cachorro teimoso. *Sua peste*, parecia dizer aquele gesto.

Fenton havia perguntado a mamãe se poderia levar Sylvie a Barre. "É um evento que acontece uma vez só na vida", dissera. Mamãe concordara, mas insistira que ele levasse Rose também. Apesar dos protestos de Sylvie, mamãe fora firme.

Agora, lá adiante, luzes intensas atravessavam a Main Street e a calçada. A única coisa em que Rose conseguia pensar eram as histórias que seu pai lhe

contava sobre os fachos de luz na Europa durante a guerra, usados para detectar os aviões inimigos.

— Estamos em guerra? — perguntou Rose, subitamente assustada. Seria por isso que estavam todos na rua? Será que um esquadrão de bombardeiros alemães estava a caminho dali, pronto para arrasar Vermont? Rose sabia que uma bomba atômica seria capaz disso. Seu pai lhe contara tudo sobre essas bombas, sobre quando os Estados Unidos bombardearam o Japão, deixando uma nuvem em forma de cogumelo onde antes existia uma cidade.

Quando uma bomba como essas atingia um lugar, dissera seu pai, não sobrava nada; as pessoas simplesmente se transformavam em fumaça. Parecia mais algo extraído de um dos livros de ficção científica de Fenton, não alguma coisa que pudesse acontecer na vida real. Ela tentou imaginar aquilo: um ser humano inteirinho, carne, ossos e sangue, transformando-se em fumaça, em uma fumaça oleosa que se poderia inalar e guardar em seus pulmões.

De repente, Sylvie segurou a jaqueta da irmã e a puxou para trás.

— O que está acontecendo? — perguntou Rose, com raiva e com medo. Tinha se desequilibrado com o puxão e quase caíra na calçada úmida. O pior é que Fenton não havia percebido nada e estava lá na frente, perdido em meio à densa aglomeração diante do Cine Paramount.

Sylvie puxou Rose para fora da rua e para dentro de um beco pequeno e escuro entre dois edifícios de tijolinho. Será que ela tinha acertado? Eles estariam em guerra e a corajosa Sylvie estaria salvando a irmãzinha do desastre? Rose fez menção de se abaixar, de cobrir a cabeça com os braços, mas Sylvie a puxou para cima.

— Olha — disse, virando a cabeça de Rose para que ela ficasse de frente para a rua.

— O quê? — perguntou à irmã.

— Não está vendo ele? — respondeu Sylvie.

Rose fitou a rua por um instante, correndo os olhos pela multidão sob a garoa. Do outro lado, em meio aos estranhos que se acotovelavam, estava uma figura familiar: o pai delas, com seu casaco preto comprido e o chapéu inclinado na cabeça.

As sextas à noite eram reservadas ao boliche, e ele saíra de casa antes delas, levando sua grande sacola. Agora, porém, ali estava ele na Main Street, em Barre, e Rose percebeu que ele não estava sozinho. Havia uma mulher ao seu lado, segurando seu braço, inclinada para dizer algo para ele. Era ruiva e usava um casaco verde e um chapéu combinando. Ela falou alguma coisa, e o pai delas balançou a cabeça, depois sorriu.

— Quem é? — quis saber Rose.

— Papai.

— Ah, isso eu sei! — retrucou Rose, irritada. — Mas com quem ele está?

A mulher que estava acompanhando seu pai se virou para beijar seu rosto.

Rose piscou, depois piscou de novo, mais devagar, enquanto observava os dois entrarem e saírem de foco à medida que suas pálpebras se fechavam.

Agora parecia mesmo que uma bomba realmente tinha explodido. O asfalto pareceu se inclinar, ela ouviu um barulho intenso; deixou o copo de papel cair no chão. A tampinha saiu voando, o que restara de seu milk-shake espirrou para todos os lados, cobrindo os sapatos bons de domingo de Rose e suas meias-calças.

— Venha — disse Sylvie, puxando a irmã de volta para o aglomerado de pessoas que se dirigia para o cinema. — Antes que ele veja a gente. — Sylvie arrastou Rose atrás de si.

— Ah! Aí estão vocês! — gritou Fenton, abrindo caminho por entre as pessoas para alcançar as meninas. — Meu Deus do céu, achei que tivesse perdido vocês. Estava quase entrando em pânico. Onde vocês se meteram?

— Desculpe, tio Fenton, ficamos presas na multidão — explicou Sylvie.

— Bem, chegaram bem na hora. Olhem: eles chegaram.

— Quem? — disse Rose, num grito sufocado, e por um átimo de segundo ficou na dúvida se ele estaria falando de seu pai e da ruiva.

Haviam montado uma plataforma na frente do Cine Paramount, e holofotes iluminavam a calçada e a rua. Uma fileira de carros novos, brilhantes, com uma escolta de polícia tinha estacionado na frente dela.

— O que está acontecendo? Quem chegou? — perguntou Sylvie, na ponta dos pés.

Rose esforçou-se para ver por cima da cabeça das pessoas à sua frente, e Fenton, percebendo sua dificuldade, ergueu-a nos ombros, apesar de ela já estar grandinha para esse tipo de coisa. A menina, porém, nem se importou. Dali de cima tinha uma visão perfeita.

Do carro dianteiro saiu um homem grande, cheio de papadas, de terno preto, com cabelo grisalho cortado rente. Ele parou e acenou para a multidão. Uma mulher saiu do carro e juntou-se a ele: era jovem e linda, com um vestido azul-escuro de decote profundo. Em volta de seus ombros, estava enrolada uma estola de pele de marta.

— Ah, não pode ser! Não pode ser, mas é! — exclamou Sylvie.

— Quem? — perguntou Rose.

— Alfred Hitchcock — respondeu Fenton. — Um dos mais famosos diretores de cinema do mundo. E estão vendo aquela atriz com ele? — perguntou. — É a estrela de seu último filme. Ela se chama Shirley MacLaine. Linda, não?

Shirley MacLaine acenou graciosamente para as pessoas, sorrindo, os brincos de pérola faiscando com as luzes dos holofotes.

— Eles são de Hollywood! — disse Sylvie num gritinho engasgado, enquanto o diretor e a atriz eram conduzidos até a plataforma, passando pelo meio da multidão. Sylvie tentou se aproximar mais da rua, como se estivesse atraída magneticamente na direção dos carros.

— O filme se chama *O Terceiro Tiro* — explicou Fenton. — Hoje é a première mundial, aqui, porque foi rodado em Craftsbury. Estamos tendo um gostinho de Hollywood bem aqui em Vermont. Lembre-se disso, Rose. É algo que você vai poder contar para os seus netos: o dia em que Alfred Hitchcock foi a Barre para uma première de cinema.

Sylvie tinha aberto passagem por entre a multidão e chegado até a base da plataforma, onde um homem começava a apresentar Alfred Hitchcock e Shirley MacLaine.

Rose observou cheia de fascínio Sylvie admirando — de olhos arregalados, o rosto estranhamento vazio, boquiaberta — o diretor e a estrela de cinema, como se, por uma única vez, ela é quem estivesse hipnotizada.

Sr. Alfred Hitchcock
Paramount Studios
Hollywood, Califórnia

30 de setembro de 1955

Prezado Sr. Hitchcock,

Hoje meu tio Fenton levou minha irmã Rose e eu até Barre e ficamos no meio da multidão da Main Street para ver o senhor e a Srta. MacLaine entrarem no Cine Paramount.

Foi a coisa mais empolgante que já aconteceu comigo na minha vida inteira. Fiquei bem pertinho da plataforma. O senhor e a Srta. MacLaine estavam tão perto que daria para encostar em vocês.

Meu pai sempre diz que existem momentos na nossa vida que mudam tudo.

Nunca entendi o que ele queria dizer, até hoje.

Quando vi o senhor e a Srta. MacLaine eu soube, simplesmente soube, que um dia, custe o que custar, vou até Hollywood para estrelar filmes.

Essa ideia me veio tão de repente e com tanta força que não consegui respirar por um minuto. Lá estava eu, na Main Street, com meu tio e minha irmã caçula às minhas costas, mas não conseguia respirar. Via tudo de forma diferente. Como se antes eu estivesse levando uma vida de ponta-cabeça e, então, de repente, as coisas tivessem ficado certas de novo — e isso fez tudo o que ainda tenho pela frente fazer sentido.

Rose falava comigo, mas sua voz parecia muito distante, como se fosse um inseto. Pequena, um zumbido, insignificante. Até mesmo Fenton, que é maravilhoso, parecia desbotado.

Tentei falar com o senhor, gritar e dizer que eu era a garota que andou lhe enviando todas aquelas cartas, mas havia gente demais e o barulho era intenso. Eu tinha certeza de que acabaria sendo esmagada. O senhor até me olhou. Tenho certeza disso. E por aquele único segundo eu me perguntei se o senhor soube que eu era a garota que havia lhe escrito do pequeno hotel de Vermont.

Fenton prometeu me levar para ver O Terceiro Tiro *se meus pais permitirem. Já vi muitos filmes, mas nenhum do senhor. Ainda não. Mas, de agora em diante,*

encontrarei um jeito de ver todos, mesmo que precise entrar escondida no cinema pela porta dos fundos (alguns garotos fazem isso quando não têm dinheiro para pagar a entrada, de acordo com Fenton).

Eu queria que o senhor soubesse disso tudo. E queria lhe agradecer. Porque, embora não nos conheçamos, ver o senhor ali, na frente do Paramount, hoje, deu à minha vida um novo rumo.

Espero que um dia, quando eu estiver em Hollywood, possa conhecê-lo para agradecer pessoalmente.

Atenciosamente,

Srta. Sylvia A. Slater
Hotel da Torre
Estrada 6, nº 328
Londres, Vermont

Rose

— Você está acordada, Sylvie? — perguntou Rose.

Elas estavam deitadas em suas camas. O rádio, um novo Zenith que papai dera no Natal passado a Rose, tocava, na pequena cômoda entre elas, Bill Haley & His Comets dançando a noite inteira. Sylvie adorava cair no sono ouvindo o rádio. Dizia às vezes que a música a acompanhava até seus sonhos.

— Hmmm-hmm.

— O que você acha que aquilo significa… Papai com aquela mulher?

Sylvie ficou quieta um minuto; o locutor do rádio interrompeu para dar a previsão do tempo. Aviso de geada, com chance de pancadas de chuva amanhã.

— Não sei direito — respondeu Sylvie, por fim. — Mas de uma coisa eu sei: ele não queria que a gente visse os dois juntos.

— Mas quem é ela?

— Nunca vi na vida — disse Sylvie.

— Tenho a impressão de que eu já — disse Rose, refletindo. Havia algo de familiar naquela mulher: o cabelo ruivo, o casaco que estava vestindo. Teria sido uma hóspede do hotel? Uma amiga de mamãe da cidade? — A gente devia perguntar pro papai quem ela é.

— Não! — exclamou Sylvie, exasperada. — A gente tem que fingir que nada aconteceu. Fingir que não vimos nada. E, principalmente, não dizer nem uma palavra a mamãe ou papai.

— Mas…

— Nada de "mas". Será que eu preciso hipnotizar você para fazer você esquecer? Porque, se for preciso…

Rose se ressentiu, enfiou a cabeça embaixo das cobertas.

— Não. Não vou dizer nada. Vou esquecer tudo isso.

O problema, pensou Rose deitada ali no escuro, ouvindo Frank Sinatra agora, é que quanto mais se esforçava para esquecer uma coisa, mais ficava impossível tirá-la da cabeça.

— Os contos de fadas podem tornar-se realidade — prometeu Frank com voz doce e aveludada, como o interior de uma caixa de joias chique.

— Tente não se preocupar com isso — aconselhou Sylvie, novamente com um tom gentil. — Sério. Vai ficar tudo bem. — Parecia que ela estava tentando se convencer tanto quanto a irmã.

Rose adormeceu e sonhou que estava caminhando por um milharal. No início, vovó estava com ela, segurando sua mão. Depois ela ficou sozinha de novo. Continuou andando, fileira após fileira, tentando encontrar uma saída. Sylvie estava ali também. Rose conseguia ouvi-la, mas não vê-la.

— Sylvie? — chamou.

Ouviu um farfalhar mais à frente e foi até ali, caminhando através das folhas do milho, que arranhavam sua pele e cortavam seu rosto. O milho parecia vivo, raivoso, e Rose não queria mais continuar naquele lugar.

Um corvo havia se encarapitado numa espiga perto do alto de um pé de milho à frente dela, as patas negras e reptilianas agarradas à planta, as garras cravadas na casca verde. Rose congelou. Havia algo de familiar naquele corvo. Ele a olhou diretamente, e ela teve certeza de que, de alguma maneira, o conhecia.

Então o corvo inclinou a cabeça de lado e piscou um olho negro cintilante.

— Você está ficando com muito sono — disse ele, só que era a voz de Sylvie que saía do crocitar do corvo. — Não conseguiria abrir os olhos agora, mesmo que tentasse.

Eu consigo falar a língua dos corvos, pensou Rose, animada.

— Pobre Rose — crocitou o corvo-Sylvie. — Sempre procurando uma maneira de ser especial. Só que você não passa de uma menina comum. Uma menina comum e sem graça. Sem nenhum talento.

Quando Rose abriu os olhos, imediatamente se recordou de onde vira a ruiva, aquela que havia beijado o rosto de papai. Ela já havia estado ali antes uma vez, na casa deles. Rose se lembrava de voltar da escola um dia na primavera, quando Sylvie precisou ficar até mais tarde no ensaio da banda, e ver a mulher saindo de casa com papai.

— Esta é Vivienne, amiga de sua mãe — disse papai, e Rose teve a impressão de que o pai estava bravo por ela estar ali, que os dois estavam com pressa e que Rose os estava atrasando.

— Muito prazer — disse Rose, e a mulher sorriu e segurou a mão dela. Usava um chapéu lindo, com um trabalho de renda costurada, e um conjunto verde que combinava perfeitamente com ele. As maçãs do rosto eram proeminentes e seus olhos estavam pintados com delineador preto esfumado. Ela era linda. Quase tão linda quanto mamãe.

— Ouvi dizer que você é uma garota muito talentosa — disse Vivienne.

— Não, senhora — respondeu Rose. — A senhora está me confundindo com a minha irmã, Sylvie. Eu não tenho talento nenhum.

— Todos nós temos talentos, minha querida — disse a mulher, sorrindo. — Alguns ficam mais escondidos do que outros. O truque é encontrá-los, sabia?

— Sim, senhora — disse Rose.

Papai parecia furioso. Sussurrou algo para Vivienne e então pegou seu braço e a conduziu degraus abaixo.

— Foi um prazer — gritou Rose atrás dela.

— Tenho certeza de que iremos nos encontrar novamente — respondeu Vivienne. — Talvez você possa me contar que talentos descobriu.

Rose entrou em casa e chamou a mãe, mas ela não estava. Havia um bilhete sobre a mesa dizendo que ela tinha ido ao mercado, mas que em breve estaria de volta. “Coma um pedaço de torta”, dizia.

— Conheci sua amiga — disse Rose quando mamãe entrou pela porta meia hora depois, equilibrando sacolas de papel cheias de mantimentos.

— Que amiga?

— Vivienne. Quando eu cheguei em casa ela estava saindo com o papai.

— Ah — disse mamãe, estreitando os olhos. — Vivienne. — Então ela se virou e começou a guardar as compras, batendo as portas dos armários um pouco mais forte que o normal.

— Sylvie? — chamou Rose agora no escuro. — Você está acordada?

Sua irmã não respondeu. O rádio ainda estava ligado, mas a estação tinha saído do ar, e só havia o barulho da estática, zumbindo como um inseto no meio do quarto.

Rose foi de fininho até a cama de Sylvie, planejando chacoalhá-la para que acordasse.

— Acorde! — disse ela. — Eu lembrei! Lembrei de onde conheço aquela mulher.

Mas a cama da irmã estava vazia. As mãos de Rose só agarraram as cobertas, ainda quentes.

— Sylvie? — chamou ela mais uma vez, embora estivesse óbvio que estava sozinha no quarto.

Rose saiu pé ante pé pela porta e atravessou o corredor até o banheiro. Empurrou gentilmente a porta, mas, quando ela se abriu, viu que o cômodo estava vazio, a pia e a latrina tão brancos que quase brilhavam. As escovas de dentes altivas pareciam soldados aguardando ordens nos suportes. A torneira da pia estava pingando, e cada gota atingia a cuba de porcelana branca com um barulho impossivelmente alto. Rose saiu do banheiro e desceu as escadas. Foi até a cozinha, para ver se de repente Sylvie estava tomando água ou leite. Foi descendo os degraus acarpetados com cuidado, a mão segurando o corrimão de madeira.

No entanto, quando chegou à cozinha, tampouco havia sinal da irmã.

Rose ficou parada sobre os ladrilhos frios, enquanto o luar entrava pelas cortinas das janelas, fazendo os quadrados brancos do linóleo do chão cintilarem. Seus pés descalços pareciam patas negras contra o chão branco. A louça do jantar estava organizada secando no escorredor, e as luvas de borracha de mamãe pendiam flácidas sobre a torneira. Por trás do cheiro de limão dos produtos de limpeza, ela percebeu o odor apimentado e intenso do chili que eles tinham comido no jantar. *Chili con carne*, era como mamãe chamava aquele prato, fazendo com que parecesse chique, algo que se poderia pedir num restaurante francês, mas na verdade não passava de carne moída com tomate enlatado e feijão.

Rose foi espiar pela janela que dava para a trilha de carros e a placa brilhante onde se lia *Hotel da Torre. Há Vagas*. E então, pertinho da torre, um vulto se moveu por entre as sombras, seus cabelos loiros faiscando à luz do luar enquanto a camisola branca flutuava em torno de seus pés.

Sylvie.

Ela estava indo em direção à torre.

Rose saiu correndo de casa e, cuidadosamente, foi caminhando pela trilha de carros. O cascalho úmido e gelado machucava seus pés descalços e o ar noturno congelava sua pele, fazendo com que se arrepiasse embaixo da camisola de flanela. Ela olhou para a casa atrás de si e checou as janelas, para ver se alguma luz tinha aparecido no quarto dos pais. Ninguém havia acordado, porém. Sentiu o cheiro de fumaça de lenha, maçãs, folhas apodrecidas — todos os maravilhosos cheiros de outono que ela achava tão reconfortantes durante o dia, mas que agora à noite pareciam o odor de algo estragado.

Rose alcançou a torre, que assomava como um gigante sob o luar. Estava tremendo, com os dentes batendo, e viu sua respiração diante de si. Sabia que deveria correr de volta para casa, enfiar-se embaixo das cobertas quentinhas e esquecer tudo aquilo, mas primeiro precisava ver o que diabos sua irmã estaria aprontando.

Talvez Sylvie fosse sonâmbula. Rose já tinha visto isso num filme certa vez. Não se devia despertar um sonâmbulo; Rose se lembrou de ter ouvido isso em algum lugar. Mas como então poderia levá-la de volta para a cama?

— Sylvie? — chamou o mais baixinho que pôde, espiando pela porta da torre, que lhe pareceu uma boca aberta.

Ouviu com atenção. Silêncio.

— Sylvie? — tentou mais uma vez. — O que você está fazendo? — O interior da torre estava mais negro que breu. Qualquer coisa poderia estar ali dentro, qualquer coisa mesmo. Dentes. Uma língua. Prestes a engoli-la inteira. A esmagar seus ossos. A transformá-la em fumaça.

Entrou na torre, com o coração acelerado. Era besteira sentir medo. Já tinha estado centenas, talvez milhares de vezes ali. Conhecia o formato de cada pedra, o sulco das tábuas do assoalho. Porém nunca estivera ali sozinha, à noite, no escuro. As paredes pareciam próximas; ela sentiu o cheiro da pedra úmida. Sentiu-se completamente engolfada pela escuridão, como se realmente tivesse sido engolida pela boca de um gigante.

No entanto, ela não estava sozinha, estava? Sylvie estava ali dentro em algum lugar.

— Eu sei que você está aí! — gritou, dessa vez um pouco mais alto. — Eu te vi!

Passos rangeram lá em cima.

— Sylvie? Desça! — gritou. — Está muito frio aqui.

E eu estou com medo. Com medo de ser devorada.

Ela arrastou os pés na escuridão, tateando cegamente, e então encontrou a escada. Começou a subir, as mãos úmidas de suor, a boca seca.

— *Sylvie!* — sussurrou, irritada.

Ouviu um farfalhar baixinho em algum lugar lá em cima, mas, quando enfiou a cabeça na abertura do segundo andar para dar uma boa olhada por ali, viu que estava vazio. A luz do luar entrava pelas duas janelas, iluminando as tábuas irregulares do assoalho.

Aquilo era tolice. Passava da meia-noite. O que ela estava fazendo ali, brincando de esconde-esconde com a irmã mais velha? Se mamãe ou papai a apanhasse, ela ficaria de castigo por um mês, talvez até mais.

Com relutância, começou a subir o segundo lance até o piso superior. Quando saiu no alto, sua camisola cintilou e oscilou ao sabor do vento. Ao seu redor, as paredes da torre formavam um círculo perfeito de pedra e gesso.

Porém, inacreditavelmente, ela se viu sozinha.

Ou quase.

No canto extremo, sobre uma das ameias de rocha, uma grande mariposa flexionou as asas.

Rose se aproximou.

Era uma mariposa-da-lua, com uns dez centímetros de largura, asas do mais claro tom de verde, com longos filamentos e antenas delicadas como penas.

Rose sabia que estava muito frio para que aparecesse uma mariposa-da-lua — em geral elas só surgiam no início do verão. Piscou, certa de estar vendo coisas, porém a mariposa continuou ali.

A menina tentou apanhá-la, mas ela voou, lançando-se da borda da parede e afastando-se às cegas da torre, como um fantasma flutuante — pois num instante estava ali, no outro não mais.

Um pensamento impossível lhe ocorreu enquanto observava o inseto desaparecer na fria e escura noite:

Aquela mariposa-da-lua era Sylvie.

Rose

— Vi você lá fora ontem à noite — disse mamãe, com uma expressão severa.

Rose estava fazendo suas tarefas matinais de domingo: alimentar Lucy e as galinhas. Calçava galochas altas de borracha e o casaco do inverno passado, que estava curto demais nas mangas, mas continuava quentinho.

— Eu? — A menina terminou de encher o cocho de Lucy com grãos e conferiu se ela tinha água suficiente.

Cuidar de Lucy era a tarefa preferida de Rose e sua responsabilidade desde que ela conseguia se lembrar. Embora a vaca tivesse nascido no mesmo dia que Sylvie, o que as tornava uma espécie de gêmeas, era Rose quem de fato amava aquele animal. Sempre que olhava nos olhos grandes da vaca, acreditava que Lucy sabia coisas, coisas que jamais poderiam ser ditas.

Rose amava todos os animais. Certa vez, quando era ainda bem pequena, eles tiveram um cão negro e peludo de fazenda chamado Ranger. Todas as noites ele dormia na cozinha, ao lado do fogão. Em certas manhãs, a pequena Rose acordava ao lado dele, aconchegada em seu pelo preto quentinho.

— O que está fazendo fora da cama? — repreendia mamãe, e Rose respondia que o velho Ranger provavelmente tinha ido buscá-la e a carregara até ali para dormir com ele, para não se sentir tão sozinho.

— Rose pensa que é uma cachorrinha — dizia Sylvie. Ela gostava dessa ideia e, em vez de falar, ficava latindo até papai ameaçar dar-lhe uma boa surra.

— Por favor, não minta para mim, Rose — disse mamãe agora, entrando no curral. Se ela estava ali, queria dizer que papai ou Sylvie estavam lá no escritório, lidando com a recepção. — Já passava da meia-noite. Que motivo você poderia ter para sair vagando por aí a uma hora dessas?

Rose deu um tapinha na velha vaca malhada, bem no lugar da sua mancha em forma do estado de Vermont.

— Eu fui procurar a Sylvie.

— Meu amor — disse a mãe, levantando o queixo de Rose para que ela olhasse dentro de seus olhos. — Eu pedi para você não mentir.

— E não estou mentindo! — insistiu Rose. Por que era sempre ela a malvada, a mentirosa, a que era apanhada com a boca na botija? — Eu acordei e ela não estava no quarto. Desci para procurar Sylvie e vi que ela estava lá fora, indo até a torre.

Mamãe olhou para Rose sem acreditar.

— Então segui Sylvie até a torre — explicou Rose. — E aí ela… desapareceu.

Porém, ela não havia simplesmente desaparecido, não é? Ela subira até o alto da torre e se transformara numa mariposa.

— As pessoas não *desaparecem* assim — disse mamãe.

— Bom, a Sylvie desapareceu.

Mas não era bem verdade. Ela apenas havia… *mudado.* Rose pensara naquilo a noite inteira, intrigada, e todas as vezes chegava à mesma conclusão espantosa: sua irmã era uma mara! Exatamente como nas histórias que vovó lhe contava. Talvez a avó soubesse daquilo o tempo inteiro e por isso contara tanto sobre as maras para Rose: a fim de preparar a menina para o dia em que ela percebesse que a própria irmã era uma.

Rose desejava mais do que qualquer outra coisa poder conversar com vovó sobre tudo aquilo.

— Talvez você apenas tenha imaginado que viu Sylvie — sugeriu mamãe. — Tenho certeza de que ela estava na cama o tempo inteiro.

Rose não disse nada. Argumentar era perda de tempo.

A porta da frente da casa se escancarou ruidosamente e Sylvie apareceu, com um cardigã vermelho-vivo e uma carta nas mãos. Quando elas voltaram de Barre na noite passada, Sylvie se sentara diante da máquina de escrever e ficara datilografando algo. Rose perguntara o que era, mas a irmã não quisera dizer; reclamara que Rose era uma peste e que era melhor ela se deitar, senão ela chamaria a mamãe.

— A senhora vai contar pro papai que eu saí escondido? — perguntou Rose.

— Não, desta vez, não. Mas se eu apanhar você lá fora novamente, eu vou. Seu pai já tem motivo suficiente para se preocupar e não precisa saber que você anda passeando por aí como um gato de rua velho.

Rose sentiu os seus músculos se retesarem.

— Que motivo papai tem para se preocupar?

Ela se lembrou da mulher de casaco verde, a tal de Vivienne. Ele não parecera preocupado ao lado dela.

Naquela manhã, quando descera as escadas, Rose ouvira os pais discutindo. Chegara bem a tempo de ouvir sua mãe dizer: "Não sou idiota, Clarence." Então os dois a viram e seu pai, corado, dissera: "Você não tem tarefas para fazer, Rose?"

Agora mamãe olhou para ela um instante, pensando se respondia ou não. Olhou em torno para ter certeza de que o pai não estava por perto.

— Ele está preocupado com a rodovia que estão planejando construir por aqui. Como isso poderá afetar os negócios. Outro dia se reuniu com os homens da cidade; eles acreditam que depois que tudo estiver concluído as pessoas não terão muito motivo para viajar pela Estrada 6.

— Isso não vai acontecer — disse Rose. — As pessoas não vão se esquecer da gente. Aqui no hotel temos coisas que ninguém na rodovia tem: temos a torre, o circo de galinhas, a vaca Lucy. — Rose deu um tapinha na mancha da sorte de Lucy. Para quem Sylvie teria escrito? Não saber fazia Rose sentir coceira.

Mamãe sorriu para a filha.

— Espero que sim, Rose. Espero de verdade.

Rose saiu do curral; mamãe foi atrás dela e fechou a tranca. Sylvie vinha subindo a trilha de carros com um sorriso satisfeito.

— Temos um trato, então — disse mamãe. — Nada de ficar vagando por aí depois da hora de se deitar. Combinado?

Rose assentiu, olhando para Sylvie, que estava entrando em casa.

— Prometa — disse mamãe, levantando o queixo de Rose mais uma vez.

— Prometo.

Mamãe assentiu.

— Boa menina. Agora termine suas tarefas, depois entre para tomar o café da manhã.

— Sim, mamãe.

Rose esperou até sua mãe entrar em casa e se ocupar na cozinha. Olhou pelas janelas e não viu ninguém espiando lá fora; imaginou que estivessem todos em volta da mesa, comendo mingau de aveia polvilhado com canela, açúcar mascavo e passas.

Rose virou as costas e correu pela trilha de carros até a caixa de correio. Abriu-a e retirou a carta. Estava endereçada a Alfred Hitchcock em Hollywood, Califórnia.

Sem pensar muito no que estava fazendo, Rose enfiou a carta no bolso do casaco. Depois subiu correndo a trilha para se juntar à família no café da manhã.

Sr. Alfred Hitchcock
Paramount Studios
Hollywood, Califórnia

8 de outubro de 1955

Prezado Sr. Hitchcock,

Meu tio Fenton me levou para ver O Terceiro Tiro *no Paramount em Barre — o mesmo lugar onde eu vi o senhor há pouco mais de uma semana. Encontramos o local da parede que o senhor assinou. Cheguei a tocar sua assinatura — que emoção! A Srta. MacLaine estava absolutamente brilhante no filme. Fiquei sabendo que foi a estreia dela; como o senhor a encontrou? Como alguém consegue um papel em um de seus filmes quando ainda não é uma estrela de cinema?*

Envio também uma foto minha e da minha irmã Rose apresentando nosso Mundialmente Famoso Circo das Galinhas de Londres. É um show que apresentamos para os hóspedes do hotel. Treinamos as galinhas para fazerem toda espécie de truque e, no final, eu as hipnotizo. É um espetáculo e tanto. Rose e eu saímos no jornal por conta do circo no verão passado — um homem veio nos entrevistar e tirou nossa foto.

Se o senhor, um dia, voltar a Vermont, adoraria que viesse ao hotel assistir ao nosso circo.

Sou a garota mais velha na foto, a loira. Rose não gosta de câmeras, por isso está fazendo careta.

Minha irmã continua tão estranha como sempre. Bem, talvez até mais. Ultimamente ela está sempre me observando, espionando. Esconde-se no armário, embaixo da minha cama. Acha que eu não sei que está lá, e eu finjo que não, só para ver quanto tempo ela consegue permanecer escondida, o que no fim das contas se revela um longo tempo. Ela me observa até mesmo quando estou dormindo! Às vezes acordo no meio da noite, e lá está Rose, na minha frente, segurando uma lanterna acesa com o facho de luz bem no meu rosto. Mamãe diz para eu não fazer caso disso, que ela simplesmente tem ciúmes. Essa é uma maneira estranha de sentir ciúmes, se o senhor quer saber minha opinião.

Bem, não há mais nada em que consiga pensar por ora. Espero que o senhor esteja ocupado produzindo seu próximo filme — mal posso esperar para assisti-lo!

Se tiver tempo, gostaria muito de receber uma carta sua. Ou mesmo uma foto autografada. Isso me faria sentir a garota mais sortuda de Vermont!

Atenciosamente,

Srta. Sylvia A. Slater
Hotel da Torre
Estrada 6, nº 328
Londres, Vermont

2013

Piper

Piper olhou fixamente para a filha de Amy, incapaz de afastar a sensação de que havia viajado no tempo e estava novamente com a ex-melhor amiga. A menina era igualzinha à mãe; mais branca, com certeza, e parecendo mais traumatizada, mas a impressão que dava era de ser um clone assustador de Amy.

A garota estava hospedada num trailer caindo aos pedaços com sua tia Crystal, irmã de Mark. Numa mesa de cozinha com tampo de fórmica, Crystal servira latinhas quentes de Coca-Cola, um prato de bolachas salgadas e cubinhos de queijo cor de laranja com aparência de plástico.

— Meu nome é Louisa, mas ninguém me chama assim. Só os professores do primeiro dia de aula e a mulher que trabalha na clínica do médico.

— E como as pessoas te chamam então? — quis saber Piper.

— Todo mundo me chama de Lou. Só Lou.

Ela parecia uma menina que nunca tinha visto a luz do sol, com aparência meio doentia; até mesmo suas sardas eram desbotadas. Seus olhos tinham um tom cinzento de azul; o cabelo caía em mechas finas e loiras. Sob os olhos havia olheiras escuras e azuladas, e os lábios estavam rachados.

O trailer parecia uma lata de lixo, e Piper odiava ver uma criança sendo obrigada a morar ali. O chão da cozinha estava grudento com sabe-se lá Deus o quê; a pia, cheia de pilhas de louça para lavar; as cortinas, que um dia tinham sido brancas, estavam amareladas de tanta fumaça de cigarro, entranhada em todas as superfícies. Estar naquele trailer era como entrar num cinzeiro gigantesco.

Crystal havia recebido Piper. Ela era magra e alta e tinha um cabelo castanho todo frisado que não parava de ficar prendendo com um elástico sujo. Suas unhas eram pintadas num tom de verde que, para Piper, parecia mais o tom de vômito de bebê, e o esmalte tinha se lascado e estava descascando. No canto de sua boca havia uma afta.

— Você pode ficar de olho nela durante uma horinha, mais ou menos? — perguntara. — Preciso ir ao supermercado.

— Hã… claro. Por que não? — respondera Piper com naturalidade, pensando: *Quem deixa uma criança traumatizada sozinha com a primeira pessoa que entra pela porta?*

Crystal morava no trailer com o namorado, Ray. Ray era bartender num estabelecimento de Barre, onde havia shows de topless (Piper descobrira isso com Margot). Estava trabalhando quando Piper chegou no trailer, mas ela observou rastros de sua presença: um par de coturnos pretos gigantescos de motocicleta, uma caneca lascada em que se lia RAY sobre a bancada da cozinha, uma foto de Crystal e um grandalhão com cabelo preto ensebado grudada na geladeira.

Piper observou Lou tomar sua latinha de Coca. Começou a explicar que era uma velha amiga da mãe dela e que as duas tinham brincado juntas quando eram um pouco mais novas do que ela agora. Isso fez a menina sorrir com a ideia de que sua mãe tinha sido jovem um dia — tão jovem quanto ela, até.

— A gente costumava andar de patins no fundo da piscina velha do hotel — contou Piper.

A menina, de repente, sorriu:

— Eu também já andei de patins na piscina! — exclamou. — Mas uma vez uma aranha me picou lá.

— Ai — comentou Piper.

Lou assentiu.

— Pois é, elas moram no ralo. Foi uma picada feia que virou uma ferida enorme e não cicatrizava nunca. Por isso mamãe me proibiu de entrar na piscina de novo.

Piper estremeceu de leve.

— Agora eu sou obrigada a andar de patins na trilha de carros, mas lá só tem pedregulho. Às vezes mamãe me leva até a ciclovia, e aí a gente…

Ela deixou a frase no ar. Seu rosto adquiriu uma expressão muito séria. Piper sentiu todo o ar abandonar seu corpo ao perceber novamente o quanto Lou era parecida com Amy: os lábios cheios, os olhos azuis com cílios muito compridos, as sardas que pontilhavam seu nariz e as bochechas.

Sem pensar, Piper esticou o braço para afagar seu cabelo emaranhado. Sentiu vontade de penteá-lo, de enfeitá-lo com lacinhos de cores vivas e alegres. Lembrou-se de como Amy costumava pintar o cabelo com gelatina.

A menina enrijeceu com o toque, e Piper afastou a mão.

— Aposto que devia ser legal andar de patins na ciclovia — comentou Piper.

Os olhos de Lou ficaram irados (de novo, tal como os de Amy), e ela respirou fundo e os fechou.

— Tia Crystal disse que não tem problema eu ainda amar a mamãe, mesmo depois do que ela fez. Disse que a gente precisa se lembrar das coisas boas sobre a mamãe.

Piper assentiu.

— Tenho uma amiga que coleciona borboletas — disse Lou, de repente. — Kendra. Ela não é muito legal; às vezes arranca as asas das borboletas enquanto elas ainda estão vivas.

— Não parece mesmo nem um pouquinho legal — concordou Piper.

Lou fez que sim.

— É. Às vezes ela é malvada comigo também.

— O que ela faz?

Lou apertou a latinha de Coca, amassando-a.

— Me chama de burra porque não sou muito boa em matemática nem em inglês. Eu tiro notas baixas nos testes e tudo o mais. Mas mamãe sempre diz que existem diferentes tipos de inteligência.

— Concordo absolutamente com sua mãe — disse Piper.

A garota sorriu para ela, mas, em seguida, o sorriso desapareceu. Ela começou a puxar a pele em torno da unha do polegar.

— Por que você veio me ver? — perguntou Lou.

— Porque eu queria te conhecer.

Lou assentiu e apertou com força a latinha de Coca mais uma vez.

— Você quer que eu te conte o que aconteceu?

— O que, meu amor?

— Todo adulto que vem aqui diz assim: — Lou estufou o peito e imitou uma voz grave e autoritária: — "Em suas próprias palavras, conte para nós o que aconteceu."

Piper teve a impressão de que aquilo seria algo que Amy faria.

— Você não precisa me contar nada — respondeu, com o coração acelerado.

Era por isso que ela tinha vindo, não era? Subitamente, porém, não queria que a garota lhe contasse o que havia acontecido. Queria apenas ficar ali, bebendo Coca e perguntando da escola, das amigas dela. Queria descobrir uma maneira qualquer de tornar a vida de Lou um pouco melhor, um pouquinho mais normal, e não ser simplesmente mais um adulto prestes a arrastá-la de novo para o horror que havia ocorrido naquela noite.

Lou encolheu os ombros.

— Não ligo, eu acho. Quanto mais conto, mais tudo parece uma história. Uma história horrível que aconteceu com outra menina.

Piper desejava tirá-la dali, daquele trailer de merda, da cidade de Londres, onde ela jamais conseguiria esquecer a tragédia. Desejava colocar Lou num avião e levá-la consigo até Los Angeles, até sua casa arrumada. Poderia transformar o escritório num quarto bacana, com uma cama de dossel cheia de bichos de pelúcia. Poderia dar a Lou uma vida boa. Protegê-la.

Piper nunca sentira desejo de ter filhos. Sua vida parecia completa sem isso. Tinha uma empresa bem-sucedida, muitos amigos, um ou outro romance (quase nunca sério). Entretanto, aquela menina estava despertando algum profundo e primitivo instinto materno dentro dela.

— Só se você quiser — disse Piper.

— Estava tarde — começou Lou. — Era depois da meia-noite. Ouvi mamãe lá embaixo na cozinha, remexendo alguma coisa. Ela fazia isso às vezes, quando estava bebendo… Trombava nas coisas, abria e fechava os armários com muita força.

— Sua mãe bebia muito? — perguntou Piper, engolindo com dificuldade. Odiava a ideia de Amy ter se tornado alcoólatra. Ela parecia boa demais para isso, para o vício. O alcoolismo, porém, era algo genético.

Lou piscou os olhos.

— Às vezes. Papai largou a bebida muitos anos atrás, mas mamãe sempre guardava uma garrafa enorme de vinho branco no fundo da geladeira. Primeiro eu ouvi um barulho dela na cozinha, depois no armário do corredor. Deve ter sido lá que ela apanhou a arma. Papai a guardava ali, do mesmo jeito que mamãe guardava sua garrafa de vinho: para um momento de necessidade.

O suor começou a se formar na testa de Piper e nas costas de sua mão. Ela afrouxou a echarpe que estava usando, abriu os botões do suéter. O cheiro forte de coisa podre que havia ali parecia estar ficando mais intenso. O odor de algo mofado: de terra úmida, de fungo.

— Ela começou a subir as escadas cantando uma canção de ninar.

Quando à sua porta bater a Morte,
Você pensará já ter visto seu rosto, sem sorte.
Quando ela pé ante pé subir sua escada,
De pesadelos você reconhecerá a emboscada.
Mas se lhe mostrar um espelho o que vai ver
É que você é ela, e ela é você.

Piper estremeceu. Lembrou-se de vó Charlotte recitando aquela mesma canção anos antes, pouco tempo antes de tudo mudar.

A voz cantarolante de Lou fez Piper se arrepiar. Ela sentiu vontade de implorar à menina que parasse, que não continuasse mais. Lou fechou os olhos mais uma vez e começou a se balançar lentamente enquanto falava.

— Primeiro ela entrou no quarto onde papai estava dormindo. Entrou de fininho, quietinha, mas ele deve ter acordado, porque os dois começaram a discutir.

— Você conseguiu ouvir o que eles diziam? — quis saber Piper.

— Não, mas o barulho era alto, de gritos, de coisas se quebrando e dos berros de mamãe. Aí eu ouvi: *pou!*

Piper teve um sobressalto.

— A única coisa em que eu conseguia pensar era em me esconder. Pulei da cama e coloquei os travesseiros embaixo do cobertor para ela achar que eu ainda estava ali, dormindo. Eu vi isso uma vez, num filme.

Piper assentiu.

— E depois, o que você fez?

— Abri a janela que dá para o telhado. A gente costumava ir até lá o tempo todo, Levi e eu. Para observar as estrelas.

Piper aquiesceu: lembrava-se de sair por aquela mesma janela quando dormia na casa de Amy, as duas sentadas no telhado fumando cigarros que Amy roubava

da avó e bebendo o xerez salgado que encontravam na cozinha. Amy fingia que conhecia o nome de todas as constelações, mas Piper sabia que era tudo invenção. O céu de Amy continha imagens dignas de pesadelo: um sapo engolindo uma menininha, a rainha das aranhas, uma mão brandindo um machado.

— Mamãe veio andando pelo corredor. Fiquei perto da janela, ouvindo, e percebi quando ela entrou no quarto de Levi. "Mamãe?", chamou Levi. "O que você está fazendo?" "Salvando você." "Do quê?" "Dos pesadelos." Pou! Pou! Pou!

Piper se recostou, como se os tiros tivessem sido disparados contra o próprio peito.

— Então ela veio atrás de mim. Vi a luz quando ela abriu a porta. Eu estava bem ao lado da janela, agachada. Ela foi até minha cama e, sem puxar a coberta, disparou a arma de novo. Aí voltou para o corredor e ouvi mais um tiro. Depois disso tudo ficou quieto.

Os olhos de Lou pareciam tão vítreos quanto os de uma boneca.

— Fiquei lá no telhado mesmo depois de tudo ficar quieto. Eu não queria entrar para ver.

Lou permaneceu calada por um instante, talvez imaginando o que poderia ter visto caso tivesse entrado. Piper se esforçou para não imaginar.

Ao falar novamente, a voz de Lou estava trêmula.

— Aí Jay-Jay veio e me encontrou e me levou de volta para dentro. Apertei o rosto no peito dele. Jay-Jay me disse para fechar os olhos e só abrir quando ele mandasse.

— Jay-Jay? — perguntou Piper. Tinha esquecido que era assim que Amy costumava chamar Jason. Mas como Lou sabia disso?

— O amigo da mamãe. Ele é policial. Veio visitar a mamãe lá em casa na semana passada. Deve ter falado alguma coisa que deixou ela triste, porque, quando eu cheguei, ela estava chorando e Jay-Jay estava segurando a mão dela.

Piper soltou um murmúrio de espanto, depois fingiu uma tosse para esconder aquilo.

— Mas naquela noite, quando ele me carregou pela casa e me mandou não abrir os olhos, quem estava chorando era ele — continuou Lou. — E aí eu soube

que o que tinha acontecido era muito, muito ruim mesmo, porque tinha feito um policial chorar.

Piper pensou em uma centena de coisas que poderia ou deveria dizer — palavras de consolo ou empatia, de ânimo —, mas tudo parecia grosseiro, ofensivamente inadequado. A geladeira zunia. O relógio do fogão tiquetaqueava. O refrigerante borbulhava contra o metal das latinhas. Um rádio estava ligado em outro quarto, a música tão distante que Piper se perguntou se não seria coisa de sua imaginação. Pensou no radinho que Amy costumava carregar para todos os lados, sintonizado na estação que tocava as quarenta músicas mais populares.

— Uma vez mamãe me levou até o centro e eu vi uma estátua de um homenzinho com asas no alto de um prédio — disse Lou de repente.

— Uma gárgula? — perguntou Piper.

— É — concordou ela, sorrindo. — Foi o que imaginei que eu era, quando estava lá em cima no telhado, tentando não respirar, parada. Uma gárgula.

Crystal retornou do supermercado uma hora depois, com uma caixa de cigarros e uma garrafa gigantesca de refrigerante genérico. Logo deixou claro que os serviços de babá de Piper não eram mais requisitados, e ela então voltou para a casa de Margot. No caminho, repassava sem parar a história simples e terrível contada por Lou, revendo os detalhes um a um.

O que Jason teria ido fazer na casa de Amy na semana passada? Certamente, se Margot soubesse dessa visita, teria mencionado alguma coisa para Piper. Isso significava que ele mantivera a coisa toda em segredo… Mas por quê? Cada possibilidade que ela imaginava parecia pior do que a outra.

Entretanto, havia algo de errado na história de Lou, também.

Perceber isso foi algo que ocorreu de forma gradual, como a noite cai no verão: a luz começa a desaparecer devagar, tão devagar que é quase imperceptível, e então vemos os vaga-lumes, as estrelas — estavam ali o tempo todo, mas só naquele instante se tornam visíveis.

Jason tinha dito com toda certeza que os pés de Lou estavam manchados de sangue quando ele a encontrou no alto do telhado. Se ela tinha saído pela janela ao ouvir o primeiro tiro e ficado ali em cima encarapitada como uma estátua enquanto o pesadelo dentro da casa prosseguia, de onde tinha vindo aquele sangue?

1989



Piper

Os prédios do condomínio onde Piper e Margot moravam com sua mãe ficavam a uma curta caminhada do hotel, na face de trás do morro. Às vezes, quando Piper caminhava pela trilha que levava ao campo ao redor da piscina de Amy, pensava em Nárnia. Ir ao hotel era quase como entrar no guarda-roupa e depois em outro mundo. Amy e sua avó eram tão empolgantes, exóticas e extraordinárias quanto se pode ser, principalmente agora que as meninas haviam encontrado a mala de Sylvie e tinham nas mãos um mistério de verdade para tentar decifrar.

Piper bateu na porta da casa de Amy, com Margot ao seu lado. Sua canela doía e latejava do ferimento do dia anterior. Quando ela retirara a gaze pela manhã, a carne estava vermelha e inchada. Piper passara um pouco de bacitracina e cobrira de novo a ferida com curativos. Tinha conseguido esconder o ferimento vestindo rapidamente uma calça de moletom antes que a mãe voltasse do trabalho. Se ela visse, surtaria e talvez até proibisse Piper e Margot de irem ao hotel, pois não aprovava muito Amy e sua família, com receio de que o hotel fosse perigoso. Piper não precisava lhe dar nenhuma comprovação disso.

— Não gosto que vocês duas fiquem o tempo inteiro por lá — havia dito mamãe. — Tem outras crianças da idade de vocês, sabiam? E aquele garoto que mora no Edifício C? Ele parece legal. Por que não vão brincar com ele?

— Jason Hawke? — desdenhou Piper. — Ah, mãe, dá um tempo. Ele é esquisito.

— Não é, não — retrucou Margot. — Ele tem um telescópio muito bacana e mapas de constelações que brilham no escuro.

Piper revirou os olhos teatralmente.

— Pois é, exatamente: um esquisitão.

Piper bateu novamente na porta da casa de Amy, dessa vez com mais força. Vó Charlotte tinha problema de audição e, se Amy estivesse escutando música no andar de cima, não ouviria também.

— A gente vai começar a procurar todos os quartos hoje? Ou dentro daquele trailer? — perguntou Margot, animada.

— Sei lá — disse Piper. — Vamos ver o que Amy planejou.

— Eu planejei um monte de coisas *maravilhosas*, mas ajudaria muito se vocês duas dessem as caras um pouquinho mais cedo!

Amy tinha se aproximado de fininho por trás delas. Vestida com uma camiseta da Joan Jett e o mesmo short jeans rasgado do dia anterior, ela estava balançando o corpo sobre os calcanhares, praticamente dançando.

— Eu estava esperando vocês há *horas!* — exclamou.

— Foi mal — disse Piper. — Mamãe foi trabalhar tarde e queria fazer um café da manhã em família, e depois a gente teve de ligar pro nosso pai.

No ano anterior o pai delas se mudara para o Texas com a nova esposa, Trish. Piper e Margot só o viam durante uma semana no verão e uma no inverno. Piper não se importava: odiava Trish, que tinha sido a dentista da família, com todas as forças. Pensar que aquela mulher um dia enfiara as mãos enluvadas dentro da boca dela, que havia raspado e polido seus dentes e enfiado fio dental entre eles, lhe causava ânsia de vômito. Ela fazia Piper mascar tabletes vermelhos que deixavam marcas, tipo manchas de sangue, nos lugares que ela não limpava bem na escovação.

— Tá, tá, beleza — disse Amy, que tinha pouquíssima paciência com tudo aquilo que não estivesse diretamente relacionado a ela. — Venham, vamos lá pro meu quarto. Quero mostrar uma coisa pra vocês.

Amy enfiou-se entre Piper e Margot e escancarou a porta da casa.

— Quem é? — gritou vó Charlotte da cozinha.

— Sou só eu, vó.

— Ah, Sylvie! Você me assustou.

— É a *Amy*, vó — gritou Amy em resposta. — Continuo sendo só a Amy.

A escadaria ficava em frente à entrada. Amy começou a subir os degraus largos, carpetados, com as outras duas atrás de si. Virou à direita no alto da escada e foi até o próprio quarto, que ficava no fim do corredor.

— Vamos, vamos! Esperem só para ver o que eu descobri! Vocês vão ter um treco!

O quarto de Amy, que tinha pertencido à mãe dela e a sua tia Sylvie, ainda conservava algumas relíquias daquela época — a cama e a cabeceira escuras com acabamento esmaltado fosco e velho, duas cômodas surradas que tinham sido

usadas pela geração anterior e uma mesinha de cabeceira combinando. Havia, entretanto, algumas diferenças: o aparelho de som com dois alto-falantes que dominava a mesinha de cabeceira; os pôsteres do Guns N'Roses e da Annie Lennox; o tom vivo de roxo com que Amy pintara as paredes e o teto. Na janela havia uma cortina de bolinhas de plástico, que, quando atingidas pelo sol, lançavam prismas coloridos que dançavam pelo quarto inteiro.

Piper adorava ficar no quarto de Amy. Era como entrar numa câmara secreta mágica: nunca se sabia o que se poderia encontrar, o que Amy poderia fazer em seguida.

— Olhem isto aqui — disse Amy. Piper viu que a velha máquina de escrever do sótão estava sobre a mesa, com uma folha de papel. Aproximou-se e viu as palavras que Amy estava datilografando:

Sylvie, Sylvia Slater, Srta. Sylvia Slater, para onde você foi, Srta. Sylvia Slater???

O manual de hipnotismo também estava ali, sobre um bloco de papel, com um marcador de livros enfiado entre suas páginas. Amy começara a lê-lo e fazer anotações.

Depois passou a agitar um envelope.

— Quando tirei a máquina de escrever da caixa, achei isto aqui no fundo.

Piper leu o endereço escrito no envelope em voz alta:

— Sr. Alfred Hitchcock, Universal Studios, Hollywood, Califórnia. — No canto superior direito havia um selo de quatro centavos colado. Ela viu que o endereço do remetente era Sylvie Slater, do Hotel da Torre, Londres, Vermont. — Espera aí: Alfred Hitchcock, o diretor de cinema?

— Quem é Alfred Hitchcock? — quis saber Margot.

— É um cara que fez uns filmes velhos assustadores, tipo *Os Pássaros* e *Psicose* — respondeu Amy. — Esse você já viu, né, Piper? Aquele da cena louca do chuveiro? — Ela fez o gesto de esfaquear o ar com uma faca invisível, produzindo sons agudos de efeitos especiais a cada facada: *i-i-i-i-i!*

Piper fez que não.

— Hum-hum. — Sua mãe não deixava ela assistir a nada proibido para sua idade.

— Ah, meu Deus! A gente precisa alugar esse filme, urgente! Não acredito que você não assistiu a *Psicose*! E sabe o melhor de tudo? A história se passa num hotel! Exatamente como este. Inclusive, é um hotel onde ninguém mais se hospeda por causa de uma rodovia… O cara pode muito bem ter se inspirado aqui.

Piper encolheu os ombros.

— Claro, parece bacana. Mas o que diz a carta?

Amy retirou a carta do envelope com um floreio e a entregou a Piper. Estava datilografada com capricho no antigo papel timbrado do Hotel da Torre.

Sr. Alfred Hitchcock
Universal Studios
Hollywood, Califórnia

3 de outubro de 1961

Prezado Sr. Hitchcock,

Tenho uma ideia para um filme para o senhor. É um hotel, com 28 quartos. Tudo parece normal, em ordem e quase perfeito por lá, mas na verdade isso é só aparência. Porque o hotel tem um 29º quarto. Um lugar onde os segredos mais sombrios que o senhor possa imaginar estão guardados.

O meu plano é o seguinte: vou descobrir todos os segredos desse 29º quarto, depois irei a Hollywood e contarei ao senhor, pessoalmente. Acho que, se o senhor escutar minha história, concordará que ela daria um filme maravilhoso, sombrio e cheio de reviravoltas. O tipo de filme que somente o senhor é capaz de fazer.

Entrarei em contato em breve, prometo.

Atenciosamente,

Sylvia Slater
Hotel da Torre
Estrada 6, nº 328
Londres, Vermont

— Que bizarro — comentou Piper. — Do que ela está falando?

— Está na cara, não está? Ela está dizendo que este hotel tem um cômodo secreto ou algo do tipo, um 29º quarto, e que ela foi procurar esse quarto. E saca só quando essa carta foi escrita: em 3 de outubro de 1961. Um dia antes de ela

desaparecer! Eu confirmei com minha avó hoje de manhã: Sylvie desapareceu na manhã do dia 4 de outubro.

— Mas como pode existir um quarto no hotel que você nunca tenha visto? — perguntou Margot.

— Talvez não seja um quarto de verdade — supôs Piper. — Talvez seja só uma… Como é que se fala? Uma metáfora, ou algo do tipo. Ou talvez ela só tenha inventado essa história toda para chamar a atenção do Hitchcock.

Amy balançou a cabeça: seu rosto estava corado e parecia febril.

— Não. Acho que é um quarto de verdade, um quarto secreto escondido em algum lugar deste hotel. E se a gente realmente quiser descobrir o que aconteceu com Sylvie, a gente precisa encontrar esse lugar.

— E por onde devemos começar? — quis saber Piper.

— Acho que precisamos dar uma olhadinha naquela mala de novo. Talvez ali dentro tenha alguma pista. Depois, acho que precisamos fazer uma busca no hotel, quarto por quarto.

— E naquele trailer velho também! — exclamou Margot, contagiada pela empolgação.

— Cada centímetro dessa propriedade — concordou Amy. — Venham. Vamos começar pela mala.

Jason

Jason estava escondido no Quarto 4, observando e esperando para surpreender Amy quando ela estivesse sozinha. Tinha trazido um segundo maço de cigarro, roubado do estoque do irmão. Sabia que aquilo era arriscado — com certeza Brian perceberia que a caixa agora estava com uma baixa de dois maços —, mas seu irmão mais velho estava muito ocupado com seu emprego de verão no Joe's Pizza e, quando não estava trabalhando no forno, estava saindo com a namorada e gastando o pouco dinheiro que ganhava. Jason esperava que Brian estivesse distraído demais para contar o número de maços de cigarro do estoque.

Ele estava entediado. Cansado de tanto esperar. Retirou o invólucro de celofane do maço, abriu-o e tirou um cigarro. Segurou-o entre o indicador e o dedo médio e enfiou o filtro entre os lábios. Nunca tinha fumado antes, nunca nem sequer pensara em fazer aquilo, mas Amy fumava. Ou pelo menos é o que ela dizia.

Ele foi até a mesinha de cabeceira apanhar a antiga caixinha de fósforos do Hotel da Torre e o cinzeiro de vidro lascado e parou para se admirar no espelho. Com a camiseta preta do Pink Floyd do irmão e um cigarro na boca, parecia um garoto com quem Amy conversaria. Ele bagunçou um pouco o cabelo, tentando obter um ar despenteado de rock star.

Levou o cinzeiro e os fósforos e sentou-se diante da janela, para continuar observando Amy. Riscou um fósforo. A cabeça se desfez. O segundo fósforo faiscou um pouquinho e depois apagou. O terceiro, o quarto e o quinto se desintegraram. Ele retirou um fósforo da fileira de trás e o riscou. Observou, surpreso, enquanto ele se acendia. Justamente quando levava o fósforo aceso até a ponta do cigarro e começava a tragar, viu um movimento pela janela, através de uma fresta da persiana.

Alguém estava na torre. Tossindo e com os olhos lacrimejando, ele apagou o cigarro no cinzeiro, mantendo o olho na velha construção de pedra.

Um vulto escuro estava andando até a abertura da torre, depois recuou e ficou escondido na escuridão. Jason chegou a ver um rosto pálido, uma camisa azul comprida… ou um vestido, talvez.

Ele deu um pulo, abriu a porta do Quarto 4 e saiu correndo pela trilha de carros em direção à torre. Parou quando chegou diante da abertura e olhou em

torno: tudo vazio.

Ele entrou, sentindo o cheiro de poeira e cimento.

Então ouviu um som lá em cima, um som de unhas batendo no piso, como se um gigantesco caranguejo estivesse caminhando de lado, raspando a madeira.

— Amy? — chamou ele, num sussurro rouco. — É você?

Com a sensação de que seu coração iria pular pela boca, Jason foi até a escada e subiu os degraus. Quando sua cabeça alcançou o topo, ele não viu nada, apenas um espaço vazio. E um buraco no assoalho de madeira. Aquilo não o surpreendia: as tábuas estavam parecendo meio podres. E a própria Amy não tinha dito que Piper caíra ali?

— Amy? — chamou de novo, com a voz esperançosa porém baixa, perdida na escuridão triste do ambiente. A luz do sol entrava pelas janelas estreitas como fendas. Nos castelos de verdade, ele sabia, janelas como aquelas eram utilizadas para atirar flechas numa batalha.

Com muito cuidado, levantou-se e caminhou até a escada seguinte, testando cada passo, os olhos grudados no local onde as tábuas haviam cedido.

Na segunda escada, subiu novamente e chegou ao andar de cima. Não havia nada ali tampouco. Apenas o céu aberto acima de sua cabeça, com nuvens tão baixas que lançavam sombras sobre a torre e o hotel. Um gaio azul o repreendeu de uma árvore próxima.

Jason tentou dizer a si mesmo que estava vendo coisas. Que só tinha imaginado o vulto na entrada da torre.

Mas, por mais que tentasse se convencer, sabia que não era verdade. Que alguém *estivera* ali e agora desaparecera. Impossível, mas verdade. As pessoas reais, de carne e osso, não podiam simplesmente desaparecer.

Então talvez tenha sido um fantasma, disse-lhe uma vozinha.

Jason, no entanto, nunca tinha acreditado em fantasmas. E não iria começar agora.

Piper

Piper, Amy e Margot chegaram à torre bem a tempo de ver Jason saindo apressadamente.

— O que *você* está fazendo aqui? — vociferou Amy.

O cabelo de Jason estava todo bagunçado, e ele vestia uma camiseta que era uns dez números maior que ele. Lembrança mais um espantalho. E, além disso, parecia pura e simplesmente assustado: os olhos arregalados e frenéticos, o rosto pálido e suado.

— Nada, eu estava…

— Você estava invadindo a propriedade alheia! É isso o que você estava fazendo. Sabia que existem leis contra isso?

— Tinha… alguém aqui — disse Jason, envergonhado.

— Onde? — exigiu saber Amy.

— Na torre. Vi alguém entrando aqui na torre. Alguém de azul.

Amy empurrou-o para o lado e berrou:

— Tem alguém aí?

Sua voz ecoou, soando ao longe. Claro que não houve resposta.

— Não tem ninguém aqui agora, Jay-Jay.

— Bom, mas tinha. Eu vi — insistiu ele, mas sua voz falhou um pouco.

Piper achou que ele devia estar mentindo, tentando inventar uma boa desculpa por ter sido encontrado ali. Provavelmente ele estava ali apenas espionando, tentando pegar Piper e Amy se beijando de novo. O rosto dela ficou corado.

Margot, por outro lado, acreditou nele. Olhou para o chão que rodeava a torre.

— Talvez a pessoa tenha deixado alguma pista… Pegadas ou coisa assim.

Amy revirou os olhos e agitou um dedo para Jason.

— Eu não te avisei para ficar longe daqui?

— Hã… avisou.

— Entãooooo? — disse Amy, alongando a palavra, com as mãos nos quadris e as sobrancelhas erguidas.

— Então o quê? — perguntou Jason.

— Então cai fora. Vai pra casa. Agora!

Ele saiu em disparada como um coelho assustado, ziguezagueando pela trilha de carros. Passou pela piscina e rumou para o campo situado atrás dela.

Margot mordeu o lábio.

— Não acha que isso foi meio malvado?

— Malvado? — disse Amy, com os olhos teatralmente arregalados enquanto aumentava o tom de voz, mais irritada. — Você deve estar de brincadeira!

Margot deu de ombros. Nunca tinha medo dos rompantes de Amy e por isso nunca sabia quando devia recuar, quando devia deixar para lá.

— Acho que ele é sozinho, eu tenho pena dele. E você, Piper? — Ela olhou para a irmã mais velha, os olhos dizendo: *me dá apoio nessa.*

Piper ficou quieta. Sinceramente não dava a mínima para o quanto Jason Hawke era ou deixava de ser solitário.

— Olha — disse Amy, obviamente se esforçando para ser paciente. — A gente tem algo muito importante rolando aqui. Um segredo. Tudo isso, encontrar a mala, a carta, a busca pelo 29º quarto… Não podemos contar nada a ninguém, não até sabermos mais coisas. E não podemos ter um garoto idiota bisbilhotando a gente, espionando. Ele poderia arruinar tudo!

Mas foi você quem beijou ele, pensou Piper. Quando Margot protestou que não via como Jason poderia arruinar nada, ela entretanto se virou contra a irmã.

— Não seja idiota, Margot. E se ele descobrir a mala? E se contar sobre isso para os outros?

Margot balançou a cabeça, o rosto com sua expressão mais teimosa.

— Ele não faria uma coisa dessas. Ele não liga pra nada disso.

— Ah, quer dizer que você é uma especialista no que Jason Hawke *liga ou deixa de ligar?* — disse Piper, a voz cheia de desdém.

Margot olhou para baixo, para seus chinelos gastos. Cada um tinha uma florzinha de plástico presa numa fivela entre os dedos. Ela não disse nada.

— Vamos — disse Amy, puxando o braço de Piper —, vamos dar uma olhada na mala de novo.

Piper seguiu a amiga para o interior da torre; Margot foi atrás delas, arrastando os pés, olhando por cima do ombro em direção ao morro onde Jason havia desaparecido.

1961



Sr. Alfred Hitchcock
Universal Studios
Hollywood, Califórnia

12 de setembro de 1961

Prezado Sr. Hitchcock,

Às vezes tenho medo de estar ficando louca. O senhor se sente assim às vezes? Imagino que sim. Talvez isso seja inerente aos espíritos criativos.

Ah, as coisas com que sonho e anseio… Impossíveis, enlouquecedoras.

O mundo olha para mim e vê uma garota feliz. Uma garota borbulhando de esperança e otimismo. Tão doce. Tão inocente. Ah, as coisas que não sabem! Que nunca poderiam adivinhar!

Tudo não passa de uma encenação; sou a maior atriz que existe!

Nesta casa de caras amarradas e discussões silenciosas, sou o único facho de luz. E resplandeço. Ah, como resplandeço e cintilo. Às vezes eu os pego olhando para mim com meios sorrisos encantados. Uma bela criatura. É o que eles veem. Alguém incapaz de fazer o mal. Somente Rose suspeita da verdade. E, portanto, não tenho remédio a não ser evitá-la, jamais encarar minha irmã nos olhos.

Não é tão difícil assim, na verdade. Ela facilita as coisas. Tornou-se uma garota tão esquisita. Sempre encrencada por uma coisa ou outra, sem amigos. Prefere a companhia daquela velha vaca infeliz à de qualquer ser humano.

Segundo mamãe, Rose tem ciúmes de mim, mas não creio que seja o caso. Acho que ela me odeia mesmo. Mas, enfim, talvez não seja só comigo — Rose parece odiar tudo e todos. Ninguém pode se culpar por evitá-la.

A rodovia foi concluída, tal como prometido, e arruinou tudo. Exatamente o que aconteceu com o Bates Motel no seu último filme, Psicose*; só que na vida real. Meu tio Fenton me levou para ver esse filme três vezes. É sua obra mais brilhante (para não dizer chocante) até o momento. Gostei ainda mais do que* Um Corpo que Cai*, que até então era o meu filme preferido do senhor. Fenton conseguiu convencer o funcionário do cinema a me dar o cartaz de* Psicose *depois que o filme saísse de cartaz, e eu o colei na parede do nosso quarto, em cima da minha cama. Só*

que papai me fez retirá-lo: disse que não queria ver Janet Leigh com roupa de baixo sempre que entrasse no nosso quarto. Agora o pôster está no trailer de Fenton.

Às vezes me pergunto se minhas cartas inspiraram parte de sua história sobre o Bates Motel. Será?

Tal como o do filme, ninguém mais vem ao Hotel da Torre. A cidade de Londres, minha família, o hotel… Tudo isso não passa de meros fantasmas do que foram um dia.

Espero que o senhor não se incomode de eu continuar lhe enviando cartas. Entendo que é muito ocupado e não pode me responder, mas gostaria muito de saber, de alguma maneira, se o senhor chega a ler estes rabiscos bobos.

Preciso saber se há alguém me ouvindo.

Atenciosamente,

Srta. Sylvia A. Slater
Hotel da Torre
Estrada 6, nº 328
Londres, Vermont

Rose

Sentada na sala, Rose desdenhava das bexigas e dos enfeites pendurados acima de sua cabeça. Tio Fenton pintara um pôster onde se lia *Feliz 18º Aniversário, Sylvie* e o pendurara na parede atrás do sofá. Fenton e papai haviam arrastado a mesinha de centro, a televisão e as cadeiras até a sala de jantar, e mamãe dispusera petiscos sobre a mesa: almôndegas, salsichas do tipo coquetel em palitos, ovos picantes, uma bola de queijo envolta em nozes-pecãs. Num balde de gelo havia garrafas de Coca-Cola.

Com um vestido verde-claro de manga cavada e uma faixa de cabelo da mesma cor que ela própria costurara com o tecido brilhante do vestido, Sylvie usava os brincos de esmeralda que mamãe lhe dera de Natal, herdados de vovó. Mamãe conservara apenas duas joias dela: os brincos de esmeralda e um colar de pérolas, que lhe haviam sido enviados da Inglaterra após a morte da mãe. Nunca usara nenhuma das duas — "não fazem muito o meu estilo", costumava dizer com um sorriso torto; mas Rose sabia que ela as estava guardando, que eram especiais demais para usar para limpar os quartos do hotel e remendar as roupas dos outros. Sabia que as joias fariam parte da herança das filhas. Como Sylvie havia ganhado os brincos, Rose tinha certeza de que as pérolas seriam suas. Talvez quando ela fizesse 16 anos, talvez até mesmo antes.

Mamãe deixara Sylvie pegar emprestado seu batom vermelho, e ela parecia toda adulta — mal dava para reconhecer a garota que certa vez estivera à frente do circo de galinhas. Sylvie havia convidado três amigas, Marnie, Kate e Dot. Todas soltaram murmúrios de admiração com o vestido de Sylvie e com seu ar sofisticado e sua beleza. Mordiscavam os petiscos enquanto conversavam sobre o trabalho (Sylvie e Dot trabalhavam na Woolworth's) e sobre um jogo importante de futebol americano que os London Raiders disputariam no fim de semana. Marnie, que era um ano mais nova que as duas e ainda estava no colegial, namorava firme o *quarterback*. Sylvie não tinha namorado nem parecia interessada em ter. Quando Davy Palmer a convidou para o baile no Elks Club, na semana passada, ela lhe disse que tinha outros planos, mas depois ficou em casa. Desde a formatura no último verão, Sylvie só havia ajudado no hotel (nas raras ocasiões em que havia hóspedes), trabalhado meio período na Woolworth's e feito alguns trabalhos de datilografia para um amigo de papai que era dono de uma

seguradora. Todos os sábados ela ia ao cinema com Fenton e Rose, mas, fora isso, ficava em casa, lendo revistas e ouvindo discos.

Agora Chubby Checker começou a tocar no som estéreo, e Sylvie implorou que as convidadas dançassem o twist. Papai e Fenton ficaram juntos num canto, fumando e conversando em voz baixa, enquanto mamãe ia e vinha da mesa de comidas, trazendo pratos fresquinhos da cozinha.

As coisas entre papai e ela andavam esquisitas. Esquisitas de um jeito que fazia o estômago de Rose doer, quando ela pensava demais no assunto. Às vezes escutava os dois brigando — por causa de dinheiro, por causa do hotel, por causa de um monte de coisas. Algumas vezes papai saía irado e passava a noite inteira fora. Aparecia na manhã seguinte com as roupas amarrotadas, e mamãe então lhe servia o café, despejando a bebida quente na sua xícara como se tudo estivesse perfeitamente normal.

Rose se levantou e foi se encostar na parede, segurando uma garrafa de Coca-Cola que já começava a ficar quente. Tinha feito 14 anos em maio passado e, embora fosse mais nova do que a irmã, era mais alta do que ela e tinha uns bons quinze quilos a mais. Havia escolhido um vestido velho para usar na festa. Não era um dos seus melhores, mas era um vestido de que ela gostava o suficiente, porque o xadrez vermelho a fazia lembrar-se da jaqueta de caçador do papai. E ela se sentia uma caçadora. Que observa e espera. Rose vinha fazendo isso havia anos, desesperada para apanhar a irmã com a boca na botija. Fazendo o quê? Transformando-se em alguma espécie de animal ou inseto, como é o costume das maras? Será que Rose de fato acreditava nisso? Mesmo agora, com 14 anos de idade?

Sim.

Ela jamais admitiria isso a absolutamente ninguém, porque com certeza pensariam que ela estava louca. Ninguém nunca acreditaria que a bela e perfeita Sylvie, com seu sorriso brilhante e sua aparência de estrela de cinema, a garota que havia se formado no ensino médio com as notas mais altas da classe, poderia ser um monstro. E, obviamente, monstros não existem, não é mesmo? Apenas nos filmes, e lá eles eram geleias, insetos gigantescos, lobisomens ou alienígenas do espaço sideral. Fenton levava Rose e Sylvie ao cinema todos os sábados, e Rose já vira todos esses monstros, mas não vira nada capaz de explicar o que sua irmã poderia ser.

A única coisa com que podia contar era com as lembranças das histórias da vovó.

— Uma mara, quando transformada, conservará algumas das suas características e memórias humanas — explicara a avó. — Elas são capazes de reconhecer as pessoas que conhecem, os lugares aonde foram. Apesar de não ferirem nem uma mosca quando estão em sua forma humana, quando se transformam tornam-se muito, mas muito perigosas.

Rose imaginou a irmã despertando à noite transformada — não numa bela mariposa-da-lua, mas em algo muito mais perigoso, algo que demonstrava sua verdadeira natureza: uma criatura monstruosa, com olhos multifacetados que cintilavam com resquícios dos olhos azuis intensos de Sylvie, com grandes asas coriáceas e um probóscide feito para rasgar carne e chupar sangue.

Sylvie ainda desaparecia do quarto pelo menos uma vez por semana — ultimamente, até mais. Rose, contudo, nunca conseguia apanhá-la no momento em que ela saía. Era sempre ela, Rose, que era pega, enquanto a irmã dava um jeito de voltar para a cama sem ser vista. A caçula sabia que, se quisesse expor Sylvie, teria de ser mais ardilosa. Teria de raciocinar como uma caçadora.

— Vem, Rose, dança com a gente! — chamou Sylvie.

Ela e as amigas ainda estavam dançando o twist com a música de Chubby Checker, e até mesmo mamãe, papai e Fenton haviam se juntado a elas. Mamãe dançava com rigidez, mas papai sorria para ela o tempo inteiro enquanto rodopiavam, os braços balançando, os quadris girando, os pés rodando sobre o assoalho de madeira.

"*Yeah, you should see my little sis*", cantava Chubby Checker e, então, como se fosse uma deixa (e afinal tudo o que Sylvie fazia não era de certa maneira cuidadosamente coreografado?), ela dançou até onde Rose estava e segurou sua mão. Todos estavam olhando, aguardando para ver. Será que a irmã estranha e feia que não sabia dançar aceitaria o convite da linda aniversariante? Ou será que balançaria a cabeça, faria beicinho e se recusaria, como uma grotesca joaninha xadrez? Era isso o que as pessoas esperavam que ela fizesse.

Vou surpreender todos eles, pensou Rose, dando um sorriso largo, pousando a garrafa de refrigerante e indo até o meio da sala com sua irmã. Rose não acompanhou os movimentos de Sylvie como os outros faziam (ou tentavam fazer); inventou outros passos, mais rápidos e frenéticos, uma versão da dança

que envolvia balançar os cabelos para a frente e para trás, junto com o corpo inteiro. Era gostoso se mexer assim. Como se ela não estivesse nem aí para nada. Como se fosse uma garota cheia de surpresas. Tudo se transformou numa mancha de luz e cor: as bexigas presas com durex no teto, os enfeites brancos e cor-de-rosa, até mesmo as três garotas que davam risadinhas enquanto dançavam num círculo solto em torno de Tio Fenton. Seus pais pareciam se mover em câmera lenta, olhando pela primeira vez para ela; e Sylvie, que flutuava em seu vestido verde, parecia menos uma garota e mais a mariposa-da-lua que Rose certa vez encontrara na torre.

— Rose, querida — disse mamãe, dando um passo à frente e colocando a mão sobre o braço da filha. — Pare com isso, você vai se machucar.

Então toda a sala explodiu em gargalhadas. Rose parou de dançar; quando afastou o cabelo dos olhos, viu que estavam todos olhando para ela e dando risada.

Que se danem todos eles, pensou.

— Uau, que dança, irmã! — exclamou Sylvie, rindo e cobrindo a boca com a mão.

E dane-se principalmente você, pensou Rose, recuando até seu cantinho e sua garrafa quente de refrigerante.

Sylvie foi escolher outro disco — dessa vez, Elvis, "Stuck on You". Perguntou se Fenton não dançaria com ela, e os dois foram até o meio da sala, olhando na direção de Rose. Sylvie disse algo, e ele se dobrou ao meio de tanto gargalhar; quando se empertigou novamente, seu rosto e suas orelhas estavam vermelhíssimos. Ele desabou no sofá, ainda rindo, e ficou olhando Sylvie dançando com as amigas.

Rose foi até a janela e olhou para a placa do hotel no início da trilha de carros. Hoje em dia eles quase não tinham mais hóspedes, desde que a rodovia fora inaugurada no ano anterior e arruinara tudo. Os motoristas de caminhão, assim como as famílias de férias e os turistas que seguiam em massa, agora pegavam a rodovia interestadual. A família havia perdido até mesmo muitos de seus clientes habituais: Bill Novak, que vinha do Maine com um caminhão carregado de lagostas e peixes; Joseph, o vendedor de sapatos; as famílias que sempre passavam por lá todo verão, ansiosas para ver o circo e olhar para a torre novamente.

Não que papai não tivesse se esforçado para reverter aquilo: ele distribuíra mais panfletos e colocara anúncios em todos os jornais e revistas que pôde encontrar. Tentara inclusive instalar uma placa na rodovia, na saída para Londres, mas a polícia rodoviária a retirara. Não importava o que ele fizesse, os carros continuavam zunindo pela cidade, passando reto.

Rose não era idiota: sabia que eles estavam falindo. Que já haviam consumido havia tempos as poucas economias que tinham. Mamãe começara a fazer serviços de costura para fora, e Sylvie estava sempre atrás de horas extras na Woolworth's e na seguradora.

Fenton agora trabalhava numa oficina mecânica no centro, consertando carros e dirigindo o reboque. E papai sonhava com novos esquemas, novas maneiras de trazer as pessoas de novo, porém, nada que ele fazia dava certo. Ninguém mais vinha ver o circo de galinhas, a Torre de Londres ou Lucy, a vaca estadual. Lucy, aliás, não ia nada bem: estava perdendo peso, dormindo o tempo todo. Naquela manhã, Rose não conseguira nem mesmo incentivá-la a tomar o café da manhã.

Mais cedo mamãe fora trabalhar na mais recente edição da *Gazeta de Londres*. Seria uma edição curta. A notícia principal era o fechamento do mercado Libby's; agora as pessoas seriam obrigadas a dirigir até Barre para comprar mantimentos. Mamãe tentou compensar as más notícias publicando uma de suas melhores receitas — a de torta *chiffon* de limão, que, segundo o prometido, era mais leve que uma nuvem.

A dança havia terminado, e todos se reuniram em torno da mesa de petiscos.

— Hora dos presentes! — ordenou papai, enfiando um embrulhinho retangular envolto em papel decorado nas mãos de Sylvie. Ela desfez o laço e puxou com delicadeza o papel azul brilhante. Era um conjunto de caneta e lápis num estojo com forro de veludo.

— Para você escrever todos os seus pensamentos inteligentes — disse papai.

— Ah, papai, é perfeito! — exclamou Sylvie, atirando os braços em torno do pescoço do pai e beijando seu rosto.

— Este aqui é o meu — disse Fenton, retirando um pacote grande e achatado de trás do sofá. Sylvie rasgou o papel. Era um pôster emoldurado de *Intriga Internacional*, mostrando Cary Grant, com um ar determinado, correndo de um bimotor que arremetia sobre ele, às suas costas.

— Ah, Fenton — disse Sylvie. — Obrigada!

Ele sorriu com timidez.

— Meu amigo no Paramount guardou para mim.

— Agora o meu — disse mamãe, adiantando-se e entregando uma caixa muito menor para Sylvie.

Rose teve uma sensação nauseante quando a irmã abriu o embrulho com todos os olhares sobre ela.

— Ah, mamãe! — disse Sylvie, num gritinho sufocado, ao retirar o colar de pérolas: as pérolas de vovó.

Rose sentiu um grito aumentar dentro de si, mas sua garganta estava apertada demais para que ele escapasse. Seu rosto ficou em fogo; o corpo todo inundado por um calor intenso.

Não dava para acreditar! Sylvie ganhara os brincos; as pérolas eram para ser de Rose. Agora, porém, Sylvie tinha as duas coisas.

— Não é justo! — Rose deixou escapar com voz engasgada.

— O que você disse, Rose? — perguntou papai.

— Esse colar era para ser meu — disse ela. — Vovó gostaria que ele ficasse comigo. Sylvie nem gostava dela.

Ela gostava mais de mim.

A sala caiu em silêncio e todos olharam para Rose. As três amigas de Sylvie pareceram pouco à vontade, Fenton mordeu o lábio e mamãe olhava para a filha mais nova como se ela fosse um cachorro vira-lata que tivesse feito cocô no meio da sala. Sylvie fitava as pérolas. E Rose tinha certeza de que, por um instante, conseguia ver através do disfarce da irmã: ali, segurando o colar, estava um terrível inseto com olhos redondos arregalados, asas verdes cintilantes e partes bucais que faziam ruído todas as vezes que se tocavam.

— Eu te odeio — disse Rose, furiosa, para a irmã. — Eu sei o que você é, apesar de ninguém mais saber!

Saiu como um furacão da sala e foi até a cozinha, reprimindo soluços. Ali, no meio da mesa de centro, estava o bolo de chocolate de três andares com cobertura branca que sua mãe fizera. *Feliz 18º Aniversário, Sylvie* estava escrito no topo com letra cursiva caprichada.

Rose soltou um soluço imenso. Da sala vinha uma música, The Marcels cantando "Blue Moon":

…you saw me standing alone
Without a dream in my heart

Não adiantava nada, e Rose sabia muito bem. Ninguém jamais enxergaria a verdadeira Sylvie, só quando Rose lhes mostrasse isso. Só dependia dela.

E ela sabia exatamente o que fazer.

— Só existe uma maneira de apanhar uma mara — dissera vovó. Agora Rose se sentia feliz por ter prestado tanta atenção a ela, quando criança.

A garota ergueu o braço e deixou o punho fechado cair sobre o bolo com tanta força que ouviu o prato se rachar. Então levou os dedos até a boca, repletos de bolo e cobertura. Lambeu a mão enquanto seguia em direção à porta da cozinha e saía de casa, os dentes doendo por causa da doçura intensa.



Sr. Alfred Hitchcock
Universal Studios
Hollywood, Califórnia

16 de setembro de 1961

Prezado Sr. Hitchcock,

Hoje fiz 18 anos.

E sou uma garota muito, muito má.

Sua, como sempre,

Srta. Sylvia A. Slater

Hotel da Torre

Estrada 6, nº 328

Londres, Vermont

Rose

Mais tarde, naquela noite, Rose se viu novamente na sala de estar da casa observando Sylvie dançar; a irmã estava rodopiando o twist como um parafuso incapaz de decidir para que lado girar, a metade de cima do corpo indo para um lado e a de baixo, para outro. Então, diante dos olhos de Rose, a cabeça de Sylvie virou-se completamente, de modo que sua nuca ficou na frente do corpo. Ela afastou o cabelo do rosto com as duas mãos para mostrar que o crânio havia se partido, formando uma segunda boca. Uma boca grotesca de batom vermelho.

— Vem dançar comigo — disse a nova boca, enquanto o cabelo ao seu redor se contorcia como tentáculos. Em volta do pescoço de Sylvie (retorcido como uma bala de alcaçuz horrenda, feita de carne) estava o colar de pérolas.

Sylvie deu um passo na direção de Rose, com a boca agora sorridente, gargalhando até, os lábios vermelhos esticados para trás. Parecia obscena, como as partes íntimas de uma mulher.

Rose soltou um grito. Gritava e gritava sem parar, mas não conseguia se mexer enquanto a irmã se aproximava dela, os cabelos dançando como serpentes em torno do rosto de Rose. Sylvie cobriu a boca e o nariz da caçula com uma das mãos com tanta força e de modo tão completo que ela não conseguia respirar.

Acordou ofegando, novamente tomada com aquela sensação, agora familiar, de sentir-se paralisada. Lutou para se mexer, para trazer seu corpo de volta à vida. Quando finalmente conseguiu levantar a cabeça e se sentar na cama, descobriu que estava sozinha no quarto e que já era manhã. O relógio marcava quase 8h00. Ela dormira demais. Respirou algumas golfadas de ar, tentou aplacar seu pânico.

Um sonho. Fora só um sonho.

Ouviu vozes lá embaixo: seu pai, sua mãe e Sylvie, tomando o café da manhã.

A cama da irmã, do outro lado do quarto, estava feita com capricho.

Rose se levantou e começou a arrumar a própria cama: puxou as cobertas, alisou o lençol e dobrou a ponta de cima com cuidado. Enquanto ajeitava o travesseiro, descobriu duas mechas de pelo preto curto e espesso grudados na alegre fronha amarela. Olhou intrigada para aquilo por um instante; eles não tinham gato ou cachorro desde que o velho Ranger morrera. Afastou os pelos e

depois apanhou o travesseiro. Foi quando encontrou os brincos de vovó, que haviam sido deixados ali como um presente secreto, só aguardando para ser encontrado.

A mente de Rose disparou, e todos os pensamentos sobre aquele pelo negro esquisito desapareceram.

Só podia ter sido Sylvie. Ela devia ter se dado conta do quanto tinha sido injusto ganhar tanto o colar quanto os brincos. Talvez mamãe tivesse conversado com ela e lhe dito para fazer o que era certo: "Dê à coitada da sua irmã um dos dois. É o justo."

Ou talvez ela tivesse feito aquilo por iniciativa própria, para mostrar que era boa demais para todas aquelas bobagens, para ser a heroína da história de algum jeito novo, brilhante, à la Sylvie.

Rose imaginou tudo: ela descendo as escadas com os brincos e seus pais ficando felicíssimos com Sylvie por ela ter sido tão bondosa, atenciosa e generosa. Ficariam tão focados na filha mais velha que nem perceberiam como as pedras verdes lapidadas ressaltavam os laivos de verde dos olhos castanho-claros de Rose, como elas a deixavam linda. E com certeza, pensou Rose enquanto levava com cuidado os brincos em formato de gota até a penteadeira com espelho, com certeza eles a deixariam linda. Ela os prendeu nos lóbulos, afastou os cabelos emaranhados do rosto, colocando-os atrás das orelhas, e admirou o modo como os brincos refletiam a luz. Maravilhosos. É o que eram. A coisa mais linda que já tivera na vida.

Demorou-se escovando os cabelos e prendendo-os em uma trança caprichada. Escolheu um vestido marrom, um dos melhores que tinha, com renda nas mangas. Sylvie a ajudara a escolher aquele vestido, dizendo que combinava perfeitamente com o tom leitoso de sua pele e seu cabelo escuro.

Quando eles a vissem descendo as escadas, esqueceriam tudo sobre aquela outra garota — a que havia destruído o bolo e dito que odiava a irmã. ("As palavras mais cruéis que se poderia dizer numa festa de aniversário", dissera mamãe na noite anterior.) Talvez até esquecessem que haviam deixado Rose de castigo, que haviam delegado a ela todas as tarefas de Sylvie por um mês. Veriam que essa nova Rose, obviamente, era uma garota diferente, uma garota mais legal, uma garota linda que jamais faria nada horrível como aquilo. Como se a antiga

Rose tivesse estado sob um feitiço que agora se quebrara, graças àqueles brincos mágicos.

Rose terminou de fazer a cama, olhou-se uma vez mais no espelho (e agora, quem é a estrela de cinema?) e foi para o corredor, onde começou a descer as escadas, atraída pelo cheiro de bacon e café, o barulho familiar do desjejum sendo servido, as vozes de sua família.

— Meus brincos! Eu não consegui mais encontrá-los depois da festa, mas tinha certeza de que acabariam aparecendo uma hora ou outra. Você estava com eles o tempo todo, não é?

Rose recuou um passo. Devia haver algum engano. Com certeza.

— Mas você… você os deixou para mim.

A cozinha pareceu diminuir de tamanho. Rose respirou uma golfada de ar — de repente entendeu tudo. Sylvie deixara os brincos para ela não como um presente, mas para dar a impressão de que a irmã os tinha roubado. E Rose caíra na armadilha direitinho, como uma tola. A certeza daquilo atingiu-a com força no plexo solar, forçando o pouco ar que ainda havia ali.

Sylvie se levantou da mesa e caminhou até Rose, balançando a cabeça.

— Se queria pegar emprestado, era só pedir. Não precisava roubar meus brincos.

— Mas eu… Eles estavam embaixo do meu travesseiro. — Rose recuou um passo e quase tropeçou na perna de uma das cadeiras.

— Rose! — repreendeu mamãe com a voz severa. — Tire os brincos. Agora.

A menina obedeceu, com dedos trêmulos. Viu o quanto parecia idiota — as esmeraldas cintilantes em sua mão cujos dedos tinham terra sob as unhas e marcas profundas. Estava tudo errado. Ao entregá-los para Sylvie, olhou para o rosto da irmã, meio que esperando que ela girasse a cabeça completamente e começasse a falar com uma boca horrorosa que não passava de uma fenda em sua nuca. Sylvie, entretanto, simplesmente sorriu com doçura e um olhar de pena.

Rose se sentiu tonta. Nauseada. Precisava se sentar, mas não conseguiu obrigar as pernas a se moverem na direção de uma cadeira.

— Você precisa deixar as coisas da sua irmã em paz — disse papai apenas, ainda segurando o jornal, sem nem sequer levantar os olhos das notícias do dia.

Os russos estavam realizando mais testes nucleares, mas o presidente Kennedy também andava fazendo seus próprios testes. Era apenas uma questão de tempo até o mundo inteiro explodir. Às vezes, como naquele momento, Rose se pegava desejando aquilo, que as bombas começassem a cair do céu, lindas e estranhas.

Ele se levantou e fechou o jornal.

— Vai vir me ajudar com os livros, Sylvie?

— Sim, papai — disse ela, retirando o seu prato e o dele da mesa. — Daqui a um minuto. — Então se virou mais uma vez para Rose. — Sério, Rose, da próxima vez que quiser pegar alguma coisa emprestada é só pedir.

Mamãe sorriu para a filha mais velha: que bondosa, que compreensiva. Tudo, entretanto, não passava de um disfarce, e Rose sabia disso. Ela olhou para a irmã do jeito mais sinistro que pôde, um olhar que dizia: *A mim você não engana.*

Depois que Sylvie seguiu papai para fora da cozinha, mamãe começou a reunir a louça e colocá-la na pia. Apanhou o prato de Rose, embora ela ainda nem tivesse comido

— Mamãe, estou falando a verdade: Sylvie me deu aquilo. Ela deixou os brincos embaixo do meu travesseiro hoje de manhã.

Ela é que é o monstro, não eu.

Mamãe se virou e encarou Rose sem dizer nenhuma palavra a princípio. O olhar dela fez o sangue de Rose gelar. Como se dissesse: *Eu não te conheço; você é uma estranha pra mim.*

— Você precisa parar com essas mentiras, Rose — disse a mãe por fim. — E, se alguma vez você voltar a roubar alguma coisa da sua irmã, pode esperar sérias consequências.

Rose

Na noite seguinte, Rose acordou com um sobressalto. Olhou para a cama de Sylvie e viu que a irmã não estava ali. Atirou os lençóis para o lado e saiu da cama, a respiração contida, escutando: onde estaria sua irmã — sua cruel, desgraçada irmã, que plantara aqueles brincos só para fazer Rose parecer uma ladra? Qual poderia ser sua próxima artimanha dessa vez?

Então, Rose sentiu algo: a vibração de um perigo. Algo ruim estava prestes a acontecer. Ela simplesmente sabia. O ar estava da mesma maneira como ficava antes de uma tempestade: carregado de eletricidade, pesado, expectante.

Rose foi até a janela, puxou as cortinas de renda para o lado e espiou o jardim, banhado à luz do luar. As pedrinhas de cascalho da trilha de carros resplandeciam como joias, e na recepção as mariposas esvoaçavam em bando na luz acesa à frente, pairando, debatendo-se inutilmente. O letreiro luminoso do hotel estava aceso, mas a Estrada 6 estava vazia àquela hora da noite.

Hotel da Torre, 28 Quartos, Piscina, Há Vagas.

Rose não entendia por que papai se importava em acender aquele aviso agora; era um desperdício de luz elétrica. Os únicos carros que passavam por ali eram da gente do local.

Rose ouviu o trovejar distante dos caminhões passando ali perto. Parecia algo vivo, aquela rodovia. Sempre desperta, sempre zunindo de tráfego.

E então, perto da torre, uma sombra: Sylvie, entrando de camisola pela porta.

Rose vestiu um robe e saiu de fininho do quarto. Foi até o corredor, parando apenas ao passar pelo quarto dos pais. Ela poderia acordá-los e dizer: “Sylvie saiu da cama de novo. Está na torre neste exato minuto.” Mas eles jamais acreditariam em suas palavras; Rose sabia disso. Nem sequer se dariam ao trabalho de sair da cama para conferir se era verdade. E mesmo que o fizessem, que apanhassem Sylvie andando por aí, seria um desastre de outro tipo. Ela só podia imaginar as coisas que a irmã poderia fazer para se vingar.

Porém, se ela seguisse Sylvie e a apanhasse com a boca na botija, talvez acabasse conseguindo alguma evidência, uma prova. Foi o que imaginou. E então poderia, pela primeira vez na vida, ter uma vantagem.

Ela passou na frente do quarto dos pais, desceu os degraus de carpete e saiu silenciosamente pela porta de entrada. A noite estava estranhamente quente para o fim de setembro. E o ar, pegajoso e úmido como uma respiração. Ainda não havia geado; o verão continuava a pairar por lá. Grilos cricrilavam, cigarras cantavam. Na trilha de carros, havia um louva-a-deus parado, os braços espinhosos dobrados como se fizesse uma prece, mas que na verdade era uma pose eficientíssima para atacar suas presas.

Sylvie disse a Rose certa vez que a fêmea do louva-a-deus sempre cortava fora a cabeça do macho.

— É uma canibal do pior tipo — explicara Sylvie, durante o jantar, e mamãe lançara um olhar de advertência às duas meninas.

Rose continuou descendo a trilha, as pedrinhas ásperas e mornas sob seus pés descalços. As luzes dos quartos do hotel estavam desligadas, sem nenhum carro estacionado diante de suas portas.

— Clarence, você precisa encarar os fatos — Rose ouvira sua mãe dizer ao pai na semana passada. — Precisamos fechar as portas.

— Ainda não — dissera ele. — Ainda existe uma chance de que as coisas melhorem. Daqui a pouco virá o outono, a estação das folhas coloridas. Ninguém quer olhar as folhas quando está acelerando na rodovia.

Rose ouviu algo (um grito baixo, estrangulado?) vindo do alto da torre. Parou e conteve a respiração, escutando com atenção. Estava agora a apenas cinco metros do local, bem nos limites da sombra que a torre lançava graças ao luar.

Teve certeza de que ouviu seu nome sendo murmurado: *Rose… depressa…*

Será que Sylvie sabia que fora seguida? Pior, será que desejava que Rose a seguisse? Estaria Rose caindo numa armadilha?

Rose deu alguns passos para a frente, tomando o cuidado de não sair das sombras. Manteve os olhos grudados na porta da torre.

Teve a impressão de ouvir um zumbido baixo e depois o som de um farfalhar.

E subitamente sentiu vontade de virar as costas, correr de volta até a casa e acordar seus pais.

Sylvie está na torre. Ela está se transformando em algo terrível!

Mas precisava ver com os próprios olhos. Aquela necessidade a conduzia, um arame invisível que a apertava cada vez mais, trazendo-a num puxão forte e irresistível. Ao dar outro passo à frente, ela ouviu o que parecia ser o ruflar de um grande par de asas.

Uma sombra passou diante da abertura da torre, da esquerda para a direita, movendo-se depressa; uma mancha na escuridão. E aquilo ali, seriam mesmo asas? Múltiplos braços se agitando?

Rose conteve um grito, e então, percebendo tarde demais que soltara um ruído, levou a mão até a boca.

— Rose! — gritou uma voz. Era e ao mesmo tempo não era a voz de Sylvie; era familiar, mas simultaneamente tinha um rouquejar estranho. E irado.

Rose virou as costas e saiu correndo, correndo o mais rápido que suas pernas permitiam, subindo a trilha de carros, os pés descalços batendo nas pedrinhas, os olhos fixos na casa. Não ousou se virar. Às suas costas ouviu o ruflar de asas se aproximando. Cada vez mais.

Com o coração aos pulos, ela finalmente alcançou a porta. Abriu-a e fechou-a com força, trancando-a depressa.

— Rose! — chamou sua mãe lá de cima. — É você?

— Sim — disse Rose, que, de tão feliz por estar de volta, por estar viva, não se importava de ter sido apanhada em flagrante pela mãe.

— O que você está fazendo fora da cama? — Mamãe apareceu no alto da escada, amarrando o robe.

Será que ela deveria contar? Mas como? Não havia jeito de fazer mamãe acreditar no que Rose tinha acabado de ver; ela mesma mal conseguia crer.

— Nada — respondeu a menina, lutando com todas as forças para acalmar a respiração. — Não estava conseguindo dormir e desci para tomar alguma coisa.

— Certo. Agora volte logo para a cama, já está de madrugada.

— Sim, mamãe.

Rose entrou na cozinha, acendeu as luzes, abriu uma gaveta e retirou a maior faca que conseguiu encontrar. Com a arma na mão, serviu-se de um copo de suco e sentou à mesa. Dez minutos depois, ouviu Sylvie tentando abrir a porta de entrada, que estava trancada. Ah, então ela devia ter retirado a chave de baixo do

tapete, porque a porta se abriu. Rose se preparou para o pior, segurando com força a faca. Tentou se preparar para ver o monstro-Sylvie entrar na cozinha, alado, atacando Rose com seus braços extras e suas mandíbulas ruidosas. Rose então miraria o peito da criatura — o coração. Mas e se aquela coisa não tivesse coração? Sangue amarelo, era o que corria dentro dos insetos.

Em vez disso, porém, ouviu apenas os passos abafados de Sylvie subindo as escadas e seguindo pelo corredor em direção ao quarto.

A salvo. Ela estava a salvo. Por enquanto.

Rose ficou sentada à mesa da cozinha a noite inteira, pensando, planejando. Sua mente disparava enlouquecida, mas havia dois fatos apenas que prendiam sua atenção: sua irmã era um monstro, e ela sabia que Rose a vira — o que a colocava em uma situação mais arriscada do que nunca.

2013

Jason

Jason sentiu cheiro de encrenca assim que entrou no quarto. Estava exausto. A única coisa que queria neste mundo era tirar o uniforme, tomar uma chuveirada e depois ir até a cozinha, abrir uma cerveja e devorar sem muita atenção a gororoba temperada que Piper cozinhara na boca de trás do fogão.

A cunhada estava sentada na cadeira de balanço no canto do quarto, folheando uma revista. Assim que ele entrou, ela a fechou e se levantou.

— Vou deixar vocês dois a sós — disse, apressando-se a sair do quarto sem olhá-lo nos olhos.

Margot estava recostada na cama, apoiada em travesseiros e com as cobertas puxadas até o pescoço. Seu rosto estava inchado e vermelho: ela tinha chorado.

Ele tentou tocá-la, o estômago revirado de preocupação. Será que tinha acontecido alguma coisa com o bebê? Nesse caso, por que ela não tinha ligado para ele?

— Margot? Está tudo bem?

Ela afastou o corpo de leve, e ele retirou a mão.

— O que estava rolando entre você e a Amy? — perguntou Margot.

Jason respirou com força.

— Entre Amy e eu? Nada. Do que você está falando?

— Você foi na casa dela na semana passada. Foi vê-la.

Merda. Ela sabia. Mas como?

— O que você foi fazer lá, Jason?

— Eu… — Jason procurou alguma coisa para dizer, alguma saída daquela situação. — Onde você ouviu isso?

— Piper visitou a Lou hoje. Ela disse que, quando voltou da escola na semana passada, encontrou você com a Amy. E eu quero saber o que você foi fazer lá, Jason.

A menina. Claro.

Mas que diabo Piper fora fazer, contando isso para a irmã? Ele respirou fundo para se acalmar. Olhou para Margot e se lembrou da sensação da esposa se afastando diante de seu toque. Ainda conseguia senti-la recuando o corpo, indo para longe, enquanto os segundos se passavam. Ela se distanciou um pouco na cama, abrindo o máximo de espaço que podia entre eles dois.

Jason precisava encontrar um jeito de consertar as coisas.

Diga a verdade, falou sua consciência. *Conte tudo para ela.*

Bem, talvez não tudo.

— Margot, não foi nada de mais, é sério. Amy me telefonou na delegacia, estava chateada. Perguntou se eu não poderia fazer uma visita; ela queria conversar sobre um assunto.

— Que assunto? — quis saber Margot.

— A mãe dela, basicamente — respondeu Jason. — Você sabia que ela internou Rose num asilo? Ela estava muito abalada com as coisas que Rose lhe disse quando começou a ficar confusa.

Margot olhou para ele por um longo tempo.

— E aí *ela* ligou *para você?*

— Eu desconfiei também, acredite. Foi muito estranho. Mas ela disse que se lembrava de como eu era objetivo, e queria conversar com alguém que não estivesse envolvido na situação.

— Ela já tinha feito isso antes? — perguntou Margot. — Ligar para você e pedir que você fosse *conversar* com ela? Que fosse *objetivo*?

Jason fez que não.

— Não, foi a única vez, juro.

— Por que, então? Por que ela ligou para *você?* Por que agora?

— Não sei — admitiu Jason, esfregando o rosto com a palma da mão.

— E ela só conversou sobre a mãe?

— Basicamente sim.

— O que ela disse? Com o que estava tão chateada?

— Como eu falei — explicou Jason —, a mãe dela ficou muito fora da realidade. Andava dizendo umas maluquices.

Margot o observava com atenção.

— Que tipo de maluquices? — perguntou, revirando as cobertas.

Não havia sentido em mentir agora. Só Deus sabe o que aquela menina havia contado a Piper ou quanto da conversa ela poderia ter escutado na cozinha aquele dia.

— Ao que parece, Rose acredita que existem monstros no hotel. — Ele soltou uma risadinha nervosa. — E tentou convencer Amy disso.

— Monstros? — repetiu Margot.

— Eu sei, é uma loucura. A coitada da Rose está ruim da cabeça — disse Jason. — Acho que todos aqueles anos de bebedeira meio que estão cobrando o preço.

Ele moveu o peso de uma perna para a outra e olhou para a esposa, que agora estava toda encolhida no canto da cama. Nenhum dos dois disse nada.

— Por que você não me contou? — quis saber Margot.

— Não queria chatear você.

Margot soltou uma risada zombeteira.

— Me chatear? O fato de você ir visitar uma velha amiga, uma velha namorada, aliás, não teria me chateado se você tivesse me contado tudo assim que chegasse em casa. Mas a verdade é que você mentiu, escondeu isso de mim. O que eu devo pensar sobre isso, hein, Jason?

— Eu não menti, eu…

Ela balançou a cabeça.

— Às vezes uma mentira não é o que se diz, mas o que não se diz. Uma omissão.

— E as coisas que você esconde de mim? — vociferou Jason. Sentiu que estava se irritando, por mais que tentasse evitar. — *Suas* omissões?

— Eu *nunca* escondi nada de você, e você sabe muito bem! — vociferou Margot em resposta.

Jason respirou fundo, tentando manter o tom de voz calmo.

— Você me disse que não sabia o que significava “29 Quartos”.

O rosto de Margot se transformou de irado em culpado. Ela olhou para o outro lado.

— Você esconde, sim, algumas coisas de mim — continuou ele, em voz baixa. — Coisas importantes. Sempre escondeu. Não sou um idiota, Margot. Eu sei que você, Piper e Amy estavam aprontando alguma coisa naquele verão, e seja lá o que tenha sido acabou terminando a amizade entre vocês. Naquela época eu estava por fora de tudo, e continuo por fora até hoje.

Ele observou a esposa, esperando para ver se ela finalmente lhe contaria, finalmente o envolveria no assunto. Ela, entretanto, permaneceu em silêncio, com os lábios bem apertados.

1989



Piper

— Eu juro — disse Amy, enfiando a chave-mestra na fechadura do Quarto 3 e virando-a. — Era um fantasma de verdade.

O plano delas era vasculhar todos os quartos do hotel em busca de pistas do que poderia ter acontecido com Sylvie. Piper duvidava que fossem encontrar alguma coisa, mas, enfim, ela nunca teria imaginado descobrir a mala da tia Sylvie, desaparecida havia tanto, escondida nas tábuas do assoalho da torre.

— Fantasmas não existem — argumentou Margot com autoridade, enquanto elas entravam no quarto empoeirado de hotel havia tempos abandonado. Tal como nos Quartos 1 e 2, naquele também não havia nada de estranho. Uma cama com a mesma colcha feia de estampa *paisley* carcomida aqui e ali pelos ratos. O teto estava caindo aos pedaços, e o claro carpete azul-turquesa tinha manchas d'água. Havia uma grande marca de queimado no chão ao lado da mesa com a forma exata de um ferro de passar roupa.

Piper olhou embaixo da cama e só encontrou o cheiro ruim de carpete mofado. Margot foi espiar dentro do banheiro, agitando os aros da cortina do chuveiro em desintegração quando a abriu.

Desde que Piper e Margot chegaram naquela manhã, Amy insistia que uma criatura etérea a visitara durante a noite.

— Eu juro — disse Amy. — Não foi sonho. Eu acordei e a coisa estava bem ali… No pé da minha cama.

— E como ela era mesmo? — perguntou Margot. — Um cachorro com cara de humano ou um ser humano com cara de cachorro?

Amy abriu com força uma gaveta e sacou de lá uma Bíblia de Gideão.

— Vocês precisam acreditar em mim! Você acredita, né, Piper?

Piper assentiu.

— Claro. Acredito que você viu *alguma coisa*. Ou pensou que viu.

Amy balançou a cabeça e deixou a Bíblia antiga cair dentro da gaveta novamente.

— Não tem nenhuma dúvida. Abri os olhos e a coisa estava ali, meio que pairando no ar, me observando dormir no escuro. Eu vi de relance um rosto

branco, mas ele se virou para o outro lado e então estava, sei lá, todo coberto de pelos, ou então era como se tivesse vestido um casaco de pele ou algo do tipo. Depois ficou parecendo o rosto de um cachorro, com focinho e tudo o mais. Só que aí… puf! Sumiu.

— Talvez você tenha pensado que estava acordada, mas na verdade ainda estava dormindo — sugeriu Piper. — Isso já aconteceu comigo uma vez, e eu…

— Eu estava bem acordada. Não foi sonho nenhum!

— Talvez tenha sido o Pé-Grande — sugeriu Margot.

Amy soltou o ar, exasperada, fazendo a franja cor-de-rosa esvoaçar.

— Querem falar sério? Não era o maldito do Pé-Grande!

— Tá bem — disse Margot. — Então era só um fantasma de rosto branco e peludo que desapareceu assim que você acendeu a luz?

— Ai, vocês não têm jeito mesmo. Deixa pra lá. Se ele voltar de novo, vou pegar alguma coisa pra provar. Vou dormir com a câmera do lado da cama — disse Amy, e então suspirou. — Vamos dar o fora daqui, não tem nada neste quarto.

— Três já foram, só faltam 25 agora — disse Piper. Elas saíram do Quarto 3, trancaram a porta e rumaram para o Quarto 4.

— A fechadura deste aqui está quebrada — constatou Amy, guardando a chave-mestra no bolso enquanto abria a porta. Entrou no quarto, depois estacou. — Estão sentindo isso?

— Fumaça de cigarro — disse Piper. Os outros quartos tinham um cheiro leve de fumaça também, mas o daquele estava muito mais forte.

E havia algo diferente também: aquele quarto parecia… *habitado.*

Amy assentiu e foi até a janela; havia um cinzeiro no peitoril, com um cigarro quase inteiro esmagado.

— Alguém esteve aqui. Isso aqui não é uma guimba de vinte anos atrás.

— Será que foi sua avó? — perguntou Margot, sem muita certeza.

— Tsc, tsc. — Amy fez que não. — Por que ela viria até aqui só para fumar? Além do mais ela só fuma Virginia Slims. Este cigarro não é dela.

Piper se abaixou e olhou embaixo da cama.

— Hã… gente? Tem umas coisas aqui. Um monte de coisa, parece.

Amy a empurrou para o lado e enfiou a mão ali embaixo. Retirou um par de binóculos pesado, depois uma lanterna de plástico vermelho. Ela a acendeu. Estava funcionando. Arrastou para fora uma garrafa pet de Coca-Cola de dois litros cheia de água. E depois um saquinho de papel, tipo aqueles que os alunos levavam para a escola.

— Mas que… — disse Amy, abrindo o saquinho e espiando o que havia ali dentro. Despejou o conteúdo em cima da cama: uma chave-mestra num aro pesado, óculos escuros, um brinco prateado, alguns papéis timbrados do Hotel da Torre, uma antiga garrafa de refrigerante de vidro e uma carteirinha de fósforos.

— O que é esta tralha toda? — perguntou Margot, inclinando o corpo para se aproximar.

Amy apanhou o brinco.

— Isto aqui é meu. E os óculos também.

— Que medo — comentou Margot.

— É — concordou Piper. — Talvez você tenha seu próprio *stalker*. Quer dizer, por que alguém guardaria binóculos aqui se não estivesse usando isso para espionar a casa? Não tem mais nada por perto.

— Talvez seja o Pé-Grande! — disse Margot. — Ou o Sr. Cara de Cachorro. Talvez ele esteja morando aqui, observando você!

— Acho melhor você contar pra sua avó — disse Piper.

— De jeito nenhum! Ela provavelmente chamaria a polícia e eles viriam e começariam a bisbilhotar tudo.

Piper achava que aquela não era uma má ideia e quase chegou a dizer isso, mas não queria parecer uma criancinha.

— Eu voto em guardarmos tudo isto de volta — disse Amy. — E aí ficar de olho. Vamos dar uma olhada neste quarto várias vezes por dia. Quem sabe assim não apanhamos o nosso fumante.

Piper concordou, mas não gostou da ideia.

Não estava muito certa se realmente desejava apanhar o fumante e tinha ainda menos certeza se ele reagiria com calma, caso fosse flagrado por um punhado de garotas.

E se o fantasma de Amy fosse de verdade? E se quem estivesse ali espionando tivesse entrado escondido no quarto dela para vê-la dormir?

Jason

Jason sabia que não havia jeito de voltar ao Quarto 4. Elas agora ficariam de olho, talvez até preparassem alguma espécie de armadilha. Ele observou da orla da floresta as três seguirem de um quarto para o outro até visitarem todos os 28 dormitórios.

O que estariam procurando?

Quando saíram do último, estavam cansadas, discutindo. Era quase hora do jantar.

Margot falou alguma coisa sobre o Pé-Grande.

Amy comentou qualquer coisa de um fantasma, depois disse algumas palavras que Jason escutou claramente: "Se ele voltar hoje, vou tirar uma foto."

Observou Margot e Piper voltarem ao condomínio pela trilha no meio do mato. Esperou cinco minutos só para garantir e também começou a voltar pelo mesmo caminho, ficando logo na orla da floresta que bordeava o terreno dos Slater.

— É você, Jay-Jay? — chamou a voz de Amy a distancia, lá do hotel.

Ele se virou. Amy estava ao lado da piscina, segurando os binóculos do Quarto 4. Os binóculos *dele.* E os apontava para Jason.

Ele parou e acenou com nervosismo.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela.

— Andando.

— Dã!

— Preciso voltar para casa. Estou atrasado para o jantar.

— Volte amanhã então. Assim que puder. Tem uma coisa que quero te perguntar.

Ele concordou.

— Amanhã de manhã eu venho — gritou.

No dia seguinte, ele acordou cedo. Tomou um pouco de suco de laranja e comeu uma tigela de cereal integral com passas, depois correu até o hotel para esperar

Amy ao lado da piscina. Ela saiu da casa e atravessou o pátio de piso rachado, com os binóculos pendendo ao pescoço na correia de couro grossa. Trazia um papel quadrado e duro nas mãos.

— Tá bom, Sr. Cientista. O que acha disso?

Ela atirou o papel para ele. Era uma foto quadrada com borda branca — uma polaroide. Ele piscou, olhando.

— O que você está vendo? — perguntou Amy.

Obviamente ele tinha falhado no teste.

— Hum. O que eu deveria ver? — A foto estava escura e granulada, e na esquerda se via uma mancha branca.

— O fantasma! — exclamou Amy, apanhando a foto de volta da mão dele; depois apontou o dedo para o borrão esbranquiçado. — Eu tirei esta foto no meu quarto ontem à noite. Nossa casa está mal-assombrada. Talvez o hotel inteiro! Era isso que eu queria te perguntar. Você disse que viu alguém entrando na torre. Alguém vestido de azul, não foi?

— Foi — concordou ele.

— Mas quando você entrou na torre, a pessoa sumiu. Acho que era um fantasma e que você *o viu*. — Amy agitou o dedo para ele. — Assim como eu. — Ela tocou o peito de Jason com o polegar. — E acho que eu sei quem ele é.

— Quem?

Ela grunhiu com impaciência.

— Não posso contar! Ainda não. Piper e Margot não acreditam em mim. Mas elas ainda não viram o fantasma, né? E nós vimos.

— Mas eu…

— Por favor, diga que acredita em mim, Jay-Jay. Por favor, por favor, por favor. Diga que o que você viu pode ter sido mesmo um fantasma.

Jason hesitou, pensando. Ele não acreditava em fantasmas. E o vulto na foto borrada de Amy podia ser qualquer coisa. Mas ali estava ela, praticamente implorando.

— Claro — respondeu Jason. — Acho que pode, sim, ter sido um fantasma.

— Eu sabia! — exclamou ela. — Sabia que você iria acreditar em mim, mesmo que ninguém mais acreditasse. — Ela envolveu os braços em torno do pescoço dele, desequilibrando-o de leve. Ele começou a oscilar para trás, mas Amy o segurou, puxou-o para cima e continuou a trazer seu corpo para perto do seu, até que seus lábios estivessem sobre os dele.

Naquele instante, Jason acreditou de todo coração no fantasma do Hotel da Torre.

Piper

Do ponto de vista vantajoso de Piper sobre o morrinho situado entre a floresta e a piscina, ela conseguia ver claramente o que estava acontecendo: Amy beijando Jason Hawke. Margot, que estava logo atrás dela, ainda não tinha percebido nada.

— Margot, vá na frente para dar uma olhada no trailer — mandou Piper, com a voz carinhosa, mas firme. — Veja se consegue encontrar um jeito de entrar; mas não entre, espere a gente chegar primeiro. — Depois que sua irmã saiu saltitando, Piper se aproximou da borda da piscina. No pescoço de Amy estavam pendurados os binóculos. Piper percebeu com uma onda de raiva que eram provavelmente os mesmos que elas haviam encontrado no dia anterior, no Quarto 4, embora o plano fosse deixar tudo exatamente onde estava.

— Ah, oi, Piper — disse Amy, quando olhou para cima e viu a menina ali.

Sua voz era descontraída e animada, como se tudo estivesse perfeitamente normal. Como se estar ali na piscina beijando Jason fosse exatamente onde ela devesse estar. Piper não respondeu nada. Não ousou abrir a boca, com medo de que dali saísse um grito. Enfiou as mãos trêmulas no fundo dos bolsos da calça jeans enquanto Jason, felicíssimo, sorria.

— O que *ele* está fazendo aqui? — perguntou Piper por fim.

— Ele veio conversar comigo um assunto — respondeu Amy. — Mas agora já está indo para casa. Né, Jay-Jay?

Jason pareceu confuso e depois magoado.

— Hã? Eu…

Amy estava segurando alguma coisa. Algo achatado e quadrado. Uma foto polaroide.

Jason subiu a escada da piscina, mas então se virou de novo para Amy.

— Será que eu posso voltar mais tarde? — perguntou. Amy olhou para Piper e revirou os olhos de um jeito teatral, como se dissesse "dá pra acreditar"?

Não. Não dava para acreditar. Mas o que Piper não podia acreditar mesmo era que Amy tinha beijado aquele cara de novo.

— Vou estar meio ocupada o dia todo — disse Amy para Jason. — Mas outra hora, claro.

Ele assentiu e saiu, abatido.

— O que foi isso? — perguntou Piper, com a voz tremendo.

— Nada. Não foi nada, Piper.

— Não é o que estava parecendo.

— Bom, mas era.

— Por que você beijou ele de novo?

— Meu Deus, quem você é, a minha mãe? A polícia dos beijos?

— Não, eu…

— Olha isso aqui — disse Amy, entregando a foto para Piper observar. — O que você vê?

Piper não conseguiu ver muita coisa. A foto parecia meio danificada, como se a revelação tivesse sido malfeita.

— Parece uma borboleta, mais ou menos.

Amy balançou a cabeça.

— O fantasma voltou ontem à noite e eu tirei uma foto. Aí está a prova!

Piper observou com mais atenção a foto.

— É difícil dizer o que é.

— Jason viu direitinho. Ele acredita em mim — retrucou Amy.

Piper engoliu com dificuldade. Então era assim.

— Precisamos encontrar a Margot antes que ela perca a paciência e tente entrar naquele trailer velho sozinha — disse Piper. — Aquilo lá deve ser uma armadilha mortal.

* * *

Os pneus do velho trailer estavam vazios, e a grama alta do terreno atrás da casa tinha crescido em torno dele. Antigamente ele devia ser azul e branco, mas as cores haviam desbotado e em alguns trechos estavam descascadas, revelando o metal enferrujado por baixo. As janelas estavam quebradas e imundas, e na porta pendia um cadeado pesado.

— Não consegui entrar de jeito nenhum — avisou Margot. Elas a encontraram sentada nos degraus de cimento que conduziam à porta do trailer. — Cadê o

Jason?

— Foi pra casa — disse Piper com firmeza. Depois, virou-se para Amy. — Então, quer dizer que você nunca entrou aí? — perguntou, indicando o trailer com a porta trancada a cadeado.

— Não, isto sempre foi um lixão. E além do mais eu nunca consegui encontrar a chave. Mas acho que, se a gente quebrar aquela janela ali, dá pra entrar. Ela já está bem quebrada, na verdade.

— Você não acha que aquela chave velha que encontramos no Quarto 4 poderia servir neste cadeado? — indagou Margot.

— Não — respondeu Amy. — Aquela é uma chave-mestra antiga; não funcionaria neste tipo de cadeado.

Amy apanhou uma pedra e terminou de quebrar a janela com ela. Depois empurrou com cuidado os caquinhos de vidro das bordas. Então arrastou uma antiga espreguiçadeira enferrujada para lá e subiu, tomando impulso para dentro.

— Cuidado — disse Piper. — Não vá se cortar.

— Caramba! — gritou Amy. — A verdadeira viagem no túnel do tempo.

Piper subiu na espreguiçadeira e espiou pela janela aberta. Amy estava de pé numa minúscula cozinha, rodeada de cacos de vidro pelo chão, abrindo armários.

— Eu também quero ver — reclamou Margot.

Piper se virou para a irmã caçula.

— É perigoso demais. Tem vidro quebrado por toda parte, e vai saber se este chão é firme mesmo. — Ela apontou para a própria perna. — Você não quer acabar igual a mim, né? Além do mais, alguém precisa ficar de vigia. Se a avó de Amy apanhar a gente, a encrenca vai ser grande.

Vó Charlotte tinha dado um pulo no supermercado. Não deveria haver nenhum problema, mas nunca se sabia.

Piper impulsionou o corpo pela janela e entrou no trailer se contorcendo, pisando depois no vidro quebrado assim que conseguiu entrar. Sua canela latejava. A ferida feita pela farpa de madeira continuava vermelha e inchada e estivera quente ao toque quando ela se levantara de manhã.

— Isso aí tá bem feio — comentou Margot. — Acho melhor a gente contar pra mamãe.

— Nem pensar — protestou Piper com sua voz mais séria de irmã mais velha.

Ela havia passado um monte de bacitracina na ferida, coberto tudo com curativos e colocado uma calça jeans, apesar do calor.

O ar dentro do trailer cheirava a mofo. Um laminado de madeira fino revestia as paredes e o teto, mas estava descascando e tinha saído completamente em alguns trechos. O estofado azul-turquesa dos dois bancos perto da mesa estava completamente esburacado; o estofo tinha sido puxado para fora por gerações e mais gerações de camundongos e esquilos.

— Dá uma olhada nisso aqui — disse Amy. — Tudo continua igual. — Ela abriu as portas do armário, mostrando a Piper as pilhas de xícaras, pratos, tigelas e panelas. Havia até mesmo algumas latas de comida antigas ali dentro: feijão, creme de milho, sopa de tomate Campbell's; todas enferrujadas, inchadas e certamente infestadas de botulismo.

Um quartinho de dormir ficava nos fundos do trailer. Pregado na parede acima da cama havia um pôster de *Psicose*, o filme de Alfred Hitchcock sobre o qual Amy havia lhe falado. Piper abriu o minúsculo armário e o descobriu repleto de camisas e casacos em cabides, com uma pilha de calças jeans na prateleira e botas e sapatos no chão.

— Qual é o lance com esse tal de Fenton? — perguntou Piper.

— Eu perguntei a vó Charlotte ontem à noite, e ela me fez um resumo dos fatos mais importantes. Bom. Ele era primo em, tipo, terceiro grau do meu avô ou coisa assim. Os pais dele morreram quando Fenton era pequeno, e ele foi meio que adotado pelos pais do meu vô. Cresceu numa fazenda, igualzinho ao meu vô, só que ele era bem mais novo. Quando vovô foi para a guerra, Fenton ficou para trabalhar na fazenda. Mais tarde, quando a fazenda foi transformada em hotel, ele virou meio que o faz-tudo do lugar… Ajudava a construir coisas, a consertar e sei lá mais o quê. Mas, depois que fizeram a rodovia, tudo começou a desmoronar. E Fenton um dia partiu para o oeste. — Amy encolheu os ombros. — Pelo menos essa é a história que minha avó conta, mas você sabe como as histórias dela podem ser cheias de buracos. — Ela remexeu no armário do quarto. — Não é estranho? Por que esse cara iria deixar todas as roupas para trás?

— Sei lá; e se ele saiu com pressa? — sugeriu Piper. — Talvez estivesse encrencado ou coisa assim e precisasse dar o fora rápido.

Havia livros e revistas empilhados por todos os cantos — nas bancadas da cozinha, no chão ao lado da cama, nos peitoris das janelas —, brochuras finas com páginas amareladas e revistas velhas com títulos como *Histórias Insólitas*, *Aventuras Fantásticas*, *Espantosa Ficção Científica.*

— Seria de imaginar que, se ele partiu para construir uma nova vida no oeste, levaria algumas coisas e talvez deixasse a casa mais arrumada. — Amy foi até a cozinha e olhou dentro da pia. — Caramba, tem até duas xícaras sujas aqui dentro. Ele nem lavou a louça antes de ir embora.

Amy se virou e apanhou um livro da bancada; na capa, uma garota com pouquíssimas roupas posava diante de uma espaçonave.

— Acho que esse moço gostava mesmo de ficção científica.

Outro livro estava no meio da mesa da cozinha: *Estrelas: o meu destino.* Piper percebeu que havia um papelzinho ali dentro fazendo as vezes de marcador de livro. Abriu o exemplar e viu que era uma folha de papel timbrado do Hotel da Torre dobrada ao meio. Nela, datilografadas com capricho, estavam as seguintes palavras:

Eu sei quem você é e o que você faz. Você precisa parar. Se não, vou encontrar uma maneira de te obrigar.

— Olha isso aqui — disse Piper, entregando o bilhete para Amy.

— Uau — ofegou Amy.

— Ei! — gritou Margot pela janela aberta, do outro lado do trailer. — Estou ouvindo um carro subindo a trilha; é melhor vocês duas saírem daí!

Amy enfiou o papelzinho dobrado de volta na brochura velha, colocou-a no cós do short e puxou a camiseta por cima. Subiu até a janela, saiu, e Piper veio logo atrás.

— Sua avó chegou, pelo jeito — disse Margot em voz baixa.

— Venham — disse Amy —, vamos voltar para o meu quarto.

A avó de Amy estava tirando sacolas de mantimentos do bagageiro de seu Oldsmobile quando elas apareceram na trilha.

— Venham me dar uma mão, sim? — gritou ela.

Cada uma das meninas levou uma sacola para a cozinha.

— Vó, o Fenton foi embora antes ou depois da Sylvie?

— Um pouquinho antes. Eu sempre disse ao seu avô que o fato de Fenton ter fugido desse jeito deve ter colocado ideias na cabeça de Sylvie, feito ela pensar que era perfeitamente normal escapar para sei lá onde no meio da madrugada.

— A senhora sabe o que aconteceu com Fenton? Teve notícias dele?

— Hein? Não, não, nunca recebemos nenhuma notícia — respondeu vó Charlotte, guardando um galão de leite na geladeira. — Agora, por que vocês não sobem um pouco? Vou guardar essas compras e depois podemos fazer cookies. Comprei aquela massa que vem num tubo, a gente só precisa colocar pra assar.

— Claro, vó, parece ótimo — disse Amy. — Mas só mais uma coisinha… — Ela enfiou a mão no bolso de trás e sacou de lá a polaroide.

Ah, não, pensou Piper. *Aquela maldita foto do fantasma com cara de cachorro.*

— O que a senhora vê aqui, vó?

Vó Charlotte olhou para a foto borrada pelo que pareceu ser uma eternidade. Por fim, ela recitou:

Quando à sua porta bater a Morte,
Você pensará seu rosto já ter visto, sem sorte.
Quando ela pé ante pé subir sua escada,
De pesadelos você reconhecerá a emboscada.
Mas, se lhe mostrar um espelho, o que vai ver
É que você é ela, e ela é você.

Amy recuou um passo.

— Que medo, vó. — Olhou para Piper e Margot e revirou os olhos para elas de modo teatral, como se dissesse "minha avó está tantã".

Vó Charlotte deu um sorriso vago e voltou a cuidar das compras.

— Vá lá para cima agora, Sylvie. Eu chamo você na hora dos cookies.

Amy assentiu, murmurou "É *Amy*, vó" e saiu da cozinha, seguida por Piper e Margot.

— Olha, aquilo foi estranho pra caramba — disse Margot baixinho quando elas subiram as escadas.

— Pois é, minha vó é cheia de poeminhas e rimas assustadoras. Coisas que a mãe dela ensinou quando ela era criança. Mas vocês não acham isso meio suspeito? — sussurrou Amy.

— O poema? — quis saber Piper.

— Não, sua tonta, esse lance do Fenton! Primeiro ele foi embora com tanta pressa que deixou pra trás toda aquela tralha. Depois quem fugiu foi a Sylvie. E ninguém nunca mais recebeu notícias dos dois?

— É meio esquisito mesmo — confessou Piper.

— E o que isso significa? — quis saber Margot.

— Sei lá — disse Amy. — Mas é outra peça do quebra-cabeça.

Elas chegaram ao quarto de Amy e fecharam a porta. Amy então a trancou com o ferrolho, foi até sua mesa, retirou o livro de baixo da camiseta e de repente estacou, ao olhar para a máquina de escrever.

— Mas que *diabo…?* — disse num sussurro.

Havia uma folha de papel timbrado do Hotel da Torre enrolada no cilindro da velha Royal De Luxe e uma mensagem tinha sido cuidadosamente datilografada:

Vocês encontraram a mala e a máquina de escrever, mas há coisas maiores a serem encontradas.

Continuem procurando.

Talvez, quem sabe, descubram a verdade.

— Que negócio é esse? — perguntou Piper.

Os olhos de Amy estavam imensamente arregalados.

— Não sacou? É um bilhete da Sylvie. Do fantasma da Sylvie!

— Peraí, a Sylvie *morreu?* — perguntou Margot.

— Tenho certeza — respondeu Amy. — Deve ser o fantasma dela que está vindo me visitar. Jason também viu o fantasma naquele dia lá na torre, lembram? Ele viu alguém vestido de azul entrando ali, mas ninguém saiu! Se ela ainda estivesse viva, se realmente tivesse fugido, por que a mala dela estaria ali? — Amy fez uma pausa dramática. — Eu acho que ela estava *planejando* fugir naquela noite, mas alguém a impediu!

— Mas quem? — quis saber Piper.

— Não sei — respondeu Amy, com os olhos brilhando de empolgação. — Mas está na cara que ela quer que a gente descubra.

1961



Alfred Hitchcock
Universal Studios
Hollywood, Califórnia

18 de setembro de 1961

Prezado Sr. Hitchcock,

Eu já me sinto como uma atriz. Interpretando diferentes papéis para diferentes pessoas. Às vezes quase chego a esquecer quem sou de verdade.

Isso faz algum sentido?

Alguma de suas grandes estrelas têm essa sensação quando estão interpretando um papel — de que se envolvem tanto fingindo ser outra pessoa que começam a se esquecer de quem são de verdade? Não consigo imaginar algo do tipo acontecendo com Janet Leigh ou James Stewart e fazendo com que se sintam assim, perdidos, mas talvez eu esteja errada. Talvez todos nós possamos nos perder um pouco às vezes.

Atenciosamente,

Srta. Sylvia A. Slater
Hotel da Torre
Estrada 6, n. 328
Londres, Vermont

Rose

Rose foi despertada por um tiro. Era o rifle de papai. Ela conhecia o som de cor. O pai havia ensinado ela e Sylvie a atirar, praticando com latas velhas dispostas na cerca que ficava atrás do trailer de Fenton.

Rose saltou da cama e olhou para o relógio; havia perdido a hora mais uma vez. A cama de Sylvie já estava arrumada.

Mamãe e a irmã estavam sentadas à mesa da cozinha com tigelas fumegantes de mingau de aveia à sua frente. Sylvie olhou para cima, viu Rose e depois lançou um olhar preocupado para a mãe, que apertou os lábios.

— Eu ouvi um tiro — disse Rose.

Mamãe assentiu, sem tirar os olhos do mingau.

— O que aconteceu? — perguntou Rose, com o coração apertado.

Mamãe se empertigou, de modo que suas costas ficassem tão retas quanto o espaldar da cadeira onde ela estava sentada.

— Minha querida, Lucy piorou. Ela não conseguia nem se levantar esta manhã.

— Não! — gritou Rose. Papai não faria isso. Ele não atiraria em Lucy sem deixar Rose se despedir primeiro.

— Ela estava sofrendo muito — disse mamãe.

— Não! — gritou Rose mais uma vez e saiu correndo da cozinha, porta afora; desceu os degraus e atravessou o jardim, com o robe voando atrás de si como uma capa. Fenton e papai estavam voltando em direção à casa, o pai carregando seu rifle Winchester.

— Como pôde fazer uma coisa dessas? — berrou Rose.

— Rose, aquela vaca estava sofrendo — disse papai.

— O senhor podia ter chamado o veterinário! Podia ter me acordado!

Eu poderia ter curado ela. Poderia ter feito ela se levantar e comer.

Papai balançou a cabeça.

— Não havia nada que você nem o melhor veterinário do mundo pudessem fazer por aquela vaca velha, Rose. A hora dela já tinha chegado.

— Não é justo. Não é o senhor que decide isso!

— Foi a coisa mais bondosa a… — começou a dizer o pai.

— Assassino! — vociferou Rose.

Papai olhou para ela, mas não disse nada. Seus olhos pareciam vazios, tristes.

— Sinto muito — disse ele por fim, então passou por ela em direção à casa.

— Eu te odeio! — gritou a menina às costas do pai. — Odeio todo mundo dessa família horrível!

Papai nem sequer parou; continuou seguindo em frente, com a arma nas mãos.

Rose começou a andar em direção ao curral de Lucy, mas Fenton a segurou.

— Não — disse ele. — É melhor você não ir lá. — Mas ela se desvencilhou dele e saiu correndo pelo jardim, em direção à cerca.

Lá estava sua linda vaca, com um pequeno tiro redondo no meio da testa. Rose abriu o portão e se deitou ao lado de Lucy, enterrou o rosto no pelo ainda quente da vaca e chorou.

Chorou pelo que lhe pareceram horas, dias. As moscas chegaram e pousaram sobre ela e o cadáver, e Rose as afastava; usou a manga do robe para limpar o sangue da testa de Lucy.

Tinha perdido sua única amiga verdadeira.

— Sinto muito, garota — disse, chorando. — Eu sinto tanto, tanto, tanto.

— Ela teve uma boa vida — consolou Fenton.

Rose se virou. O tio estava bem atrás dela, encostado na cerca. Será que estivera ali o tempo todo?

— Se ela fosse outra vaca, teria virado hambúrguer há muitos anos. Seu pai amava a Lucy. Você não tem ideia do quanto foi difícil para ele atirar nela. E sabe o que ele está querendo fazer? Enterrá-la no terreno dos fundos. Cavar um buracão e fazer um funeral de verdade. Uma despedida decente.

Rose continuou com o rosto enterrado no peito quente da vaca e correu as mãos por suas costelas, pelas omoplatas, pela coluna cheia de calombos.

— Eu devia estar aqui — disse Rose. — Não pude nem dizer adeus.

— Olha, Rose, seu pai não queria te chatear, só isso. Acho que ele vê você como uma menininha, frágil. Mas você é mais forte do que ele pensa, Rose.

Ela ergueu a cabeça e assentiu.

— E mais inteligente também — continuou Fenton. — Seu pai… e sua mãe também, na verdade… não lhe dão o devido crédito.

Por um segundo, Rose ficou surpresa. Então pensou: *É isso mesmo.* Pela primeira vez, alguém entendia as coisas direito.

— Obrigada — disse ela.

— Na verdade — disse ele —, aposto que você sabe de quase tudo o que acontece por aqui. Aposto que as coisas que você sabe surpreenderiam qualquer um.

Ela assentiu. Ah, se ele soubesse da missa a metade! Mas então, sentindo a necessidade de provar que era verdade, ela disse:

— Eu sei do papai.

— O que tem ele? — quis saber Fenton.

— Ele sai com outra mulher. Ela se chama Vivienne.

Fenton soltou um assovio.

— Ah, você está sabendo disso, é? Bom, então nos faça um favor e não diga nem uma palavra sobre esse assunto.

— Mamãe já sabe — disse Rose.

— Tudo bem, mas só porque ela sabe não quer dizer que precisa ser relembrada, não é?

Rose assentiu. Sentiu-se estranhamente poderosa: a guardiã dos segredos dos adultos.

— Olha — disse Fenton. — Já que você perdeu o ônibus da escola, não quer vir tomar um chocolate quente lá no meu trailer? Depois eu te dou uma carona pra a escola. Que tal?

Rose enxugou o rosto com as costas da mão.

— Tá legal — disse, pondo-se de pé com pernas que mais pareciam borracha. Ela seguiu Fenton, passando pela piscina (fechada pelo tempo frio) e atravessando o gramado até seu trailer azul e branco.

— Senta — disse ele, quando eles entraram. Rose sentou-se à mesinha enquanto o tio ia e vinha pela pequena mas eficiente cozinha, esquentando o leite, adicionando o chocolate e o açúcar.

Tim-tim-tim, fazia a colher na panela. Talvez fosse só a imaginação de Rose, mas Fenton estava um pouco estranho naquele dia. Parecia instável. Nervoso. Não a olhava nos olhos. Ela pensou que fosse porque ele estivesse se sentindo culpado pela morte de Lucy. Os homens tinham dificuldade em expressar suas emoções; foi o que ela tinha lido num artigo de uma das revistas de Sylvie e acreditava que fosse mesmo verdade.

Os dois ficaram em silêncio por algum tempo enquanto Fenton preparava a bebida no fogão. Rose olhou em torno. Seu trailer estava sempre limpo, mas sempre entulhado de coisas — brochuras, ferramentas e partes de motocicleta cobriam todas as suas superfícies. Apesar do caos aparente, Fenton sempre sabia onde estava qualquer coisa.

— Este é o que você está lendo? — perguntou Rose, apanhando o livro que estava à sua frente. Dentro dele havia um guardanapo, usado como marcador de página.

Estrelas: o meu destino, dizia a capa.

— Aham — respondeu Fenton.

— É legal? — quis saber Rose.

— Bem bacana. As pessoas conseguem se teletransportar, é bem interessante mesmo.

— Eu queria saber me teletransportar — disse Rose.

Fenton sorriu para ela.

— E para onde você iria? — perguntou ele.

— Para qualquer lugar — respondeu Rose. — Menos aqui.

— Eu conheço bem essa sensação — disse Fenton. Ele pousou as duas canecas sobre a mesa e cuidadosamente serviu o chocolate quente. Depois colocou uma das canecas na frente de Rose, que a envolveu com os dedos para aquecê-los.

— Conhece? — perguntou ela.

— Claro. Principalmente agora, com as coisas do jeito que estão. O hotel, a cidade inteira aliás, estão numa situação difícil, não é? Não tem jeito; a gente acaba pensando se não estaria bem melhor em outro lugar.

Rose concordou e tomou um gole do chocolate. Estava perfeito: doce, achocolatado, justamente o que ela precisava.

— Sylvie quer ir para Hollywood — disse Rose. Sua irmã havia coberto seu lado do quarto com fotos de estrelas de cinema recortadas de revistas. Acima de sua cama, ela pregara um desenho que Fenton lhe fizera, mostrando a placa de Hollywood nos morros.

Fenton assentiu.

— Eu sei, e um dia ela vai mesmo. Tenho certeza.

Fenton tamborilou os dedos sobre a mesa. Tomou um gole do chocolate, depois afastou a xícara e enfiou a mão no bolso da camisa para procurar seus cigarros. Retirou um do maço e o acendeu, olhando para Rose através da fumaça com os olhos semicerrados.

— Rose — disse ele —, quero conversar com você sobre um assunto.

Sua voz estava seriíssima. Seria sobre Lucy? Sobre o quanto Rose estava se comportando de modo maluco? Talvez ele fosse lhe dar um sermão por ter arruinado o bolo de aniversário de Sylvie — todo mundo já fizera aquilo. Talvez a questão fosse mais papai e Vivienne. O casamento dos pais estava por um fio, justamente como todas as outras coisas por ali.

Seja lá o que Fenton tinha a lhe dizer, ela estava certa de que não queria ouvir. Sentiu vontade de fazer o truque infantil de enfiar os dedos nos ouvidos e cantar bem alto para não escutar. Mas ela não era mais uma criancinha.

— Sobre o quê? — indagou Rose, baixando a caneca. De repente o chocolate quente ficou tão doce que seus dentes doeram.

Fenton tragou seu cigarro mais uma vez. A fumaça saiu de sua boca como uma névoa azul cinzenta.

— Sobre o que você viu ontem à noite.

As palavras atingiram Rose no estômago, roubando o ar de dentro dela.

— O que eu… vi? — gaguejou, depois que conseguiu retomar o fôlego.

Fenton assentiu, olhou-a direto no olho.

— Lá na torre. Depois que você seguiu sua irmã até lá.

— Não sei do que você está falando — disse Rose, levantando-se e afastando-se da mesa. Recuou com as pernas trêmulas.

— Não me venha com joguinhos — ordenou ele, levantando-se e dando um passo na direção dela. — Isso é sério. Sabe o que pode acontecer se as pessoas descobrirem?

— Descobrirem? — rouquejou Rose, recuando ainda mais, tateando para encontrar a porta atrás de si, lembrando-se da irmã, de como ela não tinha sido mais simplesmente Sylvie e sim uma espécie de monstro horrendo; algo com braços a mais e asas.

O *que* aconteceria se as pessoas descobrissem?

E como Fenton sabia? Será que ele soube o tempo todo, será que ela lhe revelara seu segredo? Será que ele era um monstro também? Outro?

— Rose — disse ele. — Preciso que você me prometa que não vai contar nada. Se você contar… — Os olhos dele cintilaram com uma ira estranha que a menina não esperava, com um brilho avermelhado à luz fraca do trailer.

— Preciso ir — disse ela. Virou-se e empurrou a porta, saltou os degraus e começou a caminhar pelo terreno.

— Espere! — gritou Fenton. — Não vai querer uma carona até a escola?

Rose não respondeu. Correu de volta para casa e subiu as escadas, passando pela mãe que lavava a louça na cozinha.

Foi até seu quarto e trancou a porta.

Fenton sabia. Fenton era o protetor de Sylvie. Será que ele tinha se transformado num monstro também? Seriam as maras capazes de fazer isso? Ela não se lembrava de vovó mencionar nada a respeito — mas enfim, ela não sabia quanta atenção deveria prestar às histórias da avó.

Até que ponto Fenton iria para proteger o segredo de Sylvie?

Rose se atirou na cama para pensar. Puxou as cobertas até a cabeça e fechou os olhos com o máximo de força que conseguiu, tentando trazer para si a escuridão.

Finalmente, soube o que precisava fazer.

Ela se levantou da cama, foi até a escrivaninha da irmã e sentou-se diante da máquina de escrever. Cuidadosamente carregou o cilindro com uma folha em branco de papel timbrado do hotel e começou a datilografar.

Eu sei quem você é e o que você faz. Você precisa parar. Se não, vou encontrar uma maneira de te obrigar.

Rose deixou o bilhete ali mesmo na máquina de Sylvie. Então se lavou, vestiu-se e perguntou à mãe se ela não poderia, por favor, levá-la para a escola.

Rose

Rose evitou tanto Sylvie quanto Fenton ao voltar da escola naquela tarde, permanecendo sempre perto da mãe. Ofereceu-se para fazer uma tarefa doméstica atrás da outra: dobrar a roupa, engomar as camisas do pai, tirar o pó da sala.

Durante o jantar, papai pediu a Fenton para consertar o letreiro do hotel perto da estrada.

— Um dos lados queimou completamente. Não dá pra ver o luminoso quando a pessoa está seguindo em direção à cidade.

— E que importância tem isso? — murmurou mamãe num tom tão baixo que Rose ficou na dúvida se seu pai tinha ouvido.

— Tem lâmpadas na garagem — disse Fenton. — Vou consertar depois do jantar.

Depois do jantar, papai foi à cidade e mamãe foi para o quarto de costura. Sylvie se ofereceu para ajudar Fenton no conserto do letreiro. Rose seguiu para o quarto delas e tentou se concentrar no livro que estava lendo para a escola, *Mulherzinhas.* Entretanto, estava tão cansada que suas pálpebras pesavam e as palavras viravam um borrão na página. Finalmente terminou adormecendo, ainda vestida, com o abajur aceso.

Acordou quando Sylvie entrou no quarto. Rose olhou para o relógio: era quase meia-noite. Os olhos da irmã estavam vermelhos e seu cabelo, uma bagunça.

— Onde você estava? — sussurrou Rose, piscando para ver melhor a irmã.

— Andando por aí.

— Com o Fenton?

Sylvie não respondeu. Desligou a luz, vestiu sua camisola no escuro e entrou para baixo das cobertas. Rose voltou a dormir ao som do choro baixinho da irmã, abafado pelo travesseiro.

— Você não viu o Fenton, viu, minha querida? — perguntou mamãe quando Rose entrou em casa depois da escola no dia seguinte. Sylvie estava na Woolworth's. Mamãe estava na cozinha lavando a louça.

Rose fez que não.

— A última vez em que vi o Fenton foi ontem na hora do jantar — disse ela, apanhando uma maçã vermelha e brilhante da fruteira sobre a bancada.

Mamãe desligou a torneira, foi até os armários e tirou de lá uma travessa de vidro.

— Que estranho — disse ela. — Ele não apareceu para trabalhar na oficina de manhã. A caminhonete dele está estacionada na frente do trailer. Seu pai tinha uma lista de coisas para ele resolver à tarde, mas pelo jeito Fenton desapareceu.

— Desapareceu — repetiu Rose.

— Eu sei que ele anda falando há séculos em ir embora. Ele chegou até mesmo a dizer a seu pai que estava economizando para comprar uma passagem para o oeste. Mas não acredito que ele seria capaz de simplesmente ir embora sem sequer se despedir de nós. A verdade é que eu estou preocupada. O que você acha, Rose? Ele comentou alguma coisa com você? Ou Sylvie mencionou algo?

Rose negou.

— Acho que não. Bom, talvez. Ontem de manhã, quando fui tomar chocolate quente na casa dele, ele disse que andava pensando em ir embora.

Desaparecer.

A gente acaba pensando se não estaria bem melhor em outro lugar.

E ele quisera conversar com ela sobre o que ela havia visto. Sobre Sylvie.

Rose se lembrou de Sylvie voltando para o quarto na noite anterior, em como ela estava desarrumada. Como se tivesse se envolvido em alguma espécie de briga.

Um pensamento terrível começou a se formar em sua mente.

— Vamos ter caçarola de atum no jantar — avisou mamãe. — Seu prato preferido.

Mas não era seu prato preferido, de jeito nenhum. Era o preferido de Sylvie.

Rose se levantou e saiu da cozinha.

— Aonde você vai? — perguntou mamãe.

— Fazer minhas tarefas — respondeu Rose.

— Boa menina — gritou a mãe de longe.

Rose seguiu apressada até o trailer de Fenton, atirando sua maçã comida pela metade no campo. A porta estava destrancada. Ela segurou a respiração e entrou. Tudo permanecia exatamente como havia estado no dia anterior, quando eles tomaram chocolate quente. As canecas ainda estavam na pia, sujas, uma delas com restos de chocolate no fundo. Ela foi até o quarto. A cama de solteiro estava arrumada. Na mesinha ao lado havia uma pilha cambaleante de livros. Ela vasculhou rapidamente o armário. Era estranho estar ali fuçando daquele jeito, mas era necessário. Com certeza, se ele tivesse comprado uma passagem para o oeste, teria arrumado a mala, mas parecia que continuava tudo ali. As camisas penduradas nos cabides de metal. Seus coturnos grandes no chão… Ele nunca ia a lugar algum sem aquelas botas, que usava para andar de moto. Rose encontrou as chaves da casa no gancho ao lado da porta de entrada, com o pé de coelho da sorte que Sylvie lhe dera preso no aro.

Estava tudo errado.

O estômago de Rose se apertou com força, sua cabeça começou a doer. A pele da nuca se arrepiou.

Fique calma. Procure pistas.

A menina saiu do trailer, atravessou o terreno, passou pela piscina e desceu a trilha até o luminoso. Os dois lados estavam acesos. O conserto havia sido feito.

Ela voltou a subir o morro e parou na frente da torre. Espiou pela abertura.

Não entre, disse-lhe uma vozinha. Os pelos de seus braços se arrepiaram, mas ela respirou fundo e entrou. Era só a torre, afinal de contas. E estava de dia. O que poderia estar escondido ali agora?

Você sabe.

Você sabe o que pode estar aqui, escondido. Esperando.

Sylvie, contudo, estava no trabalho, contando o troco da caixa registradora na Woolworth's, sorrindo para os clientes e desejando-lhes um bom dia. Rose estava a salvo.

Só que ela não se sentia assim.

Estava congelante dentro da torre; as pedras aprisionavam o frio e as paredes jamais deixavam a luz do sol entrar. O ar cheirava a umidade e podridão.

Saia, disse-lhe uma vozinha. *Corra enquanto ainda dá tempo.*

Seus pés pisaram em alguma coisa ruidosa; ela estava pisando em vidro, esmigalhando-o em pó sob as solas pesadas de seus Oxfords de couro gastos. Ela se abaixou para olhar mais de perto: uma lâmpada espatifada. Viu o tubo de metal quebrado na parte de baixo, um filamento e mil pedacinhos minúsculos de vidro estilhaçado. Em meio aos fragmentos havia umas manchas escuras de alguma coisa. Ela se abaixou e tocou: sangue. Seco, mas ainda ligeiramente pegajoso. O estômago de Rose se revirou e todo o seu corpo pareceu instável.

As gotas seguiam numa linha torta até o centro do lugar, onde uma poça de sangue do tamanho de um prato raso havia se formado. Era escuro, espesso e coagulado, e Rose teve a impressão de que havia uma quantidade gigantesca. Conseguia identificar seu odor intenso e ferroso, senti-lo no fundo da garganta. Engoliu com dificuldade, fazendo força para evitar a náusea.

Não era de um corte simples causado por uma lâmpada quebrada.

Algo horrível havia acontecido ali.

Você sabe o que é.

Você sabe quem fez.

Rose sentiu uma dor aguda e latejante na têmpora esquerda enquanto tentava raciocinar, decidir o que fazer em seguida.

Corra!, berrou a voz em sua cabeça. Ela poderia contar tudo à mamãe, tudo. Que Sylvie era uma mara, que ela havia feito algo terrível, que Rose sempre soubera que isso acabaria acontecendo. Juntas, elas precisariam encontrar uma maneira de parar Sylvie, de impedir que ela ferisse mais alguém. O sangue era tanto. Sua mãe não teria remédio a não ser acreditar nela.

Rose saiu correndo em direção à casa e entrou como um furacão na cozinha, onde sua mãe estava picotando cebola.

— Mamãe! Você precisa vir, depressa! A torre…

Mamãe se virou, impaciente.

— O que você está aprontando agora, Rose?

— Por favor, venha… — começou a dizer a menina, mas o pai entrou na cozinha e as palavras morreram na garganta dela.

— Clarence — disse a mãe com um suspiro, pousando a faca —, você está sujando de lama o chão limpo.

— Tenho uma tarefa para Rose — declarou ele. Pareceu terrivelmente velho para a filha, o rosto mais magro, o cabelo salpicado de grisalho. Quando isso havia acontecido? Como ela não notara isso antes?

O coração de Rose estava batendo tão forte que ela tinha certeza de que conseguia ouvi-lo. Tinha certeza de que conseguia sentir ainda o cheiro de sangue, no fundo da garganta, misturado ao aroma de pedra úmida e gesso. Pensou em contar tudo aos dois, em levar papai e mamãe pelas mãos até a torre, mostrar-lhes o vidro e o sangue e dizer: "Nossa Sylvie não é quem vocês pensam que é."

Mas tinha de ser só a mamãe; papai jamais acreditaria nela. Mesmo agora, ele a olhava com irritação, talvez até uma estranha apreensão. Ela era a filha que mentia, que destruía bolos de aniversário. A garota que ontem de manhã lhe dissera que o odiava.

Ora, ele poderia até pensar que ela é que era a responsável pelo sangue na torre.

Claro que sim, confirmou a voz. *Não seja idiota.*

— Preciso falar com a mamãe — disse Rose, a voz saindo como um fiapo de água prestes a secar de um regato. — Preciso mostrar uma coisa pra ela.

— Isso pode esperar — declarou papai, com voz firme.

Ela pensou: *Não, não pode não.*

— Vá ajudar seu pai — disse mamãe. — Seja lá o que você quer, pode esperar.

— Mas…

— Sem discussão — ordenou o pai, com expressão seriíssima. Ela o seguiu em silêncio para fora da casa. Atravessaram a trilha de carros e foram até a pequena oficina que ele e Fenton usavam.

Talvez o tio estivesse lá dentro. Talvez papai o tivesse encontrado, machucado, esfaqueado, e precisasse da ajuda dela.

Então ele teria de acreditar na história sobre Sylvie! Quando Fenton lhe contasse o que aconteceu, eles descobririam contra o que estavam lutando.

No entanto, quando ela entrou na oficina, viu apenas a bancada de trabalho, as fileiras de ferramentas, a pilha de pneus e as correntes do trator.

Ali, sobre a bancada, estava uma grande cruz de madeira pintada de branco.

— Quero que você coloque isso no túmulo de Lucy. Pinte o nome dela e algo sobre ela também. Alguma coisa bonita. Cavei uma sepultura nos fundos. Num lugar bonito na campina. Trabalhei nisso o dia inteiro.

Seu pai saiu, e Rose mergulhou o pincel na lata de tinta vermelha.

Vermelha como sangue.

Ela precisava se apressar. Apressar-se e dizer a mamãe o que havia acontecido com Fenton. Fazer isso antes que Sylvie chegasse em casa.

Olhou para a cruz. Porém Lucy merecia mais do que um trabalho apressado. Pensou no pai cavando um buraco fundo, trabalhando duro o dia inteiro, provavelmente sem almoçar.

Pensou durante alguns minutos e depois pintou na madeira, com todo o cuidado:

Aqui jaz Lucy. Amada Vaca Estadual
Você viverá para sempre em nossos corações
Você foi a vaca que mudou tudo

Então, como toque final, ela apanhou a tinta preta e fez manchas na cruz branca, iguais às de uma vaca malhada holandesa. Uma dessas manchas, bem no alto, foi feita cuidadosamente com o formato do estado de Vermont. Papai ficaria satisfeito.

Quando terminou, por fim, lavou rapidamente os pincéis com aguarrás e correu de volta para casa para procurar a mãe.

Sylvie já tinha chegado e estava pondo a mesa para o jantar. Usava um vestido azul com fitas de cabelo da mesma cor, que faziam seus olhos parecerem um céu de verão.

Somente um monstro poderia ser tão linda, pensou Rose. *Somente algo que estivesse tentando se camuflar, enganar todo mundo que é inofensivo.*

— Tenho que te mostrar uma coisa. — Rose quase sussurrou aquelas palavras para mamãe. Sylvie olhou para a irmã com cara feia. Estaria preocupada? Será que sabia o que Rose havia descoberto?

— Agora não, querida. Preciso colocar essa caçarola no forno. — Rose olhou para a bancada, onde havia uma travessa de vidro cheia pela metade de

macarrão, atum e sopa de cogumelo enlatada. Mamãe estava picando salsão e cogumelos.

— Por favor — choramingou Rose. — Não dá pra esperar.

— Acabo isso aqui em dez minutos — prometeu mamãe. — Vá para o quarto. Eu chamo você quando terminar.

Enquanto Rose subia as escadas, ouviu Sylvie dizer:

— O que a senhora acha que a Rose quer agora?

Mamãe murmurou qualquer coisa que Rose não conseguiu entender. *Chop, chop,* seguiu a faca sobre a tábua de madeira.

Meia hora se passou. Rose tentou se concentrar no dever de casa, mas os problemas de matemática no papel simplesmente se transformavam em manchas de sangue e vidro quebrado no assoalho de madeira.

— Rose? — chamou a mãe, subindo as escadas. — O que era mesmo que você queria me mostrar?

— Lá fora — disse a filha, pondo-se de pé num pulo. — Na torre.

O rosto de mamãe se enrijeceu, os cantos de sua boca se retesaram para baixo. Ela enxugou as mãos no avental e assentiu.

— Tudo bem — disse ela. — Se você insiste tanto.

Rose praticamente saiu correndo até a torre, mas mamãe a seguiu bem devagar. Ela nunca se apressava para nada.

Estava anoitecendo agora, o céu de setembro era de um cinza-acastanhado.

— Você se lembra de quando a vovó me contava histórias sobre as maras? — disse Rose, quando elas se aproximaram da porta. — Bom, eu encontrei uma.

Rose olhou para ela, aguardando uma resposta, mas mamãe não disse nada. Seu rosto se retorceu muito de leve.

— Temos uma mara aqui, no hotel. E ela fez algo terrível.

A menina quase se sentiu zonza ao dizer aquelas palavras. Até que enfim sua mãe seria obrigada a acreditar nela. Rose lhe mostraria o sangue e depois lhe diria a verdade sobre Sylvie. Mamãe abraçaria Rose e sussurraria: "Ah, coitadinha de você, que terrível tudo isso pelo que você passou. Que terrível eu não ter acreditado em você. Sinto tanto!"

Mas, quando a filha se abaixou para tocar a mancha, olhou para o chão, atônita. Não havia nada. O chão estava limpo e vazio — nenhum vestígio de sangue ou de vidro. Rose piscou os olhos, que começaram a se encher de lágrimas furiosas, sem acreditar naquilo. Meio que se perguntou se não poderia ter imaginado tudo. Ela se abaixou e tocou o chão; estava ligeiramente úmido, e ela tinha certeza de haver detectado um levíssimo cheiro de detergente de limão.

Não! Não, não, não!

— Tinha sangue aqui — disse Rose num fiapo de voz. — E vidro quebrado! De uma lâmpada.

Fenton devia estar carregando aquela lâmpada na mão quando Sylvie o atacou. Sylvie em forma de *mara*, uma criatura terrível com asas, múltiplos braços e garras horrivelmente afiadas, e mandíbulas no lugar da boca.

— Rose, por favor. Chega dessas histórias.

— Não é história nenhuma, mamãe! Foi a Sylvie! Ela não é quem você pensa que é. Ela sai de noite e…

— Já *chega!* — Os olhos da mãe haviam perdido qualquer resto de paciência. — Não existem *maras!* Não quero ouvir nem mais uma palavra sobre esse assunto, nem comigo, nem com seu pai ou qualquer outra pessoa. Se você sabe o que é bom, vai esquecer essas coisas. Vai entrar em casa, terminar seu dever, fazer suas tarefas e se aprontar para dormir cedo. Está me entendendo?

Rose mordeu a língua com força, os dentes se cravando tão fundo que as lágrimas inundaram seus olhos. Sim. Ela estava entendendo. Ela estava completamente sozinha. Não receberia nenhuma ajuda, nem da mãe nem de ninguém mais.

Mamãe seguiu na frente pela trilha, em direção à casa. Quando Rose olhou para cima, viu Sylvie parada diante da janela do quarto delas, observando as outras duas com uma careta preocupada.

Alfred Hitchcock
Universal Studios
Hollywood, Califórnia

19 de setembro de 1961

Prezado Sr. Hitchcock,

Papai teve de sacrificar a vaca Lucy. Nós duas nascemos no mesmo dia, Lucy e eu. Lucy nasceu com uma mancha preta, exatamente no formato do estado de Vermont. As pessoas costumavam vir de todas as partes apenas para vê-la e tirar fotos. Meu pai sempre dizia que o nascimento de Lucy foi um sinal, um sinal de sorte de que coisas boas estavam reservadas à nossa família. Então, o que a morte dela pode significar? Mais azar ainda, imagino.

Meu tio Fenton desapareceu, e é tudo culpa minha. Sou uma pessoa terrível. Um monstro. O senhor ficaria chocado se eu confessasse as coisas que fiz.

Lamento muito incomodá-lo com tudo isso, mas é que não tenho mais ninguém com quem contar. Sinto que vou explodir por dentro se não contar a verdade para alguém — alguém que possa entender que todas as pessoas têm alguma maldade dentro de si. Todas.

Atenciosamente,

Srta. Sylvia A. Slater
Hotel da Torre
Estrada 6, nº 328
Londres, Vermont

Rose

Estavam agora na primeira semana de outubro; duas semanas depois do desaparecimento de Fenton. Rose andara observando Sylvie e se preparando. Tinha se esforçado ao máximo para recordar tudo o que a vovó lhe dissera. Quanto mais pensava no assunto, mais claro ficava que sua avó sabia sobre Sylvie e tentara preparar Rose.

— Existe algum jeito de parar uma mara, vovó? — perguntara Rose certa vez quando as duas estavam a sós na floresta.

A avó fez que sim.

— Existe, mas não é fácil. As maras são criaturas perigosas, Rose, muito, e também bastante inteligentes. — Ela esticou o braço e afastou do rosto da menina a franja que tinha caído sobre seus olhos.

— Mas existe um jeito?

— Se você prender uma mara com ferros, na forma de humano ou de animal, ela não conseguirá mais se transformar.

— Ferros? — perguntou Rose. — Quer dizer correntes?

— Correntes, prendedores de perna, talvez até uma jaula. Soube de uma história uma vez de um urso que o rei Henrique prendeu na Torre de Londres.

— A verdadeira Torre de Londres? — perguntou Rose.

Vovó sorriu.

— Sim, a *verdadeira* Torre de Londres. Diz a história que o urso na verdade era a amante mara do rei. Só quando ele a soltava das amarras de ferro é que ela conseguia retornar à forma humana.

— A senhora acha que isso é verdade? — perguntou Rose.

A avó refletiu por um instante e enfiou uma bala na boca antes de responder.

— Acho que é uma história. Como todas as histórias, existem trechos que são verdade e outros que são inventados. Nada é na verdade o que parece ser. Lembre-se disso, Rose.

A menina tinha encontrado a antiga mochila de lona do pai da época do exército na garagem e a encheu com os suprimentos que achou serem necessários:

um monte de correntes de ferro, uma armadilha enferrujada que o pai usava para prender raposas quando ele era criança, sua rede de apanhar borboletas, a maior faca da cozinha e uma lanterna prateada da Ray-O-Vac.

A mochila ficou terrivelmente pesada. Seu conteúdo tilintava e batia nas costas da menina. Ela saíra de fininho da cama enquanto Sylvie dormia e fora até a oficina para apanhar a mochila já preparada onde ela a havia escondido, embaixo da bancada, atrás de uma lata grande de gasolina. Colocara suas roupas mais escuras — um macacão azul-marinho com uma camisa de gola alta preta, para se camuflar melhor na noite.

Agora estava diante da porta aberta esperando, observando a casa. Não importava se Sylvie não viesse naquela noite. Rose esperaria. Voltaria na noite seguinte e na outra também. Esperaria o tempo que fosse necessário, escondida nas sombras, pronta para o que viesse.

Não demorou muito.

Passou-se uma hora, mais ou menos, depois que Rose saiu, e Sylvie escapuliu pela porta da frente com o robe enrolado no corpo e pantufas cor-de-rosa. Olhou para a direita, na direção de Rose e da oficina, e em seguida continuou caminhando pela trilha de carros, até o hotel e a torre. Primeiro pareceu hesitar diante da porta, depois por fim saiu pela trilha quase correndo enquanto seu robe se agitava atrás de si. Estava indo direto até a torre.

Venha me pegar, parecia dizer. *Quero só ver.*

— É agora ou nunca — disse Rose, ouvindo a música do Elvis em sua cabeça.

Tomorrow… will be too late…

Ela andou devagar, cautelosamente, permanecendo sempre às sombras, tomando cuidado para não agitar demais a mochila, porque, caso contrário, o conteúdo faria barulho.

Não tinha exatamente um plano. Simplesmente iria até a torre, encontraria Sylvie, esperaria até ela se transformar e a capturaria.

De alguma maneira daria um jeito de acorrentar a Sylvie-monstro. Depois chamaria mamãe e faria com que ela acreditasse.

Rose ficou encostada na torre, a mochila pesando dolorosamente em seus ombros. Ficou atenta para ver se conseguia ouvir algo, parada à porta.

— Sylvie? — chamou.

— O que você quer de mim? — perguntou sua irmã, a voz vindo das sombras.

— O que quero de você? — Rose retirou a mochila dos ombros com o máximo de cuidado e silêncio que conseguiu. Sua cabeça começou a doer, um latejar lento e constante como uma pulsação que ia da testa até o olho esquerdo.

— Por que você não contou nada? — perguntou Sylvie.

Rose piscou, tentando acalmar a dor súbita e intensa. Tentou se concentrar em fazer Sylvie se transformar. O que seria preciso para isso? Talvez ela se sentir ameaçada.

— Ninguém acreditaria em mim — disse Rose. — Você é a garota boazinha. Sempre foi. Ninguém acreditaria em mim se eu revelasse o que você realmente é.

Rose escutou a irmã começar a chorar, baixinho no início, depois mais alto.

— E o que eu sou, hein, Rose? O quê?

— Um monstro. — Era tão bom dizer aquilo em voz alta. — Que enganou todo mundo, menos a mim. Eu sei o que você fez com o Fenton.

— Fenton — disse Sylvie, soluçando agora.

Rose retirou a lanterna da mochila, mas permaneceu onde estava, logo à porta da torre, aguardando o momento certo.

— A culpa foi dele também, tanto quanto minha — disse Sylvie, fungando. — Não foi certo, eu sei, mas agora ele já se foi, então não vai mais acontecer de novo.

— Não mesmo — disse Rose, dando um passo à frente e balançando o corpo para ficar diante da porta. — Não vai mais acontecer de novo. Porque eu vou impedir você.

Ela acendeu a lanterna, preparando-se para o que poderia ver: sua irmã na forma de um inseto monstruoso com seis pernas, asas e um brilhante exoesqueleto. Porém ali estava apenas uma garota de robe com pantufas cor-de-rosa, o rosto vermelho e inchado, o cabelo todo bagunçado de um jeito completamente distinto de Sylvie.

Rose deu um passo para o interior da torre, mantendo o facho da lanterna apontado para o rosto da irmã. A determinação do rosto de Rose deve ter assustado Sylvie, porque de repente ela ficou com medo.

— Rose, fique longe de mim — avisou, afastando-se e depois se aproximando alguns centímetros na direção da escada. — Se não, vou contar para a mamãe.

— Não vou deixar você fazer isso de novo — disse Rose, sem entonação. — Não vou deixar você machucar mais ninguém.

A cabeça de Rose estava latejando agora, a dor era intensa e ofuscante. O facho da lanterna parecia pulsar, fazendo o rosto da irmã oscilar, quase como se ela não estivesse de fato ali. A pele de Rose se arrepiou; parecia quente, coçando.

Sylvie saiu correndo até a escada e começou a subir.

Rose saiu rapidamente da torre, apanhou a mochila e seguiu a irmã escada acima, com a lanterna enfiada no cós da calça, as mãos suadas grudando no corrimão de madeira. A escada parecia estar se movendo, mas não era apenas a escada. Era a torre inteira: cada rocha e tábua parecia estar pulsando, latejando no mesmo ritmo da dor na cabeça de Rose.

Quando ela emergiu no segundo andar, correu o facho da lanterna num círculo. Nada de Sylvie. Apenas as paredes redondas e o luar entrando pelas janelas estreitas em forma de rasgo.

Rose precisava se apressar agora. Não podia deixar Sylvie escapar.

Se a irmã se transformasse, poderia voar para longe, batendo as asas, brandindo as mandíbulas, livre para sempre.

Com o coração e o cérebro acelerando forte, Rose subiu com esforço a segunda escada, que levava até o teto. Seus braços e pernas estavam pesados e rígidos, como se não pertencessem ao seu corpo. O vento ficou mais forte, fazendo-a se arrepiar. Ela chegou ao topo e correu a lanterna ao redor; o facho ricocheteou pelas paredes com suas ameias.

Ali estava a irmã, ainda na forma humana, perto da parede baixa. O luar havia banhado tudo com um tom intenso e cintilante de azul. A cena diante dela pulsava junto com o latejar da cabeça.

— Eu estou indo embora daqui — declarou Sylvie. Já não estava mais chorando; falava em tom de desafio, com dramaticidade. — Vou para bem longe e não volto nunca mais. Vou partir esta noite mesmo. Volte para casa e pronto, Rose. Finja que não me viu e amanhã de manhã não estarei mais nessa casa. Você nunca mais irá me ver.

— Não — disse Rose, dando um passo na direção da irmã. — Não posso deixar você fazer isso. Eu sei o quanto você é perigosa.

— Você não sabe de nada! Você é maluca! — gargalhou Sylvie, exausta, embora seu olhar parecesse assustado. — Fique longe de mim — repetiu.

Ela recuou até a parede. Rose correu até a irmã e num instante a alcançou e segurou seu braço.

— Pelo amor de Deus, Rose! Me solta! — gritou Sylvie, tentando freneticamente desvencilhar-se, mas Rose segurou com firmeza.

As duas giraram, arranhando uma à outra. Rose agarrou o cabelo de Sylvie e atirou a cabeça para a frente, meio que esperando ver uma boca terrível escondida na parte de trás da cabeça da irmã. Sylvie soltou um grito agudo de terror, enfiou as unhas no braço de Rose e o arranhou com força, deixando trilhas de sangue. As duas rodopiaram juntas, cambaleando como dançarinas bêbadas fazendo sua própria versão do twist. As estrelas acima se transformaram em um borrão. Tudo adquiriu uma luminosidade amarelada. Rose cambaleou, as pernas de repente não a obedeciam direito. Parecia que as unhas de Sylvie tinham se cravado nela até o osso. Rose mergulhou para a frente e afundou os dentes no antebraço da irmã até sentir o gosto de sangue. Sylvie soltou um grito e soltou Rose. A dança terrível se acalmou. A irmã mais velha olhou, sem acreditar, da ferida em seu braço para o rosto da caçula.

— Meu Deus — murmurou. Sua expressão estava lívida; seus lábios, sem cor; seus olhos pareciam prestes a saltar das órbitas. — O que está *acontecendo* com você? — Ela empurrou Rose para longe com todas as forças.

Sylvie se desvencilhou de Rose, que caiu no chão. Subitamente livre, Sylvie deu dois passos cambaleantes para trás e bateu na parede com força, na altura da cintura, e então desapareceu pela beirada, dando cambalhotas para trás num mergulho desajeitado.

— Sylvie! — gritou Rose, só que seu grito saiu como um rosnado estrangulado. Ela tentou se levantar, mas descobriu que seu corpo estava congelado, seus músculos eram incapazes de responder aos comandos da mente; sua cabeça rodava, a dor nela pulsava. Ela ficou ali deitada pelo que lhe pareceram horas, enquanto as forças retornavam a seus braços e pernas e sua visão se clareava um pouco.

Por fim, em câmera lenta, ela conseguiu cambalear até a borda da torre. Forçou-se a olhar para baixo, a vasculhar no meio da poça de escuridão lá embaixo em busca do corpo caído da irmã. Mas não havia nada — apenas a sombra gelada da torre.

— Sylvie! — gritou Rose, a voz rouca e estrangulada, ainda vasculhando as trevas. Certamente sua irmã não poderia ter saído andando depois daquela queda; a torre tinha uns bons nove metros de altura.

Mas onde ela estaria?

Sumira. Sylvie simplesmente sumira.

— Não — gemeu Rose. Afundou o corpo até ficar ajoelhada, a cabeça doendo tanto que tinha certeza de que alguma coisa ali dentro iria explodir.

Então, com o canto do olho, ela percebeu um movimento: um esvoaçar ligeiro, o cintilar tênue de asas quase iridescentes.

Ali estava ela — Sylvie, em forma de mariposa, erguendo-se das trevas lá embaixo e vindo pousar sobre a parede de pedra. Com as asas verde-claras bem abertas, era linda, luminosa, resplandecente, como se feita de pó de estrelas.

Bem devagar, Rose tateou em busca da mochila, que havia caído durante a luta, enfiou a mão ali dentro e sacou sua rede de apanhar borboletas. Levantou-se e, pé ante pé, aproximou-se com a rede escondida às suas costas.

— Te peguei! — berrou ela, prendendo a irmã dentro da rede.

Segurou a rede bem fechada com todo o cuidado e desceu assim até a base da torre. Na cozinha, procurou, com a ajuda da lanterna, o vidro grande onde a mãe às vezes preparava chucrute. Colocou a mariposa ali dentro e fechou com força a tampa. Então levou o vidro até o barracão, encontrou um rolo de arame de cerca e o enrolou em torno do frasco, para que fizesse as vezes de uma jaula de metal. Assim, seria impossível que Sylvie se transformasse novamente em ser humano.

Quando voltou ao quarto, Rose colocou o vidro envolto em arame sobre o chão ao lado da própria cama.

— Te peguei — repetiu mais uma vez para a mariposa dentro do vidro, que estava pousada numa das laterais do frasco e parecia não fazer a menor tentativa de se libertar. Estava perfeitamente imóvel, como se soubesse que tinha sido enfim capturada. Talvez até mesmo quisesse aquilo: talvez tivesse chegado a hora de se render.

Rose

Rose acordou de manhã com um gosto metálico na boca, o corpo exaurido, cheio de dor. Havia sonhado com facas e garras e dentes afiados como navalhas. Ficou deitada um instante, respirando de modo um pouco ofegante, os olhos fechados, atenta para ver se ouvia sons de sua irmã.

Então ela se lembrou.

Rose se virou e tateou em busca do frasco ao lado da cama.

A mariposa-da-lua não se mexia. Estava deitada de lado, sem vida.

Rose começou a berrar.

— O que foi? — perguntou a mãe, entrando apressada no quarto, ainda de camisola.

— Sylvie! — gritou Rose, segurando o frasco enrolado em arame. — É a Sylvie! Eu matei ela.

— Rose — disse mamãe com a voz trêmula, dando um passo para trás, parecendo atônita.

— Esta aqui é a Sylvie! Aqui dentro do frasco! Olhe!

Os olhos confusos de mamãe se prenderam no frasco de vidro que Rose segurava.

— Não seja ridícula — disse ela, por fim.

Rose soluçou.

— Ela era uma mara. Eu queria te mostrar, para provar o que eu digo. Eu não queria matar ela.

Mamãe balançou a cabeça.

— Escuta aqui, Rose. Essa mariposa não é a sua irmã.

Os olhos da mãe se moveram do frasco na cama vazia de Sylvie para a porta aberta do armário, onde muitos dos cabides estavam vazios.

Rose piscou os olhos, tentando entender o que estava vendo, para onde poderiam ter ido as coisas de Sylvie. Lembrou-se da noite passada, de que Sylvie dissera que estava de partida. Será que ela teria arrumado tudo para ir embora

antes de ir até a torre? Será que ela estaria realmente planejando fugir, com medo de ser apanhada pela morte de Fenton?

Mamãe foi até a escrivaninha, onde estava uma folha papel no cilindro da máquina de escrever Royal.

Puxou a folha e leu em voz alta:

Não posso mais continuar aqui.

Desculpe. Amo vocês e sei que irão entender.

Quando estiver acomodada, entrarei em contato.

Com todo o meu amor,
Sylvie

— Por que toda essa comoção? — gritou papai da porta, onde estava parado, os ombros caídos para a frente, vestido com as calças amassadas de seu velho pijama.

— É a Sylvie — respondeu mamãe, com a voz trêmula, enquanto dava um passo à frente para entregar-lhe o bilhete amassado. — Ela fugiu de casa.

Uma porta se fechou no peito de Rose. Ela sabia que mamãe estava errada.

Ela havia matado Sylvie.

Sim, Sylvie podia ser um monstro, mas não tinha sido a intenção de Rose machucá-la. Ela só queria apanhá-la, provar ao mundo quem Sylvie realmente era. Agora ninguém jamais acreditaria. Todos achariam que Sylvie tinha fugido de casa em busca de um futuro novo e resplandecente. E Rose carregaria sozinha o peso da verdade.

Segurou desesperadamente o frasco de vidro, olhou para a bela criatura caída ali dentro e começou a soluçar.

2013

Piper

— É pra você — disse Margot, entregando o telefone para a irmã. As duas estavam sentadas na cama tomando um café da manhã incrível. Piper havia preparado crepes com manteiga de maçã, bacon de peru, melão em fatias e suco de laranja.

Jason tinha ido trabalhar cedo sem sequer olhar para a cara da cunhada. Piper ouvira ele e Margot discutindo até tarde na noite anterior, a voz de Jason desesperada e às vezes irada. A certa altura, ela o ouvira vociferar: "Você, Piper e Amy." Pelo visto eles não haviam resolvido as coisas, porque, quando Piper foi ao banheiro no meio da noite, viu Jason roncando no sofá, quatro latas de cerveja vazias sobre a mesinha de centro e a televisão no mudo sintonizada num canal de esportes.

Até então, Margot ainda não dissera nada sobre Jason a Piper, preferindo, em vez disso, falar sobre tudo o que a irmã deveria fazer naquele dia. Não havia apenas um berço a ser montado, mas também cortinas com elefantinhos a serem penduradas e sacolas cheias de macaquinhos e pijamas com pezinhos para serem guardados nas gavetas. Até aquele momento, Margot e Jason tinham deixado as coisas desembrulhadas e guardadas. Se o pior acontecesse — não poderia acontecer, poderia? A vida não podia ser assim tão injusta… —, a última coisa que eles desejavam era ver um móbile fofinho de elefantes pendurado sobre um berço vazio ou gavetas cheias de roupinhas que jamais seriam usadas. Agora que a chegada do bebê parecia iminente, porém, Margot sentia-se completamente despreparada. Também parecia precisar desesperadamente de alguma coisa com que se ocupar ou ter algo em que focar, algo que não fosse nem Jason nem Amy. Mostrou a Piper as listas que encontrara em sites e livros e fez suas próprias listagens apressadas de coisas que eles ainda não tinham mas que precisavam ter: creme para assaduras, um termômetro retal, um cortador de unha pequeno.

Piper estava adorando aquilo.

— Pra mim? — disse, estendendo a mão para apanhar o telefone de Margot. A irmã encolheu os ombros, igualmente intrigada. Quem, na face da Terra, ligaria para a casa de Margot atrás de Piper às dez da manhã de uma segunda-feira?

— Alô? — atendeu Piper.

— Piper? Oi, é a Crystal. A tia da Lou.

— Ah, claro, oi. — O pulso de Piper se acelerou um pouco. Teria acontecido alguma coisa com a menininha?

— Então… Lou não para de falar em você desde ontem. Acho que você causou uma impressão e tanto. Ela não para de perguntar quando pode te ver novamente.

— Ah, que legal. Eu poderia fazer uma visita algum dia desses.

— Ah, bem, sabe o que é? Eu preciso trabalhar hoje de tarde e não tenho ninguém com quem deixar a Lou. Você se importaria?

— Hoje de tarde?

— Vai ser só por umas duas horinhas. Até Ray voltar pra casa, às três. Lou não fica muito à vontade com a maioria dos adultos, ainda mais agora. Seria um grande favor.

— Hã, claro. Acho que consigo sim.

— Que bom. Ah, e será que daria pra você dar um pulo na casa dela antes de vir aqui? Ela está precisando de algumas coisas. Roupas, brinquedos, esse tipo de coisa. Quando ela chegou aqui, só tinha a roupa do corpo. E a menina não quer voltar pra lá. Não posso dizer que não entendo.

— Mas a casa não está interditada? Será que a polícia vai me deixar entrar?

Os olhos de Margot se arregalaram enquanto ela observava Piper.

— O hotel? — perguntou ela baixinho, e Piper fez que sim.

— Não, está tudo certo. Conversei hoje de manhã com os policiais. Eles já terminaram o que tinham que fazer por lá e disseram que poderíamos ir quando quiséssemos. Ray não quer ir, nem eu; não consigo suportar a ideia de chegar perto daquele lugar. Quero dizer, Mark é… — A voz dela falhou. — *Era* meu irmão.

Piper não sabia o que dizer, por isso não disse nada.

— Quer dizer então que não tem problema? — continuou Crystal. — Você apanhar uma bolsa com algumas coisas da Lou e trazê-la para cá mais tarde? Você nem imagina a ajuda que seria. Saio para trabalhar às 13h00.

Piper não queria ir até o hotel, de jeito nenhum, não agora. Não queria ver onde Amy e sua família haviam morrido de um jeito tão terrível. Mas então pensou em Lou — seu rosto pálido, seu sorriso que fazia Piper se lembrar tanto de

Amy quando jovem. A pobre garota tinha passado por tanta coisa; será que ela não merecia o pouco conforto que seria ter suas próprias roupas e alguns de seus animaizinhos de pelúcia preferidos? Será que não precisava de alguma sensação de normalidade, para lembrá-la da época antes desse pesadelo? Parecia o mínimo que Piper poderia fazer.

— Claro — disse, por fim. — Sem problemas. Vejo você nesse horário.

Ela desligou e explicou a Margot o que estava acontecendo.

— Caramba! Você precisa dar uma olhada naquele hotel! Uma boa olhada.

Piper soltou um gemido.

— Tá brincando, né? Só de pensar em pisar perto daquele lugar já dá vontade de vomitar, e você ainda quer que eu banque a investigadora? E o que diabo eu deveria procurar?

— Provas de que estamos certas. De que Amy não matou a família.

— Você não acha que a polícia teria encontrado essas provas, se elas existissem?

Margot balançou a cabeça, com teimosia.

— Para eles é um caso amarrado. Além do mais, ninguém conhece aquele hotel como a gente, né?

— Jason vai me matar se descobrir que eu fui pra lá.

— Por favor. Você não vai demorar. Ele nunca vai descobrir! Na volta você pode dar um pulo na farmácia e comprar as coisas da nossa lista. Se ele telefonar ou vier para cá, eu digo que você saiu para fazer compras. Depois você volta aqui pra almoçar — e me contar *tudinho* —, e daí vai para a casa de Crystal ficar de babá de Lou. Não vai ter problema nenhum.

— Eu não sei…

— Pelo amor de Deus, Piper! Você já disse a Crystal que vai apanhar umas roupas pra Lou, não é? Quer dizer, você não acha que a Crystal vai pisar no lugar onde o irmão dela foi morto, acha? Então, enquanto você está ali, só… dê uma olhadinha. Veja o que consegue descobrir.

Piper ficou em silêncio, tentando encontrar uma maneira de fazer a irmã entender que aquilo era impossível, que ela não conseguiria suportar. Então Margot disse, baixinho:

— Você sabe que Amy faria isso por você.

E isso definiu as coisas.

Piper segurava o volante do Subaru de sua irmã com toda a força ao chegar na frente do letreiro do Hotel da Torre.

28 Quartos, Piscina, Não Há Vagas.

Piper ligou o sinal para virar, de olho na torre. Lembrou-se da descrição de Lou dos tiros, dos passos.

Será que Amy poderia mesmo ter atirado no marido e no filho?

Ou será que outra pessoa estivera por ali?

Ou outra *coisa?*

Ela se lembrou dos bilhetes deixados para Amy na máquina de escrever tantos anos antes, da insistência dela de que o fantasma de Sylvie havia voltado e estava indo visitá-la à noite em seu quarto. Da foto polaroide borrada que ela levava para todo lado como prova.

A antiga trilha de cascalho agora estava quase destruída. Piper seguiu devagar; o carro sacolejava quando ela passou pela torre de pedra inclinada e pela sombra comprida lançada por ela. Estremeceu.

É só um prédio, disse a si mesma.

Mas não era só um prédio, era?

Ela sabia a verdade.

Ela não iria entrar naquela torre de jeito nenhum, nem hoje, nem nunca, apesar de toda a culpa que a irmã sentia. Simplesmente diria a Margot que a torre era perigosa demais, que as tábuas de madeira do assoalho estavam completamente podres. *Eu pensei na minha própria segurança*, diria ela, *e que não quero que seu filho cresça sem conhecer sua tia Piper maluca.*

Maluca. Piper poderia chamá-la disso naquela época.

De repente ela se viu novamente com 12 anos. Magrela e esquisita, as pernas enormes e o cabelo arrepiado.

Ingênua. Tão jovem.

Mas havia coisas que ela *soubera* mesmo então. Soubera que amava Amy; mas nunca admitira isso para ninguém, nem mesmo para si mesma. E de um jeito ou

de outro, apesar de todos os casos amorosos que teve mais tarde, tanto com homens quanto com mulheres, nada se comparava àquele desejo selvagem adolescente que sentira pela amiga. Era sempre de Amy que ela se lembrava.

Amy. Sempre Amy.

Piper passou pelo primeiro bloco de apartamentos, os Quartos 1 a 14. Algumas das janelas estavam quebradas, e o teto havia desmoronado em três lugares. Ela se lembrou de terem entrado no Quarto 4 e encontrado binóculos, os óculos escuros de Amy, a velha chave com aro. Será que a tranca de lá continuava quebrada? Se fosse o caso, qualquer um poderia entrar ali e estar sentado naquele exato momento por lá, espionando por entre as frestas destruídas das persianas de plástico.

Ela parou o carro na frente da casa principal, desligou o motor e ficou sentada um instante, ouvindo o carro zumbir enquanto se desaquecia.

Crystal tinha razão: a polícia fora embora. Não havia nem sinal da fita de isolamento da cena do crime nem indício de que algo horroroso havia acontecido ali. Parecia qualquer outra casa extremamente negligenciada na região rural da Nova Inglaterra: venezianas meio tortas, tintura descascada, o quintal e os antigos jardins tomados de ervas daninhas e mato. Na verdade, não parecia muito diferente de como Piper se lembrava, na época de criança. Um pouco menor, quem sabe (as coisas todas não pareciam menores depois que você virava adulto?), um pouco mais… escura. Seria essa a palavra certa?

Piper meio que esperou olhar para a janela do quarto à direita e ver Amy olhando para baixo, acenando. *Vem, sobe. Tem uma coisa pra te mostrar. Uma coisa superempolgante. Sylvie deixou outra mensagem. Ela voltou na noite passada, ficou no pé da minha cama. Aqui, ó, tirei uma foto…*

Piper saiu do carro, piscando ao olhar para a janela do antigo quarto de Amy. Não havia nenhum movimento ali nem em qualquer outra janela. Não havia ninguém em casa.

Porque estão todos mortos, uma voz lembrou Piper, mas ela afastou aquele pensamento, obrigou-se a ir até os degraus de entrada, subir o concreto de pedra caindo aos pedaços e abrir a pesada porta da frente.

1989



Piper

— Ah, meu Deus, estou tão feliz de te ver!

Amy abraçou Piper com força, enterrando o rosto em seu pescoço. Piper sentiu seu hálito morno, e então (ou seria imaginação sua?) Amy a mordiscou muito de leve, os dentes roçando a pele sensível no lado esquerdo do pescoço.

— Ela deixou outro bilhete pra gente — disse Amy, a voz erguendo-se como bolhas num copo de refrigerante gelado, subindo, subindo sem parar e depois explodindo, fazendo cócegas no nariz.

— Na máquina de escrever? — perguntou Margot, entrando pela porta da frente logo atrás de Piper.

— É, igual o primeiro.

— Hmmm — fez Margot, bancando a cética e parecendo muito adulta com seus nariz torcido e olhar desconfiado. Na noite passada, em casa, Margot disse que tinha certeza de que Amy é que havia escrito aquele primeiro bilhete.

— Mas por que ela faria uma coisa dessas? — perguntou Piper. Às vezes ela achava que Margot se comportava como uma velha, toda séria e pensando demais nas coisas, o que acabava com a graça de tudo.

Margot refletiu por um instante.

— Porque Amy sempre gosta que as coisas sejam mais empolgantes do que elas realmente são.

Piper então atirara um travesseiro na irmã, furiosa porque sabia que de certa maneira Margot tinha razão. Afinal, não tinha sido provavelmente por isso que Amy a beijara? Só para deixar as coisas mais interessantes? Amy odiava tudo o que fosse chato e sem graça.

— Eu pensei inclusive que ela deve ter colocado a mala ali, armado a coisa toda, só pra gente ter esse mistério divertido pra resolver, como uma charada — disse Margot.

— Certo — retrucou Piper. — E também planejou o lugar onde eu cairia atravessando o chão pra gente encontrar a mala, né?

Margot deu de ombros.

— Talvez.

— Bom, acho que isso tudo é uma bobagem — disse Piper.

Mas achava mesmo? De verdade? Não existia a possibilidade de que a própria Amy tivesse escrito o bilhete de Sylvie, que supostamente estaria morta?

Agora, sentindo ainda os arrepios do toque da boca de Amy em seu pescoço, Piper teve certeza de que acreditaria em qualquer coisa que a amiga lhe dissesse.

— Me mostra a carta! — pediu então para Amy.

O rosto da garota se iluminou. Ela se virou e saiu correndo pelo corredor. Piper a seguiu. Sua perna direita a estava matando, mas ela dava um jeito de não mancar. A vermelhidão e o inchaço pareciam se espalhar e ela tinha a sensação de que sua pele estava em brasa. Sabia que era melhor contar à mãe, que *teria* de fazer isso se não melhorasse logo, mas não queria arrumar encrenca ou, pior ainda, ser proibida de ir ao hotel. Ela teria de inventar uma mentira; talvez que tinha se machucado brincando na floresta.

— Oi, meninas! — cumprimentou a avó de Amy, de seu lugar costumeiro na cozinha.

— Oi, vó Charlotte — disse Piper.

— Sylvie, o que vocês estão aprontando?

— *Amy*, vó. Eu sou a Amy. Sylvie desapareceu.

Ela não desapareceu, não, pensou Piper. *Está lá no quarto de Amy, datilografando mensagens na máquina de escrever. É lá que ela está.*

Uma ideia estranha lhe ocorreu, então: Sylvie nunca tinha ido embora. Ficara escondida esse tempo todo, entrando sem ser vista na casa, na torre, no hotel. Morando em quartos abandonados, escondendo-se nos armários, roubando comida da cozinha à noite, fazendo amizade com os ratinhos das paredes, visitando Amy de madrugada, quando ninguém mais podia vê-la. Não era um fantasma o que Amy havia visto, mas uma pessoa de carne e osso que vivia a vida de um fantasma.

— Venham — chamou Amy, afoita, segurando a mão de Piper e conduzindo-a até a escada; Margot foi logo atrás, subindo dois degraus por vez. A mão de Amy estava gelada. Ou talvez a de Piper é que estivesse quente. Ela não se sentia ela mesma; sua cabeça parecia estar flutuando acima do corpo como um balão de ar.

Amy havia pendurado o aviso antigo de *Não Perturbe* do hotel na porta do seu quarto.

— Dá uma olhada nisso — disse, indo até a máquina de escrever. Ali, uma folha do antigo papel timbrado do Hotel da Torre estava presa ao cilindro:

Encontrem o 29º Quarto.

Lembrem-se: não se constrói nenhum quarto sem planta. Encontrem as plantas e encontrarão o quarto.

Então irão entender.

— Seja lá o que aconteceu com a Sylvie, a chave é o 29º quarto! Como ela mesma disse na carta pro Alfred Hitchcock.

— Mas a gente já procurou no hotel inteiro! — disse Piper, exasperada. — Fomos em todos os quartos. Não tem mais nenhum lugar pra procurar.

Amy tamborilou os dedos no bilhete datilografado.

— "Encontrem as plantas e encontrarão o quarto." Sabem de uma coisa, foi meu avô quem projetou o hotel. Ele deve ter feito plantas, certo?

Talvez Margot tivesse razão, e Amy de fato estivesse armando tudo aquilo, deixando pequenas pistas como migalhas de pão. Era tudo um jogo maluco para tornar os últimos dias das férias de verão um pouco menos chatos.

— Então vamos encontrá-las! O antigo escritório do meu avô está cheio de papéis e tralhas. Vamos lá dar uma olhada!

2013

Piper

Piper era quase capaz de ouvir os vagos ecos dos passos ali, parada agora diante do hall de entrada: os dela, os de Amy e os de Margot, descendo pelas escadas e correndo até o escritório para procurar evidências do 29º quarto. Seguiu esses passos fantasmagóricos pelo hall e espiou para dentro do escritório, que parecia basicamente igual ao de suas lembranças: papel de parede descascado, pilhas de papéis em equilíbrio precário e livros por toda parte.

O ar na velha casa cheirava a mofo, a coisa usada. Sua vontade era abrir a janela, mas sabia que isso não cabia a ela. Além disso, não ficaria ali por muito tempo. Ia apanhar uma sacola de roupas para Lou e depois daria o fora rapidinho.

À sua esquerda, ela ouviu um vago som de farfalhar na cozinha. Seriam ratos? Ou a velha vó Charlotte arrastando a cadeira para trás?

Quando à sua porta bater a Morte,
Você pensará seu rosto já ter visto, sem sorte.

Piper deu um pulo quando seu celular tocou, cantarolando "Like a Prayer" num volume alto demais para aquele lugar silencioso. Remexeu dentro da bolsa, tentando atendê-lo o mais depressa possível.

— Oi — disse, com voz de quem fala numa biblioteca.

— E aí, encontrou alguma coisa? — quis saber Margot.

— Ainda não. Mas também acabei de chegar, pelo amor de Deus — disse Piper.

— Desculpa. Onde você está agora?

— No hall de entrada. — Olhando furtivamente ao redor, ela não viu sinal de movimento.

Mas seria aquilo outro barulho lá na cozinha? De pés se arrastando?

Mas, se lhe mostrar um espelho, o que vai ver
É que você é ela, e ela é você.

— Piper?

— Sim?

— Mudei de ideia. Estou com um péssimo pressentimento em relação a essa história, acho melhor você cair fora daí.

— Que bom que você acha isso, porque é exatamente o meu plano. Só vou lá em cima apanhar algumas coisas pra Lou e depois dar no pé.

— Me liga assim que você terminar.

— Pode deixar.

— E… Piper? Não demore.

Como se ela precisasse de algum tipo de encorajamento.

Piper desligou o telefone e subiu apressada as escadas, mas logo parou ao dar de cara com as manchas de sangue. Elas estavam em toda parte; o carpete chegara a ficar saturado em alguns trechos, coberto de manchas espessas e de pegadas grotescas de sangue escuro coagulado. Alguns espirros num tom vermelho-acastanhado tinham até ido parar sobre o papel de parede desbotado.

No fim do corredor, à esquerda, ficava a suíte principal. Foi onde encontraram o marido de Amy, o primeiro a ser abatido. No meio do corredor ficava o banheiro, em seguida vinha o segundo dormitório, que costumava ser o da vó Charlotte. Piper empurrou a porta, hesitante, que ao se abrir revelou pôsteres de jogadores de futebol americano e um enorme posto espacial, construído com Lego, sobre a cômoda.

Era o quarto de Levi. Oito anos de idade e o segundo a morrer. A cama estava nua, e o colchão tinha sido retirado.

Piper recuou, a cabeça rodando, o estômago nauseado.

Foi se arrastando então ao longo da parede, fazendo o melhor que podia para evitar as manchas no chão (será que tudo isso era do sangue de Amy?) enquanto caminhava pelo corredor com pernas bambas.

Faça logo o que precisa fazer e caia fora, disse a si mesma, seguindo em direção ao quarto que devia ser o de Lou, no fim do corredor.

O quarto que, antigamente, fora de Amy.

Ela se lembrou da plaquinha antiga do hotel que a amiga pendurava na porta naquela época: *Não Perturbe.*

Pousou a mão na maçaneta, a mesma maçaneta que Amy tocara incontáveis vezes, que um dia se aquecera com o calor da mão dela.

Agora, estava fria como gelo.

Vá embora, parecia dizer ela. *Aqui não é seu lugar.*

Piper segurou a respiração e empurrou a porta.

A visão daquele quarto a atingiu diretamente no peito. Havia manchas de sangue pelo chão também, embora muito menos do que no corredor. O piso estava revestido com o mesmo carpete feio do corredor na época em que aquele quarto era de Amy, mas em algum momento eles o haviam arrancado e pintado de branco as largas tábuas de pinho do assoalho, para fazer o quarto parecer mais espaçoso e iluminado. E aquilo ali, seriam restos dos adesivos perfumados e das estrelinhas adesivas fosforescentes de Amy? Piper olhou para a cômoda e a mesinha de cabeceira, que continuavam no lugar de sempre, como se alguém as tivesse parafusado ao chão. Seriam restos longínquos de tinta roxa nas beiradas da parede, cobertas depois com essa tinta rosa-bebê?

O quarto estava arrumado. Nada de roupas espalhadas pelo chão, nem de brinquedos, livros e embrulhos de doces atirados para todos os lados. Ao lado da cama havia um tapete felpudo rosa-choque e um copo de água sobre a mesinha de cabeceira. Não havia nada no colchão além de uma pilha de bichinhos de pelúcia amontoados no centro.

E ali, na escrivaninha, uma velha máquina de escrever.

Seria possível?

Piper deu um passo até lá e correu os dedos pela máquina: uma Royal Quiet De Luxe.

A seu lado, uma pilha de papel branco.

Sem pensar, Piper apanhou uma folha, colocou-a no cilindro e pousou os dedos sobre as teclas. Ficou impressionada com a naturalidade daquilo, com a satisfação que sentia cada vez que batia numa tecla com força e ouvia o som da letra atingindo a fita e o papel. A máquina tinha sido limpa e lubrificada, a fita era nova. Os dedos de Piper encontravam as teclas robustas e redondas: *tlac, tlac, tlac, pou, pou, pou.*

Amy, Amy, Amy, datilografou ela, pensando que talvez a antiga Royal pudesse servir como uma espécie de tabuleiro Ouija por onde Amy conseguisse enviar uma mensagem para ela, como ela um dia acreditou que Sylvie fizesse.

Você está aí, Amy?

Nada. Era pura tolice, aquilo. Ela não era mais uma menina de 12 anos.

Ainda assim, datilografou mais uma linha:

Sinto muito

E ela sentia mesmo. Sentia pelo que acontecera com Amy e sua família. Sentia por não haver se esforçado mais. Amy se afastara dela no fim daquele verão, e Piper não oferecera nenhuma resistência; simplesmente deixara para lá e procurara fingir que não estava nem aí. Sentia por ter se mudado de cidade e se esforçado ao máximo para esquecer Amy, a torre e tudo o que acontecera naquela época distante, para colocar tudo aquilo numa caixinha e guardar no fundo da sua mente, como se fossem os brinquedos antigos de uma criança. Entretanto, não se sabe como, o próprio ato de tentar esquecer tornara aquelas lembranças ainda mais vivas, transformara Amy num arquétipo com quem ela comparava todas as outras pessoas. E ninguém chegava à sua altura.

Então não era verdade que, depois que Amy a riscara da sua vida naquele verão, Piper sempre manteve certa distância das pessoas, nunca se permitiu acreditar que algum amigo ou amante seria para valer? Sentada à escrivaninha no antigo quarto de Amy, de repente ela compreendeu que em algum lugar, escondida dentro dela, havia uma garota de 12 anos de coração partido e arrasada porque sua melhor amiga a abandonara. Piper respirou com dificuldade. Se ela se permitisse pensar em todas as maneiras que aquilo a atrapalhara ao longo dos anos, em todos os relacionamentos que terminara porque tinha certeza de que era só uma questão de tempo até ser abandonada, não sabia se conseguiria suportar.

Arrancou a folha de papel da máquina de escrever, amassou-a e enfiou-a na bolsa, depois deixou a bolsa sobre a escrivaninha e se lançou à tarefa. Encontrou uma mala de lona florida no armário de Lou e rapidamente a encheu com calcinhas, meias, camisetas, shorts e jeans. Tudo era cor-de-rosa e roxo e repleto de corações, símbolos da paz, lantejoulas brilhantes ou uma mistura dessas três coisas. Atirou também um par de tênis cintilantes prateados e chinelos estampados de oncinha.

Às suas costas, ouviu alguma coisa no corredor. Passos rápidos, arrastados.

— Olá? — chamou. Será que a polícia tinha voltado, percebido que haviam esquecido de levar alguma coisa? Ou visto o carro dela e se perguntado quem estaria invadindo a cena do crime? Piper foi até o corredor e ficou parada no alto da escada. — Tem alguém aí? — gritou.

De algum lugar ouviu uma risadinha baixa, parecida com a de Amy. Não, com certeza era a imaginação de Piper. Mesmo assim, já era hora de se mandar.

Ela voltou apressada para o quarto, aproximou-se da cama de Lou e escolheu um coelhinho cor-de-rosa de pelúcia e uma boneca de pano velha com cabelo de lã amarela, que tinha cara de quem tinha sido adorada quase até a morte.

Estava mais do que bom.

Colocou a mala sobre o ombro, apanhou a bolsa e saiu do quarto depressa. Atravessou o corredor e parou no alto da escada, mas então teve certeza de ouvir alguma coisa às suas costas, lá no quarto de Lou. Passos curtos e apressados. O som de unhas (ou seriam garras?) sobre o assoalho de tábuas de pinho pintadas.

Piper desceu depressa os degraus e seguiu até a porta da frente, mas então obrigou-se a parar ali na entrada e virar-se, quase esperando encontrar um vulto escuro e aterrorizante no alto da escada. Escutou com atenção. Nada. Apenas o som de sua própria respiração acelerada. Era tudo coisa de sua imaginação. Claro.

Seu celular tocou: era Margot novamente. Piper remexeu no interior da própria bolsa e o papelzinho amassado caiu de lá sem querer. Ela observou a folha descendo até o chão enquanto atendia o telefone.

— Piper? — disse Margot, ansiosa. — Onde você está?

— De saída já, na porta da casa. Estou levando a mala pra Lou comigo. Vou dar uma paradinha rápida na farmácia pra comprar as coisas do bebê e volto logo em seguida. Daqui a meia hora, quarenta minutos no máximo, já estou de volta.

— Certo — disse Margot, obviamente aliviada.

— Quer que leve alguma coisa pro almoço? — perguntou Piper.

— Almoço? Mesmo comendo por dois, não tenho nem como pensar em almoçar depois daquele café da manhã enorme que você preparou. Não cabe mais nada.

Piper sorriu.

— Tá, então eu preparo uma salada ou algo assim pra nós duas. Te vejo daqui a pouco.

Ela desligou o celular e o guardou novamente na bolsa. Então abaixou-se para apanhar o papelzinho amassado, pois não queria deixar coisas estranhas na casa

que pudessem chamar a atenção de alguém, principalmente de algum policial que por acaso voltasse ali para dar uma última olhada na cena do crime.

Abriu o papel, tentando imaginar o que pensariam se vissem aquilo, aquela mensagem bizarra datilografada para uma mulher morta.

Não era essa mensagem, porém, que estava escrita ali. As palavras que ela datilografara haviam sumido.

Piper soltou um grito sufocado.

(Seria aquilo também um grito, só que distante e zombeteiro, imitando o dela lá em cima no primeiro andar?)

Na página estava escrito, de alto a baixo, uma linha após a outra:

29 quartos

29 quartos

29 quartos

29 quartos

29 quartos

29 quartos

1989



Piper

29 quartos.

Até aquele momento, tudo parecera mais alguma coisa inventada, extraída de algum romance policial: *O Mistério do 29º Quarto.*

Piper imaginou uma personagem detetive andando por aí com uma lanterna, batucando as paredes, em busca de uma passagem secreta para um quarto secreto.

Agora, porém, remexendo os papéis e desenhos antigos que haviam pertencido ao avô de Amy, Piper começou a se perguntar: e se fosse tudo real?

E se houvesse de fato um 29º quarto?

— Olhem isso aqui! — exclamou Amy. Ela estava sentada no chão ao lado de algumas caixas de papelão detonadas que arrastara para fora do armário e onde alguém havia escrito *Documentos de trabalho do papai.* Amy havia esvaziado freneticamente as caixas ao acaso, olhando para cada papel por um átimo de segundo antes de atirá-lo de lado sem dar maior atenção.

Agora estava segurando uma pilha de fotos, cada qual mostrando o hotel em um estágio diferente de construção. Primeiro só se via uma fundação, depois a silhueta mais ou menos distinguível de dois edifícios que, aos poucos, foram ganhando teto, portas e finalmente janelas. Em cada uma das fotos via-se o avô de Amy com roupas de trabalho cáqui, segurando um martelo, um serrote ou uma trolha.

— Talvez ele não tenha feito planta nenhuma — sugeriu Margot. — E se a ideia dele fosse ir construindo e ver no que dava depois?

Piper fez que não.

— Não dá pra construir um edifício inteiro desse jeito, principalmente se você não for arquiteto, pedreiro ou algo do tipo. Com certeza ele desenhou alguma planta.

— Bom, nessa caixa elas não estão — disse Amy, retirando as últimas fotos e documentos amarelados da primeira caixa e deixando que as cédulas velhas e as folhas pautadas caíssem lentamente no chão.

Abriu a caixa seguinte e descobriu que estava cheia de fotos e documentos da época em que o avô era piloto no exército. Havia um monte de cartas dos pais dele, que moravam na fazenda. Amy correu os olhos por algumas delas e leu trechos em voz alta: contavam o quanto de leite as vacas estavam produzindo e como o jovem primo de Clarence estava se saindo um bom ajudante; mencionavam as campanhas para reciclar ferro-velho que vinham sendo realizadas durante a guerra no estado inteiro de Vermont… Aqui e ali as cartas tinham pitadas de fofocas da cidade — Violet Stafford finalmente fora pedida em casamento por Hank Ritter; o Sr. Erickson fora obrigado a fechar a sede local do banco; o pequeno Richie Welks ganhara a competição de pescaria no sábado passado.

— Nossa, estou surpresa por ele não ter morrido é de *tédio* com essas cartas — reclamou Amy, atirando-as de novo para dentro da caixa.

— Imagina — retrucou Piper. — Aposto que era até um consolo receber essas notícias de casa. Saber que as coisas aqui continuavam tão chatas quanto antes. Se eu estivesse num avião sendo bombardeado pelos alemães, ia ficar feliz em descobrir que na minha terra tudo continuava na mesma paz e tranquilidade de sempre, que as vacas continuavam sendo ordenhadas, que uma garota qualquer esperava ansiosa por uma pedido de casamento.

— Bom, pode ser. — Amy encolheu os ombros.

Margot arrastou do armário uma caixa de arquivo feita de metal e abriu os fechos.

— O que é isso aí? — perguntou Piper.

Margot começou a folhear os papéis.

— Parecem coisas da sua mãe, Amy. Certidão de nascimento, diploma do colégio… Peraí, tem alguma coisa aqui no fundo. — Ela retirou uma pilha de cartas em envelopes desbotados presa com elásticos que estavam se desintegrando.

— Olha só — disse Margot, entregando-as para Amy. — Mais cartas de Sylvie para aquele tal diretor de cinema!

Amy apanhou as cartas e passou o polegar de uma em uma.

— É mesmo. Estão todas endereçadas a Alfred Hitchcock. Têm selos e tudo o mais, mas parece que nunca chegaram a ser enviadas… Tão vendo? Não têm

carimbo nenhum.

— Que estranho — comentou Piper. — Por que se dar ao trabalho de escrever essas cartas, de colocar selo e tudo o mais, se a ideia não é enviá-las de verdade? E o que sua mãe estava fazendo com elas?

— Sei lá — disse Amy, atirando as cartas de volta na caixa de metal. — Mas elas não ajudam em nada a encontrar as plantas do hotel.

Vasculhou novamente o armário e retirou de lá uma pasta de couro marrom com um fecho.

— Bingo! — gritou, abrindo a pasta e espiando seu interior. — São desenhos para o hotel!

Piper se aproximou de Amy e olhou para os documentos que ela estava puxando ansiosamente de dentro da pasta. Os desenhos caprichados de Clarence do projeto que ele imaginava construir tinham sido feios a lápis num papel hoje amarelado. Havia desenhos da estrutura mostrando medidas e rabiscos de elevações de todos os ângulos possíveis.

As garotas examinaram os rascunhos em busca de algum sinal de passagem secreta ou, quem sabe, uma porta escondida, talvez um quarto localizado entre dois outros.

— Não tem nada em nenhuma das duas construções — disse Amy, por fim. — O quem tem são 28 quartos, o escritório, a lavanderia e o quarto das caldeiras embaixo do escritório. E pronto, acabou. — Soltou um suspiro exasperado que fez sua franja subir.

Apoiado no canto da mesa havia um desenho emoldurado da torre. Piper o apanhou. Também tinha sido feito a lápis e mostrava o exterior da torre: a porta, as janelas e as ameias. Olhou tudo com atenção, reparando em todos os detalhes: cada rocha tinha um formato e um tom diferente, as sombras na porta aberta pareciam quase vivas. O avô de Amy era um artista de talento.

Então ela notou: no meio daquelas sombras havia algo mais. Uma frase quase apagada; letras fantasmagóricas e estranhas que ela mal conseguia ler. Trouxe o desenho mais para perto dos olhos e o observou, até finalmente entender qual era o problema.

A frase estava escrita de trás para a frente.

— Tem alguma coisa escrita atrás desse desenho — disse ela. Amy arrancou a moldura das mãos da amiga, imediatamente virou-a e começou a abrir os pequenos fechos de metal que seguravam o papelão nos fundos. Em um segundo já tinha libertado um dos cantos; em seguida a folha de papelão fino já estava na mão dela, com o desenho por cima. Amy separou os dois com cuidado e virou o projeto da torre.

Do outro lado estava o desenho original, com as dimensões do diâmetro e da altura da torre, e a planta das vigas dos andares. À margem direita viam-se cálculos da quantidade necessária de cimento, areia e cal.

O desenho mostrava os três andares que as garotas já haviam explorado: térreo, primeiro andar e o topo, rodeado por um círculo de ameias.

Havia, porém, algo a mais. Um quarto andar, um porão ao qual o acesso parecia dar-se apenas por um alçapão localizado no térreo. Aquele andar tinha sido nomeado com a caligrafia atenta do avô de Amy de "masmorra".

— O que quer dizer "masmorra" mesmo? — perguntou Amy.

Piper se pôs de pé num pulo, foi até a mesa e apanhou o dicionário grosso que vira ali na primeira vez em que elas entraram no escritório. Foi indo de letra em letra até chegar ao "M". Marimbondo. Marquês. Marquise. (Piper se deteve um pouco nesse verbete — era a aba frontal de um prédio.)

— Aqui — disse ela, com o dedo em cima da palavra. Piscou diante da definição; sua entonação vacilou ao ler em voz alta: — "Cárcere escondido nos pisos inferiores, que só contava com um alçapão como meio de entrada ou saída."

— Caramba! — exclamou Amy. — Uma prisão? Existe uma prisão escondida embaixo da torre?

— Não dá pra ter certeza — disse Piper. — Quer dizer, está aqui no desenho, mas…

— Vamos! — disse Amy, já saindo do escritório. — Precisamos descobrir!

2013

Piper

Piper atirou a mala de lona no carro, com as mãos tremendo.

Ela sabia muito bem o que havia escrito naquela folha.

Como, então, acabou sendo preenchida com *29 quartos* de cima a baixo sem parar?

Ela deu partida no carro, engatou a ré e pisou no acelerador; o cascalho saiu voando embaixo dos pneus enquanto ela recuava, dava meia-volta e descia pela trilha íngreme.

Será que estaria ficando louca? Será que ela mesma tinha datilografado aquilo em alguma espécie de alucinação?

Lembrou-se da obsessão de Amy com hipnose, depois de encontrar aquele maldito livro que pertencera a Sylvie. Amy dizia que era possível fazer praticamente qualquer coisa num estado de transe, inclusive receber mensagens dos mortos.

— Merda — xingou Piper, dando um tapa no volante. Justamente quando estava passando pela torre e olhara de relance para seu interior, através da entrada bloqueada com duas tábuas cruzadas num X onde alguém escrevera PERIGO com spray vermelho, uma sombra se moveu lá dentro.

Tinha alguém ali!

Piper pisou no freio, com o coração alucinado, as palmas das mãos transpirando.

Talvez alguém tenha estado mesmo na casa com ela. Alguém que trocara a folha dela por aquela. (Mas como? E quando?) Por mais improvável que parecesse, Piper se aferrou àquela ideia. Parecia muito melhor do que acreditar num fantasma ou que ela mesma tivesse datilografado aquela mensagem.

Ela saltou do carro, deu a volta por trás dele, abriu o bagageiro, tirou o painel acarpetado e apanhou uma chave de roda. Não entraria ali desarmada.

Ficou parada olhando para a enorme torre inclinada à sua frente, segurando com força a chave de roda de metal. Era uma ideia idiota, e ela sabia muito bem disso. Devia era voltar para o carro, trancar a porta e telefonar para Jason lá na delegacia e contar que havia alguém escondido no hotel. Isso, porém, seria o

mesmo que admitir para ele que ela estava lá. Provavelmente ele pediria que ela fizesse as malas e pegasse o primeiro avião de volta para Los Angeles. E se quem quer que estivesse ali escapasse — por alguma passagem escondida na parede daquela torre em ruínas — enquanto ela se escondia tremendo no carro, esperando o resgate como uma donzela dos contos de fadas?

Piper deu um passo em direção à abertura da entrada, os olhos correndo pela torre decrépita em busca de algum sinal de movimento. No exterior, o cimento estava ruindo e toda a estrutura estava uns dez graus inclinada em direção à casa.

Parecia um acidente esperando para acontecer.

Ela espiou por cima do X feito de tábuas pregadas na abertura. As tábuas do assoalho pareciam podres e faltavam vários degraus na escada que levava ao primeiro andar. Acima dela, a palavra PERIGO parecia cintilar como um dia provavelmente o letreiro luminoso do hotel fizera.

Hotel da Torre, 28 Quartos, Piscina, Há Vagas.

Respirou fundo. Ouviu a voz de Amy ao pé do ouvido:

— Deixe de ser criancinha.

1989



Piper

— Eu não sou uma criancinha — retrucou Piper, o corpo todo enrijecido, ali, parada na frente da porta da torre.

— Então vamos nessa — disse Amy, fazendo um floreio rebuscado na direção da entrada como se dissesse "primeiro você". — Temos uma masmorra para encontrar.

A canela de Piper latejou uma advertência, uma mensagem de dor em código Morse, quando ela lembrou de sua queda pelas tábuas do assoalho. Não queria entrar ali. Não queria iluminar a escuridão por baixo das tábuas usando a lanterna que Amy apanhara na gaveta da cozinha, como uma adolescente metida a detetive. Se realmente existisse uma masmorra ali embaixo — mas não poderia existir, não é? Por que diabos o avô de Amy iria construir uma masmorra? —, ela com toda a certeza não estava a fim de ver. E achava melhor Margot também não.

— Talvez seja melhor você voltar pra casa — disse para a irmã, que estava marchando cheia de determinação, parecendo mais uma miniadulta do que uma menina de 10 anos a caminho de uma armadilha mortífera.

— Não tô com medo.

Mas devia estar. Todas nós devíamos, aliás.

— É, qual é, Piper? — resmungou Amy. — Olha o exemplo da sua irmã e vamos logo.

Piper seguiu Amy para dentro da torre. Caminhava devagar, testando as tábuas aos seus pés a cada passo cuidadoso. Pareciam elásticas, temerárias. Como é que ela não tinha percebido isso no outro dia?

Margot ficou parada diante da porta, observando tudo de olhos arregalados.

Amy caminhava descuidadamente, pisando com força no assoalho e tentando puxar as bordas das tábuas para cima com as unhas.

— Não estou vendo nada parecido com um alçapão — disse ela.

— Lembra como era lá em cima? — perguntou Margot. — Eram duas camadas. O piso de verdade e depois o teto do piso de baixo.

— É mesmo — concordou Amy. — Então talvez o alçapão não esteja aqui. Talvez seja só umas tábuas soltas. Vamos, Piper. Você começa desse lado, e eu

começo do outro. Dá uma olhada nas tábuas pra checar se não estão soltas. A gente vai fazendo isso de uma em uma até se encontrar ali no meio.

Piper concordou.

— Margot, você fica aí fora de vigia. Se a gente cair ou se alguma coisa acontecer, corre para a casa e chama a avó da Amy, tá bem?

Amy riu.

— Antes de chamar a vovó, é melhor ter certeza de que a gente morreu mesmo. Porque vai ser nosso fim quando ela descobrir que entramos na torre.

— Tomem cuidado — disse Margot lá da porta.

Piper achou que era meio tarde para isso.

Ficou de quatro sobre as tábuas largas e nodosas de pinho que formavam o piso. Imaginou um jovem Clarence Slater jovem cortando as tábuas e depois dispondo-as ele mesmo ali, dando marteladas, erguendo aquela construção para sua mulher — uma Torre de Londres particular.

Uma torre com uma masmorra secreta.

— A Torre de Londres de verdade… Sabe, a da Inglaterra? Ela não tem uma masmorra e uma câmara de tortura e tudo o mais? — perguntou Piper.

— Acho que sim, não sei — respondeu Amy, pisoteando e espiando as tábuas.

— Quem sabe então ele não construiu uma masmorra nesta torre só para fazer com que ficasse mais parecida com a original, hein? Para ser mais autêntica.

— Pode ser — disse Amy. — Mas então por que manter isso em segredo?

Piper tinha começado a procurar no piso, seguindo uma tábua de ponta a ponta e verificando as tábuas que estavam presas àquela. Inspecionou tudo, uma fileira após a outra, enfiando os dedos nas frestas e tentando puxá-las para cima, porém os velhos pregos enferrujados aguentavam firme. Do outro lado da torre, Amy fazia o mesmo no seu lado, agachada e beliscando as tábuas como um caranguejo de chinelo.

Elas estavam se aproximando do meio. Amy gemeu de frustração.

— Tem que estar aqui! — exclamou.

— Talvez não exista alçapão, passagem nem nada — disse Piper, tentando não aparentar esperança demais.

— Vocês têm certeza? — gritou Margot lá da porta.

Amy estava olhando fixamente para a escada localizada no meio daquele piso.

— É claro! — disse, levantando-se num pulo com tanta força e rapidez que Piper viu as tábuas se afundarem sob o peso dela.

— Cuidado aí! — avisou Piper.

Você vai acabar caindo pelas tábuas e indo parar no inferno.

— A escada! — disse Amy. — Ela não é presa no chão, certo? Fica meio solta, presa só por uns prendedores nas pontas.

Amy segurou a escada pelos dois lados e a levantou; a escada inteira se mexeu. Não era tão maciça assim: umas duas tábuas faziam as vezes de corrimão e pedaços da mesma madeira formavam os degraus. A escada estava apoiada sobre as tábuas do assoalho, presa com dois conjuntos de presilhas de madeira. Amy ergueu a escada e soltou-a.

— Ei, que tal uma ajudinha aqui? — gemeu. Piper foi até a amiga e segurou o lado direito da escada. Juntas, as garotas a levantaram, depois a inclinaram de lado e a pousaram desajeitadamente no chão.

— Cuidado! — disse Margot.

Amy se agachou, encaixou os dedos na extremidade da tábua do assoalho onde antes estivera apoiada a escada e puxou-a para cima; a tábua balançou como um dente mole.

— Venha me ajudar! — gritou ela para Piper. As duas meninas começaram a puxar a tábua para cima e logo descobriram que estava presa a outra tábua embaixo dela. Ambas saíram juntas, como se fossem uma coisa só.

— Estão pregadas uma na outra — constatou Amy, enquanto elas viravam o conjunto e o colocavam de lado. — Elas funcionavam como uma peça única. Com a escada em cima, nada se movia. Ninguém descobriria que estavam soltas, a menos que retirassem a escada!

Piper só estava escutando em parte; espiava agora pelo buraco aberto no chão. Ali, entre duas vigas pesadas, estava um alçapão com dobradiças metálicas e enferrujadas. Num dos lados havia um ferrolho grande de metal.

— Passa a lanterna — pediu Amy, deitando-se de bruços para alcançar o ferrolho.

— Espera! — exclamou Piper de repente. Estava na cara que aquele ferrolho pesado tinha um único propósito: impedir o que quer que estivesse preso ali embaixo de sair. — Talvez seja melhor a gente não abrir e chamar sua vó ou algo assim?

— Me passa a maldita lanterna e pronto, está bem? — ordenou Amy, em seguida começando a puxar o ferrolho. Ele se abriu com um som metálico, rascante e perturbador. Piper entregou a lanterna a Amy justamente quando a garota estava começando a erguer a porta do alçapão.

A primeira coisa que elas sentiram foi o cheiro: parecia o de uma caverna, úmido e poeirento. Era o cheiro de coisa podre, de decomposição. Amy iluminou o buraco com a lanterna. As pilhas estavam fracas, e a luz emitida era tímida e alaranjada.

— O que tem aí embaixo? — gritou Margot de seu posto lá fora. Ela de fato era uma boa irmã, pensou Piper com uma pontada de algo parecido com arrependimento.

— Não dá pra saber direito — respondeu Amy. — Acho que tem um móvel ou algo assim. Uma cama, sei lá. — Ela se levantou de um pulo, o que fez as tábuas chacoalharem mais uma vez. — Vamos pegar a escada e descer.

— Amy… — disse Piper. — Sério, eu acho *de verdade* que não…

— Você não precisa vir junto. Pode ficar aqui em cima segurando a escada. — As palavras de Amy eram provocadoras. *Medrosa*, pareciam dizer.

— Claro que eu vou junto — protestou Piper, pensando: *vou aonde você for.*

Juntas, as garotas apanharam a escada e a abaixaram com todo o cuidado naquela escuridão, apoiando-a num dos lados do alçapão.

— Eu vou primeiro — disse Amy. — Segura a escada.

Ela desceu cuidadosamente, testando cada degrau antes de colocar o peso em cima.

— Merda — gritou, assim que terminou de descer. — Esqueci a lanterna. Aqui embaixo está um breu. Não esquece da lanterna, tá bom?

— Beleza. — Piper enfiou a lanterna de plástico no cós da roupa e se preparou para descer.

— Melhor você não ir! — gritou Margot lá da porta para a irmã.

— Não tem problema — disse Piper, olhando-a nos olhos. — Vou tomar cuidado. E volto num instante, prometo.

Sem chance que ela iria se demorar ali embaixo.

Amy segurou a escada para Piper. Devagar, a garota desceu, a canela latejando a cada passo, até seus pés tocarem o piso duro de cimento. Amy pousou a mão nas costas de Piper, que deu um pulo.

— Trouxe a lanterna?

— Aham. — Piper a entregou à amiga, sem ligá-la. Amy teria a honra de fazer isso.

— Preparada? — perguntou Amy.

Piper engoliu em seco.

— Claro.

A luz se acendeu de repente, iluminando o lugar com um brilho fraco alaranjado.

— Ai, meu Deus — gaguejou Amy.

Piper não conseguia falar nada. Não conseguia emitir som nenhum, muito embora sentisse um grito silencioso crescer em algum lugar bem no fundo do corpo, saindo pela boca aberta como simplesmente uma baforada de ar triste e úmida.

— O que é isso aqui? — A voz de Amy estava aguda e esquisita, completamente estranha para Piper. Então ela percebeu: era a primeira vez que via a amiga com medo de verdade.

— Tá tudo bem aí? — gritou Margot lá de cima. — O que tem aí embaixo?

Piper olhou ao redor, correndo os olhos pelo pequeno aposento circular de um lado a outro. Logo à sua direita havia um par de correntes pesadas, as pontas presas na parede de cimento. Cada corrente terminava com uma algema enferrujada.

Amy tinha mesmo razão — havia uma cama ali. Era de madeira e recoberta com tiras de couro e fivelas. Um cobertor todo mofado estava enrolado numa bola na cabeceira.

É uma câmara de tortura, Piper queria dizer em voz alta, mas não conseguia falar, não conseguia sequer pensar direito. *O avô de Amy construiu uma câmara de tortura.*

Pensou no homem sério que vira em todas aquelas fotos — o piloto da aeronáutica com a medalha do Coração Púrpura, pai e marido, um homem visionário, que construíra um hotel com uma torre.

Só que a torre, entretanto, tinha uma câmara secreta no porão.

Uma câmara secreta para se fazer coisas terríveis.

Será que ele levava os hóspedes do hotel para lá — vendedores vindos de lugares distantes, que jamais tornariam a ver seu lar? Ela sabia que existiam pessoas que faziam coisas desse tipo; pessoas como assassinos e estupradores. Só que para ela não passavam de monstros de quem ouvira falar ou vira na televisão; não eram mais reais do que lobisomens ou zumbis.

Amy sufocou um grito, ofegante.

— Ah, não… Não… Merda.

Piper só queria fechar os olhos e tatear no escuro até encontrar novamente a escada, subir os degraus e voltar à luz do dia, esquecer tudo o que havia visto. Com toda certeza não queria enxergar o que Amy estava olhando.

— Olha — disse Amy, pousando a mão no braço de Piper, puxando-a e apontando. Piper se virou com relutância e viu o que o halo fraco da lanterna estava iluminando.

Do outro lado da câmara havia algo semelhante a uma pilha de roupas. Então ela percebeu o brilho amarelo-esbranquiçado de um crânio, as finas mechas secas de cabelo, as órbitas vazias dos olhos.

— É Sylvie — disse Amy, com a voz trêmula. — Nós encontramos a Sylvie.

2013

Piper

Piper se lembrou daquele crânio horrendo ao entrar na torre, as mandíbulas abertas sob as duas órbitas dos olhos vazias que olhavam para elas e pareciam dizer: Até que enfim vocês me encontraram.

Aqueles olhos tinham permanecido com ela durante todos aqueles anos, seguido-a por todas as partes. Eram agora parte dela, algo de que jamais se esqueceria.

Depois que viram o esqueleto, com aquele terrível sorriso de morte, nada mais foi como antes. Seria a última tarde que as garotas passariam com Amy, a última vez em que entrariam na torre ou no hotel. Tudo mudou quando elas desceram aquela escada até o 29º quarto.

Porém, cá estava ela de novo.

O que poderia encontrar dessa vez? Outro corpo? Pouco provável, pensou com amargura. A polícia encontrara todos os corpos na casa.

Lembrou o carpete encharcado de sangue no corredor do primeiro andar. E se aquilo que tivesse seguido até a casa tivesse começado ali, na torre?

E se ainda estivesse aqui?

Piper ficou o mais imóvel possível, escutando com atenção, a chave de roda pesando em sua mão. Lentamente começou a andar, testando o piso a cada passo para descobrir trechos apodrecidos demais. Sabia que se ficasse bem em cima das vigas não haveria problemas. Como alguém que anda numa corda bamba, ela seguiu a fileira de pregos que demarcava a viga sólida por baixo (ou pelo menos ela esperava que estivesse sólida).

A escada que conduzia ao segundo andar não estava mais lá. Ela olhou para a abertura inacessível no teto. A luz do dia que entrava pelas janelas do andar acima descia por ali, e Piper de repente se lembrou da sensação dos lábios de Amy sobre os seus… E da dor que se seguira, causada pela queda por entre as tábuas do assoalho.

Até hoje ela ainda tinha uma cicatriz, uma linha torta esbranquiçada que corria ao longo de sua canela esquerda. A ferida ficara terrivelmente infectada no fim das contas, e sua perna virara uma verdadeira maçaroca vermelha e quente. Ela acabara contando para a mãe, que a levou para a emergência, onde lhe deram

antibióticos na veia. Quando saiu do hospital, as aulas já haviam começado, e sua mãe proibiu as duas filhas de voltarem ao hotel: aquele lugar era uma "armadilha mortífera".

Ah, se a mãe soubesse o quanto sua descrição tinha sido precisa.

Não foram exatamente essas as palavras que vó Charlotte usou para mandar as meninas ficarem longe da torre? Se elas tivessem escutado!

Claro que, depois daquilo, evitar o hotel fora fácil. Amy não queria mais saber de Piper nem de Margot. Enquanto Piper estava internada, Margot disse que tinha ligado escondido para Amy algumas vezes, mas vó Charlotte lhe dera desculpas esfarrapadas, dizendo que a menina não podia atender ao telefonema, mas que ela poderia anotar um recado e repassá-lo à neta.

Agora ali estava Piper mais uma vez, na torre, com uma palavra bem nítida em sua cabeça: *Fuja.*

Sua medrosa.

— Não sou, não.

No chão, onde certa vez estivera a base da escada, estava agora a tábua larga com as fivelas familiares que demarcavam a entrada para a masmorra escondida ali embaixo. Ela respirou fundo, ficou de joelhos e começou a puxar a tábua com os dedos, que se moveu com facilidade — continuava presa à tábua adjacente, embora o conjunto agora lhe parecesse mais leve do que ela se recordava. Levantou as tábuas com facilidade e as afastou para um lado, revelando então a porta do alçapão, com suas dobradiças enferrujadas e o ferrolho pesado destinado a manter todos os segredos bem trancados.

Colocou a mão sobre o ferrolho, hesitante. O metal estava frio, coberto com uma camada fina de ferrugem castanha-alaranjada.

Antes que conseguisse refletir mais sobre o assunto, ela o abriu. Na mão direita continuou segurando firme a pesada chave de roda, enquanto com a esquerda abriu o alçapão.

O cheiro do cimento úmido subiu até ela — não mais o cheiro de podridão ou decadência; simplesmente o cheiro de um porão tomado pela umidade. E então, logo abaixo da abertura, viu uma escada de metal dobrável, que não estivera ali em 1989. Alguém passara pelo porão depois disso.

— Certo — disse em voz alta, encontrando algum conforto em sua própria voz. — E agora?

Desça, sussurrou Amy em seu ouvido. *Ou será que você é uma…?*

— Não sou medrosa — disse Piper em voz alta e, para provar o que dizia, colocou as duas pernas para dentro do buraco. Os pés encontraram os degraus da escada de metal e, ainda segurando com firmeza a chave de roda, ela começou a descer bem devagar. Sozinha, sem sequer uma lanterna para orientá-la.

Finalmente, seus pés encontraram o chão.

E algo a tocou.

Uma espécie de zumbido semelhante ao de um inseto, um esvoaçar rápido de asas contra suas costas.

E então ouviu música.

Madonna.

O celular! Era apenas seu celular vibrando no bolso de trás do jeans. Ela o apanhou e atendeu.

— Será que dá pra você trazer um pouco de solução nasal? — pediu Margot.

— *O quê?* — perguntou Piper, tentando acalmar a respiração acelerada.

— E um aspirador nasal. Acho que não coloquei isso na lista. Para o caso de o bebê pegar um resfriado ou ficar congestionado demais e não conseguir mamar. Você está conseguindo encontrar tudo da lista?

— Ah, sim, claro — mentiu Piper, engolindo com dificuldade. Tinha certeza de que não estava sozinha ali; de que havia olhos observando-a. — Sem problemas. — Olhou com ansiedade para a escuridão, tentando distinguir formas ou algum sinal de movimento. A câmara não parecia mais abandonada. O ar cheirava a umidade e mofo, mas havia algo mais misturado a esse odor: um cheiro doce e frutado que a fez lembrar do cheiro do brilho labial de Amy.

O estômago de Piper se apertou, assim como sua mão sobre a chave de roda.

Será que o esqueleto ainda estaria ali, no lugar onde elas o haviam deixado?

Amy ordenara a Margot e Piper que jamais conversassem sobre o que tinham encontrado na masmorra naquele dia em 1989. Fizera as duas prometerem. “Se disserem uma palavra sobre isso a alguém, eu mato vocês. Juro por Deus.” E

depois que Piper fora internada e a mãe delas as proibira de colocarem os pés no hotel novamente, ficara fácil manter o segredo e até mesmo convencer-se de que talvez aquilo nunca tivesse acontecido. Ao longo dos anos, Piper às vezes apanhava Margot olhando para ela de um jeito estranho e imaginava que a irmã estivesse pensando em Amy, no hotel e em tudo o que havia acontecido. De vez em quando, em geral quando estava bêbada, a própria Piper quase tocava no assunto, mas nunca conseguia encontrar as palavras certas. As irmãs acabaram mantendo a promessa.

— Piper? — disse Margot agora, com um tom desconfiado. — Você está mesmo na farmácia, não está?

Merda. Margot a conhecia bem demais. Porém, se ela sequer suspeitasse que Piper tinha ido até a torre, teria um surto. Provavelmente ligaria para Jason e então todo o Departamento de Polícia de Londres viria resgatá-la.

— Claro que estou — disse Piper, sorrindo, concentrando-se ao máximo em dar a impressão de que estava numa farmácia bem iluminada percorrendo os corredores atrás de itens de bebê. Fechou os olhos e imaginou que estava mesmo lá, visualizou-se diante de uma gôndola de termômetros. — Estou indo de item em item na lista. Mas está demorando um pouquinho. Não tinha me dado conta da quantidade de opções. Você faz alguma ideia de quantos tipos diferentes de termômetros retais existem?

— Piper…

— Preciso desligar agora. Aqui está uma loucura, mal consigo escutar você. Vou comprar a solução nasal, pode deixar; não posso deixar o pequeno ficar de nariz entupido. Te vejo daqui a pouco. — Desligou antes que Margot pudesse dizer qualquer outra coisa.

Então virou o celular para usar sua fraca luz de vaga-lume e iluminar o que fosse possível. Ela o ergueu à sua frente e o agitou em torno de si, vasculhando a paisagem escura do 29º quarto.

Para seu grande alívio, não havia nenhum esqueleto num montinho encostado na parede.

A cama com as tiras de couro continuava ali. Sobre ela, Piper conseguiu distinguir um saco de dormir e uma lanterna. Caminhou devagar até lá, apanhou a lanterna e ligou-a, esperando que as pilhas estivessem descarregadas. E então a luz intensa machucou seus olhos.

Isso queria dizer que aquela lanterna não estava ali há vinte e poucos anos. Ela correu o facho rapidamente pela câmara para se assegurar de que estava sozinha. As correntes pesadas ainda permaneciam na parede, mas nas pontas ela viu que as algemas tinham recebido uma nova aquisição — um pequenino cadeado de metal. Piper se aproximou para dar uma olhada melhor. O metal cintilou com a luz; não havia nem sinal de ferrugem.

Alguém colocara aqueles cadeados ali recentemente.

Ela apontou o facho da lanterna outra vez para a cama e viu que o saco de dormir parecia praticamente novo, que a cobertura estofada de náilon não tinha o menor sinal de desgaste ou rasgo. Entretanto, havia um calombo esquisito bem no meio, como se uma jiboia houvesse acabado de fazer uma bela refeição. Ela apalpou o exterior e sentiu que, definitivamente, havia alguma coisa escondida ali. Devagar, abriu o saco de dormir. O som do zíper deslizando sobre os dentes de metal parecia inacreditavelmente alto naquele ambiente silencioso.

Então iluminou com o facho da lanterna os objetos que estavam guardados dentro do saco.

Piper reconheceu na hora o velho livro que estava por cima da pilha: *Dominando a Arte e a Ciência do Hipnotismo.* Soube mesmo sem olhar que haveria uma dedicatória na primeira página: *Para Sylvie, a melhor hipnotizadora de galinhas do mundo. Com amor, do Tio Fenton. Natal de 1954.* E que nas margens encontraria as anotações caprichosas de Sylvie registrando seus experimentos com a hipnose.

Embaixo do manual de hipnotismo estava o antigo caderno de recortes surrado com encadernação de couro que elas haviam encontrado na mala de Sylvie, cheio de fotos de estrelas de cinema dos anos 1950 e 1960. Era o caderno de recortes da tia de Amy, seu livro de sonhos e anseios. Ao lado de tudo isso havia três pacotes de chiclete Juicy Fruit, um deles aberto, a embalagem amassada e atirada dentro do saco de dormir. Era dali que vinha o cheiro doce e frutado que parecia encher a câmara.

E, enfiado por baixo de tudo, um bilhete datilografado cuidadosamente dobrado.

Querida Sylvie,

Sinto muito, muitíssimo por tudo o que aconteceu.

Algumas coisas, como você bem sabia, simplesmente podem ser evitadas.

Por favor, me perdoe.

Sua irmã para sempre, apesar de tudo,
Rose

Piper sacou o celular e ligou para Margot.

— Ainda está tendo dificuldade para escolher os termômetros? — perguntou Margot.

— Esse negócio de preparativos para a chegada de um bebê é mais difícil do que pensei — respondeu Piper no que, esperava, fosse um tom de voz leve e com pena. — Ei, escuta, eu estava pensando em fazer uma visita à mãe da Amy. Você sabe em que asilo ela está internada?

— Claro — disse Margot. — Em Foxcroft. Mas pelo que o Jason falou, a coitada da Rose está péssima. Mal sabe o próprio nome.

— Acho que vou arriscar, assim mesmo. Talvez eu faça uma visita, se der tempo, antes de ver a Lou. Se não, dou uma passadinha logo depois — disse Piper. — Quem sabe o que ela poderá me dizer?

Por exemplo, quem (ou o quê) ficara preso na câmara.

1989



Piper

— Vó — ofegou Amy. — Vó! A senhora precisa vir depressa! Chama a polícia. Nós a encontramos! Sabemos o que aconteceu!

Elas entraram como um furacão na cozinha, com Amy na dianteira. As mãos de Piper estavam tremendo; suas pernas lhe pareciam bambas e estranhas, e o ferimento em uma delas latejava no mesmo ritmo das batidas do coração. A avó de Amy estava de pé diante do fogão, refogando uma panela cheia de carne moída e cebola. Continuou cozinhando, como se não tivesse escutado Amy.

— Vó, a senhora precisa vir com a gente *agora mesmo* — insistiu Amy, num tom desesperado, puxando a manga da blusa da avó como uma criancinha impaciente.

— O que vocês estão aprontando? — perguntou vó Charlotte, virando as costas para a carne que chiava na panela para olhar as meninas. — Ir aonde? — Ela parecia mais cansada do que nunca, suas olheiras similares a hematomas escuros sob os olhos. Não tinha passado pó no rosto nesse dia, e Piper viu veias azuis correndo sob sua pele, como os traços de um mapa. Rios, rodovias.

— Na torre. Por favor. A senhora vai ver.

— Vocês não deviam brincar naquela torre — disse a avó calmamente. — É perigoso.

Com certeza para Sylvie foi perigoso mesmo, pensou Piper.

— Vó, eu estou dizendo: *nós encontramos a Sylvie!* Ela não foi embora. Encontramos a mala dela! Estava escondida no piso da torre todo esse tempo. E tem uma câmara secreta no porão da torre, tipo uma *masmorra!* E tem um esqueleto lá! Deve ser a Sylvie.

A avó de Amy olhou para a neta, depois para as duas outras garotas. Seus olhos estavam pálidos e lacrimosos. Ela desligou o fogo. O cheiro da carne cozida era nauseante.

— Acho que é melhor suas amigas voltarem para casa — disse ela.

— Não — disse Amy. — Elas estavam comigo quando encontramos a mala e estavam me ajudando a procurar as pistas esse tempo todo. Eu não teria

encontrado Sylvie sem a ajuda delas, e elas querem saber o que aconteceu tanto quanto eu. E a polícia também vai querer conversar com elas, né? Com todas nós.

Vó Charlotte balançou a cabeça.

— Nada de polícia. E suas amigas precisam ir embora. Agora.

— Mas, vó, a gente…

— Nada de polícia.

— Tá bem — disse Amy. — A senhora deixa Margot e Piper ficarem e não chamamos a polícia.

Vó Charlotte concordou, com relutância.

— Venham se sentar — disse, em tom firme.

Elas a seguiram até a mesa da cozinha. A velha apanhou seu maço de cigarros e ajeitou o grande cinzeiro de vidro.

— Não vão sentar?

Ela estava terrivelmente calma para alguém que acabara de receber a notícia de que havia uma masmorra em sua propriedade com o esqueleto da própria filha, desaparecida havia tempos.

Ela sabe, pensou Piper. De alguma maneira, ela sabia da câmara e do que ela guardava. E se tivesse participado daquilo? Se eles fossem, tipo, um casal doente de torturadores? Por isso ela não queria chamar a polícia. Piper devia arrastar Margot e Amy daquela casa e correr até o condomínio dela, onde estariam a salvo, depois contar tudo para a mãe. Piper sabia disso, mas mesmo assim ficou ali.

Vó Charlotte acendeu um cigarro e soprou a fumaça para cima.

— Tem uma coisa que preciso contar a vocês. Uma coisa sobre a qual eu esperava nunca mais ter que falar, mas agora estou vendo que não tenho outra escolha.

— Ai, meu Deus — disse Amy, inclinando-se tanto para trás na cadeira que o móvel oscilou precariamente sobre as duas pernas de trás. — Não me diga que a senhora já sabia? Sabia que Sylvie estava lá embaixo, morta, esse tempo todo? Meu Deus, vó, ela era sua *filha*!

Charlotte balançou a cabeça.

— Não é Sylvie que está lá embaixo.

— Mas tem que ser; nós encontramos a mala dela, nós…

— Não é ela.

— Tá, então quem é?

Vó Charlotte respirou fundo e soltou o ar.

— É Fenton. O tio das meninas.

— Fenton? Não. — Amy balançou a cabeça. — Não pode ser o Fenton. É a Sylvie. Eu sei que é. *Eu vi o espírito dela.* Ela andou deixando recados pra mim naquela máquina de escrever.

Isso fez vó Charlotte parar um instante.

— Você viu o espírito da Sylvie?

Amy assentiu.

— Ela vem me visitar no meu quarto quando estou dormindo. Deixa mensagens na máquina de escrever. Foi ela quem disse como encontraríamos o 29º quarto.

Vó Charlotte abaixou os olhos e fitou o cigarro em sua mão. Balançou a cabeça, mas não disse nada.

— Vó, como a senhora sabe que aquele esqueleto é o Fenton?

Vó Charlotte ergueu o olhar para encarar Amy através da fumaça do cigarro.

— Porque fui eu quem o coloquei lá embaixo.

— A senhora *matou* o Fenton? — perguntou Amy.

— Não, eu só escondi o corpo.

— Então o que aconteceu com ele? — inquiriu Amy.

Charlotte olhou para Piper e Margot.

— Diga — insistiu Amy.

— Se formos até o fim nessa história, se eu contar a verdade… — Vó Charlotte deixou a frase no ar.

Amy afastou a cadeira da mesa, fazendo as pernas de metal arranharem o piso de linóleo.

— Se a senhora não contar o que aconteceu, eu juro que vou ligar pra polícia e mostrar a eles a mala e o corpo lá na torre. E deixar que eles descubram sozinhos.

— Você não pode fazer isso, minha querida — disse a avó com carinho.

— E por que não?

— Porque, se alguém descobrir o que realmente aconteceu com Fenton, ninguém mais deixará nossa família em paz.

— Meu Deus do céu, vó! O que aconteceu com ele? Me diga agora ou eu ligo pra polícia. Juro.

Vó Charlotte se empertigou na cadeira e olhou diretamente para a neta.

— Nossa família é amaldiçoada — disse ela, por fim.

— Amaldiçoada como? — perguntou Amy.

A avó apagou o cigarro.

— Esperem aqui. — E saiu da cozinha.

— Então, se aquele esqueleto é do Fenton, o que aconteceu com Sylvie? — perguntou Piper num sussurro assim que vó Charlotte estava longe o suficiente para não conseguir ouvir.

— E o que ela quer dizer com "amaldiçoada"? — perguntou Margot, com a voz trêmula.

Amy não disse nada; ficou simplesmente olhando sua avó voltar para a cozinha segurando um grande frasco de vidro. Ela o trouxe com todo o cuidado e o colocou sobre a mesa.

Ali dentro havia uma grande mariposa verde-clara com asas quebradiças e desbotadas, morta havia muito.

— O que é isso? — perguntou Amy.

— É uma mariposa-da-lua — disse Margot, inclinando-se para observar mais de perto a criatura, que repousava sobre uma cama de folhas secas. Uma das asas finas como papel estava quebrada e jazia ao seu lado. As patas estavam dobradas; as antenas, cobertas de uma penugem macia.

— Na noite em que Sylvie desapareceu, Rose seguiu a irmã até a torre e apanhou esta mariposa. Ela pensou que tivesse apanhado Sylvie. No dia seguinte, Sylvie sumiu.

— Espera aí — disse Piper. — Ela achou de verdade que a irmã fosse uma *mariposa?*

— Na verdade — disse vó Charlotte —, ela acreditava que Sylvie fosse um monstro: uma criatura capaz de se transformar de ser humano em animal; uma criatura capaz de causar grande estrago. Ela pensou que tivesse capturado a irmã naquela noite, mas estava enganada.

Amy se levantou depressa, fazendo a cadeira cair para trás.

— Já ouvi demais — disse ela.

— Sua mãe… — tentou dizer vó Charlotte, para a neta.

— Eu sei, a senhora vai me dizer que minha mãe é *maluca*, mas estou cheia de ouvir isso. Talvez a maluca seja a senhora; talvez minha mãe não aguente ficar aqui por culpa *sua*!

— Amy! — disse Piper.

— O que foi? Acha que estou exagerando? Ela sabia o tempo todo que existia uma câmara de tortura secreta escondida na torre com um cadáver lá dentro! E agora vem dizer que minha mãe achava que a própria irmã tinha se transformado num inseto?

— Você me procurou querendo respostas — lembrou a avó, num fiapo de voz.

— Mas suas respostas são *mentiras*! — berrou Amy.

— Amy — disse Piper —, eu acho que…

— Vão embora — disse Amy, o queixo tremendo, os olhos vítreos. — Quero que vocês duas saiam daqui agora. Saiam e não voltem nunca mais. Voltem pro condominiozinho limpo e arrumado de vocês, para aquela vidinha normal a que estão acostumadas. A mãe de vocês provavelmente está esperando com o jantar pronto.

Vó Charlotte estava chorando, segurando o frasco com a mariposa-da-lua e olhando para ele enquanto as lágrimas caíam sobre o vidro.

— Que tal se a gente… — tentou Piper mais uma vez, pondo-se de pé.

— E se vocês um dia contarem a qualquer pessoa, qualquer uma, o que tem naquela torre, se disserem uma palavra sobre isso a alguém, eu mato vocês. Juro por Deus. — Amy olhou para elas com tanto ódio que Piper sentiu suas pernas quase cederem sob o corpo.

— Claro que a gente não vai dizer nada — disse Margot, com lágrimas agora escorrendo pelo rosto.

— Jurem pela sua vida — disse Amy.

— Nós juramos, nós juramos, Amy; somos suas *amigas* — disse Margot, desesperadamente.

— Amy — insistiu Piper novamente, dando um passo na direção da amiga, mas esta virou as costas e não quis olhá-la nos olhos. Seus ombros estavam tremendo, e Piper queria mais do que tudo se aproximar dela e dizer que tudo iria ficar bem.

Mas nada iria ficar bem.

Ela soube assim que encontraram aquela mala, que era como uma fileira de dominós cuja queda não havia como impedir. Agora era a vez de a última peça tombar. Não havia mais volta.

2013

Piper

— Lou? — chamou Piper enquanto entrava no trailer carregando a mala de lona repleta de roupas rosas e roxas. Havia batido na porta, mas depois que ninguém atendeu ela entrou. Encontrou a menina sentada à mesa da cozinha, passando grossas camadas de calda de chocolate sobre uma fatia de pão.

Piper tinha dado um pulo na farmácia (sem se demorar nem um pouco diante da seção de termômetros retais), voltara à casa de Margot e encontrara a irmã profundamente adormecida. Depositara as sacolas de medicamentos sobre o chão ao lado da cama de Margot e lhe deixara um bilhete:

"Estou indo cuidar de Lou por duas horas, depois vou até Foxcroft. Volto para jantar."

— É isso o seu almoço? — perguntou Piper para a menininha. Lou estava vestindo as mesmas roupas que estivera usando da última vez em que elas haviam se visto. Seu cabelo estava completamente embaraçado.

Lou juntou duas fatias de pão com chocolate para fazer um sanduiche e sorriu para Piper.

— Quer um? — perguntou.

— Não, obrigada — respondeu Piper, olhando ao redor da cozinha. — Cadê sua tia Crystal?

Lou franziu ligeiramente o cenho, depois deu uma grande mordida no sanduíche.

— Sei lá — respondeu, com a boca cheia. A calda de chocolate escorreu pelo seu queixo.

— Ela já saiu?

— Hmmm-hmmm.

— Sério? Que horas? — quis saber Piper.

— Hoje de manhã. Ela ficou brava comigo. Disse que ia ligar pra assistência social e achar outro lugar pra eu ficar.

— O quê? Por que diabos ela diria uma coisa dessas?

Lou encolheu os ombros.

— Por causa do Ray, eu acho.

— Ray?

Lou fez que sim.

— Eles brigaram. Por minha causa. Ele acha que eu não devia estar aqui. Que não tem espaço pra três pessoas. Por isso ontem de noite ele foi dormir na casa de um amigo.

Piper estremeceu ante a ideia dos dois tendo uma briga daquelas na frente da menina. E como é que pôde passar pela cabeça de Crystal abandonar a sobrinha e ainda por cima dizer isso na cara dela? Será que não entendia que ela era a única coisa que restara a Lou?

— Deixa eu ver se consigo falar com a Crystal — disse Piper, sorrindo e sacando o celular.

Pressionou o número de Crystal, deu caixa postal. Ela deixou uma mensagem breve, direto ao ponto.

— Estou no trailer. Pode ser que eu tenha entendido errado, mas pensei que você só tivesse de sair para trabalhar às 13h00. Lou me disse que está sozinha desde de manhã. Me ligue assim que você ouvir esta mensagem.

— A Crystal fez alguma coisa errada? — quis saber Lou.

— Não, meu amor. Eu só queria que ela não tivesse deixado você sozinha assim. Só isso.

Lou assentiu.

— Eu não gosto daqui — disse ela. — Quero ir pra casa. Quero minha mamãe. — Seus olhos se encheram de lágrimas.

Piper abraçou Lou com força, afagando seu cabelo emaranhado.

— Eu sei. Sinto muito.

Elas ficaram assim por alguns minutos, Lou fungando encostada nos ombros de Piper, e Piper se perguntando o que ela poderia fazer para ajudar aquela garota.

— Bem — disse por fim, quando Lou se afastou, esfregando os olhos vermelhos. — Vamos ver se consigo encontrar alguma coisa para preparar um almoço decente pra você. — Começou a abrir os armários e encontrou muito

pouca coisa: vagem enlatada, macarrão com queijo, pipoca de micro-ondas, uma caixa empoeirada para preparo de bolo de chocolate. — Você gosta de macarrão com queijo? — perguntou, com voz animada.

— Hmm-hmmm — disse Lou, enfiando mais um pouco do sanduíche açucarado na boca.

Piper preparou o almoço, tagarelando animadamente sobre os assuntos mais neutros em que conseguia pensar — como adorava macarrão com queijo quando criança, o tempo lindo que fazia naquela época do ano, o quanto Vermont era diferente de Los Angeles (que era o lugar onde ela morava, Lou sabia disso?). Limpou a cozinha minúscula enquanto a menina engolia o macarrão gosmento alaranjado e as vagens macias enlatadas como se fosse sua primeira refeição em uma semana.

— Que tal a gente preparar um banho pra você e depois colocar umas roupas limpas? — perguntou Piper. — Trouxe várias opções. Você tinha muitas coisas bonitas no armário.

A garota assentiu com gratidão.

Piper levou quinze minutos esfregando a banheira até ter confiança suficiente para colocar Lou ali dentro. Enquanto a garota ia e vinha no corredor, Piper continuou a tagarelar com animação enquanto trabalhava, esforçando-se ao máximo para esconder seu nojo. Por fim preparou um banho quente, apanhou o sabonete e o xampu (encontrou até sais de banho com cheiro de pêssego e baunilha embaixo da pia e colocou na banheira). Consultou Lou para escolherem uma roupa limpa dentre as opções que ela havia trazido.

— Me chame se precisar de alguma coisa — disse, fechando a porta do banheiro.

Tentou mais uma vez ligar para o celular de Crystal — nada de resposta. Não se deu ao trabalho de deixar uma nova mensagem, mas entrou na internet e procurou o número de telefone da pousada Mountainview, onde Crystal trabalhava. A mulher da recepção informou que Crystal não tinha aparecido naquele dia.

— Quando você a encontrar — disse a mulher —, diga que ela nem precisa se incomodar em voltar pra cá. Nosso gerente está tão irritado que já colocou um anúncio no jornal procurando outra faxineira.

Que ótimo. Maravilha.

— Tá tudo bem aí dentro? — chamou Piper diante da porta fechada do banheiro.

— Você me ajuda a lavar meu cabelo? — pediu a garota.

— Claro. — Piper abriu a porta e entrou no banheiro morno, que exalava um cheiro intenso de pêssego artificial. Lou estava deitada de costas sob um cobertor de espuma. O cabelo estava molhado, e ela sorriu para Piper; um sorriso que a fez se lembrar de alguma criatura aquática bonitinha… Uma lontra, quem sabe.

Piper se ajoelhou e colocou um pouco de xampu na mão, depois começou a massageá-lo nos cabelos de Lou.

— Certo, pode tirar — disse, e a menina mergulhou, submergindo a cabeça e o rosto inteiros sob a água. — Agora o condicionador — disse Piper quando ela voltou. — Vai ajudar a desembaraçar esses nós.

Colocou o condicionador espesso.

— Deixa assim um minutinho — disse Piper, enxaguando as mãos na água suja da banheira e depois se levantando para secá-las na toalha. Lou esticou a mão até o cabelo, todo cheio de espuma do condicionador branco leitoso. Piper notou os hematomas arroxeados no braço e no pulso da menina.

— Lou — disse ela, mantendo a voz calma. — O que aconteceu com o seu braço?

— Nada — respondeu Lou, voltando a mergulhá-lo na água cheia de espuma.

— Meu amor — insistiu Piper, agachando-se diante da banheira. — Me mostre, por favor.

Lou balançou a cabeça com força e depressa.

— Alguém fez isso com você? Alguém te machucou? — Piper de repente se lembrou da roupa que a menina estivera usando antes, calças e uma camisa de mangas compridas, quando a maioria das crianças da idade dela já estaria correndo por aí de camiseta e short, felicíssima por poder se livrar das roupas de inverno. Os invernos em Vermont eram longos e rigorosos, e assim que o clima mudava as pessoas embarcavam na nova estação sem olhar para trás.

— A… A Crystal que fez isso com você?

Lou voltou a balançar a cabeça.

— Tem certeza?

— Não foi ela — disse Lou, olhando para as bolhas que sumiam.

— Quem foi então? O Ray?

O lábio inferior de Lou começou a tremer. Ela se abaixou na água até só as orelhas ficarem de fora, o rosto mal aparecendo.

— Foi a mamãe — disse ela. — Foi a mamãe.

Então a menina afundou completamente e segurou a respiração por tanto tempo que Piper teve certeza de que ela estava tentando se afogar.

Por fim, Lou voltou à superfície e começou a apanhar punhados de bolhas de sabão nas mãos em concha e cantar. Piper se levantou, de pernas bambas, e saiu do banheiro, fechando a porta silenciosamente atrás de si. Suas mãos estavam tremendo, e sua boca tinha ficado completamente seca.

Talvez Amy tivesse mesmo sido um monstro, uma mulher capaz de agredir uma criança. E até mesmo assassiná-la.

Depois do banho, Piper e Lou desfizeram a mala com as coisas da menina, que pareceu felicíssima em lhe contar a história de cada peça de roupa e bicho de pelúcia. Piper fez pipoca de micro-ondas para as duas e elas assistiram desenhos animados sentadas no sofá da sala. Quando eram quase cinco horas, Piper escapuliu dali para telefonar para a irmã.

— Que merda, Margot, não sei o que eu faço. A Crystal deu um perdido na gente! E nem sinal do tal do Ray; nem sei o sobrenome dele. Não posso simplesmente ir embora e deixar a Lou assim.

Piper falava em voz baixa. Estava na cozinha, com o celular pressionado ao ouvido, e Lou estava na sala, onde na TV personagens em formato de sushi de algum desenho animado horrível socavam uns aos outros.

— Traz ela pra cá — disse Margot. — Ela pode me fazer companhia enquanto você vai ao asilo. Quando Jason voltar pra casa, vamos pensar no que fazer. Acho que ele tem contatos no serviço de assistência social.

— Mas eles vão querer colocar a Lou para adoção! — protestou Piper.

— O que significa que ela terá uma casa limpa e estável, onde será bem-cuidada, certo?

— Parece tão horrível — disse Piper.

— Mais horrível do que largá-la aí nesse trailer?

Piper não respondeu.

— Se tiver uma ideia melhor, sou toda ouvidos — disse Margot.

Eu fico com ela, pensou Piper. *Vou levá-la comigo pra Califórnia. Eu posso protegê-la, colocá-la numa terapia pra pessoas traumatizadas e em luto. Posso dar a vida que ela merece.*

— Olha, traz ela pra casa e pronto, depois a gente vê. Tira ela desse buraco.

— Certo — disse Piper. — Estamos indo.

Uma hora depois, Lou estava sentada de pernas cruzadas na cama de Margot com as cartas de baralho abertas em suas mãos num leque profissional ensinando as novas regras de algum jogo.

— Se tirar um quatro, pula uma jogada — explicou ela, com os olhos brilhantes, obviamente encantada de estar ensinando algo a um adulto. — Eu faço uma jogada e você, não. Se tirar uma rainha, o jogo inverte. Se tirar um valete, o outro jogador tem de comprar quatro cartas. Entendeu?

— Acho que sim — disse Margot. — Por que a gente não começa a jogar e você vai me ajudando?

Lou assentiu, entusiasmada.

— Tem certeza de que vocês vão ficar bem por umas duas horinhas? — perguntou Piper.

Jason tinha ligado para dizer que chegaria tarde do trabalho. Houvera um acidente feio na River Road — um caminhão de reboque tinha virado na pista. Margot não lhe contara nada sobre Lou. Disse que ele parecia irritado ao telefone, mas que, quando estivesse em casa e a visse, perceberia o quanto ela era encantadora. Seria impossível culpar Margot ou Piper por terem decidido trazê-la. Que outra coisa elas poderiam ter feito?

Piper deixara um bilhete para Crystal na mesa da cozinha: "Levei Lou pra casa da minha irmã Margot: Hillstead Road, 185". Acrescentara também o telefone da casa de Jason e Margot e seu próprio numero de celular. "ME LIGA!", escrevera em letras maiúsculas e sublinhadas.

— Vamos ficar bem — disse Margot. — Né, Lou?

A menininha assentiu. Seu cabelo estava penteado e preso numa trança embutida que Piper fizera. Ela ainda cheirava vagamente a pêssego. Estava de jeans e uma camiseta cor-de-rosa de mangas compridas com o símbolo da paz cheio de glitter no peito. Margot parecia estar adorando sua companhia; Lou a conquistara logo de cara. Gritara de alegria quando Margot a deixou sentir o bebê chutando a barriga.

— Posso trazer uma pizza quando eu voltar, que tal? — sugeriu Piper.

— De pepperoni! — exclamou Lou.

— Então vai ser de pepperoni — prometeu Piper.

— Pra mim acho que só uma salada — disse Margot. — Acredite ou não, ainda não estou com muita fome.

— Tudo bem — disse Piper. — Vou nessa. Volto daqui a uma hora, mais ou menos.

— Pra onde você vai mesmo? — perguntou Lou, olhando para Piper por cima de sua mão de cartas.

— Visitar uma velha amiga — respondeu Piper. Pensou que era melhor não mencionar que se tratava da avó de Lou. Tinha ouvido dizer que ela e Rose eram próximas, mas não sabia os detalhes do que acontecera com a relação delas depois que Rose ficara doente. A última coisa que a menina precisava era que alguém a recordasse de outro membro da família que ela perdera.

Lou sorriu com meiguice.

— Manda um oi pra ela — disse, e, naquele instante incômodo, Piper teve certeza de que Lou sabia exatamente quem ela estava indo visitar e por quê.

Piper

A Clínica de Saúde e Reabilitação Foxcroft cheirava a leite azedo e carne cozida. Mulheres com ar austero e homens com aparência igualmente austera de uniformes hospitalares passavam pelos corredores empurrando carrinhos cheios de medicamentos, lanches e roupa de cama e banho limpa. Em algum lugar ao longe, alguém tocava de forma amadora um piano desafinado.

Piper seguiu Marge S., a auxiliar de enfermagem que encontrara na recepção, por um labirinto de corredores. Elas passaram por uma estação de enfermaria onde uma mulher com aparência exausta metida num uniforme hospitalar com estampa do Piu-Piu estava falando ao telefone: "Entendo a sua posição, mas o senhor *precisa* entender que isso simplesmente não é uma opção para ela agora." Piper seguiu Marge S. por um corredor onde havia quartos de residentes dos dois lados. Cada porta contava com uma placa vibrante que informava o nome do residente. Algumas delas estavam decoradas com adesivos e pôsteres de gatinhos e cachorrinhos. Numa das portas havia uma guirlanda de flores artificiais. Algumas portas tinham placas vermelhas de Pare onde se liam instruções. Elas rodearam carrinhos de remédios e pessoas tirando sonecas em cadeiras de rodas. Um homem que parecia mais um ancião metido num cardigã sem cor passava por ali arrastando os pés, mas parou assim que viu Piper.

— Ah! *Aí está você!* — gritou ele, encantado. Piper deu um sorriso nervoso e continuou caminhando.

— Pronto — disse Marge S. por fim.

Rose Slater, dizia a plaquinha. Não havia um outro nome ao lado e, quando elas entraram, Piper viu que a outra cama estava vazia, o colchão desforrado.

— Rose, minha querida, você tem visita — anunciou Marge S.

A mulher na cama olhou para cima e fixou seus olhos escuros em Piper. Sua pele era branca e fina, mas firme e impressionantemente sem rugas. Ela estava de camisola e robe. Parecia mais jovem do que Piper havia imaginado e, embora nunca tivessem se visto antes, teria sido capaz de dizer que era mãe de Amy. Pelas fotos, Piper sempre teve a impressão de que Amy se parecia mais com sua tia Sylvie, mas agora percebeu que Amy tinha herdado o nariz delicado da mãe, sua testa e suas maçãs do rosto.

Rose olhou para Piper sem piscar, com olhos frios.

Havia uma TV na frente da cama, apagada e silenciosa. Numa mesinha de rodinhas estava uma escova de cabelo, um copo e uma jarra de plástico. Ao lado da cama, via-se uma pequena cômoda, sobre a qual se via um relógio movido a corda que tiquetaqueava muito alto, e um grande pote de vidro, que Piper reconheceu imediatamente: no fundo do frasco, jazia a mariposa-da-lua morta.

— Você não é ela — disse Rose, com voz falha, mas clara.

Piper não entendeu se ela estava desapontada ou aliviada por Piper não ser quem estivera esperando.

— Sra. Slater — começou a dizer Piper. — Eu me chamo Piper e fui muito amiga da Amy na infância.

Rose assentiu.

— Sim, eu lembro.

Piper assentiu também, embora não fosse possível que Rose se lembrasse dela — elas nunca haviam se visto. Será que Amy tinha falado sobre Piper para a mãe?

— Vou deixar as duas a sós — disse Marge S. — Se precisar de alguma coisa é só apertar o botão. E lembre-se, Rose, se quiser sair da cama por algum motivo, você primeiro precisa *chamar*, senão esse alarme chato da sua cama vai disparar. — Marge S. virou-se para Piper e disse animadamente: — Nossa Rose adora sair para dar umas voltinhas!

— Obrigada — respondeu Piper, observando a mulher sair apressadamente do quarto e adentrar o caos do corredor. Um alarme soltava um bipe agudo enquanto uma residente berrava para alguém chamar um táxi para ela.

— Gostaria de saber se você tem notícias da minha neta, Lou — disse Rose.

Piper sorriu.

— Ela está bem, Sra. Slater. É uma menina incrível. Estive com ela a tarde inteira hoje. Está num lugar seguro, prometo.

— Seguro? — disse Rose. — Tem certeza? Quando Jason veio aqui, ele não quis me dizer nada.

— Jason quem? Jason Hawke?

Rose fez que sim.

— Ele veio visitar a senhora aqui? Quando?

— Ontem de manhã — disse ela. — Ele pensa que estou senil, sabe. Psicótica, até. É no que ele quer acreditar. O que Amy também queria acreditar. Mas a verdade é que eu sou a única que sabe o que está acontecendo. Sou a única que enxerga as coisas como elas são.

— Posso fazer algumas perguntas à senhora? — perguntou Piper, aproximando-se da cama.

— Não foi por isso que você veio? Para saber de Sylvie?

— E de Amy e da família dela — disse Piper.

Rose assentiu.

— Sim. Amy. Eu tentei avisá-la. Ela não quis me ouvir. E me trancou aqui.

— Avisar o quê?

Rose olhou pela janela para a escuridão que começava a aumentar.

— Logo vão me trazer meus remédios — disse ela, os olhos escuros voltando-se para a porta. — Não temos muito tempo.

Jason

Jason olhou para a cena à sua frente e desejou com todas as forças que tivesse mesmo havido um acidente com um caminhão de reboque na Rover Road, como dissera a Margot. Por mais que odiasse mentir novamente para ela, principalmente depois da noite passada, ele sabia que não podia lhe contar a verdade. Se contasse, a esposa iria querer saber detalhes, e detalhes sobre um crime como aquele era a última coisa que qualquer mãe ou futura mãe gostaria de saber.

Ele se lembrou do que Margot lhe dissera na noite anterior: "As vezes uma mentira não é o que se diz, mas o que não se diz. Uma omissão."

Mais tarde, quando ele fora se deitar na cama, ela lhe dissera friamente que preferia que ele fosse dormir no sofá.

— O quê? — perguntara ele, atônito.

— Acho que nós dois precisamos de espaço — respondera ela, apenas. — E tempo para pensar nas coisas.

Ele passara a noite se revirando de um lado para o outro no sofá cheio de buracos, repassando todas as decisões que haviam culminado naquilo. Claro que Margot iria ficar irritada; eram seus hormônios que a deixavam muito sensível, mas ele nunca a vira tão fria antes. Só que, por outro lado, ele nunca tinha mentido para ela antes, tinha? E não devia ter mencionado as omissões dela mesma, não naquele momento, quando isso poderia colocar tanto Margot quanto o bebê em risco.

Jason afastou aquele pensamento e voltou a analisar a cena do crime, cada centímetro horrendo dela.

A garota fora encontrada por dois alunos da quinta série que voltavam para casa depois da escola. Havia uma trilha que saía de trás da escola e ia até a Butler Street, atravessando a floresta. Várias crianças usavam essa trilha. O chão de terra enlameado estava coberto de pegadas e marcas de pneus de bicicleta. Era praticamente uma rua, caramba. Como é que ninguém tinha visto nem ouvido nada?

A menina se chamava Kendra Thompson. As crianças que a encontraram a reconheceram imediatamente, apesar do estado em que ela estava. O rosto estava

intacto, mas o corpo… parecia ter caído no fosso dos leões num zoológico. Jason nunca tinha visto nada igual. Nem mesmo naqueles filmes de zumbi a que assistia. Aquelas coisas… não eram nada.

— Onde está a Louisa? — gritou uma mulher, e Jason se virou. Era a Sra. Buffum. Ela era a recepcionista da escola desde que Jason era criança e estava mais do que claro que continuaria sendo até morrer. A Sra. Buffum fazia parte do colégio do mesmo jeito que os tijolinhos da fachada e das louças rachadas do banheiro. Seu traseiro avantajado lhe rendera o apelido nada criativo de "Sra. Bundum" quando Jason era pequeno. Ele se perguntou se alguém ainda a chamava assim.

— Louisa? — repetiu Jason. Era o policial mais próximo, o que deveria estar controlando a multidão, mantendo as pessoas afastadas, enquanto os investigadores da polícia estadual faziam o que tinham de fazer na cena do crime.

— Louisa Bellavance. Ou "Lou", acho que é assim que ela gosta de ser chamada. Ela veio à escola hoje cedo; fiquei surpresa ao vê-la. Achei que estivesse dando um tempo. Mas, quando olhei o pátio na hora do intervalo da manhã, lá estava ela, brincando com a Kendra. As duas estavam sentadas juntas nos balanços, rindo.

— A senhora tem certeza? — perguntou Jason. — Tem certeza de que era mesmo a Lou? — O coração de Jason começou a bater com toda a força em seu peito.

— Absoluta. Pensei: que bom que a Louisa voltou, que está brincando com a melhor amiga. Parecia justamente o que ela precisava depois da tragédia que aconteceu com a família dela: ser uma criança normal novamente, brincando no pátio da escola.

Jason saiu correndo na direção do grupo reunido ao redor do corpo e tentou manter o rosto impávido enquanto dava a notícia.

— Ei, delegado Bell, uma funcionária da escola acabou de me relatar que a última pessoa com quem a vítima foi vista foi Lou. Louisa Bellavance. A garota do hotel.

— Meu Deus — disse Tony Bell. — Então talvez o mesmo cara que tenha matado Kendra tenha apanhado a Louisa.

— Ou talvez ela tenha fugido? — sugeriu um dos policiais estaduais.

— É muita coincidência — disse Tony. — Toda a família de Louisa é assassinada dias atrás, e agora é a vez da amiga dela na escola.

— E se… — disse Jason. — E se o alvo tivesse sido Louisa o tempo inteiro? E a outra menina por acaso estivesse com ela?

Ele pensou na insistência de Margot — e em sua própria intuição, para ser sincero — de que Amy não tinha matado a família no hotel. E se eles tivessem razão e o assassino ainda estivesse solto? E deixado uma sobrevivente, uma testemunha em potencial?

Então ele se lembrou da visita que fizera a Rose Slater.

— Você acredita em monstros, Jason? — perguntara ela.

— Não, senhora — respondera ele.

— Minha filha também não acreditava. E olhe o que aconteceu com ela.

Agora olhe o que aconteceu com a pequena Kendra Thompson. Jason se perguntou se ela acreditara em monstros.

— Precisamos encontrar Louisa Bellavance — vociferou Tony. — Agora mesmo!

Rose

A garota não parava de interromper, de fazer as perguntas erradas. Ela não entendia. Depois que chegasse o carrinho com os remédios da noite — e isso aconteceria a qualquer instante —, eles ficariam observando se ela tomaria ou não os comprimidos e vinte minutos depois ela apagaria. Pelo menos era o que acontecia quando Rose de fato os engolia, coisa que em geral fazia. Ela só acordaria no dia seguinte, e a enfermeira do turno da manhã viria para abrir as cortinas, dar os remédios da manhã e conversar sobre o tempo. Haviam instalado um alarme em sua cama na semana anterior. (Rose deixou que todos acreditassem que ela não sabia desligá-lo, embora é claro que soubesse, exatamente como sabia esconder os comprimidos na bochecha e depois cuspi-los num lencinho ao se ver a sós, quando assim quisesse — ela não era uma idiota, apesar do que eles pensavam.)

Eles não queriam perdê-la mais uma vez. Pegava mal para a equipe do asilo que uma das residentes desaparecesse, como Rose fizera várias vezes e durante horas.

Claro que os pacientes saíam por aí. É o que as pessoas com demência faziam. Entravam cheios de confiança no quarto errado e gritavam assustados ao ver um estranho na sua cama. Iam até o armário pensando que era o banheiro ou desciam até a sala de televisão à meia-noite para consolar o bebê que juravam ter ouvido chorar. Muitos deles só estavam procurando uma maneira de escapar, uma maneira de voltar para casa, mas os funcionários sempre acabavam encontrando-os em algum lugar das dependências trancadas da casa de repouso. Só que Rose não. Os sumiços de Rose os confundiam. Sempre aconteciam à noite. Descobriram que ela sumia entre um turno e outro, pouco depois da meia-noite. Passavam a noite inteira procurando, até o meio da manhã. E então, inexplicavelmente, ela aparecia de novo em sua cama, em plena luz do dia, sem saber por que tamanha comoção.

— Mas eu estava aqui o tempo inteiro — dizia para eles.

— Ah, é? Então devia estar invisível — replicou irritada uma enfermeira, certa vez.

Rose sorriu ao ouvir isso.

— Essa sou eu — disse. — A Mulher Invisível.

Aquela que ninguém consegue enxergar como verdadeiramente é.

A equipe passou a chamá-la assim daquele dia em diante. “Como está nossa Mulher Invisível hoje?” Não na frente dela, claro, mas uns com os outros. Às vezes eles a chamavam de “nossa Houdini”.

Ela gostava do ar de mágica que aquilo lhe emprestava. Não gostava de como eles sempre prefaciavam o apelido com um “nossa”, mas sabia que era verdade. Ela era deles. Prisioneira deles. Problema deles.

Só que eles não sabiam nem da metade. Jamais poderiam adivinhar.

Enfim a equipe da casa de repouso decidiu que bastava: Rose poderia acabar se ferindo e a culpa cairia em cima deles. Instalaram um alarme em sua cama e começaram a ministrar-lhe à noite uma dose de dopagem suficiente para acalmar uma vaca.

Para ela estava ótimo. Pela primeira vez em que conseguia se lembrar, começou a acordar sentindo-se repousada.

Rose foi trazida de volta ao presente quando Piper abriu a cortina pesada e olhou para fora. Estava anoitecendo, e as nuvens, pesadas e ameaçadoras, faziam com que o céu ficasse ainda mais escuro.

— Eu fui até a câmara escondida na torre — disse Piper.

Rose piscou para ela, tentou imaginar a mulher à sua frente como a menininha que um dia ela tinha sido: a menina que andava de patins com Amy, correndo de um lado para o outro de shorts desfiados e com o radinho delas ligado no último volume. Piper nunca vira Rose, mas Rose vira Piper muitas e muitas vezes. Ela a observara naquele verão. Ela a espiara do alto das árvores, do alto da torre. Algumas vezes quase fora pega — tanto por aquele garoto bobo que estava sempre se escondendo no Quarto 4 quanto também por Amy, que acordava à noite e apanhava a mãe olhando para ela por entre as sombras.

Quantas noites ela havia passado assim, escondida nas sombras do quarto da filha, esperando, observando, querendo saber se a menina iria se transformar — se Amy também era uma mara?

— Shhh — dizia Rose para Amy. — Volte a dormir. Você está sonhando.

— Eu estive lá hoje. No 29º quarto — disse Piper agora, inclinando-se para perto e falando mais alto do que o necessário. — Alguém esteve ali recentemente. Alguém andou usando aquele quarto.

Rose fez que sim.

— Me conte, por favor — pediu Piper. — Ela voltou? Sylvie? Ela teve alguma coisa a ver com o que aconteceu com Amy e a família dela?

Rose olhou para Piper, mas na verdade estava atenta para os ruídos no corredor. Por entre o murmúrio de vozes e sininhos, ela ouviu o ruído inconfundível das rodinhas do carrinho de remédios descendo o corredor. Havia, entretanto, uns quatro ou cinco quartos antes do dela.

— Preste atenção — disse ela. — Vou te contar a verdade, mas não temos muito tempo. Você não pode me interromper.

— Certo — disse Piper, inclinando-se ainda mais para perto.

— Não era Sylvie que estava presa naquele porão. Sylvie morreu. Há mais de cinquenta anos.

— Morreu? Tem certeza? — Piper lhe lançou um olhar de puxa-vida-é-uma-pobre-coitada-senil-mesmo-afinal.

— Claro que tenho certeza, sua tonta! — sibilou Rose. — Fui eu mesma quem a matei.

1961



Sr. Alfred Hitchcock
Universal Studios
Hollywood, Califórnia

2 de outubro de 1961

Prezado Sr. Hitchcock,

Acho que tem algo de errado comigo. Pelo menos eu espero que sim. Sinceramente espero que eu esteja alucinando.

Porque, Sr. Hitchcock, acredito que minha irmã Rose me quer morta. Creio que há algo de errado com ela, de terrivelmente errado. Ela sempre teve ciúmes de mim, mas ultimamente parece ser muito mais do que isso. Existe um ódio gélido no olhar dela.

Às vezes acordo à noite e vejo que a cama dela está vazia.

O pior é quando eu acordo e vejo que ela está de pé, do lado da minha cama, olhando para mim.

Uma vez acordei e ela estava com as mãos em volta da minha garganta.

Embora eu saiba que parece loucura, preciso contar ao senhor o pior de tudo: certa vez, juro que vi uma criatura entrando na cama dela de madrugada. Primeiro achei que fosse um cachorro, ou um urso pequeno, mas estava vestido com roupas humanas: o vestido de Rose. Enquanto eu o observava à luz do luar, ele se enfiou embaixo das cobertas, e eu fechei os olhos, horrorizada. Um instante depois me atrevi a olhar novamente e lá estava minha irmã, com a cabeça no travesseiro, parecendo tranquilamente adormecida.

De manhã, havia pelos escuros e grossos na fronha do travesseiro de Rose. E os lençóis tinham o fedor de um animal selvagem.

O que é a minha irmã?

E do que ela seria capaz?

Atenciosamente,

Srta. Sylvia A. Slater

Hotel da Torre

Estrada 6, nº 328

Londres, Vermont

Rose

Embora Sylvie tivesse desaparecido, obrigaram Rose a ir para a escola e fingir que estava tudo normal.

— Ficar em casa remoendo a tristeza não vai ajudar em nada — disse mamãe.

Guardou um sanduíche de atum para a filha num saco de papel, enfiou-o na sua mochila e a mandou apanhar o ônibus. Mamãe, que não era dessas coisas, havia chorado a manhã inteira. Evitava olhar Rose nos olhos e parecia ansiosa em se livrar dela.

Papai ligou para a polícia, Rose soube depois, declarando que Sylvie havia fugido de casa. Papai foi até a rodoviária e a estação de trem com uma foto de Sylvie, perguntando se por acaso alguém vendera uma passagem para ela. Ninguém tinha feito isso.

— Provavelmente ela foi para Hollywood — mamãe não parava de dizer. — Aquela menina tem brilho nos olhos desde que nasceu.

As amigas de Sylvie ficaram chocadas ao saber da notícia e negaram saber de qualquer plano sobre a fuga. Disseram, no entanto, que ela realmente estivera agindo de modo estranho nos últimos tempos e que pensaram que ela tivesse um namorado secreto. Quando lhes perguntaram detalhes sobre esse tal namorado, ninguém sabia nada — era só uma impressão que elas tinham.

A amiga mais próxima de Sylvie, Marnie, sugeriu que ela poderia ter ido direto até o Universal Studios procurar por Alfred Hitchcock. Quando a polícia seguiu essa pista, a assistente do diretor disse que ele não conhecia nenhuma Sylvia Slater, de Vermont, e jamais havia recebido nenhuma carta de ninguém com esse nome. Mas que, sim, ela iria entrar em contato com a polícia se alguma garota com aquela descrição aparecesse no estúdio.

Rose conferiu se todas as cartas de Sylvie — que ela havia roubado da caixa do correio e lido ao longo dos anos — estavam mesmo cuidadosamente escondidas. Não queria que ninguém as encontrasse. Durante anos, elas tinham servido como seu olho mágico secreto para o mundo de Sylvie, mas agora não haveria mais carta nenhuma.

Naquela noite, depois que seus pais adormeceram, Rose saiu do quarto e foi até a oficina, onde apanhou a lanterna que havia cuidadosamente retirado da

mochila na véspera. Então rumou para a torre. Pensou na noite anterior, em Sylvie falando com ela escondida nas sombras: “O que você quer de mim?”

A cabeça de Rose começou a doer assim que ela entrou na torre e acendeu a lanterna. Ela começou a subir até o último andar, girando o facho em torno, meio que esperando que Sylvie estivesse ali, escondida nas sombras.

Lembrou-se da briga das duas, que tinha sido tão parecida com uma dança, e da expressão no rosto de Sylvie logo antes de ela cair de costas do alto da torre: uma expressão de completo horror.

Rose desligou a lanterna e se sentou com as costas encostadas na parede de pedra fria. Olhou para as estrelas, perguntando-se como seria o céu noturno em lugares distantes, lugares como Hollywood, para onde Sylvie desejava ir.

Ouviu passos lá embaixo, no térreo da torre.

— Sylvie? — chamou Rose, meio que esperando que fosse sua irmã. Não estava mais nem um pouquinho assustada com a possibilidade de que ela fosse um monstro, do que ela poderia ser capaz de fazer. Ah, se fosse Sylvie mesmo; ah, se Rose estivesse enganada a respeito da irmã, Fenton, maras e mariposas-da-lua.

Alguém começou a subir a escada.

Rose ouviu uma respiração ofegante e ficou paralisada. Ouviu os passos se arrastarem pelo segundo andar e então subirem com determinação a última escada. Ficou parada, segurando a lanterna de metal acima da cabeça como se fosse um porrete.

Mãos apareceram, segurando os degraus da escada e buscando o chão.

Mãos familiares.

Não eram as de Sylvie.

Eram as de mamãe.

— O que você está fazendo aqui em cima? — perguntou a mãe, enquanto saía da escada e pisava graciosamente no chão.

Era estranho aquilo, ver mamãe na torre. Embora papai tivesse construído a torre para ela, Rose não se lembrava de jamais ter visto mamãe lá dentro. Agora que Rose insistia no assunto, ela até parecia evitar aquele lugar.

— Não estava conseguindo dormir — explicou Rose. — Pensei em vir para cá e ver se encontrava a Sylvie. Ela às vezes vinha pra cá, à noite.

Mamãe olhou para Rose por um minuto, refletindo sobre isso. Era a primeira vez que a mãe a olhava naquele dia inteiro, mas a expressão dela era estranha, esquisita, apreensiva. Era como se mamãe estivesse encontrando pela primeira vez uma pessoa que ela não conhecia (e de quem não tinha certeza se gostava).

Finalmente mamãe enfiou as mãos nos bolsos de seu casaco de lã e disse baixinho:

— Ouvi você e sua irmã brigando aqui em cima ontem à noite.

Rose sentiu uma pontada de dor lancinante no olho esquerdo. Empurrou o polegar dentro da órbita do olho, tentando massagear a dor para ver se passava. Sentia uma vontade desesperada de descer a escada, ir até a trilha de carros e voltar para a segurança cálida da casa, deitar em sua cama. Talvez, se ela voltasse a dormir, aquele dia inteiro desaparecesse.

— Ouviu? — perguntou Rose.

Mamãe assentiu em meio às trevas.

— Pode me contar o que aconteceu? — pediu ela.

Rose fechou os olhos.

— Eu segui a Sylvie até a torre.

— Com uma mochila cheia de correntes e armadilhas?

Rose engoliu com dificuldade, sem saber como mamãe sabia da mochila.

— Eu queria pegar ela no flagra. Eu sabia que a senhora nunca iria acreditar em mim, que só enxergaria quem ela realmente era se eu mostrasse.

— E quem ela era, Rose?

— Uma mara. Ou pelo menos é o que eu acho. Tenho quase certeza. Porque elas existem sim, mamãe, como nas histórias que a vovó me contou quando eu era pequena. E eu sei por que ela me falou tanto sobre esse assunto. Ela sabia que Sylvie era uma mara e estava tentando me preparar. Me ensinar tudo sobre as maras para que eu soubesse o que fazer, como fazer ela parar, se fosse preciso.

E ela tinha mesmo feito Sylvie parar, não tinha? A cabeça de Rose latejava com força intensa naquele momento, a dor lancinante que partia do seu olho esquerdo como uma estalactite.

Ela se lembrava claramente de voltar para casa na noite anterior, da mochila pesada batendo em suas costas, ruidosamente; de levar na rede a mariposa-da-lua. O animal havia resistido de início, depois parado, resignado com sua captura.

Mamãe se aproximou de Rose. Acomodou-se no chão ao lado dela, inclinou-se na parede fria de rocha e soltou um suspiro profundo.

— Ah, Rose — disse ela, com a voz baixa, muito, muito baixa. — Você entendeu parte da história: as maras de fato existem. Sua avó era uma.

— Não — disse Rose. — Não pode ser! — Não fazia sentido. Vovó tinha contado histórias terríveis sobre aquelas criaturas e as coisas que elas eram capazes de fazer.

Mamãe continuou.

— Minha mãe antes não conseguia se lembrar do que acontecia quando estava transformada. — A expressão de mamãe agora era de pena. — Voltava para casa com a roupa rasgada, sangue debaixo das unhas… E não tinha a menor ideia do que havia feito.

A cabeça de Rose começou a rodar.

— Mas… ela não era perigosa? A senhora não teve medo que ela machucasse a gente quando veio nos visitar?

Ela se lembrou da sensação de segurança de estar nos braços da avó, do cheiro da bala que ela chupava, do som reconfortante de sua voz.

Mamãe fez que não.

— Eu não estava muito preocupada, não. Minha mãe aprendeu a controlar isso muito bem. Parece que com a idade elas começam a ter um controle melhor. Por precaução, ela tomava remédios à noite, remédios para dormir que a impedissem de se transformar quando baixasse a guarda.

— Mas, mesmo assim… Convidar um… — Rose pensou na palavra "monstro", mas não podia dizê-la em voz alta. — Convidar alguém que pudesse fazer essas coisas pra ficar aqui com a gente…

— As maras têm a capacidade de reconhecer umas às outras, de farejarem umas às outras, se quiserem. Foi por isso que eu convidei sua avó, para que ficasse com vocês duas e pudesse me dizer se alguma de vocês era uma mara. Ela me disse que tinha certeza de que nenhuma das duas era e que estávamos a salvo.

— Só que não era verdade — disse Rose.

— Não, não era verdade. Acho que minha mãe sabia disso, mas mesmo assim mentiu pra mim.

— Quando a senhora descobriu isso? — perguntou Rose.

— Comecei a me preocupar quando você me disse que Sylvie andava saindo da cama à noite. Passei a observá-la com atenção, procurando sinais. Quando descobri o cadáver de Fenton na torre, culpei a mim mesma; eu sabia que poderia ter impedido aquilo. Mas, naquele momento, eu tinha entendido tudo errado. Escondi o corpo, limpei tudo e comecei a ficar de olho em Sylvie. Por fim, ontem eu a confrontei.

— Ela sabia? Sabia o que ela era?

Mamãe ficou em silêncio por um instante, observando Rose à luz do luar.

— A mara não era Sylvie, Rose. — Mamãe olhou fundo nos olhos da filha. — É você. Era você o tempo todo.

— Não entendo — disse Rose, que a essa altura tinha caído de joelhos, com a cabeça entre as mãos, uma grande onda de dor tomando conta de si. Tinha certeza de que estava enjoada, com o estômago revirado.

As palavras de mamãe permaneceram no ar, faíscas cintilantes que apenas intensificaram a dor. Sua mãe parecia pequena e distante, como se estivesse falando com Rose do fim de um comprido túnel, as palavras pequeninas e ecoantes.

— Vim correndo até a torre ontem à noite quando ouvi vocês duas brigando. Mas então ouvi outro barulho, um rosnado e um grunhido, e cheguei bem a tempo de ver Sylvie cair. Acho que ela morreu na hora, graças a Deus.

— Não! — disse Rose. — Ela se transformou! Caiu, mas se transformou numa mariposa e voou de volta pra cá!

— Eu já disse, Rose. Aquela mariposa que você capturou não é sua irmã. Sylvie quebrou o pescoço. Vi que não havia nada a fazer e soube que precisava esconder o corpo: e se seu pai acordasse e nos visse? Carreguei sua irmã depressa para a floresta. — Mamãe fez uma pausa então, respirou fundo, esfregou os olhos. — Quando olhei de novo para a torre por entre as árvores, vi a cabeça negra brilhante de um cachorro espiando lá de cima.

— Não — ofegou Rose.

— Acho que você não quis machucar sua irmã. Acho que foi um acidente. Vocês duas brigaram, você começou a se transformar, sua irmã ficou com medo e, na luta para se desvencilhar de você, acabou caindo pela beirada da torre.

— Mas Sylvie… — disse Rose com voz rouca. — A mara é ela. Eu vi…

Rose pensou em todas as noites em que havia saído da cama. Nos sonhos estranhos que tivera, com garras, presas e sangue. Em como encontrou certa vez pelos em seu travesseiro. Como abria os olhos e sentia como se aquele corpo não fosse o seu. Ela havia acreditado que existia uma mara escondida embaixo de sua cama à noite, mas era pior que isso. O monstro estava dentro dela.

Era isso o que vovó tentara avisar; para isso que quisera prepará-la. Era por isso que passara tanto tempo com Rose, claramente sua preferida. As duas eram semelhantes, ela e vovó.

Rose deixara cair a lanterna, que agora iluminava a parede e lançava uma luz fraca em torno do local onde ela e mamãe estavam sentadas. Sua mãe continuou a falar, embora Rose sentisse vontade de implorar que se calasse, que não dissesse mais nem uma palavra.

— Minha mãe dizia que isso em geral pulava uma geração, que eu não deveria ter filhos. Mas então conheci seu pai, e ele queria tanto ter filhos!

— Papai sabe? Das maras?

Mamãe fez que não.

— Nunca contei nada a ele; nunca contei nada a ninguém e rezava para não precisar contar. Quando ele me falou da torre que planejava construir, eu pedi que ele fizesse uma masmorra nela, pensando que se uma de vocês duas fosse uma mara eu teria onde trancá-la para protegê-la e para proteger o mundo. Disse a seu pai que uma masmorra secreta daria certo ar de autenticidade para a torre. Pedi que ele fizesse aquilo como um favor especial, um favor secreto para mim — explicou. — Gostaria de levar você para lá, para te mostrar esse quarto. Você não vai precisar ficar lá o tempo todo, somente à noite, até encontrarmos outra maneira de fazer você… aprender a controlar isso.

— Um quarto secreto? — perguntou Rose. Pensou na história de Rapunzel, que ficava trancada numa torre por uma bruxa má. Mas mamãe não era nenhuma bruxa, e aquilo não era um conto de fadas.

— Eu mostrei esse quarto à sua avó quando ela veio nos visitar. Ela ficou horrorizada, disse que aquilo não era lugar para uma criança. Imagino que ela tenha mentido a seu respeito por minha culpa, para proteger você. Ah, como eu queria que…

Mamãe estava chorando agora: soluços baixinhos que sacudiam todo o seu corpo.

— Eu me culpo pelo que aconteceu com sua irmã. Você não tem culpa de ser o que é. Eu devia ter impedido você. Agora temos duas pessoas mortas, mas prometo que não haverá mais.

Duas pessoas mortas.

Duas.

— Fenton? — choramingou Rose.

Sua mãe assentiu.

— Não — disse Rose, afastando-se. — Não pode ter sido eu. Foi a Sylvie. Eu segui ela até a torre, eu *vi* quando ela se transformou.

Mamãe balançou a cabeça.

— Você não sabe o que Sylvie vinha fazer aqui na torre? Não sabe? Ela vinha encontrar o Fenton.

— Fenton? Por quê?

— Ela pensava que estava apaixonada por ele. Confessou tudo para mim, quando eu a pressionei sobre suas escapadas noturnas, pensando que ela fosse a mara. Ela me revelou que estava se encontrando com ele na torre à noite há dois anos. Inclusive eles descobriram o quarto secreto, mas não tinham a menor ideia da utilidade dele. Ela me perguntou sobre isso quando conversamos ontem, e eu neguei saber da existência desse quarto. Enfim. No começo Sylvie e Fenton se escondiam ali e simplesmente ficavam conversando até tarde da noite. Mas, à medida que o tempo foi passando e o sentimento dos dois foi se aprofundando, os encontros se tornaram… *românticos*. Eles estavam planejando fugir juntos. Para a Califórnia.

— Mas a Sylvie…

— Sylvie morreu, Rose. Eu cuidei do corpo dela. Dei um enterro decente a ela num lugar onde ninguém irá encontrá-la. A última coisa que queremos é uma

investigação policial. Se nosso segredo for descoberto, eu não poderei proteger você.

Rose abaixou o queixo no peito e começou a soluçar. Mamãe se adiantou e afagou o cabelo emaranhado da filha com dedos hesitantes.

— Eu sei que parece que não, mas vai ficar tudo bem. Como eu disse, minha mãe descobriu que conseguia controlar sua transformação tomando sedativos à noite. Podemos começar a tentar isso com você. Vamos encontrar um jeito, Rose.

Tudo o que Rose achava que sabia caiu por terra, então.

— Você pode ter uma vida normal. Eu já perdi uma filha. Não quero perder as duas.

Rose olhou para a sua mãe, que a observava com olhos fervilhantes de medo, arrependimento e algo mais: ódio. Ela sabia, sabia que, por mais que tentasse, sua mãe jamais seria capaz de perdoá-la. Sylvie sempre seria a filha perfeita: a bela mariposa com asas verdes iridescentes. Rose, mesmo trancada numa masmorra ou curada pelo efeito de remédios, seria sempre o monstro.

2013

Piper

Piper estava sentada em estado de choque quando a enfermeira entrou num rompante de atividade no quarto de Rose, empurrando o carrinho com os medicamentos.

— Rose — chamou a enfermeira —, está na hora do seu remédio da noite.

A paciente assentiu com obediência e pegou o copinho de plástico com os comprimidos e o copo de água com o canudo de plástico flexível entregues pela enfermeira. Inclinou o copinho dos remédios na boca, tomou um gole de água e engoliu.

— Boa menina — disse a enfermeira. — Se precisar de alguma coisa, me chame.

Ela assentiu educadamente para Piper e disse:

— O remédio deixa a Rose meio grogue.

— Entendo.

E entendia mesmo. Eles faziam aquilo com Rose para que ela não pudesse mais desaparecer, mas o que não sabiam é que não deveriam procurar por Rose em sua forma humana quando encontravam sua cama vazia à noite: deveriam procurar por Rose em sua forma de mara, Rose na forma de cachorro preto ou de inseto. Ela contou a Piper que não era muito difícil se transformar no que desejasse. Era uma habilidade como qualquer outra, algo que uma mara vai desenvolvendo com o tempo. Também aprendera a se transformar quando acordada se assim quisesse, e era capaz de conservar boa parte de sua consciência humana depois de transformada. Mas o mais importante, entretanto, é que ao longo dos anos ela aprendera a controlar aquilo, a tomar a quantidade exata de relaxantes musculares à noite para não se transformar durante o sono, inconsciente.

A enfermeira foi embora com o carrinho e virou à esquerda, descendo o corredor.

Rose ficou olhando para o frasco com a mariposa-da-lua sobre sua mesinha de cabeceira.

— Charlotte nos mostrou este frasco naquele verão — disse Piper. — Disse que você sempre acreditou que a mariposa fosse Sylvie.

Rose balançou a cabeça.

— Por umas 24 horas eu realmente acreditei, sim. Mas então descobri a verdade: minha irmã morreu naquela queda e minha mãe encobriu toda a história; ela escondeu o corpo para que não houvesse nenhuma investigação capaz de revelar o segredo da nossa família.

— Então por que a senhora guardou a mariposa?

Rose sorriu com amargura.

— Acho que para me lembrar de como nos enganamos a ponto de acreditar naquilo que precisamos acreditar.

— Foi *você* que Amy viu naquele verão? Você que deixou aqueles bilhetes na máquina de escrever? E não o fantasma de Sylvie?

— Sim — disse Rose. — Eu e minha mãe concordamos que não seria seguro eu morar em casa. E se um dia eu escapasse e Amy me visse me transformando? Ou se, Deus me perdoe, eu ferisse Amy sem querer quando estivesse em forma de mara?

— Quer dizer que a senhora então simplesmente foi embora?

— Não me afastei muito. Deixamos que florescesse a história do meu suposto problema com a bebida; minha mãe comentava que eu estava longe, "recebendo ajuda". Porém eu basicamente continuei em Vermont; alugava uns quartinhos e apartamentos velhos e me virava com o que podia, trabalhando em supermercados ou lojas de lavanderia. Cheguei até a fazer pequenos furtos quando necessário; nunca o bastante para despertar a atenção para mim mesma, claro. E à noite, às vezes ia ao hotel para ver como estavam as coisas. Como fiz hoje. — Ela sorriu para Piper.

— Foi a senhora? A senhora que me deixou aquele bilhete hoje de manhã?

Rose fez que sim.

— As manhãs de quarta-feira são agitadas por aqui. Temos bingo; depois a visita das crianças do ensino fundamental, que vêm cantar com a gente… Não é assim tão difícil escapulir no meio da confusão. Ninguém dá atenção a um

passarinho que sai voando por uma janela aberta; em pouco tempo consigo chegar ao hotel.

— Mas antes a senhora não deixava Amy vê-la. Deixava que ela acreditasse que era mesmo o fantasma de Sylvie.

— Era mais fácil assim. Eu sabia que deveria me manter afastada, mas não conseguia. Voltava para ver Amy quando ela estava dormindo, só para ter certeza de que não havia passado a maldição para ela.

— E… passou? — perguntou Piper, mal conseguindo acreditar que estava fazendo uma pergunta daquelas. — Amy era uma mara também?

— Não — disse Rose. — Como minha mãe me contou, isso em geral pula uma geração.

Piper saltou da cadeira.

— Lou? Ela é uma mara?

Rose assentiu, umedecendo os lábios. Seus olhos começaram a se fechar. Aquela era uma medicação de efeito rápido. Ou talvez Piper tivesse esgotado Rose.

— Amy sabia disso?

— Ela não quis acreditar. Foi por isso que voltei, por isso que me mudei para a casa e passei a morar com eles. Tentei ajudá-los, do mesmo modo como vovó tentou me ajudar. Eu senti logo de início o que Lou era, mas obviamente precisava ter certeza antes de avisar a Amy. Quando as transformações começaram, tentei contar para Amy, mas era tarde demais. Ela me chamou de maluca e o marido idiota dela a apoiou — explicou. — Então na semana passada ela me procurou, histérica. Tinha visto Lou se transformando e queria saber o que fazer. Eu contei a ela sobre os remédios. Disse para levar Lou para o 29º quarto e deixá-la presa ali até descobrir como obter os remédios e qual seria a dosagem ideal. Lou é mais forte do que eu jamais fui. Aprendeu rapidamente a se transformar quando queria — a se transformar até mesmo durante o dia. Ela consegue assumir a forma que quer. E, como qualquer jovem mara, é impulsiva, perigosa. Nem sempre consegue controlar suas ações depois que se transforma.

— Espera aí… Está me dizendo que foi Lou? Que foi ela que matou a família?

Os olhos da velha senhora estavam fechados agora, e sua voz se arrastava pelo sono.

— Uma mara não tem culpa do que é. Não pode evitar as coisas que faz.

— Ah, meu Deus — disse Piper, apanhando sua bolsa e correndo até a porta. — Margot.

Margot

Algo estava errado, e Margot sabia disso. Soube o dia inteiro. Tinha estado inquieta desde o café da manhã, mas disse a si mesma que as cólicas que sentia eram consequência de ter comido crepes demais.

— Acho que preciso fazer uma pausa para ir ao banheiro — disse Margot para Lou. A menina pareceu desapontada. Tinha ganhado quatro vezes o jogo e estava prestes a vencer de novo. Elas já tinham feito uma pausa antes para Lou ir à cozinha trazer um lanche: biscoitos salgados com geleia, algo que ela levara incrivelmente quase vinte minutos para preparar.

O telefone sem fio sobre a mesinha de cabeceira tocou e Margot atendeu.

— Alô?

— Margot? Sou eu — disse Piper, parecendo sem fôlego. — Está tudo bem?

— Sim, estamos ótimas — respondeu Margot.

— E Lou, ainda está aí? Ela… ela está bem?

— Sim, Lou está bem aqui e está bem. Estamos as duas bem. — Margot sorriu para Lou, que a estava observando atentamente com a testa franzida. — Ela está me matando no carteado! Por que tanta preocupação?

— É a Piper? — perguntou Lou. Margot assentiu e ergueu um dedo, pedindo um minutinho. Lou se levantou de repente, deixando as cartas caírem da cama, e saiu do quarto.

— É que a Rose me contou uma coisa… — continuou Piper. — Margot, eu sei que vai parecer uma loucura, mas acho que a Lou pode ser um… — A linha ficou muda.

— Piper? Alô?

Lou voltou e caiu na cama ao lado de Margot, com outra bolacha salgada com geleia.

— Está tudo bem? — perguntou Lou.

— Sim, está tudo ótimo. Piper só queria saber como estavam as coisas. A ligação caiu. Agora vou dar um pulo no banheiro e depois nós podemos voltar ao baralho. Por que não embaralha as cartas e distribui uma mão pra cada uma?

Margot começou o lento processo de arrastar seu enorme corpo para fora da cama. Fez o que o médico lhe disse para fazer: ficou sentada por um minuto com os pés no chão antes de se levantar, mas mesmo assim se sentiu tonta ao se erguer.

— Você está bem? — perguntou Lou.

— Acho que sim — disse Margot, enquanto pontinhos negros dançavam diante de seus olhos. Sentou-se novamente na cama, com força.

Quando tocou o colchão, percebeu que as calças de seu pijama estavam encharcadas.

Levou alguns segundos para perceber o que havia acontecido: a bolsa havia se rompido. Isso era normal, estava tudo bem.

Apanhou o telefone sem fio e discou o número de Jason. Nada. A linha estava muda. Será que a bateria tinha descarregado?

— Lou? — disse Margot, com toda a calma e clareza que pôde reunir. — Pode me passar meu celular, meu amor? Está aí na outra mesinha de cabeceira.

Lou engatinhou para fora da cama e tateou na mesinha de Jason.

— Não estou vendo nenhum celular — respondeu ela.

— Mas estava bem aí — disse Margot, ofegando quando foi atingida por uma enorme cólica.

Não era cólica. Era uma contração.

O bebê estava nascendo.

— Bom, agora não está mais — disse Lou, alegremente.

Que estranho, ela poderia jurar que tinha acabado de vê-lo. Mas podia ter se enganado. Talvez Piper o tivesse guardado em outro lugar, será? Ou talvez tivesse confundido com o seu e o levado consigo? Não tinha problema. Na cozinha havia outro telefone sem fio, que estava plugado na base. Ligaria para Jason e depois para Piper, para avisar que o bebê estava nascendo. Não diria o quanto se sentia tonta, nem que estava vendo pontinhos negros dançando na sua frente. Não precisava preocupar os dois. Só precisava que viessem logo. Que a levassem ao hospital. Os médicos e as enfermeiras saberiam o que fazer. Cuidariam bem dela e do bebê.

— Certo — disse ela, com a voz calma e segura. Era a voz da sua mãe. A voz da sua mãe quando tinha um plano. — Tem outro telefone sem fio na cozinha. Será que você poderia trazê-lo pra mim, por favor?

— Claro — disse Lou, saltitando para fora do quarto.

Dali, os passos dela no corredor soavam quase como… quase como se estivessem arranhando o chão, como as unhas de um cachorro sobre a madeira. Que tipo de sapato essa menina estaria usando?

Num minuto Lou estava de volta, com o telefone na mão e os pés descalços. Só que havia algo errado nos seus pés: estavam extremamente compridos e com unhas pontudas. Margot piscou os olhos: sua pressão alta devia estar afetando sua visão.

— Obrigada — disse, apanhando o telefone da mão de Lou. Apertou as teclas do número do celular de Jason, mas nada aconteceu. Desligou, apertou outra tecla. Nada. Nenhum sinal.

— Está mudo — disse ela, arrasada. Eles viviam colocando o telefone na base para carregar, como é que a bateria podia ter se descarregado?

Lou havia apanhado a foto emoldurada num porta-retratos do casamento de Margot e Jason, que estava sobre a cômoda.

— Jay-Jay — disse Lou, sorrindo para a foto.

— É meu marido — disse Margot, estremecendo ao ouvir o antigo apelido de Amy para Jason.

Lou sorriu placidamente.

— É o amigo da mamãe, Jay-Jay.

Os pontinhos na frente dos olhos de Margot aumentaram, ficaram mais oscilantes. Outra contração a atingiu. Ela tentou respirar.

— O que mais Piper disse quando ligou? — quis saber Lou. — Eles encontraram a tia Crystal?

— Não, meu amor, ainda não. Sinto muito.

— Ótimo — disse Lou —, ela era malvada. Não gosto quando as pessoas me tratam mal.

— Tem outro telefone sem fio no escritório — disse Margot, agora começando a ser invadida pelo pânico. — Pode buscá-lo para mim?

— Claro — disse Lou. Colocou a foto de volta na cômoda e saiu do quarto. Por um instante, Margot pensou ter visto penas entrelaçadas na trança de Lou, mas a menina voltou num segundo, trazendo o segundo telefone na mão. Ou seria aquilo uma garra? Não, ela com certeza não tinha agora quatro dedos reptilianos no lugar dos dedos humanos. Não era possível.

— Sua mão… — disse Margot. Definitivamente havia garras afiadas nas pontas dos dedos de Lou.

— O que tem? — perguntou Lou, sorrindo e levantando a outra mão, que estava normal.

Margot soube antes mesmo de testar que aquele telefone também estava mudo. Soube pelo jeito como a garota sorriu para ela, os dentes estranhamente pontudos, os olhos verdadeiramente *esquisitos* agora — as íris azuis imensas haviam coberto todo o branco, as pupilas tinham se transformado em fendas verticais.

Era como se uma cortina tivesse caído: tudo ficou escuro e silencioso, exceto por um estranho zumbido nos ouvidos de Margot. E pela voz de Lou.

— Você e a Piper foram tão legais. Não seriam capazes de fazer nada malvado, né?

— Claro que não — disse Margot. — Prometo.

O rosto da garota agora estava escuro, mais animalesco do que humano. Margot balançou a cabeça, certa de estar vendo coisas.

— Mamãe também prometeu a mesma coisa — disse Lou em voz baixa, arrependida.

— Eu preciso… — disse Margot, tentando se levantar, mas tonta demais para isso — … de ajuda — murmurou, sentando-se novamente. — Preciso que você vá chamar ajuda.

— Mas eu estou aqui — argumentou Lou, sentando-se ao lado de Margot na cama e pousando a mão em sua coxa. As garras pinicaram as calças de algodão de Margot, fazendo brotar sangue em pequeninos pontinhos que desabrocharam tão logo tocaram o tecido. — Eu vou te ajudar.

Piper

Nem Margot nem Jason atendiam ao celular. O telefone da casa também tocava e ninguém atendia, depois que caiu a ligação para Margot.

Piper pensou em ligar para a emergência, mas eles perguntariam qual era a situação. E o que ela poderia responder? Que tinha deixado uma menina de 10 anos que na verdade era um monstro jogando baralho com sua irmã? Os policiais viriam então é atrás dela para interná-la e dar-lhe uma dose cavalar de medicamentos antipsicóticos.

Estaria ela louca por estar assustada, perguntou a si mesma enquanto parava diante de um sinal, com a possibilidade de que as histórias de Rose fossem reais?

Uma mara não tem culpa de ser o que é. Não tem culpa de fazer as coisas que faz.

— Droga! — exclamou ela, apertando a tecla para ligar novamente para o celular de Margot. — Atende o maldito telefone!

Caixa postal de novo.

Ela atirou o telefone no banco do passageiro, frustrada. A chuva tinha aumentado e tamborilava com força no teto do carro, borrando o para-brisa — mesmo com os limpadores que funcionavam a toda velocidade e o ventilador do sistema de aquecimento ligado. Ela agora estava na Main Street, seguindo para o centro. Mais à frente, viu a placa em frangalhos do Hotel da Torre, desbotada e inclinada, e depois dela, assomando como um monstro de pedra e cimento: a torre.

E, lá embaixo, a masmorra de Clarence.

O 29º quarto.

Construído para manter a salvo as filhas de Charlotte.

Mas não tinha cumprido sua função, tinha?

Ela continuou em frente, acelerando apesar do clima, o carro aquaplanando um pouco quando ela virava as esquinas. Finalmente a casa de sua irmã surgiu ao longe. Não estava em ruínas fumegantes nem cercada de carros de polícia e da equipe da SWAT.

Mas deveria.

Piper afastou aquele pensamento. Era besteira. Lou não passava de uma menina. Provavelmente as duas ainda estavam jogando carta, com Margot rindo de todas as regras que Lou não para de inventar à medida que o jogo avança.

Se tirar um rei, tem que roubar uma carta de outro jogador. E um ás transforma você num monstro.

Piper estacionou o carro, desligou o motor e correu em direção à casa.

— Margot? Lou? — gritou antes mesmo de abrir totalmente a porta de entrada. Estava tomada de adrenalina, a mão tremia ao segurar a maçaneta. — Voltei. Como eu estava atrasada, não parei para comprar o lanche, mas posso dar um pulo na pizzaria. Ou a gente pode pedir para entregarem em casa. — Ela continuou falando sem parar, esperando uma resposta enquanto andava pelo corredor e entrava na cozinha. — Olá?

Uma caixa de biscoitos salgados e um vidro de geleia de uva tinham sido deixados sobre a mesa. Manchas roxas como sangue escuro e coagulado cobriam sua superfície.

Ela seguiu direto para o quarto de Margot.

— Vocês duas ainda estão jogando baralho? — perguntou, esforçando-se para manter o tom de voz leve e jovial.

Por favor, por favor, estejam.

Mas não.

O quarto estava vazio. As cobertas estavam caídas no chão e o lençol com elástico sobre a cama exibia uma grande mancha de líquido, como se alguém tivesse derramado algo ali. As cartas de baralho estavam espalhadas por todo o chão, onde também havia um prato rachado ainda sujo de geleia.

Ela ouviu as advertências severas de Jason: "Ela não pode sair da cama. Precisamos deixá-la sempre tranquila. Se a pressão dela subir de novo, ela e o bebê poderão correr perigo."

— Margot! — gritou Piper, a voz aguda de pânico.

Saiu correndo do quarto e atravessou o corredor, escancarando as portas do banheiro, do quarto de hóspedes e da lavanderia: todos vazios. Acendeu as luzes do porão e desceu trotando as escadas, mas encontrou apenas a fornalha, o aquecedor de água, o freezer e uma velha mesa de pingue-pongue.

Onde diabos elas poderiam estar?

Então ouviu um grito agudo vindo lá de fora, em algum lugar do quintal.

Era Margot, gritando.

Jason

— Parece um ataque de algum animal — disse um dos caras da polícia estadual. — Isso aí deve ter sido causado por garras, não é? Nenhuma faca seria capaz de fazer isso.

— Mas que espécie de animal faria uma coisa dessas? — perguntou Tony, mirando o facho da lanterna no corpo.

Eles tinham ido ao trailer de Crystal para tentar localizar Lou e encontraram a mulher enquanto vasculhavam o terreno. Seu corpo estava esparramado entre a caçamba de lixo e uma parede de tijolos de cimento nos fundos, atrás de uma fileira de trailers. Usava calças de moletom, uma camiseta e chinelos. O conteúdo de um saco de lixo tinha sido espalhado por toda a parte. Ela estava indo colocá-lo lá fora quando fora atacada; não era preciso nenhuma credencial avançada de investigação criminal para determinar isso.

— Um urso? — sugeriu um dos homens.

— Tsc, tsc, um urso-negro não atacaria uma pessoa assim — disse Jason.

— Então o quê? Um puma, talvez? — disse Tony.

— Pode ser — concordou Jason. — Mas não vemos um felino de grande porte há anos por aqui. Não há mais nenhum na região.

— Talvez haja um — disse Tony, apontando o facho da lanterna para a mata atrás do estacionamento de trailers. — Quero a área inteira vasculhada. O que estamos buscando, seja homem ou animal, pode ter deixado pistas. Pegadas, talvez. Vamos.

O oficial Malcolm Deavers saiu do trailer trazendo um papel.

— Acho que sei onde está nossa garota — disse ele.

— Onde? — perguntou Tony.

— Na casa de Jason com Margot.

— *O quê?* — inquiriu Jason, arrancando o bilhete da mão de Deavers e olhando sem acreditar para a letra da cunhada. Virou-se para sair correndo até sua picape e voltar para casa, murmurando: — Puta merda, Piper!

Piper

— Margot! — gritou Piper, olhando para chuva pela porta dos fundos aberta. Acendeu as luzes que iluminavam o quintal e saiu até o pátio. Na sua frente estava a piscina, sem a lona de proteção; Jason havia começado a limpá-la para o verão que se aproximava. O cimento pintado de azul fez Piper se lembrar de quando tinha 12 anos; dela e de Amy perseguindo Margot pela piscina em círculos.

Não viu nem sinal da irmã ou de Lou.

Piper atravessou correndo o belo quintal da casa, que recebera cuidados de paisagismo: havia canteiros, uma hortinha, um gramado perfeitamente verde. Atrás do gramado, a floresta.

— Margot? — gritou Piper mais uma vez.

— Piper! — Era a voz de Margot, em algum lugar na mata escura. Depois ela ouviu um grunhido gutural.

Piper começou a correr.

Assim que ela deixou o círculo de luz lançado pelas lâmpadas do jardim, o terreno ficou impossivelmente escuro. Ela piscou, forçando os olhos a se acostumarem, mas só conseguiu perceber a silhueta vaga das árvores mais próximas. E a escuridão. Pura escuridão. A chuva caía com força sobre a copa das árvores acima; um tamborilar ritmado que parecia abafar todos os demais sons.

Piper ouviu um gemido mais à frente, à esquerda.

— Estou indo! — gritou ela. Agora corria de um jeito esquisito, cambaleante, arrastando os pés como um zumbi, as mãos estendidas à frente do corpo. Sua respiração soava alto em seus ouvidos.

Finalmente avistou um vulto na clareira à frente, um vulto esbranquiçado caído no chão. Era Margot, com seu pijama de flanela, enrodilhada no chão da floresta em posição fetal, segurando a barriga grávida.

— Margot! — gritou Piper, correndo mais rápido por entre as árvores. Caiu de joelhos ao lado da irmã. Ali estava mais claro; o luar filtrado pelas folhas tingia tudo com um brilho azulado. — Meu Deus, você está bem? O que está fazendo aqui?

A respiração de Margot era rápida e ofegante, mas não foi a única coisa que Piper escutou. O som de algo resfolegando baixinho vinha de algum lugar atrás delas, não longe dali. Gravetos estalaram. Alguma coisa estava se movendo por entre as árvores, fora da vista.

Margot começou a balançar a cabeça, ofegante:

— Tem alguma coisa errada com a Lou. Ela… ela está mudada. Virou um animal, sei lá.

— Você está machucada?

— Não, mas estou em trabalho de parto, e os telefones… Eu só queria fugir dela, pensei que poderia cortar caminho pela floresta e chegar até a estrada.

Mesmo àquela luz fraca, Piper viu o suficiente do rosto de Margot para perceber que a irmã estava aterrorizada.

— Vou levar você pro hospital — disse Piper, com o tom de voz mais confiante de que foi capaz. Passou um braço ao redor do ombro da irmã. — Você consegue ficar de pé?

Margot balançou a cabeça de novo, impotente.

— Estou muito tonta. Quando eu sento, tudo fica borrado. Você precisa chamar o Jason.

— Eu não vou deixar você aqui sozinha — respondeu Piper com firmeza, enquanto um rosnado terrível cortava a escuridão às suas costas.

Estava perto, tão perto que ela conseguia sentir o cheiro agora, um odor almiscarado de animal. Devagarzinho, Piper virou-se, mantendo-se de forma protetora na frente de Margot enquanto se preparava psicologicamente para ver uma criatura horrenda de algum pesadelo. Ficou quase aliviada ao ver que era um animal reconhecível, e não algo saído de um filme de terror. Sua pelagem era negra e brilhante por causa da chuva, e seus olhos claros cintilavam à luz do luar.

— Oi, Lou — disse Piper, mal conseguindo acreditar que aquele animal era a garotinha que ela deixara em casa poucas horas antes, mas ao mesmo tempo sabendo de alguma maneira que era verdade.

A pantera rosnou, mostrando os dentes.

Piper deu meio passo para trás e depois parou, determinada a fincar o pé e proteger sua irmã.

— Eu não quero te machucar. — Piper levantou as mãos num gesto de rendição. — E acho que você também não quer ferir nem eu nem a Margot, não é?

A pantera a observou. Pareceu escutar, refletir sobre o que Piper estava dizendo, ao mesmo tempo em que permanecia completamente imóvel: poderia ser uma estátua de obsidiana.

— Eu gostaria muito de te ajudar, se você deixar. Eu ajudei sua mãe uma vez, quando a gente era criança. Na época eu não entendi o que estava acontecendo, mas agora eu entendo.

De repente a cabeça da pantera se virou e os olhos fitaram a escuridão atrás de Piper. Algo estava caminhando a passos macios pela floresta. Piper se virou e viu um enorme cão negro de pelagem longa sair por entre as árvores. Sua cabeça era gigantesca e quadrada, o focinho grisalho e curto, as orelhas pequenas e pontudas. Em outras circunstâncias, naquela luz fraca, Piper poderia confundi-lo com um urso pequeno, mas logo lembrou-se da história de Amy sobre o cão fantasma que a visitava em seu sono. Então ela compreendeu tudo.

— Rose — disse Piper.

O cão se aproximou, com a cabeça baixa e o pelo eriçado. Piper entendeu então que Rose estava preparada para se defender. Defender sua família. Ficou imóvel e tentou manter a calma para se lembrar de que aquilo ainda era Rose, que havia algo dela ali dentro — um ser racional que só desejava o melhor para a neta.

— Acho que nós duas desejamos a mesma coisa… — começou a dizer Piper, mas foi interrompida por uma vozinha.

— Vovó? — Piper se virou e viu que a pantera tinha se transformado novamente na garotinha. Lou estava nua, de quatro, no chão da floresta. Seus olhos emitiam um brilho estranho, e suas mãos… não pareciam mais mãos, e sim delicadas patas negras. Piper piscou os olhos e observou enquanto aquelas patas voltavam a se transformar em mãos de criança. Piper percebeu então as marcas leves de hematoma em torno dos pulsos brancos da garota.

Eram hematomas por ter ficado presa em correntes no porão da torre, enquanto sua mãe tentava protegê-la.

Quando à sua porta bater a Morte,
Você pensará seu rosto já ter visto, sem sorte.

Lou, agora completamente humana, levantou-se.

O cão soltou um latido agudo e trotou até a menina; rodeou-a uma vez, depois saiu como uma flecha na direção da orla fechada de árvores e voltou. Rose estava chamando Lou para segui-la até a floresta.

— Lou? — tentou Piper, olhando nos olhos da garotinha, que agora eram novamente os olhos de uma criança humana: azuis, como os de sua mãe. — Você não precisa fazer isso. Pode aprender a se controlar, pode levar uma vida normal.

Lou balançou a cabeça.

— Isso é o que a mamãe dizia, mas ela me trancava como se eu fosse um animal de zoológico. Me fazia tomar remédios para dormir o tempo todo.

O cão voltou para o lado de Lou e afagou sua mão com o focinho.

— Podemos dar um jeito — insistiu Piper. — Tenho certeza de que podemos encontrar uma maneira de dar um jeito nisso.

Mas, se lhe mostrar um espelho, o que vai ver
É que você é ela, e ela é você.

— Talvez eu não queira dar nenhum jeito. — Lou afagou a cabeça do cão enquanto falava. — Talvez eu goste de ser como eu sou. Sou boa nisso. Melhor do que qualquer pessoa da minha família jamais foi.

Olhou para o cachorro, que soltou um pequeno latido de concordância e em seguida afagou com força o quadril de Lou, ainda tentando chamá-la para a floresta.

— Eu posso me transformar em qualquer coisa que eu quiser. Basta pensar no quê — continuou Lou. — Um pássaro, uma abelha, até mesmo uma pantera.

Ela disse essa última palavra com um sorriso que mostrava seus dentes, ainda pontiagudos.

— Mas Lou… Será que você consegue controlar isso *sempre*? Não é verdade que às vezes você se transforma sem querer? E fere pessoas que não queria ferir?

A menina parou e olhou confusa para Piper.

— Eu…

— O que aconteceu naquela noite? Com a sua família?

— Eu não… — gaguejou Lou, com a voz trêmula. — Eu não queria fazer aquilo. Ela me trancou naquele quarto. Estava tão frio. Escuro. Eu não conseguia

me mexer. Estava presa numa cama. Chamava por ela, pedia ajuda implorando para que ela viesse me soltar. A única coisa que eu me lembro depois disso é que eu estava lá na casa. Minha mamãe, ela… — A voz de Lou falhou e ela começou a chorar. Podia ser um monstro, mas ao mesmo tempo era uma menininha que perdera tudo. Uma criatura que destruíra quem ela mais amava na vida.

Piper olhou para o cão.

— Rose, você precisa saber que isso não é o melhor para Lou. Não é o que Amy desejaria.

O cão soltou um grunhido baixo de desaprovação e arreganhou a boca, mostrando dentes cintilantes.

— Margot!

Uma voz masculina vinha da direção da casa: Jason. Margot soltou um gemido.

— Ela está aqui! — gritou Piper em resposta.

— Não! — disse Lou, irritada. — Não chame ele pra cá! Ele não entende, e é um policial. Se descobrir…

Piper se virou novamente para Lou. O rosto da menina estava desesperado.

— Está tudo bem — disse Piper, num tom de voz reconfortante. — Eu cuido do Jason. Posso ajudar você, eu tenho certeza de que posso — prometeu.

O facho da lanterna de Jason oscilava por entre as árvores, e elas ouviram o som de passos pisoteando as folhas.

— Foi o que a mamãe disse, também — retrucou Lou, a voz subitamente diferente da de uma criança: mais grave, inexpressiva, gutural. Então Lou ficou de quatro. Podia ter sido um golpe de vista, uma nuvem passando sobre a lua e fazendo o corpo da menina se transformar de branco em negro, mas diante dos olhos de Piper a pele negra se transformou em pelo cintilando ao luar, resplandecente. Seus membros se alongaram, suas mãos se transformaram em grandes patas. Músculos firmes ondularam sob a pelagem cintilante da criatura. Onde segundos antes estivera uma menininha agachada, agora havia uma esguia pantera negra, de olhos amarelos e dentes arreganhados, soltando um rosnado alto e ameaçador.

Jason

Os pneus da picape guincharam quando Jason entrou na trilha dos carros. Todas as luzes da casa estavam acesas, e a porta da frente estava aberta. Ele correu como uma flecha para dentro, chamando Margot e Piper. Nenhuma resposta. A cozinha estava uma bagunça, e o quarto, ainda pior. Havia sinais de luta.

— Merda — murmurou ele, com o coração batendo alucinadamente. — Merda, merda, merda.

Lembrou os avisos do médico de que Margot precisava ficar na cama. Se alguma coisa acontecesse com ela ou o bebê…

— Margot! — berrou, disparando pela casa. As portas deslizantes que levavam ao pátio estavam abertas, e todas as luzes do quintal, acesas. De repente ele ouviu vozes: a de Piper, pensou, e a de outra pessoa: seria uma criança? Vinham da mata escura que ficava atrás do quintal. Saiu para a chuva e iluminou com o facho da lanterna a densa parede de árvores.

— Margot! — gritou ele.

— Ela está aqui! — gritou a voz de Piper em resposta, de algum lugar no meio da floresta.

Ele começou a correr, iluminando o caminho com sua lanterna. Atravessou o quintal e se enfiou pelo mato. Os galhos das árvores arranhavam seu rosto, seguravam seus braços, tentando contê-lo. Ele tentou imaginar o que Margot poderia estar fazendo ali. Devia ter alguma coisa a ver com aquela menina, Lou. Será que o assassino viera atrás de Lou e perseguira a menina e Margot até a floresta? Será que elas estavam feridas? Será que o assassino ainda estava ali?

Mais vozes à frente, e depois o rosnado de um felino de grande porte.

Ele sacou a arma.

— Margot! — berrou, arremessando-se para a frente, sem olhar mais para o chão, tropeçando, cambaleando, aterrorizado com o que poderia encontrar. Alcançou uma clareira e iluminou uma cena de pesadelo com a lanterna. Não era nada do que ele havia imaginado.

Margot estava enrodilhada de lado no chão coberto de folhas, a cabeça enfiada dentro do corpo, os olhos fechados com força, ofegando.

Na frente de Margot, a não mais que um metro e meio de distância, estava uma pantera negra esguia. Ela soltou um silvo agudo quando ele a iluminou com a lanterna. Ao lado da pantera havia um gigantesco cachorro negro de dentes arreganhados.

Jason soube na mesma hora que aquela pantera é que havia matado Crystal Bellavance, a menininha da escola e, sabe-se lá como, Amy e sua família. Levantou a arma e mirou.

— Não! — gritou Piper, colocando-se diretamente na frente da arma, com o cano a centímetros de seu peito. — Abaixe isso — disse ela. — Isso só vai assustar ela ainda mais.

A pantera havia abaixado as orelhas e o corpo, que estava rente ao chão, bem na frente de Margot, que por sua vez soltou um choramingo baixinho, com medo. O cachorro deu alguns passos para a frente, rosnando de modo grave e ameaçador.

— Afaste-se, Piper — ordenou ele. Não era hora de discursos em prol dos direitos animais. Como Piper não conseguia entender o perigo que eles estavam correndo? Ela se recusava a se mexer, e Jason deu um passo para o lado, depois novamente mirou com olhar treinado a pantera negra.

— Jason, pelo amor de Deus, me escute! — Piper foi para a frente do cano da arma mais uma vez, com as mãos para cima, falando cheia de urgência: — Você não vai acreditar, mas…

De repente o policial perdeu todo o interesse na pantera e na fala frenética de Piper. O corpo de Margot começara a se contorcer de um jeito estranho. Os olhos dela se reviraram nas órbitas, sua mandíbula se retesou, suas costas se arquearam. Ela entrou em convulsão, como se tivesse sido eletrocutada.

— Margot! — gritou Jason, abaixando a arma e correndo até a esposa. A pantera fugiu com um pulo para a segurança da floresta, seguida pelo cão trotando atrás dela. Jason se pôs de joelhos e abaixou a lanterna, cujo facho iluminou o rosto horrível de Margot: os olhos arregalados, a língua projetada para fora, toda ela contorcida de um jeito errado.

Piper na mesma hora se colocou ao lado dele.

— Ah, meu Deus, ela está tendo uma convulsão? O que vamos fazer?

Jason apertou a arma.

— Pegue essa arma e atire nos dois animais se eles chegarem perto.

— Jason. Elas foram embora.

Ele olhou para cima e viu que era verdade. Os animais não estavam mais em nenhum lugar à vista. De algum modo ele sabia que era melhor eles ficarem em guarda, mas não conseguiu desviar a atenção de Margot.

— Pegue, mesmo assim — grunhiu ele. Piper obedeceu.

Jason segurou a cabeça da esposa o mais gentilmente que pôde, tentando evitar que batesse com força demais no chão; era a única coisa que ele sabia fazer, graças ao seu treinamento básico. E contar o tempo — ele sabia que deveria contar o tempo da convulsão, a fim de reportá-lo aos paramédicos, mas não conseguia contar nada, nem sequer pensar com clareza, só conseguia segurar a cabeça da esposa e murmurar de um jeito automático:

— Está tudo bem, Margot, está tudo bem, relaxe, está tudo bem. — Mas ele sabia que não estava tudo bem, não mesmo. Ela precisava ir a um hospital, com equipamentos, remédios e médicos. Agora.

Quando Margot finalmente parou de convulsionar — durou menos de um minuto, mas parecia uma eternidade —, seu corpo ficou flácido e imóvel; sua respiração, superficial e rápida. Jason a segurou no colo, cambaleando um pouco.

— Precisamos ir. Precisamos levá-la ao hospital.

Piper foi na frente abrindo caminho pela clareira, iluminando os intervalos entre as árvores com a lanterna. Nem sinal da pantera e do cão. Era como se eles nunca tivessem estado ali.

Piper

Piper andava de um lado para o outro na sala de espera, os sapatos encharcados fazendo barulho a cada passo. Embora Margot houvesse retomado a consciência na picape de Jason, quando eles chegaram ao hospital ficou evidente que a irmã e o bebê corriam perigo iminente. Jason havia mandado uma mensagem de rádio para a emergência do hospital, e Margot foi imediatamente rodeada por enfermeiras, médicos e técnicos hospitalares que, numa agitação de caos controlado que durou apenas alguns minutos, a entubaram no oxigênio e no soro intravenoso com medicamentos, e ela foi conectada a toda espécie de monitores. Começaram a levá-la pelo corredor para uma cesariana de emergência. Piper só teve tempo de lhe dar um beijo rápido e dizer: — Eu te amo, você consegue. — E em seguida Margot se foi, com Jason ao lado, segurando sua mão.

Quase duas horas tinham se passado e nenhuma notícia ainda. Piper tomou um gole do café frio e azedo de que se servira algum tempo atrás.

Jason entrou, descomposto mas sorrindo de felicidade.

— Elas estão bem — disse, com voz trêmula. Piper correu até ele e o abraçou. — É uma menina saudável! — disse ele em seu ouvido. — E a pressão de Margot está estável. Ela está acordada e alerta, o médico disse que ela vai ficar bem. E, ah, Piper, nossa bebê é tão linda.

Ele estava chorando. Os dois estavam. Piper percebeu, naquele momento, o quanto Jason amava Margot. Tudo o mais deixou de ter importância: Lou, Amy e todo o resto. Só havia o doce alívio de que Margot e a bebê ficariam bem — apenas isso importava.

Quando eles se desvencilharam do abraço, Jason disse:

— Quando estavam preparando Margot para a cirurgia, ela começou a dizer umas coisas muito loucas. Não sei se os remédios que lhe deram fizeram ela surtar ou algo assim, mas ela falou que viu Lou se transformar numa espécie de monstro, e que foi por isso que saiu correndo de casa até a floresta, para fugir. Então, sei lá como, Lou se transforma numa pantera? E ela disse que foi Lou quem matou sua família. Disse inclusive que aquele cachorro preto gigante que estava no mato era Rose Slater…

Ele parou de falar no meio da frase quando se deu conta de que Piper não estava rindo.

— Eu sei que parece loucura, de verdade — disse Piper. — Mas é tudo verdade. Sente, quero lhe contar tudo.

E foi o que ela fez. Começou com o achado da mala de Sylvie naquele verão e dali foi desfiando a história, sem deixar nada de fora. Contou-lhe do quarto na torre, do esqueleto, de como Rose matou Fenton e Sylvie e como Lou matou sua família. Explicou sobre as maras, sobre como elas pareciam humanas mas podiam se transformar em outras coisas, em como essa habilidade, ou maldição, ou sei lá o quê corria na família de Amy. Contou que tentara ajudar Lou, que sentira que era o que Amy gostaria que fosse feito, mas Lou escolhera ficar com a avó e continuar sendo mara. Quando Piper terminou, Jason olhou para ela com olhos marejados.

— Piper, eu não… Simplesmente não consigo acreditar nessas coisas.

— Eu não esperava que você fosse acreditar. Parte de mim também se pergunta se não estou na verdade maluca, se tudo isso não faz parte de uma ilusão paranoica. — Ela deu uma risadinha fraca. — Mas sei que é a verdade e sei que já estava na hora de contar a você. Chega de segredos. Certo? — Ela segurou a mão dele e a apertou.

Ele assentiu, mas parecia completamente atônito e espantado. Piper tinha certeza absoluta de que ele achou que ela fosse louca, mas não tinha energias para argumentar nada.

— Chega de segredos — disse ele depois de um instante. — Agora vamos. Quero te apresentar à sua sobrinha.

Piper estava segurando o bebê enrolado num cueiro, a pequena Ella. Dez dedinhos perfeitos nas mãos, dez dedinhos perfeitos nos pés. Olhos verde-acinzentados de sereia e uma curiosa carinha enrugada.

Margot estava sentada na cama hospitalar, apoiada em travesseiros. Parecia exausta mas felicíssima enquanto observava Piper fazendo festa para Ella. A enfermeira entrou para checar o estado de Margot, espiar seu curativo e perguntar se estava sentindo dor.

— Está indo bem, mamãe — disse a enfermeira com um sorriso rápido. Jason estava do outro lado da cama, segurando a mão de Margot. Ele a apertou. A

enfermeira saiu apressada.

— Mamãe — disse Jason, beijando o rosto de Margot.

Ella começou a tentar mamar a clavícula de Piper.

— Acho que ela está com fome. — Piper levou o bebê até sua irmã e o acomodou nos braços dela.

— Não me acostumei ainda com a gracinha que ela é — disse Piper, ao lado de Jason agora, abraçando-o pela cintura enquanto os dois olhavam para a nenê. Uma mãozinha parecida com uma estrela-do-mar saía do cueiro, e a boquinha perfeita se abria em busca do alimento.

Os olhos de Margot e Piper se encontraram, e a irmã caçula olhou para a mais velha como se dissesse: *O que você disse para ele? O que aconteceu?* Piper sorriu e balançou a cabeça bem de leve: *Está tudo bem. A gente conversa mais tarde.*

Margot assentiu e olhou para Ella enquanto a amamentava.

— Perfeita — disse ela. — Ela é simplesmente perfeita.

Jason

Jason telefonou para a delegacia na manhã seguinte, enquanto Margot e a bebê dormiam, para saber se haviam tido alguma novidade sobre o paradeiro de Lou. McLellan lhe disse:

— Nem sinal da menina ainda, mas metade do estado está em busca dela. Agora, parece que a avó, Rose Slater, desapareceu da Casa de Repouso e Reabilitação Foxcroft. A última vez que a viram foi na checagem noturna.

— Que estranho — disse Jason, mordendo o lábio e lembrando-se do que Margot e Piper lhe disseram: que o cachorro grande era na verdade Rose Slater.

— É, mas você ainda não ouviu a parte mais estranha da história toda — continuou McLellan. — Acabamos de receber uma ligação. O Hotel da Torre está em chamas. Todo o lugar foi tomado por um incêndio. Estou a caminho de lá agora mesmo.

Jason desligou o telefone e deu a notícia a Piper.

— É melhor você ir ao hotel — sugeriu ela. — Ver se eles precisam de você por lá. Eu fico com Margot e a bebê.

A trilha de carros estava tomada de caminhões do bombeiro e diversos tipos de ambulância, de modo que Jason estacionou na rua, bem ao lado do velho luminoso do hotel.

Viu a fumaça subindo em uma coluna enquanto cruzava de carro a cidade. Ali a fumaça era espessa e negra, uma grande nuvem que cobria tudo; erguia-se e espalhava-se, e em breve cobriria Londres inteira. Não cheirava a fumaça de cigarro ou de fogueira; tinha um cheiro perigoso, de coisas químicas e plástico derretido.

A casa estava ardendo em chamas, assim como os dois conjuntos de quartos do hotel e a velha torre decrépita. Ele olhou para o Quarto 4, onde costumava passar as tardes imaginando que era adulto e levava outra vida. As chamas lambiam até o teto, que agora começava a ruir.

Todo o departamento de bombeiros da cidade estava ali, tentando aplacar o fogo com mangueiras de alta pressão, mas era evidente que não daria para salvar nada daquele lugar. O objetivo agora era proteger a floresta situada atrás da casa e do hotel. Se o fogo se espalhasse até lá, poderia atingir os condomínios também.

— Alguma ideia de como isso começou? — perguntou Jason ao chefe dos bombeiros.

— O lugar foi encharcado de gasolina — explicou o chefe dos bombeiros, saindo com pressa para conversar com alguns bombeiros de Barre que haviam acabado de chegar para ajudar.

Jason estava parado na trilha de carros, no mesmo lugar onde ficara milhares de vezes, olhando para uma janela da casa. A janela do quarto de Amy. Agora a fumaça escapava dali, as chamas alcançando o teto com furor.

Muito tempo antes, existira um menino que amava uma garota. Ele a seguia a toda parte, como um cão infeliz. Parte dele, ele sabia, continuara indo atrás dela, perseguindo-a nos sonhos dele, chamando seu nome.

Amy, Amy, Amy.

Por fosse lá que motivo, ele jamais se desvencilhara de verdade dela. Descobrira isso naquele dia da semana anterior em que estivera sentado à mesa da cozinha de frente para ela — descobrira e odiara a si mesmo por isso.

Agora, porém, estava na hora.

Na hora de se desvencilhar dela, de uma vez por todas.

Jason deu as costas para a casa e observou a fumaça subir e tomar forma: primeiro de um fantasma, depois de um pássaro, de um monstro de muitas cabeças e, por fim, de uma linda garota com cabelos ondulados e as pernas mais compridas que ele já tinha visto na vida. Sentiu a fumaça entrar dentro dele, sentiu o gosto no fundo da garganta, acre e ressecada.

Lembrou-se daquele longínquo primeiro beijo no fundo da piscina; da forma zombeteira como ela o chamava de Jay-Jay; dos cigarros amassados que ele deixara para ela na torre. Imaginou que cada uma dessas lembranças abandonava sua cabeça e subia junto com a fumaça negra espessa: para cima, sempre para cima, até não passar de um borrão desgastado, seus olhos arderem e ele desejar mais do que tudo sair daquele lugar de uma vez por todas.

Ele virou-se e começou a descer a trilha de carros, com os olhos fixos na torre. Não havia mangueiras tentando conter o fogo ali, nenhum bombeiro dando-lhe qualquer tipo de atenção. Ela estava de pé, uma grande chaminé negra caindo aos pedaços, as chamas saindo pelo teto.

O piso de madeira agora havia desaparecido, assim como as vigas. Sem a força da estrutura da fundação de madeira, a torre começou a se inclinar e cair. As paredes de rocha começaram a ruir, soltando grandes pedaços de pedra e concreto. O incêndio rosnava como um grande animal faminto.

Ele pensou na história maluca de Piper, no quarto secreto que, segundo ela, existia no porão da torre — o 29º quarto, construído para acorrentar monstros, mantê-los protegidos e o mundo a salvo deles.

Parecia uma história que Amy poderia ter criado na época em que eram crianças. Ele se lembrou dela mostrando a Polaroid borrada, dizendo que era um fantasma, implorando que ele acreditasse nela, que dissesse que ele também havia visto. E então ele pensou no que ela tentara dizer a ele naquele dia na semana anterior: como, dentre todas as pessoas, era ele em quem ela confiava — era ele quem ela escolhia para contar que agora acreditava nos monstros sobre os quais sua mãe falava; acreditava que pudessem ser reais.

Jason levantou o olhar, vendo através da fumaça e das chamas, através dos fantasmas das lembranças, e avistou algo se mexendo logo mais além. Ali, às suas costas e à direita, onde o quintal se transformava em mata, dois pares de olhos o estavam observando.

Era o grande cachorro negro e a pantera. Jason olhou para os bombeiros na trilha de carros e para os policiais que corriam de um lado para o outro, com um olho nos edifícios que tombavam. Ninguém parecia ter visto os animais na orla do quintal. Ninguém, a não ser ele.

Ele avançou em direção aos dois, a princípio devagar, mas então, quando eles se viraram e saíram correndo, ele começou a correr em seu encalço.

Sacou a arma e os seguiu, passando por trás da piscina e pela trilha tomada de mato crescido que ele havia percorrido mil vezes quando menino, correndo da própria casa até o hotel.

Corria agora, tropeçando desajeitado nas raízes das árvores, desviando-se dos pinheiros. Os animais seguiam rápidos demais para ele conseguir acompanhá-los, movendo-se com a graça e a destreza das coisas selvagens.

Por fim, pararam e viraram-se para olhá-lo uma vez mais. Ele levantou a arma, mirou na pantera.

O grande felino encarou Jason, sustentando aquele olhar com seus olhos azuis estranhos mas familiares. Olhos azuis?

Ele piscou, sem acreditar.

— Lou? — gritou, hesitante, abaixando o cano.

O cachorro incitou a pantera com o focinho e depois saiu correndo para dentro da mata cerrada. A pantera se demorou um momento a mais, ainda olhando fixamente para Jason. Por fim, ela se virou lentamente e seguiu o cachorro pelas sombras, até os dois animais também não passarem a ser mais do que apenas sombras.

Sr. Alfred Hitchcock
Universal Studios
Hollywood, Califórnia

14 de abril de 1961

Prezado Sr. Hitchcock,

Às vezes consigo ver tão claramente o meu futuro em Hollywood. Minha mãe balança a cabeça, ri e pergunta por que eu desejaria uma coisa dessas, mas mesmo assim eu me imagino lá, embaixo da placa de Hollywood, vendo meu próprio nome iluminado e na capa de todos os jornais: Sylvia Slater, estrela do cinema.

Serei resplandecente.

Serei maior do que a vida.

Viverei para sempre.

Quem não desejaria algo assim?

Atenciosamente,

Srta. Sylvia A. Slater

Hotel da Torre

Estrada 6, nº 328

Londres, Vermont

Agradecimentos

Alguns livros saem com mais facilidade do que outros. Este apresentou muitos desafios para mim e devo agradecer a muitas pessoas por me ajudarem a encontrar um caminho para vencê-los.

Dan Lazar, já disse uma vez e direi novamente: não poderia desejar um melhor agente e não teria conseguido realizar este livro sem você. Mil vezes obrigada.

Andrea Robinson, que disse a certa altura que este livro parecia um quebra-cabeça, por ter me ajudado com tanta assiduidade (e tanta inteligência!) a entender uma maneira de unir todas as peças.

Anne Messitte, por todo o seu conhecimento editorial, orientação e imenso apoio em tudo o que se relaciona ao mercado dos livros.

Toda a equipe da Doubleday, por cada coisinha que vocês fazem — seja corrigir um erro de ortografia, seja desenvolver uma capa brilhante, seja me trazer de volta de algum evento quando ocorre uma nevasca.

Karen Lane e todas as pessoas da maravilhosa Biblioteca Pública de Aldrich, em Barre, Vermont, por me ajudarem com a máquina do microfilme (que eu tinha certeza de ter quebrado, até Karen consertá-la!) para que eu pudesse pesquisar sobre a visita de Alfred Hitchcock a Barre.

Paul Heller, por sua tremenda ajuda em pintar um quadro da noite em que Alfred Hitchcock e Shirley MacLaine visitaram Barre.

(É verdade que *O Terceiro Tiro* foi rodado em Craftsbury, Vermont, e que a estreia mundial do filme se deu no Cinema Paramount em Barre. Sendo escritora, eu me apropriei de alguns fatos reais e os entremeei na minha história. Se quaisquer desses fatos não se apresentam com precisão histórica aqui é por causa das escolhas que fiz e não das informações que recebi de Paul ou de qualquer outra fonte.)

Sara Baker, por me contar como foi ser criada num hotel administrado por uma família em Vermont e por todos os feedbacks maravilhosos que deu ao meu primeiro rascunho (e pelo delicioso *iced coffee*!). Eu não teria conseguido criar o Hotel da Torre sem sua ajuda.

Meu pai, Donald McMahon, por seu suporte constante e por me ajudar a aprender todos os tipos de fatos sobre a aeronáutica da Segunda Guerra Mundial, que, infelizmente, acabaram não sendo incorporados ao livro.

Drea Thew, como sempre, por suportar todos os meus chiliques com o livro, me ajudar a editar cada versão e sempre ser minha primeira e mais confiável leitora. Lembra quando você me perguntou se eu tinha certeza de que queria escrever um livro sobre monstros que se transformam? Pois é, eu tinha.

E, por fim, a Michaela e Keelin Needham, e a Zella McMahon, que me ensinaram muito sobre monstros e me ajudaram a visualizar a história enquanto comíamos toneladas de sorvete italiano. Da próxima vez em que eu ficar encucada com uma ideia, sei exatamente quem preciso procurar para me ajudar a sair do dilema (claro, com a ajuda de mais sorvete italiano também).

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

A torre do terror

Site da autora

http://jennifer-mcmahon.com/

Facebook da autora

https://www.facebook.com/JenniferMcMahonBooks/

Instagram da autora

https://www.instagram.com/jennifermcmahonwrites/

Goodreads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/29471.Jennifer_McMahon

Skoob da autora

https://www.skoob.com.br/autor/12437-jennifer-mcmahon

Skoob do livro

https://www.skoob.com.br/a-torre-do-terror-692395ed695376.html